

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

SUELEN PAMPLONA DOS PASSOS

**CAPOEIRA ANGOLA COMO UMA FERRAMENTA POLÍTICO PEDAGÓGICA E
SUAS CONTRIBUIÇÕES NA VIDA DE SEUS PRATICANTES**

FLORIANÓPOLIS

2016

SUELEN PAMPLONA DOS PASSOS

**CAPOEIRA ANGOLA COMO UMA FERRAMENTA POLÍTICO PEDAGÓGICA E
SUAS CONTRIBUIÇÕES NA VIDA DE SEUS PRATICANTES**

Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Seminários de Conclusão de Curso II (DEF - 5875), do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.
Orientação: Prof^a Dr^a Iracema Soares de Sousa

FLORIANÓPOLIS

2016

SUELEN PAMPLONA DOS PASSOS

**CAPOEIRA ANGOLA COMO UMA FERRAMENTA POLÍTICO PEDAGÓGICA
E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA VIDA DE SEUS PRATICANTES**

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada
em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina –
CDS/UFSC.

Banca:



Orientadora – Prof^a. Dr^a. Iracema Soares de Sousa
CDS-UFSC

Membro – Prof. Luiz Tadeu Fröhlich Filho
ECIBA

Membro – Prof. M. Paulo Ricardo do Canto Capela
CDS-UFSC

Suplente- Prof^a. Joseane Guimarães

Florianópolis, 05 de Julho de 2016.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus companheiros e companheiras de estudos da ECIBA. Como uma forma de acrescentar nossos conhecimentos na capoeiragem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter chegado até aqui e por poder prosseguir.

Agradeço a minha mãe Simone Raimundo e ao meu pai Enio dos Passos, por terem concedido a mim, a vida.

Aos meus irmãos Anderson e Suieme pelo reconhecimento do meu esforço e pelo carinho de irmão e irmã. As minhas sobrinhas Beatriz e Vitória as quais me enchem de alegria.

Ao meu querido padrinho Bento Francisco Rodrigues, que me ajudou desde pequena.

Agradeço a Dona Catarina e Seu Jaime do Ribeirão da Ilha, por terem repassados os saberes tradicionais da Ilha.

Agradeço imensamente, infinitamente ao meu Mestre, poucas são as palavras para exemplificar o quanto é importante a sua presença em minha vida. Agradeço por ter pegado em minha mão e ter me ensinado a gingar, e não simplesmente o movimento em si, mas o ensinar a caminhar no mundo. Agradeço pelos fundamentos ancestrais que a mim foram confiados, pela dedicação, pelo carinho, por toda ajuda até os dias de hoje, agradeço pela parceria e amizade, a qual transcende a relação de Mestre e aluna, passando a ser de discípulos, companheiros de Alma. Sou muito grata por ter colocado a capoeira em meu caminho, se não fosse ela, hoje, não sei onde estaria e não sei o que seria. Obrigada Mestre!

Obrigada aos companheiros/as da ECIBA pelo reconhecimento, respeito, carinho e valorização de minha personagem na roda da capoeira.

Agradeço aos meus professores que influenciaram a minha formação acadêmica, agradeço aos meus amigos/amigas da faculdade os quais reconhecem em mim os saberes dessa arte.

A minha orientadora, a qual me deu suporte científico para a realização da minha pesquisa.

Axé...

Se queres saber quem eu sou,
Se queres que te ensine o que sei,
Deixa um pouco de ser o que tu és
E esquece o que sabes.

Tierno Bokar

RESUMO

A realização desse trabalho de pesquisa parte da minha experiência de dez anos com a prática da Capoeira Angola na Escola de Capoeira Irmãos da Beira Mar de Angola (ECIBA). É uma pesquisa descritiva exploratória de cunho histórico dialético. O objetivo principal foi conhecer as contribuições da Capoeira Angola para os participantes da escola ECIBA e também os compromissos políticos pedagógicos presentes nessa prática pedagógica. Neste tempo ocorreu um processo contínuo de estudos cujos assuntos versavam sobre a arte da capoeira, a sua origem, sua identidade, finalidade e a capacidade de transformação social. O contexto sócio- histórico que surge a Capoeira é o da época da escravidão - Brasil colonial, cheio de contradições. Assim, nasce de uma situação de opressão e a contestação à ordem e todo tipo de resistência é sua maior marca. Por tudo que a capoeira é, e significa pra mim, comprometi-me em fazer esta pesquisa como forma de tributo aos ensinamentos adquiridos e, por isso, o seu foco é o registro e a sistematização das bases teóricas que estão presentes na escola ECIBA, em sua prática pedagógica. O processo de construção da capoeira que conhecemos hoje leva anos, nesse processo encontramos vários modelos de organização da capoeira com formulações diferentes. Nessa configuração temos a Capoeira Regional, Capoeira Angola e Capoeira Contemporânea. Para este estudo elegemos a Capoeira Angola como nossa referencia haja vista ser esta o tipo que é trabalhado na Escola ECIBA. Fizemos um resgate histórico e sistematizamos os seus principais fundamentos. Deste modo apresentamos a história de sua criação e dos Mestres responsáveis pela sua organização. Para analisar as contribuições ocorridas na vida dos participantes da escola definimos, *a priori*, categorias: 1- Mudanças e Transformações, 2- A Cultura Brasileira e a 3- Resistências ao modo de produzir a vida no capitalismo. Da análise constatamos que a prática da Capoeira Angola na Escola ECIBA parte de fundamentos teóricos e compromissos sociais cujas consequências na vida de seus estudantes são as mudanças no modo de pensar e agir. Afirmam o seu papel histórico transformador na vida de pessoas. O princípio de coletividade, de diversidade, de respeito, forma sujeitos críticos. As determinações capitalistas tornam-se visíveis e, com isso, os estudantes resistem e conseguem transformar a realidade. Por fim vimos que os princípios que forjam a Capoeira Angola são antagônicos aos da sociedade capitalista, logo, o seu ensino é um processo de educação emancipatória por conta da sua força transformadora.

Palavras-Chave: Capoeira Angola. Transformações. Cultura Brasileira. Resistência ao Capitalismo.

LISTA DE SIGLAS

BAFL- Base Aérea de Florianópolis

CND- Conselho Nacional de Desportos

ECIBA- Escola de Capoeira Irmãos da Beira Mar de Angola

ECAIG- Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos

EFAZ- Escola da Fazenda

ONG- Organização Não Governamental

PPP- Projeto Político Pedagógico

SEPEX- Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão

SENAC- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UNESCO- *United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization*

UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 EXPERIÊNCIAS COM A CAPOEIRA ANGOLA	14
1.1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	19
1.2 OBJETIVOS	19
1.2.1 Objetivo Geral.....	19
1.2.2 Objetivos Específicos	19
1.3 Justificativa	19
2 METODOLOGIA	20
2.1 Caracterizações da Pesquisa.....	20
2.2 Campo de Investigação.....	21
3 A CAPOEIRA ANGOLA COMO FERRAMENTA POLÍTICO PEDAGÓGICA	23
3.1 O Processo Histórico da Capoeira	23
3.2 Capoeira Regional.....	27
3.3 Capoeira Angola	32
3.4 Capoeira Moderna.....	47
4 A CAPOEIRA ANGOLA E A ESCOLA ECIBA - MODIFICAÇÕES E AVANÇOS	52
4.1 Os Idealizadores, uma pequena História.	52
4.2 Sobre a Escola ECIBA.....	61
4.2.1 Os Fundamentos.....	65
4.3 As Mudanças e Transformações Percebidas	69
4.4 A Cultura Brasileira e a Resistência ao Capitalismo	73
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS.....	85
APÊNDICES	89

1 INTRODUÇÃO

A Capoeira é uma expressão cultural que possui mais de 400 anos de existência, se originou de um contexto sócio histórico de opressão realizada pelos senhores de engenho aos negros escravos. Na época da escravidão a capoeira surge na ânsia de liberdade como uma arma para a guerra no século XVI. Os negros usavam o seu corpo como ferramenta para se defender, ora como luta ora como dança, utilizava-se desses meios para camuflar a sua verdadeira identidade. O negro utilizava da capoeira não para lutar frente a frente com o feitor, pois era fraco, desnutrido e o feitor era forte, bem nutrido e ainda andava armado. O negro usava a capoeira na sua capacidade de fingir, enganar, ludibriar, para então desferir um golpe. Segundo vários autores os negros tiveram uma grande participação da sociedade brasileira (BOLA SETE, 2001; CAMPOS, 2001; CASTRO, 2008; FRÖHLICH, 2004; NESTOR CAPOEIRA, 2001; SILVA, 2003; TEXEIRA, 2007, DARCY 1995).

Nas senzalas começa a nascer a ideia da capoeira, discutia-se a ideologia política, a vontade de resistir, planejava-se a fuga e a imagem do quilombo. A capoeira se manifestava de diferentes formas como canto, como dança e a luta sendo os seus primeiros ensaios. Na Capuêra¹ mata rasteira era onde se estudava alguns golpes e movimentos para conseguirem realizar a fuga até os quilombos.

Nos quilombos a capoeira se solidifica mais especificamente no século XVII, o mais importante deles foi o de Palmares, localizado na Serra na Barriga entre Alagoas e Pernambuco. Perdurou por quase um século até a morte de seu líder Zumbi em 20 de novembro de 1695.

Em 13 de maio de 1888 a princesa Isabel cria a Lei Áurea para promover a abolição da escravatura, porém, na prática não acontece, pois os negros continuavam com suas atividades, as mesmas de quando eram escravos, pois não tinham como voltar para sua terra.

Algumas² manifestações são ancestrais à capoeira e aparecem de forma desnucleada, por exemplo, a Punga dos Homens no Maranhão, em Recife o Canga-

¹ Denominação dada pelo Mestre Augusto Januário Passos da Silva, em seu livro A Capuêra e a Arte da Capueragem Ensaio Socioetimológico.

² Conversa realizada no dia 28/11/15, com o Mestre Luiz, no qual compartilha essas informações a partir de seus conhecimentos e estudos sobre a capoeira.

pé, no Rio de Janeiro denominava-se Pernada Carioca, no Rio Grande do Sul os Lanceiros Negros, a mandinga, a brincadeira como era conhecido na Bahia. Eram formas de defesa, formas de Jogo de Corpo guerreiras que antecederam a capoeira conhecida hoje. Formas essas utilizadas contra opressão realizada também após quilombo, após abolição, que também fazem parte da construção desse processo histórico da capoeira. No século XVIII, a partir dos marinheiros, a capoeira começa a se espalhar, os mestres de capoeira viajaram pelo Brasil levando essa prática e foram trocando informações, a cada lugar que ela foi passando foi se reestruturando, a cada encontro com o novo.

Os estudos mostram que a capoeira teve seu maior desenvolvimento nas cidades portuárias, tendo surgido como prática urbana de resistência de escravos ao ganho [...]. As cidades como Salvador, Rio de Janeiro e Recife receberam um grande contingente de africanos escravizados se tornando verdadeiros “santuários” da capoeira antiga (TEIXEIRA, 2007, p.8-9).

Hoje ela se unifica no espaço consagrado da Roda de Capoeira, que a utiliza como transformação, como uma ferramenta político pedagógica para a contextualização social. Mas foi na Bahia que a Capoeira teve o seu maior desenvolvimento, na roda de capoeira surge uma resistência sócio-política na figura do Mestre, o qual é responsável pela organização dos fundamentos da capoeira, transformando aquilo que era pernada em algo com fundamento.

A primeira referência de uma roda de capoeira pública se deu na Praça de Nossa Senhora da Purificação, no município de Santo Amaro da Purificação, no dia 12 de abril de 1882, tendo como Mestre Tio Alípio (SILVA. 2003, p.117).

A capoeira hoje também se apresenta de forma diferente em cada região do Brasil, pois se atrela a cultura local, por exemplo, no Maranhão ela vai se atrelar ao Boi de Matraca, ao Tambor de Crioula. No Rio de Janeiro ao samba, ao chorinho, aqui na Ilha de Florianópolis ela está atrelada ao Boi de Mamão, a Pesca artesanal, a Renda de Bilro, criando assim características do local onde se encontra, mas o único lugar que ela se unifica é a roda.

Na época da República a capoeira era muito reprimida, principalmente no Rio de Janeiro que era a capital, na Bahia essa perseguição acontece mais tarde, no século XIX. Nas décadas de 1930 e 1940 surge na Bahia a Luta Regional Baiana que mais tarde será conhecida como Capoeira Regional, criada por Mestre Bimba e

a Capoeira Angola organizada por Mestre Pastinha. Segundo Castro Júnior (2004, p. 144):

O termo capoeira angola surgiu em contestação à mudança sofrida pela capoeira em luta regional baiana [...] Os outros capoeiristas da época, por não concordarem, denominaram capoeira angola, aquela que já era praticada e o nome “angola” foi devido aos primeiros negros terem vindo daquela região do Sul da África.

Existe uma grande discussão em relação à origem da capoeira, quem veio primeiro, a Regional ou a Angola? Muitos defendem que a Angola é anterior a Mestre Bimba, que ela é a tradicional, a mais antiga, a partir dela se dá origem aos outros estilos como a Regional e hoje a Contemporânea ou Moderna que seria uma mistura de alguns elementos da Regional com a Angola, com o enfoque na luta. Também existem aqueles que dizem que capoeira é uma só, contudo, percebe-se que não condiz com a realidade, pois se afirmamos que é tudo igual estamos menosprezando o conhecimento deixado pelo Mestre Bimba, pois a capoeira Angola se difere muito da Regional, em vários aspectos como o jogo, a cantoria, a formatação da roda, os toques de berimbau, vestimentas, princípios filosóficos, entre outros.

Outra discussão que a literatura traz é o que é a capoeira? Seria dança? Luta? Jogo? Brincadeira? Segundo Castro Júnior (2000, p. 163),

Elementos lúdicos e agressivos dança e batalha, vida e morte, medo e alegria, sagacidade, música, brincadeira, ancestralidade e ritualidade constituem o universo da Capoeira que a caracteriza como uma manifestação cultural difícil de ser definida em um único conceito.

Mestre Curió no documentário, Pastinha Uma Vida Pela Capoeira (1998) fala que “Mestre Pastinha dizia que a capoeira não era violência, a capoeira era arte e dança, mandinga, malícia, filosofia, educação, cultura e na hora da dor é que ela passava a ser uma luta perigosíssima”.

Cada mestre tem a sua interpretação do que é capoeira, as músicas de capoeira e as histórias que os mestres contam revelam isso, o ensino pela oralidade é importantíssimo para transmitir os conhecimentos e tradições, Castro Júnior (2000, p.192), comunga da ideia do autor (BURKE, 1992) o qual diz “[...] toda história depende finalmente de seu propósito social, e a história oral é a que melhor reconstrói as particularidades triviais das vidas das pessoas comuns”.

Uma música composta pelo Mestre Toni Vargas, expressa com clareza como esse fato do que é capoeira se apresenta em forma de cantoria.

"Perguntei a Seu Pastinha"

Autor: Toni Vargas

Certa vez perguntaram a Seu Pastinha	Ao apertar a sua mão
O que é a Capoeira	É o grito de Zumbi
E ele, Mestre velho e respeitado,	Ecoando no quilombo
Ficou um tempo calado	É se levantar de um tombo
Revirando a sua alma	Antes de tocar o chão
Depois respondeu com muita calma	É o ódio
Em forma de ladainha	É a esperança que nasce
A capoeira	Um tapa explodiu na face
É um jogo, é um brinquedo	E foi arder no coração
É se respeitar o medo	Enfim, é aceitar o desafio
E dosar bem a coragem	Com vontade de lutar
É uma luta	A capoeira é um pequeno barquinho
É manha de mandingueiro	Solto nas ondas do mar
É o vento no veleiro	É um pequeno barquinho
Um lamento na senzala	Solto nas ondas do mar
É um corpo arrepiado	Um barco que segue sem destino
Um berimbau bem tocado	Solto nas ondas do mar
E o riso de um menininho	É um barquinho de um menino
A Capoeira é o vôo de um passarinho	Solto nas ondas do mar
Bote da cobra coral	Devagar na vida, peregrino,
Sentir na boca	Solto nas ondas do mar
O gosto doce do perigo	É um peixe, é um peixinho
É sorrir para o inimigo	Solto nas ondas do mar

A Capoeira vem ganhando diferentes espaços durante todo o seu processo de formação, hoje ela está presente em academias, escolas, universidades, clubes e está em mais de 180 países, mas há pouco tempo é reconhecida como uma atividade no meio social, nas duas últimas décadas é que vem sendo utilizada como um instrumento pedagógico (CASTRO JÚNIOR, 2000).

Não podemos esquecer que a capoeira hoje é considerada como Patrimônio Histórico da Humanidade e reconhecida como Patrimônio Imaterial Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO- *United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization*).

1.1 EXPERIÊNCIAS COM A CAPOEIRA ANGOLA

O meu contato com a Capoeira Angola se deu em um projeto social há Dez anos, comecei a praticar a Capoeira quando tinha 11 anos de idade, estudava na E. B Tenente Almachio localizada na Base Aérea de Florianópolis (BAFL), no Bairro da Tapera. Na 7ª série dei início à participação do Projeto Segundo Tempo³ oferecido pelo Ministério do Esporte, participava no período matutino, pois estudava no outro turno. O projeto consistia em tomar café, a parte prática, o almoço e depois voltávamos para a escola, o local das atividades era dentro da BAFL.

Foi nesse contexto que conheci meu Mestre (Mestre Luiz), ele era professor do projeto e também era professor de Capoeira Angola, as atividades que praticávamos era vôlei, futebol, basquete e também aprendíamos capoeira, foi ali o meu primeiro contato com essa arte, as atividades propostas não eram obrigatórias a todos, escolhíamos o que queríamos praticar no dia.

Lembro-me perfeitamente o do dia em que fui convidada a participar das aulas de capoeira aos domingos, que acontecem até hoje no Projeto Caravana do Ar⁴, nesse projeto as aulas aconteciam de 15 em 15 dias, hoje são todos os domingos.

Um dia quando estávamos no Refugio⁵, fizemos uma brincadeira de capoeira e após o professor Luizinho veio me convidar para participar das aulas, eu aceitei e junto comigo foram duas amigas.

As aulas de domingo ocorriam das 09h00minh às 12h00minh, além do professor Luizinho tínhamos a presença de seu Mestre Biriba⁶, lá aprendíamos a arte da Capoeira Angola com a Escola de Capoeira Irmãos da Beira Mar de Angola (E-CIBA), era um dia para encontrar os amigos, jogar capoeira, aprender os movimentos, aprender a nossa cultura. No início eu ia mais por diversão e porque minhas amigas iam, não encarava como uma coisa séria que precisava ter compromisso, às vezes até faltava para dormir mais.

Ao longo do tempo, mais ou menos um ano depois aquilo que era brincadeira começou a se tornar sério, passei a encarar a capoeira com responsabilidade, com compromisso e valorizar os ensinamentos que eram passados por meu Mestre

³ Na BAFL o projeto tinha outro nome Forças no Esporte, utilizávamos os espaços da BAFL para a realização do projeto.

⁴ Outro projeto oferecido pela BAFL, mas que não tem vínculo com o Ministério do Esporte, ele é um projeto social aberto para a comunidade da Tapera, diferente do Segundo Tempo no qual entrávamos por uma avaliação socioeconômica.

⁵ Um dos locais de dentro da BAFL, que tínhamos aulas do projeto.

⁶ Mestre do Mestre Luiz.

(Mestre Luiz). A capoeira tomou conta de mim e a partir desse momento eu sabia que ela passaria a fazer parte da minha vida, como diz o Mestre Biriba “Não é você que larga a Capoeira, e a Capoeira que te larga”.⁷

Comecei a praticar em outros dias da semana, além dos domingos praticava nas 4^a e 6^a feiras no Centro Social do Pelicano⁸, era o professor Luizinho que dava a aula, mas para treinar lá era preciso pagar afinal ali ele dava aulas para ganhar seu sustendo. Sabendo de minha vulnerabilidade social, concedeu-me que praticasse capoeira no clube sem pagar a mensalidade, junto comigo ainda continuavam as duas amigas que citei no início, além de não cobrar nos levava até a porta de casa todas as noites após o treino.

Fui me envolvendo e aprendendo a capoeira, ainda continuo a aprender e minha visão de mundo foi mudando, a partir da capoeira tudo mudou a forma de agir, de falar, de pensar, de ver. Em 2008 o professor Luizinho foi graduado Contramestre pelo Mestre Biriba (Mestre do Mestre Luiz), eu estava lá, participei da comemoração com muito jogo de capoeira.

Nas aulas de domingo também tínhamos o contato com o samba de raiz, aprendemos a tocar os instrumentos do samba como o pandeiro, tantã, surdo, repique, rebole, agogô etc. Por meio da Capoeira Angola eu tive a oportunidade de conhecer a cultura do meu país, pois escutava samba em casa, mas não valorizava por não saber o seu valor, não pensava na minha prática, após os ensinamentos da capoeira comecei a refletir sobre meus atos e tudo ao meu redor.

Segundo o estudo realizado por Luís Vitor Castro Junior, Pedro Rodolpho Jungers Abib e José Santana Sobrinho⁹ (2000, p. 163):

O grande número de atendimento a jovens e crianças carentes utilizam a Capoeira como atividade lúdica e educativa [...] é uma demonstração do reconhecimento do seu valor pedagógico e da sua aceitação por parte desse público, como atividade altamente motivante, sensibilizadora e significativa.

Em 2009, Mestre Luiz começou a trabalhar na Escola da Fazenda (EFAZ) como professor de educação física e no final desse mesmo ano iniciou a oficina extracurricular de Capoeira Angola, mas a oficina ingressou mesmo em 2010. Eu o

⁷ Momento de uma aula em que o mestre disse essa frase, para dizer sobre a desistência de algumas pessoas.

⁸ Um dos Clubes que fica dentro da BAFL.

⁹ Capoeira e os diversos aprendizados no espaço escolar.

acompanhava todas as aulas que aconteciam as 4ª e 6ª feiras das 18h30minh às 20h00minh¹⁰, as quais acontecem até os dias de hoje.

Na oficina ajudava-o a arrumar a sala, organizar os instrumentos, demonstrar movimentos, auxiliar no lanche dos estudantes, pegava na mão dos mais novos e ensinava a jogar, a gingar. Fui aprendendo como dar aula de capoeira e sempre o escutava, prestava atenção em tudo que falava, era uma fase de um grande aprendizado e de preparação para trilhar o caminho da capoeira, que eu mesma não sabia.

Em 2011 tive uma grande oportunidade graças ao Mestre Luiz e a Capoeira, andei de avião pela primeira vez. Fomos para Santa Maria – RS visitar o Mestre Biriba que havia voltado para sua cidade no final do ano de 2008. Nossa viagem foi com um avião da BAFL, um mono motor, eu e mais cinco colegas tivemos essa chance, sendo que eu e minhas duas amigas nunca tínhamos andado em um avião antes, foi muito bom, show, inesquecível e um grande aprendizado. Lá em Santa Maria conhecemos o projeto social que o Mestre Biriba estava iniciando, ficamos na cidade por três dias aprendendo capoeira e ensinado para os novatos, fazendo uma troca de experiência bem rica.

Novembro de 2011 o Contramestre Luiz foi formado pelo seu Mestre-Mestre Biriba com o reconhecimento de Mestre Patinho e Mestre Nelsinho do Maranhão e pelo Mestre Pelé da Bomba, o mais velho Mestre em atividade na Bahia.

No mesmo ano passei no vestibular para Educação Física Licenciatura na Universidade Federal de Santa Catarina (USFC). Essa “semente” foi plantada há muito tempo, meu Mestre (Mestre Luiz) sempre nos dizia que devíamos estudar. Ter uma formação superior, mudar a nossa realidade e que sempre podíamos ser mais do que éramos, sempre nos dizia o quanto era importante o estudo.

No final desse mesmo ano fui à Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPEX) em um trabalho de escola, cheguei a uma das tendas onde havia vários artesanatos, e lá conheci a Dona Catarina, uma senhora que é rendeira do Ribeirão da Ilha há 60 anos. Ela estava rendando e me encantei, sempre quis saber como se rendava e também a partir da capoeira passei a valorizar a cultura local. Conversei com ela, ela me mostrou ali na hora, conversando descobrimos que morávamos bem perto, eu na Tapera e ela no Ribeirão da Ilha, conversa vai, conversa vem per-

¹⁰ Aqui o Centro Social do Pelicano passou a ser “tocado” pelo Aluno Formado Natã, hoje Professor de Capoeira pela ECIBA.

guntei o que precisava para aprender, ela me disse que tinha que comprar os bilros, e eu dissemos “então amanhã eu volto pra comprar”. No outro dia eu estava lá, ela até me disse que achava que eu não voltaria, pois várias passaram por ali e não voltaram, comprei os bilros e ela me deu seu telefone e marcamos de um dia eu ligar para ela me ensinar a render. Estou até hoje salvaguardando essa arte que está se perdendo, pois não vemos mais nenhuma jovem fazendo renda apenas senhoras, além do fato de já existir máquinas que fazem esse trabalho, existem outros fatores que faz com que nos dias de hoje essa prática não seja atrativa, pois é muito demorado e trabalhoso fazer uma peça de renda, as pessoas querem tudo na hora e muito rápido, apenas consomem a cultura como produtos que se encontram nas prateleiras dos mercados.

Em 2012 fui graduada como a Primeira Aluna Formada da ECIBA, ganhei esse “título”, pois já estava pronta para aprender. Esse reconhecimento não é por “tempo de serviço” e cada um tem a sua formação diferente dos demais e em tempos diferentes, essa formação é dada quando o Mestre vê em nós uma pessoa preparada para aprender, guardar e repassar os fundamentos dessa arte, segundo Mestre Luiz.

No primeiro semestre da faculdade tive a oportunidade de voltar para o Projeto Segundo Tempo, mas como professora. Foi muito bacana, pois conseguimos fazer com que aquelas crianças vissem como é possível mudar de vida, essa experiência foi ótima, me fez crescer como pessoa e professora de educação física também, mesmo não sendo formada sempre me senti professora, por conta da minha prática com a capoeira, que me fez aprender a lidar com crianças, como chegar nela, entre outras coisas.

No segundo semestre de 2012 da graduação, comecei a trabalhar com Mestre Luiz e na Escola Tempo de Despertar, localizado também no Campeche na Avenida Pequeno Príncipe, lá eu dava aula e o meu Mestre me auxiliava, mas ele iniciou dando as aulas e eu auxiliando para aprender melhor.

Também começamos a fazer roda no Rancho da Canoa¹¹, uma roda aberta para a comunidade realizada todos os sábados, que ocorrem ainda hoje. Na Capoeira Angola eu entrei em contato com grandes mestres, hoje meus irmãos de alma e companheiros de estudo, em primeiro lugar foi contato com meu Mestre (Mestre Lu-

¹¹ O Rancho de pesca do Seu Getúlio, que realiza a pesca artesanal, com uma canoa a remo centenária. Canoa feita de Garapuvu, deixada pelo seu pai.

iz) que se não fosse ele ter me convidado e colocado à capoeira em meu caminho não sei onde estaria, depois Mestre Biriba, Mestre Patinho, Mestre Nelsinho, Mestre Churrasco, Mestre Bartelemi, Mestre Pelé da Bomba e outros companheiros.

Em Novembro de 2014 fui formada Professora de Capoeira Angola pela ECIBA, significa que estou pronta para Aprender a Ensinar e Ensinar para Aprender, de acordo com Mestre Luiz.

A capoeira é grandiosa e em cada lugar ela se expressa de forma diferente, a capoeira de Florianópolis é diferente da capoeira do Maranhão, que é diferente da capoeira da Bahia, diferente da de Rio Grande do Sul e assim vai. Ela é a cultura de um povo que tem um grande poder de tirar jovens, crianças das ruas e fazer daqueles que não eram vistos pela sociedade e excluídos, renascerem para mostrarem que podem ser mais.

A minha vida mudou completamente com a capoeira, oportunidades surgiram, meu círculo de amizade mudou, meu primeiro emprego foi ela quem me valorizou e me fez ser alguém mais, me deu nome. Por meio dela entrei em contato com o boi de mamão, hoje temos o nosso próprio boi que construímos chamado - O Boi de Angola, entrei em contato com a Renda de Bilro, com o Chorinho, Samba, com a Pesca Artesanal, conheci grandes músicos da cidade, dentre outras aprendizagens.

É preciso mostrar outra forma de ensino e de repassar o saber dessa arte e como diria o Mestre Pastinha apud Bola Sete (2001, p.15) “Angola, Capoeira, Mãe! Mandinga de Escravo em Ânã de Liberdade; Seu princípio Não tem Método; Seu Fim é Inconcebível ao Mais Sábio Capoeirista”. Ou seja, a interminável busca do conhecimento.

A capoeira nos faz pensar sobre a realidade, na minha prática as perguntas eram variadas, questionava sempre porque que esta prática está sendo tão rica pra mim e para os outros não? Qual seria a diferença da ECIBA em relação aos outros grupos? Porque não existem muitas mulheres formadas Mestras de capoeira? Quando que a mulher entrou nessa prática? Como que a capoeira se desenvolveu na vida dos mestres? Como eu seria, onde estaria se não tivesse conhecido a capoeira? Como e porque ela consegue transformar a vida das pessoas? Como é a prática dela em outras regiões brasileiras e até fora do país? Como era a capoeira dos mestres antigos? Porque a rivalidade e monopolização da capoeira em alguns grupos?

A pergunta principal que será a minha busca com essa pesquisa se deu ao longo da construção dos meus conhecimentos e ensinamentos da Capoeira Angola. Deste modo procuro saber quais e como se estabeleceram os compromissos Políticos Pedagógicos da escola de capoeira ECIBA nestes últimos dez anos para os/as estudantes que participaram dessa formação?

1.1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Quais e como se estabeleceram os compromissos Políticos Pedagógicos da escola de capoeira ECIBA nestes últimos dez anos para os estudantes que participaram dessa formação?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Conhecer as contribuições da Capoeira Angola aos participantes da escola ECIBA e conhecer quais são os compromissos políticos pedagógicos colocados em prática.

1.2.2 Objetivos Específicos

- A. Conhecer as mudanças que existiram a partir dessa experiência nos estudantes desta escola;
- B. Conhecer se a partir da aprendizagem da capoeira angola os/as estudantes sabem reconhecer mais a cultura brasileira;
- C. Conhecer se as características gerais da Capoeira Angola, a partir de sua origem histórica, possibilitam, de alguma maneira, práticas de resistência ao capitalismo;
- D. Conhecer como se executa os fundamentos da Capoeira Angola na escola ECIBA, tanto em relação a sua história quanto em relação às influências dos seus fundadores.

1.3 Justificativa

A importância da realização desse trabalho se dá pelo fato de apresentar a Escola de Capoeira Irmãos da Beira Mar de Angola (ECIBA) como uma escola de

pensamentos de capoeira que me influenciou (a) e determinou (a) muitos avanços pessoais.

A escola ECIBA está na cidade de Florianópolis há doze anos, mas ainda está pouco divulgada e citada. Dessa forma buscou-se descrever o processo histórico da ECIBA, com o objetivo maior de salvaguardar os conhecimentos elaborados durante a sua existência, para que isso sirva mais tarde como fonte de estudo dos integrantes da escola. Além de sistematizar os elementos educativos definidores da proposta político pedagógica da escola eleitos pelo Mestre Luiz.

Pretende-se mostrar também a diferença do trabalho realizado pela escola e como consequência disto os resultados presentes na vida de seus integrantes. Ou seja, a repercussão social deste espaço na vida de seus participantes e com isso, explicitar a Capoeira Angola como uma prática que ainda resiste aos determinantes e modelos mercadológicos dominantes. Seria uma prática anticapitalista?

2 METODOLOGIA

2.1 Caracterizações da Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa descritivo exploratória de cunho histórico dialético que de acordo com Triviños, (1987, p. 109), “permite ao investigador aumentar a sua experiência em torno de determinado problema”. Tem fundamentação no materialismo e na dialética que destacam “a importância do ambiente na configuração da personalidade, problemas, situações de existência do sujeito” (TRIVIÑOS, 1987, p.128)

Além disto, a pesquisa qualitativa com esse delineamento,

Parte da descrição que intenta captar não só a aparência do fenômeno como também a sua essência. Busca, porém, as causas da existência dele, procurando explicar sua origem, suas relações, suas mudanças e se esforça por intuir as consequências que terão para a vida humana (TRIVIÑOS, 1987, p.129).

Ainda segundo Minayo (1992, p.43) “a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir a sua representatividade [...]. A amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões”.

A metodologia não só contempla a fase exploratória de campo (escolha do espaço da pesquisa, escolha do grupo de pesquisa, estabelecimento dos critérios de amostragem e construção de estratégias para a entrada em campo) como a definição de instrumentos e procedimentos para análise dos dados (MINAYO, 1992, p. 43).

Saberemos os elementos políticos pedagógicos que se fazem presentes na vida dos participantes da ECIBA, por meio de entrevista Semiestruturada que é um tipo de levantamento de dados, segundo Triviños (1987, p.145),

Esta ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

A entrevista Semiestruturada também “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, tanto dentro de sua situação específica como de situações de dimensões maiores” (TRIVIÑOS, 1987, p.152).

Desta forma possibilita conhecer mais detalhadamente a realidade estudada, para entender como se manifesta esse fenômeno concretamente.

A coleta de dados foi realizada com um agendamento prévio de acordo com a disponibilidade de cada pessoa que foi convidada a participar da pesquisa.

2.2 Campo de Investigação

O campo de investigação foi composto por sujeitos, estudantes, que se envolvem na Escola de Capoeira Angola Irmão da Beira Mar de Angola (ECIBA). E também de informações teóricas que se encontram nos artigos, livros, vídeos, mestres que vivenciaram no grupo. E, ainda, a minha prática pedagógica aí consolidada com tudo isso junto, numa unidade.

O local da entrevista foi onde o/a entrevistado/a se sentiu a vontade. Variados lugares, pessoalmente e por Skype. O tempo da entrevista foi flexível, pois dependeu das respostas que a pessoa entrevistada fornecia, quanto mais rica as informações veiculadas mais possibilidade de ir aprofundando no diálogo. Elaboramos um roteiro que seguiu a orientação das categorias de análise teórica definidas *a priori*.

As entrevistas foram gravadas com gravador de voz para conseguir chegar ao máximo do real e assim conseguir organizar, classificar e analisar os dados.

O grupo entrevistado foi composto pelos participantes da ECIBA como dois Mestres, um professor, dois alunos formados, quatro que ainda estão em formação, sendo esses adolescentes com no mínimo dois anos de prática. Obtemos dessa forma um panorama de como se encontram no momento essas influências. Entrevistamos os capoeiras do grupo que foram formado pela escola ECIBA.

Os dados foram analisados por meio de categorias que, de acordo com Minayo (1992, p.70), “as categorias são empregadas para estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso”. Nessa pesquisa as categorias teóricas de análises foram: Transformações a partir do contato com a Capoeira Angola, Cultura Brasileira Envolvimento e o seu reconhecimento, e a última é apreender características da Capoeira Angola que a faz uma prática de Resistência ao Capitalismo.

As categorias podem ser estabelecidas antes do trabalho de campo, na fase exploratória da pesquisa, ou a partir da coleta de dados. Aquelas estabelecidas antes são conceitos mais gerais e mais abstratos. Esse tipo requer uma fundamentação teórica mais sólida por parte do pesquisador. Já as que são formuladas a partir da coleta de dados são mais específicas e mais concretas (MINAYO, 1992, 70).

Minayo (1992) diz que as categorias de análise podem ser elaboradas antes da coleta dos dados e também após, para classificar os dados obtidos em campo, assim posteriormente poderá fazer uma comparação das categorias formuladas antes com as formuladas após a ida ao campo de pesquisa.

As categorias formadas pelos dados obtidos por meio da entrevista semiestruturada seguiram os seguintes passos de acordo com Triviños (1987):

Uma primeira leitura atenta das transcrições das respostas obtidas nas entrevistas;

Uma segunda leitura das respostas para destacar algumas ideias que estejam ligadas ao fundamento teórico;

Terceiro passo foi listar as respostas de acordo com as perguntas. Organizamos por categorias de respondentes, ou seja, uma para os mestres, outra para os formados, uma para os professores e assim sucessivamente.

3 A CAPOEIRA ANGOLA COMO FERRAMENTA POLÍTICO PEDAGÓGICA

3.1 O Processo Histórico da Capoeira

A Capoeira Angola e a Capoeira Regional possuem características e particularidades em diferentes aspectos. A vestimenta, a formação da bateria, os toques dos instrumentos, formatação da roda, os rituais, canto e jogo, o método de ensino, a finalidade educativa, o processo histórico de sua criação, as influências sociais, o tempo de surgimento, entre outros.

O contexto no qual a capoeira foi criada circunscreve-se com a chegada dos portugueses ao Brasil, o encontro com os índios e a partir disso começou uma exploração dos bens naturais. Como o índio não aceitou o cativeiro buscou-se outros meios de mão de obra barata, dando início ao tráfico de negros para o Brasil vindos da África.

Povos africanos vindos de Angola, Congo, Nigéria, Moçambique, Antigo Daomé e outras partes atravessaram o oceano atlântico para chegar ao Brasil. Os africanos que primeiro chegaram aos trópicos brasileiros, vieram da Costa Ocidental africana ao Norte do Equador, foi o chamado Ciclo da Guiné. Depois foram os Bantos [...] vindos das regiões de Angola, Congo e da África Central Atlântica (DARCY RIBEIRO, 1995).

Não eram apenas os portugueses que trabalhavam no tráfico negreiro, a sociedade africana também era escravagista.

Os povos Bantos construía cerâmicas, praticavam agricultura, criavam gado, domesticavam várias plantas e dominavam as técnicas da metalúrgica. Bem antes da chegada dos europeus na África, se organizavam em estados, conheciam o comércio, a moeda e a escravidão (DARCY RIBEIRO, 1995).

Os negros eram vendidos ou trocados como mercadorias, os negócios se faziam por meio das trocas por especiarias e armas, pelos próprios africanos. Isso acontecia normalmente por rixas entre as tribos e as que venciam faziam os perdedores de reféns para depois realizarem a troca.

No século XVIII houve uma alteração no contingente negro de nossa população, enquanto traficantes de escravos das regiões brasileiras permaneciam nas rotas de Angola e do Congo, a Bahia passou a enviar navios para a Costa de Mina e em seguida para o Golfo de Benin. Começou a receber ondas sucessivas de Gegês, de Nagôs e em menor escala de Alças (DARCY RIBEIRO, 1995).

Quando se está falando em africanos, um continente, dezenas ou centenas de nações africanas que aqui aportaram e que eram tratados como mercadoria, não havia interesse do colonizador em destacar a origem da mercadoria, era mais interessante arrancar sua identidade. Modelos de Coisificação do humano e humanização da coisa.

A chegada dos negros ao Brasil veio cheia também de suas crenças, religiões e costumes, como se é de se esperar, haja vista que o ser humano é um ser histórico, por isso, carrega a cultura que lhe é peculiar. Nesse sentido e neste contexto a capoeira nasce da ânsia de liberdade do escravo, portanto, como resistência à opressão realizada pelos senhores de engenho, que segundo Fröhlich (2004) não era apenas física, mas também era ideológica.

Na formação do povo brasileiro é peculiar a experiência de formas guerreiras de resistência que vão se inserindo e se adaptando a formação do mesmo (DARCY RIBEIRO, 1995). Um fenômeno a se destacar são os torneios de batuques que aconteciam nas casas grandes, para mostrar o “ouro negro”. No século XVII foi o grande “bum” da escravidão, nos engenhos e na produção de açúcar, apareceram os torneios de batuques para provocar desavença entre os negros, etnias contra etnias, uma forma dos senhores de engenho colocar um contra o outro, para que não se voltassem contra ele¹².

Na senzala começa a nascer a ideia da capoeira, discutia a ideologia política a vontade de resistir, planejava-se a fuga e a ideia do quilombo, o negro se manifestava de diferentes formas não só como o canto e a dança, mas como a luta sendo seus primeiro ensaios. A capuêra, o mato rasteiro, foi quem possibilitou o desenvolvimento das habilidades de jogar perto do chão, de se camuflar.

A capoeira era disfarçada como dança, para que os senhores de engenhos, achassem que eles estavam apenas brincando, se divertindo, pois se sua verdadeira face fosse apresentada não poderia ser praticada. Deste modo introduziram instrumentos e movimentos cadenciados, de acordo com Mestre Bola Sete (2001).

¹² Conversa realizada com Mestre Luiz no dia 18/10/15.

Além desses a música é a conexão com o ancestral, cantar era uma forma de liberta-se, nas músicas se propagavam conteúdos, ideias, políticas e ideologias.¹³

Mas os escravos criam um movimento político e iniciam um processo de fuga daquelas condições, foram interiorizando-se com as fugas e com isso começam a surgir os quilombos.

Nestes quilombos não havia apenas negros, mas índios e brancos, tendo assim uma troca cultural muito rica. Um dos principais quilombos foi o de Palmares, situado na Serra da Barriga entre Alagoas e Pernambuco. Zumbi dos Palmares foi um líder que aguentou a luta por quase um século, sendo morto em 20 de novembro de 1695.

Será que em cem anos é possível desenvolver um conhecimento? Pois o quilombo durou quase cem. Nos quilombos havia o aprimoramento da capoeira e quando algum escravo era capturado voltava para as senzalas e ensinava para os outros negros, o que aprendeu.

O conhecimento da origem da capoeira era realizado por meio da transmissão oral de negros africanos, já que no governo de Deodoro da Fonseca os documentos referentes à escravidão no Brasil foram queimados a mando de Ruy Barbosa, que na época era Ministro da Fazenda (MESTRE BOLA SETE, 2001, p.19).

Em 13 de maio de 1888, a princesa Isabel criou a Lei Áurea referente à abolição da escravatura, mas isso aconteceu em partes, pois o negro continuou com as mesmas atividades de quando era escravo, não tinha como voltar para sua terra.

Os estudos mostram que a capoeira teve seu maior desenvolvimento nas cidades portuárias, tendo surgido como práticas urbanas de resistência de escravos reuniam-se em agrupamentos denominado por maltas. As cidades como Salvador, Rio de Janeiro e Recife receberam um grande contingente de africanos escravizados se tornando verdadeiros “santuários” da capoeira antiga (TEIXEIRA et al, 2007, p.8-9).

Após a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República esses grupos denominados maltas eram perseguidos pela polícia, principalmente no Rio de Janeiro.

¹³ Informação obtida em conversas realizadas com o Mestre Luiz no dia 18/10/15.

ro. Essa forte perseguição é recorrente a inserção da capoeira no Código Penal Brasileiro em 11 de Outubro de 1890. Conforme o artigo abaixo:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou inculcando temor ou algum mal: Pena: de prisão cellualar de dois meses a seis meses (TEIXEIRA et al, 2007, p. 18).

No período do séc. XIX houve uma grande repressão à prática de capoeira. A mesma era vista como prática de vagabundos e desordeiros, quem fosse pego jogando capoeira era amarrado no tronco levava 180 chibatadas regadas a sal e a cachaça, se fosse pego novamente era deportado para a Ilha de Fernando de Noronha. Na Bahia apenas nos anos 20 (do século passado), em Salvador, o jogo da Capoeira passou a ser perseguido, assim como o samba e o candomblé.

A perseguição era comandada pelo chefe da policia do Esquadrão da Cavalaria, Pedro Gordilho. No início do séc. XIX na Bahia a capoeira era pratica em locais mais afastados do centro da cidade, em festas populares, nos subúrbios da cidade de Salvador e nas cidades do interior da Bahia como Santo Amaro, Nazaré das Farinhas e Cachoeira (MESTRE BOLA SETE, 2001).

As áreas de maior concentração de capoeira em Salvador eram as freguesias: Pilar, que ficava na Cidade Baixa, a Sé e a Rua do Paço, que ficavam na Cidade Alta (TEIXEIRA et al, 2007).

Nestas três freguesias ficavam a ladeira do Tabuão, a Baixinha, a Baixa dos Sapateiros, o Terreiro de Jesus, o Cruzeiro de São Francisco, a Rua do Saldanha, a Praça Castro Alves e o Cais Dourado, conhecidos como tradicionais pontos de capoeiragem desde o século XIX. Nestes locais, formou-se uma importante geração de capoeiras que, posteriormente, tornaram-se célebres: Onça Preta, Noronha, Pastinha, Bimba, Cobrinha Verde, Maré e Livino Diogo (TEIXEIRA et al, 2007, p. 27).

A maioria dos capoeiras dessa época trabalhava como carregador e estivador, atividades muito ligadas à região portuária. Outros eram carroceiros, peixeiros, marítimos, engraxates, pedreiros, marceneiros, chapeleiros, donos de botecos e casas de jogo, vendedores ambulantes, leões de chácara e também policiais (TEIXEIRA et al, 2007, p. 25).

De acordo com a citação acima podemos ver que os negros não eram vagabundos, vadios ou desordeiros, pelo contrário, todos mostram que trabalhavam bastante e tiveram uma grande participação na construção da cidade de Salvador.

Nas décadas de 1930 e 1940 começa a surgir outra visão, uma organização da capoeira na Bahia, destacando-se dois grandes mestres responsáveis por isso: Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha) e Manuel dos Reis Machado (Mestre Bimba).

3.2 Capoeira Regional

Mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado) nasceu no dia 23 de novembro de 1899, “ele possuía dois documentos de identidade, um dando nascimento em 1899 e outro em 1900” (ITAPOAN, 1982, p.13). Começou a praticar capoeira aos 12 anos, com Mestre Bentinho, capitão da Cia de Navegação Baiana. “Bimba foi o criador da Luta Regional Baiana, conhecida como Capoeira Regional aproveitando-se dos Batuques e da Angola” (ITAPOAN, 1982, p.14).

O Batuque era uma luta, uma das manifestações culturais africanas que veio com os negros, como ressalta Fröhlich Filho (2004, p.11)

[...] era composto por ritmo e golpes, como rasteira e cabeçada, tinha as raízes em lutas com embates físicos e torneios africanos. Essa prática era fomentada pelos senhores de engenho para causar rivalidade entre os negros de diferentes etnias do mesmo dono, era uma estratégia para não se unirem e não se voltarem contra o seu senhor. Essa prática era realizada em frente à casa grande para mostrar o poderio econômico do senhor de engenho, também chamado de ouro negro.

Segundo Edson Carneiro, o “Batuque” acontecia com orquestra semelhante à da capoeira: Berimbau, Pandeiro, Ganzá, entre as figuras do jogo sobressaíam os descendentes do negro de Angola. A competição mobilizava um par de jogadores, de cada vez. Estes dados o sinal, uniam as pernas firmemente, tendo o cuidado de resguardar os órgãos sexuais. Havia golpes como a “encruzilhada”, em que o atacante atirava as duas pernas contra as pernas do adversário, a “coxa lisa”, em que o jogador golpeava coxa contra coxa [...] Todo o esforço dos jogadores concentrava-se em ficar de pé, sem cair. Se perdendo o equilíbrio, tombasse, o jogador teria irremediavelmente perdido (CARNEIRO apud ITAPOAN, p. 16-17).

Mestre Bimba criou a Luta Regional Baiana, pois, “ele sentia que a Capoeira Angola estava fraca e deixava a desejar no aspecto de luta, utilizando-se apenas para exibições em praças” (ITAPOAN, 1982, p. 14). “Em 1928 eu criei, completa, a Regional, que é o Batuque misturado com a Angola, com mais golpes, uma verdadeira luta, boa para o físico e para a mente” (ITAPOAN apud MESTRE BIMBA, p.17).

Ainda segundo Itapoan (1982, p.14) o que caracteriza a Capoeira Regional:

[...] É a sequência de ensino, esta sequência é uma serie de exercícios físicos completos e organizados em um número de lições práticos e eficientes, a fim de que o iniciante em capoeira dentro do menor espaço de tempo possível se convença do valor da luta, como um sistema de ataque e defesa.

A partir dessa criação Mestre Bimba passou a desafiar com a sua luta outros lutadores como de jiu-jítsu, judô. Ficou conhecida como três pancadas, sua luta mais demorada durou 1 minuto e 10 segundos (ITAPOAN, 1982).

Em 1927 a capoeira ainda era proibida, mas Mestre Bimba pagava ao delegado para poder dar aula durante uma hora apenas, no final desse prazo o delegado aparecia com seus soldados, todos corriam para que parecesse verdadeiro, para quem estivesse vendo (ITAPOAN, 1982, p. 16).

Mestre Bimba registra sua escola (Centro de Cultura Phisica Regional, fundada em 1932) em 1937 na Secretária da Educação, Saúde e Assistência Pública. Em 1953 faz uma apresentação ao Presidente Getúlio Vargas e ao governador do estado Juracy Magalhães. Getúlio Vargas reconheceu a capoeira como “o único esporte verdadeiramente nacional” (ITAPOAN, 1982, p. 17 e 18).

Esta apresentação é um marco, pois logo depois Getúlio Vargas, com sua política populista, liberou às manifestações populares, até então tão perseguidas, e com isso beneficiou a capoeira, que deixou de ser perseguida pela polícia (ITAPOAN, 1994, p. 44).

Aqui cabe uma análise sobre o contexto que o Brasil vivia, claro que o presidente Getúlio Vargas não liberaria a prática da capoeira de uma hora para a outra. “Embora colocados como criminosos, os capoeiras tiveram uma recuperação social

promovida pela “vertente nacionalista da *belle époque*” que buscava defender a capoeira como ginástica brasileira” (TEIXEIRA, 2007, p. 18).

Nesse sentido, Coelho Neto “representou o ponto alto da versão que defendia a transformação da capoeira em esporte nacional”. Conforme Soares: Coelho Neto não apenas realça as qualidades ginásticas da capoeira. Ele a celebra como a verdadeira educação física do Brasil, que deve ser ensinada nas escolas, quartéis, lares, em quaisquer lugares onde a instrução seja importante (TEIXEIRA et al., 2007 apud NETO e SOARES, p.18).

A inclusão da capoeira no projeto nacionalista se estenderia ao longo das décadas seguintes. A ideia de nação que passava a ser construída por intelectuais da *belle époque*, na qual se avaliava o lugar da capoeira na cultura brasileira, teria continuidade nos escritos de Mello Moraes Filho que retomaria essa imagem já na década de 1920, afirmando: “A capoeira, como arte, como instrumento de defesa, é a luta própria do Brasil” (TEIXEIRA et al., 2007 , p.19).

Voltando ao Mestre Bimba, iremos caracterizar o que constituía a Luta Regional Baiana, desde o momento de entrada até o da saída da academia.

O seu método de ensino consistia em um exame para entrar na academia, exigia-se do aluno que aguentasse por três minutos uma “gravata” do mestre. Se o aluno aguentava entrava, se não, ia treinar em outro local. Mais tarde mudou o teste de admissão, para se matricular no Centro de Cultura Física Regional, teria que conseguir fazer a “cocorinha”, “queda de rins” e o “deslocamento na ponte” (ITAPOAN, 1982). Depois da admissão, no segundo dia “o mestre segurava o aluno pelas mãos e ensinava-lhe a ginga. Dizia que a ginga é fundamental para a capoeira “não existe capoeira sem ginga” (ITAPOAN, 1982, p.27).

O curso como denominava, era composto por três dias, com uma hora de duração, onde os alunos faziam todos os dias a “cintura desprezada” (sequências de balões para perder o medo da queda), e a Sequência de Ensino que consistia em: Sequência de Golpes; Contragolpes e Defesas. Além desses também introduziu na capoeira os chamados Golpes Ligados, que seria defesas para o capoeira quando fosse agarrado em uma luta (ITAPOAN, 1982, p.28).

Nos treinos o mestre tocava o berimbau e os alunos deveriam jogar de acordo com o mesmo. Um dos jogos era o “Esquentá Banho”, que segundo Itapoan (1982) era “jogo sem berimbau, onde o capoeirista podia escolher o adversário e parar o jogo sempre que preciso para corrigir um golpe ou um movimento” [...]. Originou-se

em virtude da academia do mestre possuir apenas um banheiro tendo assim os alunos ter que tomar banho um de cada vez, como ficar parado “esfriava”, os alunos de Bimba ficavam “esquentando” para o banho. Esse esquentado banho era geralmente muito violento. De acordo com Fröhlich (2004.p.18) “na verdade, a principal função desta prática era preparar seus alunos para brigar”.

Os golpes da Capoeira Regional eram organizados por uma Classificação e Nomenclaturas, segue como era essa organização abaixo (ITAPOAN, 1982, p. 91-92):

Movimento Fundamental: Ginga.

Golpes Básicos: Aú, Cocorinha, Negativa e Rolê.

Golpes Desequilibrantes (tem como objetivo derrubar o adversário): Apanhada; Arqueado; Arrastão; Baiana; Balão de Lado; Balão Cinturado; Banda de Costas; Banda Traçada; Benção; Cruz; Crucifixo; Cruzilha; Dentinho; Gravata Alta; Gravata Baixa; Rasteiras (alta, baixa, corta capim, de mão); Tesouras (frente, costas, lado, alta, baixa e voadora); Vingativa.

Golpes Traumatizantes (atingem o adversário em forma de pancada): Armada; Asfixiante; Baú; Bochecho; Cabeçadas (solta, presa, escurumelo, baixa); Chibata (alta e baixa); Chapéu de Couro; Calcanheira; Cotovelada; Chave; Escorão; Esporão; Forquilha; Galopante; Godeme; Joelhada; Leque; Martelo; Meia Lua de Compasso; Meia Lua de Frente; Ponteira; Palma; Queixada; Queda de Rins; Suicídio; Telefone; Vão de Morcego.

Golpes Ligados e de Projeção.

O ritual de formatura também é uma característica da Capoeira Regional, o mesmo acontecia após seis meses. No processo de formação existem algumas etapas que, segundo Itapoan (1982), consistia em: quatro domingos seguidos, no Nordeste de Amaralina e na Academia do Mestre, após marcava-se o dia da formatura. Nesse dia todos se vestiam de branco e cada formando deveria ter uma madrinha, a formatura inicia com uma apresentação do que era capoeira por um aluno mais velho, após o Lenço Azul e a medalha eram entregues para a madrinha. Depois vinha o teste que consistia na execução de alguns golpes, depois tinham que fazer a cintura desprezada (série de balões) sem errar e sem cair mal. Em seguida o mestre chamava de 2 em 2 alunos para realizarem o “Jogo de Floreio”, no qual os capoeiras ao terminarem deveriam estar com a roupa limpa, sem manchas.

Após esse vinha o “Esquete”, um jogo que era combinado, onde era obrigatório o uso de Golpes Ligados. Posteriormente chegava a hora do “Tira Medalha”, um jogo onde o recém-formado jogava com o mais antigo, valia tudo, o objetivo era tirar

a medalha que se encontrava no lado esquerdo com um golpe aplicado com o pé, caso isso acontecesse o formado deixava de se formar. O restante da formatura era dedicado à roda livre de capoeira ao som do berimbau e pandeiros, após isso tudo vinha o Samba de Roda e tanto as mulheres quanto os homens podiam sambar, após tinha o Samba Duro só para os homens.

Além da formatura existia o Curso de Especialização, era realizado de forma secreta, apenas para alunos formados, matriculados. Tinha duração de três meses, onde dois meses eram realizados na academia e um mês era na mata na Chapada do Rio Vermelho. Nesse curso o mestre ensinava defesas contra ataques de navalhas, faca e revólver, ao final do curso acontecia outra festa como a da formatura já descrita, o mestre entregava um Lenço Vermelho, o lenço dos formados especializados. O lenço era de seda e segundo o mestre Bimba, a navalha não corta a mesma. Havia também o Lenço Branco para a formação de mestre, mas que nunca entregou a ninguém¹⁴.

A roda de Capoeira é composta por vários elementos como o Jogo, os Instrumentos, a Cantoria etc. “Na Capoeira Regional Mestre Bimba determinou que a “orquestra” seria formada por um berimbau e dois pandeiros” (Nestor Capoeira, posição 6.560). As cantorias que compõem a roda são as Quadras e os Corridos, os toques do Berimbau são sete e cada um tem uma função. “O toque de São Bento Grande de Bimba exigia um jogo rápido, alto e violento” (ITAPOAN, 1982, p. 28), segundo Nestor Capoeira também era um jogo para iniciante; Toque de Lúna só era permitido o jogo entre formados; O toque de Cavalaria era usado também para avisar, segundo Itapoan (1982), nos treinos era utilizado quando alguém batia na porta o Mestre trocava o toque para cavalaria para avisar algo. O toque de Banguela “era tocado quando o mestre sentia que dois formados estavam se “estranhando” (ITAPOAN, 1982, p. 28), neste toque o jogo tem que ser bem lento, “quase que a dança pura da capoeira”.

Esses quatro são citados no livro Bimba Perfil do Mestre (1982), mas além desses existe também o toque de Santa Maria de Bimba, Idalina, Amazonas¹⁵. Além

¹⁴ Informações dadas pelo Mestre Luiz da ECIBA (Escola de Capoeira da Beira Mar de Angola), com o ensino da oralidade.

¹⁵ Segundo meu Mestre Luiz, na sua terra (Santa Maria- RS), sempre ouvia dizer que o toque de Idalina era um toque para o jogo de pau, faca e facão e o toque de Amazonas era para as mulheres jo-

desses toques também existia o Hino da Capoeira Regional (toque de Santa Maria ou Apanha Laranja a no Chão Tico-Tico, utilizado na Capoeira Angola), que o Mestre Bimba tocava ao início e final da roda.¹⁶ A estrutura da roda é feita em pé, quem espera para jogar fica batendo palmas no ritmo 1, 2, 3, o jogo acontece de encontro, ou seja, quem está no pé do berimbau jogará com quem se encontra ao lado do pandeiro, todos usam roupa branca.

Mestre Bimba exigia de seus alunos carteira de trabalho assinada ou comprovação que estavam estudando. Com isso, excluiu os tradicionais praticantes da Capoeira Angola e ao mesmo tempo incluiu a Luta Regional Baiana no cotidiano da sociedade dominante (FRÖHLICH, 2004, p. 16).

Mestre Bimba, em 1971, foi convidado a ir para Goiás, ficou muito empolgado com o tratamento que recebeu lá, depois de alguns anos voltou para morar e foi onde faleceu. Mestre Bimba tomou essa decisão, pois na Bahia não recebia seu devido tratamento, recebeu várias proposta de trabalho com a capoeira e partiu para Goiânia. Chegando lá não aconteceu nada do que haviam prometido a ele. O Mestre faleceu em 1974 em Goiânia e em 1978 seus restos mortais foram levados para Salvador, o translado foi realizado por um de seus alunos Carlos Senna e sua mulher D. Alice (ITAPOAN, 1982, p. 73).

Esses são os elementos que caracterizam a Capoeira Regional, que foi criada em um contexto, num espaço e tempo com uma intencionalidade de luta, além disso, a criação de Mestre Bimba é de grande importância, pois foi o responsável por “retirar” a capoeira do código penal.

3.3 Capoeira Angola

A Capoeira Angola se difere da Capoeira Regional nos aspectos que compõem a roda como a formatação da bateria, o jogo, a musicalidade, os rituais, os movimentos. Além desses também se difere nos princípios filosóficos, no método de ensino e finalidade. Para falar da Capoeira Angola precisa-se falar de Mestre Pasti-

garem. Segundo uma de suas pesquisas por conta própria, quando ainda era trenel foi a Bahia, e entrevistou o Mestre Bamba um dos participantes da Associação de Capoeira Mestre Bimba, aluno de Mestre Vermelho 27 que foi aluno de Mestre Bimba. Mestre Bamba disse que na verdade esses toques, serviam para florear, que a musicalidade não ficasse pobre.

¹⁶ Segundo meu Mestre Luiz, através do ensino da oralidade.

nha, um dos responsáveis pela organização e difusão da capoeira, conhecida como Angola.

Mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha) nasceu em 1889 na cidade de Salvador, aprendeu capoeira aos 10 anos de idade com Benedito, um africano. Benedito lhe ensinou a capoeira para que se defendesse de um menino que sempre lhe batia, aproveitando-se de seu tamanho. Certo dia o africano da janela de sua casa assistiu a briga e após chamou Pastinha dizendo-lhe “você não pode com ele, sabe, porque ele é maior e tem mais idade. O tempo que você perde empinando araraia vem aqui no meu cazuá que vou lhe ensinar coisa de muita valia” (MESTRE PASTINHA apud MESTRE BOLA SETE, 2011, p.29).

Foi deste modo que Mestre Pastinha iniciou na aprendizagem da capoeira, assim como a maioria dos mestres antigos, aprendiam com ex-escravos africanos detentores desse saber, afinal foi uma criação dos mesmos contra a opressão que viviam.

Segundo o estudo de Mestre Bola Sete (2001) a Capoeira Angola tem influências da Dança da Zebra. Os primeiros negros a chegarem ao Brasil foram os negros Bantos, vindos de Angola. “Conta-se que neste país existia um ritual bastante violento chamado “Dança da Zebra”, onde os negros lutavam aplicando cabeçadas e pontapés e os vencedores tinham como prêmio as meninas da tribo que ficavam moças” (MESTRE BOLA SETE, 2001, p.19).

Essa dança também é conhecida por N’golo é oriunda da observação dos negros das lutas entre Zebras (machos) no período de acasalamento, aonde os mesmo aplicam coices, mordidas e cabeçadas. “Diferentemente do crescimento da Capoeira Regional pelas elites, nos guetos os representantes da Capoeira Tradicional (Angola), reivindicavam seus direitos como professores e mestres” (FRÖHLICH, 2004, p.18).

Decorrente de vários motivos como essa expansão da capoeira Regional, Mestre Pastinha assume uma posição de Organizador da Capoeira Angola. Era ele quem representava a Capoeira,

Representou o Brasil no I Festival de Arte Negra em Dakar, na África (1966). Foi também o fundador da primeira Escola de Capoeira, em 1910, localizada no Campo da Pólvora, embora a primeira a ser reconhecida oficialmente tenha sido a do Mestre Bimba (MESTRE BOLA SETE, 2001, p. 29).

A responsabilidade de Mestre Pastinha foi crescendo, segundo Mestre Bola Sete (2001), em 1941 o mesmo assumiu a Roda do Gingibirra, onde se encontravam os maiores mestre da Bahia. Amorzinho um Guarda Civil era o dono da roda do Gingibirra, entregou a Capoeira Angola ao Mestre Pastinha, para que ele a colocasse em seu devido lugar (MESTRE BOLA SETE, 2001). “Diante do acontecimento, ele fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola, registrando-o em 1952, remanescente do Centro de Capoeira Angola Conceição da Praia, fundada em 1922, pela nata da capoeiragem baiana” (MESTRE BOLA SETE, 2001, p.30).

O Centro Esportivo de Capoeira Angola, era localizado no Largo do Pelourinho nº 19, hoje é o local onde o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAEC) se encontra. Mestre Pastinha organizou a capoeira em diferentes aspectos, adotou o uniforme amarelo e preto, cores do seu time de futebol do coração, o Esporte Clube Ipiranga, o mais querido da Bahia (AMADO 2002 apud FRÖHLICH, 2002, p.372).

Ao contrário de Mestre Bimba, Pastinha traz uma concepção de jogo libertário, com raízes no reencontro com os irmãos de angola [...] Preocupou-se com a produção filosófica e intelectual da capoeira. Escreveu um livro e seu acervo de músicas e versos é considerado a verdadeira filosofia da malandragem. Deixou heranças importantíssimas do verdadeiro sentido do que era ser capoeirista daquela época. Enquanto na Capoeira Regional treinava-se o “esquenta banho” para aprimorar a luta, na Capoeira Angola treinava-se para frear os movimentos, para nunca precisar acertar seu companheiro, pois quem conseguia parar o pé, segundo os ensinamentos da Capoeira Angola, acertava quando quisesse (FRÖHLICH, 2004, p. 20).

Saem daqui da Academia sabendo tudo. Sabendo que a luta é muito maliciosa e cheia de manhas, que agente tem de ter calma. Que não é uma luta atacante, ela espera. Capoeirista nunca dizia a ninguém que lutava. Era homem astuto e artiloso, como a própria luta, que se disfarçou com a dança para sobreviver depois que chegou de Angola. Capoeirista é mesmo muito disfarçado. Contra a força só isso mesmo. Está certo (MESTRE PASTINHA apud MESTRE BOLA SETE, 2001, p. 71).

Segundo Silva (2003),

A capuêra, na sua prática como luta, procura não exercer uma confrontação direta entre os oponentes. Procura em forma circular, criar espaços que conduzem à possibilidade de enlaçar pela força o companheiro e sem que este perceba o que vai acontecer, como uma fórmula mágica, possa produzir um “espiral centrípeto” que atue no adversário de forma a atraí-lo, envolvendo-o num todo, para dele servir-se. A capuêra não puxa, não provoca choque, ela é algo profundo: atrai a quem ela quer provocar (p. 49).

O jogo é marcado pela oposição de ataque versus esquiva, os que nos remete à oposição espaço cheio versus espaço vazio. Como o enfrentamento é indireto, não se bloqueia o golpe do adversário. Dessa forma o contra golpe vem preencher o espaço vazio deixado pelo golpe (SILVA, 2003, p. 112-113).

“A roda como espaço ritual, quem comanda é o berimbau” (NESTOR CAPOEIRA, 2015, posição 4.474). Na Capoeira Angola Mestre Pastinha determinou que a “orquestra” seria formada por três berimbaus, pandeiro, reco-reco, agogô e tambor ou atabaque (NESTOR CAPOEIRA, posição 6.560). Os três berimbaus são diferentes, sendo um Gunga no qual possui um som grave; o Médio que não é tão grave e nem tão agudo; a Viola que possui o som bem agudo. O berimbau é símbolo da capoeira, segundo Nestor Capoeira (2015) “pelas evidências históricas que temos agora (2010), parece que o berimbau foi adotado definitivamente pela capoeira somente por volta de 1900, em Salvador” (NESTOR CAPOEIRA, posição 6.560).

Segundo Silva (2003, p. 104),

Não se tem dados de quando o berimbau foi introduzido na capuêra, mas tudo leva a crer que, o uso do instrumento na roda de capuêra na Bahia se deu por volta de 1890 a 1920, baseado nos diversos depoimentos coletados de Mestres que praticaram a capuêra nesse período.

O berimbau é um cordofone que tem como característica sonora duas notas melódicas geradas por uma corda de aço ou outro material como: tripa de carneiro ou de pato ou ainda certo tipo de cipó, percussão por uma baqueta, com uma nota fundamental que corresponde a corda solta e uma nota de altura superior resultante do contato de uma pedra ou uma moeda de cobre, que a torna mais aguda em relação à fundamental. Possivelmente é o instrumento mais antigo que se conhece. Provavelmente originado no Norte da África a cerca de 30.000 anos atrás, a partir do arco de caça, conforme cita Gerhard Kubik em sua pesquisa junto aos Ikung de Angola (SILVA, 2003, p. 104).

De acordo com Harvard Dictionary of Music apud Kay Shaffer (1997, p.2) “várias formas podem ser encontradas em muitas culturas no mundo, incluindo Novo México (U.S.A.), Patagônia, África Central, África do Sul e Brasil”.

O Berimbau é o instrumento mais antigo da humanidade, assim como as flautas de ossos. O mesmo passou por várias transformações até chegar ao berimbau que conhecemos hoje.

A partir do arco de caça, se deu a origem do Berimbau de Boca, ao soltar o cipó ou a tripa o arqueiro ouvia o som produzido pelo mesmo, alguém não se sabe quem, resolveu um dia colocar na boca, a qual virou a caixa de ressonância amplificando o som produzido pelo bater de uma baqueta no cipó ou tripa. Algum tempo depois alguém resolveu colocar no lugar da boca uma cabaça, a qual fica ligada no arame e na madeira por uma corda, chamada de cavalete. A cabaça amplifica muito mais o som por ser maior que a boca e assim a boca fica livre para poder cantar, é tocado na altura da barriga, por isso se dá o nome de Berimbau de Barriga.¹⁷

“O arco musical como também é denominado está na América muito antes de Cabral, atualmente é conhecido como: Urucungo, Gunga ou Berimbau de Barriga” (SILVA, 2003, p. 104). De acordo com Mestre Pastinha (MESTRE PASTINHA ETERNAMENTE- CD) “o berimbau é música, é instrumento. Também é instrumento ofensivo, ele na ocasião de alegria, é um instrumento, nos usamos como instrumento e na hora da dor ele deixa de ser instrumento pra ser uma foice de mão”.

“Eu vou lê o B-A-BÁ

O B-A-BA do berimbau

A cabaça e o caxixi

E um pedaço de pau

A moeda e o arame, colega velho

Está aí um berimbau

Berimbau é um instrumento

¹⁷ Conhecimentos repassados por Mestre Luiz através da oralidade, nos ensinamentos da roda de capoeira.

Tocado de uma corda só

Pra tocá São Bento Grande

Toca angola em tom maior

Agora acabei de crê, colega velho Berimbau é o maior, camará”

(B-A-BÁ do Berimbau Música de Domínio Público)

Segundo Mestre Patinho do Maranhão existem sete afinações de berimbau: Gunga, Médio e Viola, Berra Boi, Viola Centro, Violinha e a Viola Piano. “Dentro de cada toque (ritmo) da Capoeira Angola, cada um tem um papel específico, semelhante ao que acontecem com os três atabaques do candomblé (*Rumpa, Rumpi e Lê*)” (NESTOR, 2015, posição 6.578).

O instrumento rei da capoeira é o berimbau, é ele quem abre e fecha a porta da roda, é ele quem comanda. O mais importante dos mestres que se desenvolveu nesse aspecto foi o Mestre Waldemar da Liberdade, isso não significa que ele não era bom nos outros fundamentos que compõem a capoeira.

Waldemar Rodrigues da Paixão também é uma das referências da Bahia na capoeira, nasceu em 1916 e faleceu em 1990, na mesma situação dos mestres citados anteriormente. Segundo Frede Abreu (2003, p.13), “a capoeira lhe deve pelo aprimoramento plástico e sonoro de seu instrumento rei. A Bahia também lhe deve pela invenção de um belo e expressivo signo de sua representatividade: o berimbau pintado”.

Essa pintura de berimbau quem inventou fui eu. [...] Os capoeiristas daqui, os mestres, faziam berimbau com casca. O arame era arame de cerca, não era arame de aço. Depois eles queimavam o pneu e tiravam aquele arame enferrujado, quebrava. Eu inventei abrir na raça pra sair cru. Cheguei a fazer berimbau em branco [...] Depois eu inventei pintar e passei a fazer berimbau pintado. Sou conhecido nisso (MESTRE WALDEMAR apud ABREU, 2003, p.13).

Mestre Waldemar, começou a praticar capoeira em 1936, em Periperi localizado em um subúrbio ferroviário em Salvador, teve quatro mestres em sua formação: Telabi, Ricardo da Ilha de Maré, Siri de Mangue e Neco Canário Pardo (FREDE ABREU, 2003). Mestre Waldemar era conhecido também por Waldemar da Liberdade ou Waldemar do Pero Vaz. Foi no bairro da Liberdade que o mestre iniciou a sua roda de acordo com suas palavras citadas por Frede Abreu (2003, p.16-21) “Eu fazia

o ringue na sombra [de um arvoredor] e botava a rapaziada para jogar. Depois eu fiz um barracão de palha grande” (ABREU, 2003, p.21).

Antes de existir a academia, um local fechado para ter aula, os capoeiras jogavam nos barracões, além do Mestre Waldemar.

O barracão se assemelhava aos de candomblé e com os “cercados” construídos por Bimba em Roça do Lobo e Pastinha, no Bigode de Brotas. [...] A capoeira de Waldemar também atuou no sentido de socializar e ressocializar os moradores [...] Para os moradores do local, frequentar o Barracão de Waldemar constituía num momento especial, e significava um corte no cotidiano da semana (ABREU, 2003, p. 33).

O Barracão se encontrava no bairro da Liberdade, mais precisamente na Rua Pero Vaz, na Avenida Peixe. A “Rua Pero Vaz se localizava nas terras do Corta Braço, área urbana na qual se solidificou a primeira Ocupação (invasão) de terras na cidade de Salvador, acontecida durante os anos 40 do século XX” (ABREU, 2003, p. 29).

Mestre Waldemar ficou conhecido por ter inventado o berimbau pintado, símbolo da Bahia, como descrito anteriormente, um de seus berimbaus era o Ás de Ouro, “berimbau colorido, listrado de amarelo, verde, branco e vermelho com diversas “medidas” do Senhor do Bomfim” (CARDOSO, 1970, p.71).

Este é o Ás de Ouro, meu berimbau favorito, que trago comigo há seis anos e de onde tiro os toques para chamar os homens para a luta de honra no campo de angola. Quem não acredita venha tirar a teima e ver quem é bom (MESTRE WALDEMAR apud CARDOSO, 1970, p. 71).

Os bons berimbaus que ele fabricava ele não vendia, pintava logo o Ás de Ouro, o Ás de Ouro era só dele ou ele presenteava os mestres mais chegados, por exemplo, na academia do Mestre Curió tem um Ás de Ouro¹⁸.

A formatação da bateria da Capoeira Angola difere-se de grupo para grupo, às vezes nela possui sete ou oito instrumentos. A organização dos instrumentos também muda. Por exemplo, a maneira do Mestre Patinho (MA), de configurar a sua é diferente e a denominação dos berimbaus também sendo: da esquerda para a direita, Pandeiro Virante, Reco-reco, Berra Boi, Viola Centro, Violinha, Atabaque, Agogô e Pandeiro Marcante.

¹⁸ Informações obtidas em uma conversa com Mestre Luiz, no dia 28/03/2016.

Em relação ao toque dos instrumentos, mais especificadamente ao berimbau, segundo Nestor Capoeira (2015), “o berimbau Gunga marca o toque executando o tema rítmico-base, o berimbau Médio geralmente inverte o toque a Viola fica livre para solar”.

Na escola ECIBA o toque executado pelo berimbau Viola é o São Bento Pequeno de Angola, no qual é bem floreado às vezes parecendo que está solando, um toque no qual era utilizado na academia de Mestre Pastinha.¹⁹

Em relação ao toque da Viola, muitos grupos dizem que ela “fica livre para solar”, mas na verdade ela tem um toque específico que se perdeu com o tempo.

Não se pode esquecer do berimbau. Berimbau é o primitivo mestre. Ensina pelo som. Dá vibração e ginga ao corpo da gente. O conjunto de percussão com o berimbau não é arranjo moderno, não, é coisa dos princípios. Bom capoeirista, além de jogar, deve saber tocar berimbau e cantar (MESTRE PASTINHA apud MESTRE BOLA SETE, 2001, p. 68).

Segundo Nestor Capoeira (2015) os toques básicos da capoeira são em número sete [...] Os demais foram criados por alguns mestres que se utilizaram de algumas variações e repiques dos sete toques citados. São eles: Angola, São Bento, Santa Maria, Amazonas, Idalina, Benguela e Yuna. Os toques de Angola e São Bento podem ser denominados de duas maneiras: São Bento (pequeno) e Angola (pequena); São Bento (grande) e Angola (dobrada).

Mas como já dito anteriormente existem variações na forma de montar a bateria e nos toques que instrumento irá tocar. A organização do ritual vai depender da linhagem do grupo ou entendimento do mestre.

Antigamente a brincadeira de capoeira era realizada por três berimbaus, dois, três e até quatro pandeiros, ao longo do tempo isso foi mudando até chegar a esse número de sete ou oito. A introdução dos instrumentos sendo eles: o reco-reco, agogô e tambor, ocorreram de forma gradativa e não se sabe ao certo quando ocorreu. Segundo as histórias contadas por meu Mestre (Mestre Luiz), na roda de Capoeira, o agogô e o tambor se introduziram pela influência dos blocos de carnaval da Bahia, o Afoxé. Quando acabava a festa do bloco, os tocadores pediam se podiam

¹⁹ Informações obtidas em conversas com Mestre Luiz, no dia 06/04/2016. Essa informação ele obteve na academia do Mestre Curió que foi aluno de Mestre Pastinha, foi assim que ele aprendeu.

ficar junto na roda de capoeira tocando, assim dando a inserção desses dois instrumentos.

Como se pode ver o universo da capoeira é gigantesco, além dos instrumentos, ritmos e toques, existem outros fundamentos que compõem a roda de Capoeira Angola. Será descrito um pouco sobre os movimentos que se diferem da Capoeira Regional em relação à classificação e denominação.

Conforme Mestre Bola Sete (2001) em alguns movimentos da capoeira existem dúvidas quanto ao seu nome de origem, isso porque não foram batizados pelos mestres africanos. Além disso, muitos golpes primitivos foram modificados ou desapareceram ao mesmo tempo em que novos movimentos foram criados. Também traz que os principais golpes da capoeira são desferidos com os pés. Mestre Bola Sete investigou por meio de observações nas principais escolas de capoeira os movimentos utilizados, destacando quinze movimentos, os quais considera básicos. São “quatro defensivos, quatro desequilibrantes e sete golpes que podem segundo Mestre Pastinha, cada um destes sete, gerar sete” (MESTRE BOLA SETE, 2001, p. 48). Movimentos Defensivos: Ginga, Negativa, Rolê e Aú; Movimentos Desequilibrantes: Rasteira, Banda, Tesoura, Boca-de-Calça; Golpes: Rabo-de-Arraia, Meia-Lua, Ponteira, Chibatada, Chapa, Joelhada; Cabeçada (MESTRE BOLA SETE, 2001, 48-52).

Segundo Waldeloir Rego (1968) os movimentos são cabeçada, rasteira, rabo de arraia, chapa de frente, chapa de costa, meia lua e cutila de mão. Essa variação de nomes se dá justamente pelo fato já mencionado anteriormente e hoje cada escola, grupo ou associação usa diferentes números de movimentos e os nomes também variam. Em consequência disto não podemos dizer que um mestre está certo e o outro está errado, cada um faz a sua maneira, do jeito que acha correto.

Além desses movimentos existem as Chamadas, denominadas por Nestor Capoeira A “Chamada para o Passo a Dois” e pelo Mestre Bola Sete de “Passagens”. “As Chamadas para o Passo a Dois servem para quebrar o ritmo do adversário quando este domina o jogo [...] Pode também ser usada após alguém ter dado uma queda ou levado uma queda ou um golpe e desta forma esfriaria as emoções” (NESTOR CAPOEIRA, 2015, posição 6.963).

“Normalmente quem faz a chamada desfaz, indicando para quem foi chamado para onde deve sair” (NESTOR CAPOEIRA, 2015, posição 6.963). As chamadas são movimentos ritualizados, que tem uma forma de entrar e sair, ela serve para testar, por isso não faz muito sentido, por exemplo, alguém fazer uma chamada após levar uma rasteira, quem deu a rasteira é que deve chamar, mas isso não é uma regra, o contrário também pode acontecer. Além disso, existem pessoas que dizem que ela serve para descansar, mas ela só irá ter essa função se os dois jogadores estiverem com essa intenção, ela não serve, mas pode servir para descansar.

Eu acho muito bonito a chamada né, a chamada de angola, quando os angoleiros param e fazem assim ou faz assim e o outro posta mão com mão, que isso é uma coisa que existe pra harmonizar é justamente o que rompe com aquele contexto ali de às vezes acontecer uma competição, um desequilíbrio e fala não cara agente tá aqui, agente é irmão e agente tá brincando de capoeira, esse momento da chamada eu acho assim genial (ISABELA NOGUEIRA, educadora, ENTREVISTA NO DOCUMENTÁRIO: EU SOU ANGOLEIRO, Belo Horizonte- MG, 2013).

Essa é uma grande diferença entre a Capoeira Regional e a Capoeira Angola, na Regional não possui Chamada, mas o que possuem de comum é a Ginga. “A ginga é marcada por uma posição entre braços e pernas, constituindo-se numa movimentação constante dos capuêra em busca de equilíbrio dinâmico” (TAVARES 1984 apud SILVA, 2003, p. 112).

Um ponto que o Mestre insistia muito era quanto a GINGA. Para ele a Ginga era a parte mais importante da capoeira: “ponto de partida de todas as aquisições futuras. É a posição “fundamental” do Capoeirista, tomada em sentido figurado, chave de sua agilidade e deslocamento”. Várias vezes vi o Mestre repetir que: “a Ginga é a alma do capoeirista”, pois é, sem ela ele não é nada! A capoeira não existe (ITAPOAN, 1994, p. 80).

De acordo com Darnton (1990) apud Silva (2003, p.112),

A ginga é ritmada pelo som do berimbau. Por meio dela, o corpo dos capuêristas descreve círculos no espaço circular da roda, o corpo dança, aproximando a capuêra do lúdico. Por permitir, a um só tempo, que o corpo lute dançando e dance lutando, a ginga remete a capuêra a uma zona intermediária e indecisa (o jogo) situado entre o lúdico e o combativo. Por isso a Ginga é “boa para pensar”, no sentido que deu a expressão Lévi- Strauss.

“O Mestre falava que o aluno tinha que aprender o básico, ou seja: perna atrás/braço do mesmo lado na frente. Nada mais natural, pois é assim que andamos [...] A ginga é pessoal” (ITAPOAN, 1994, p. 81).

Nestor Capoeira (2015) descreve que “elementos ritualizados são pequenos jogos que acontecem dentro do jogo maior, entre dois capoeiristas”. Destaca quatro momentos como elementos ritualizados: “Saída para o Jogo; A Chamada para o Passo a Dois (já descrito anteriormente); A Volta ao Mundo e A compra de Jogo”. A Cantoria também compõe a roda de Angola, que se difere das cantorias da Capoeira Regional.

Os cantos de capoeira são básicos na composição da esfera da roda [...] Outra função é que abrem as portas e introduzem o jogador num incrível universo da poesia. Os jogadores que estão na roda criam uma corrente energética através do canto, dos berimbaus, pandeiros e atabaques. Mantém os jogadores energética e ritualmente “dentro” da roda, estimula quem está jogando (NESTOR CAPOEIRA, 2015, posição 6.729).

Mestre Luiz designa a música como Combustível da roda.

Basicamente os cantos se dividem em “Cantos de Entrada” (também chamado de “xula” ou “ladainha”), “Quadras” e “Corridos”. O Canto de Entrada é mais comprido e é cantado antes do começo de um jogo [...] Quando o jogo esta rolando cantam-se as Quadras e Corridos (NESTOR CAPOEIRA, 2015, posição: 6.749). Mestre Bola Sete (2001), denomina o Canto de Entrada como “Canto da Ladainha”, Canto de Entrada é denominado para o “cântico de capoeira, em que todos os componentes da bateria respondem em coro os versos do catador, antes da luta começar”.

A organização e o toque dos instrumentos, a música (cantorias) e o jogo acontecem dentro da roda. De acordo com Nestor Capoeira (2015), “a roda de capoeira é o espaço, o palco, aonde vai se realizar o ritual, ser encenado a dramaturgia, e onde vai rolar o jogo da capoeira” (posição 6.418).

A roda de Angola é constituída por todos esses elementos citados acima, jogo, música, instrumentos, etc. O ritual da de entrada e saída da roda também varia de escola para escola. A mesma é constituída pelos instrumentos sete ou oito dependendo da linhagem, os tocadores podem ficar sentados ou em pé, o restante formará um circulo sentado na frente da bateria incluindo-a. Como dito anteriormente

um dos elementos ritualizados segundo Nestor Capoeira (2015) é a “Saída para o Jogo”.

Tudo começa ao pé do berimbau, sendo que este é um lugar muito importante e significativo: é a porta de entrada da roda [...] Os jogadores ficam ao pé do berimbau escutando a Ladainha. Nesse momento os jogadores podem estar fazendo as suas “mandingas” [...] podem estar se concentrando no ritmo, entrando no aqui e no agora, puxar um canto de desafio. Quando termina a Ladainha o jogo começa. Os jogadores podem fazer a “reverência ao berimbau”: se apoiando nas mãos, e levantando as pernas para o ar [...] Ou podem o que é extremamente perigoso, usar a falsidade logo no “pé do berimbau”: fingir que vai cumprimentar o oponente e inesperadamente dar-lhe um golpe (NESTOR CAPOEIRA, 2015, posição 6.947 e 6.942).

Essa inversão dos capoeiras que acontece no pé do berimbau é denominada pelo Mestre Augusto Januário Passos da Silva como A Lógica do Averso.

A lógica do avesso que perpassa os movimentos corporais da capuêra faz da roda de capuêra um mundo invertido. “Anda-se” de cabeça com as mãos no chão e os pés para o alto [...] No jogo da capuêra, interpretado no jogo de contra poder organizado em forma de sistema, o objetivo é sempre inverter as regras da dominação e a expressão corporal dessa contestação é o corpo de cabeça para baixo. A inversão social é traduzida através de uma inversão corporal (SILVA, 2003, p. 116).

Assim se fora da roda você é considerado feio, dentro da roda você é bonito, se fora da roda você é fraco, dentro da roda você é forte, se fora você não possui nada, dentro da roda tem tudo.

Em algumas rodas o jogo é de “Encontro”, ou seja, quem está no pé do berimbau jogará com quem se encontra na outra ponta no Atabaque, dependendo da formatação da bateria. Dessa forma, muitas vezes as pessoas trocam de lugar para poder jogar com aquele que deseja, às vezes para se cobrar de outra roda ou para ter um bom “combate”. A roda do Mestre Patinho-MA, por exemplo, é de encontro.

Algumas rodas de Capoeira Angola possuem o formato em círculo onde os capoeiras esperam sentados no chão, quando a roda é na rua ficam agachados para não sujar a roupa, na roda de Mestre João Pequeno, por exemplo, os capoeira ficam sentados em cadeiras em forma reta e não circular.

Ao final de sua vida Mestre Pastinha acabou como tantos os outros capoeiras, desassistido, abandonado, morava com sua mulher, filha e três netos em uma “casa”

com duas peças apenas, a qual tinha poucas condições para morar, pois era úmida e o reboco do teto já estava caindo²⁰.

Mestre Pastinha faleceu cego²¹ e desprezado aos 93 anos, no dia 13 de novembro de 1981.

Quando ele morreu mandaram um caixão de indigente, de indigente. Eu devolvi cheguei à decorativa tomei um caixão, que ele não merecia aquele caixão e sentei no tabuleiro paguei todo, graças a Deus vendi Acarajé, isto que eu pagava a funerária (MARIA ROMÉLIA, mulher de Mestre Pastinha, DEPOIMENTO NO FILME PASTINHA UMA VIDA PELA CAPOEIRA, Rio de Janeiro, 1998).

Foi um triste fim, mas Pastinha deixou muitos ensinamentos e fundamentos que foram levados para frente por seus discípulos, Mestre João Pequeno, Mestre João Grande, Mestre Curió.

Capoeira era Pastinha, Pastinha é a própria capoeira, e ele tinha uma consciência disso muito grande. Ele escreveu um livro, ele foi não apenas um homem que praticou a capoeira, ele foi um teórico da capoeira e da dignidade da capoeira, ele achava que um capoeirista deveria ser um homem digno, honrado, descente (JORGE AMADO, DEPOIMENTO NO FILME PASTINHA UMA VIDA PELA CAPOEIRA, Rio de Janeiro, 1998).

Mestre Patinha e Mestre Bimba foram os responsáveis pela difusão da capoeira em outros estados brasileiros, mostrando a forma tradicional de jogar a mesma. Ganharam respeito da sociedade e passam a se relacionar com os intelectuais, na primeira metade do século XX eram as principais referências de capoeira na Bahia.

Anterior e da mesma geração de Mestre Pastinha, tiveram outros mestres que ajudaram a preservar e a espalhar a Capoeira Angola como Daniel Coutinho conhecido por Mestre Noronha traz em seu livro O ABC da Capoeira Angola- Os Manuscritos do Mestre Noronha.

Este livro esta –i- escrito alguns fundamentos da Capoeira do estado da Bahia, primeiro Centro de Capoeira Angola do Estado da Bahia, na Ladeira de Pedra no Bairro da Liberdade²² fundado por grandes Mestre Daniel Coutinho-Noronha- Livino- Maré, Amouzinho- Raimundo- ABR, Percilio- Gerado Chapeleiro- Juvenal Encraxate- Gerado Pé de Abelha- Zehi Feliciano- Bigode de Ceida- Bonome- Henrique- Cara queimada- Ança Preita- Cimento- Algimiro Grande- Olho de

²⁰ Informações retiradas da Reportagem realizada por Roque Mendes.

²¹ Em 1966 Mestre Pastinha teve um Glaucoma e Catarata e perdeu a visão (Reportagem de Roque Mendes).

²² Conhecido como a Roda do Gingibirra, roda formada apenas por Mestre de Capoeira.

Panbo- Estivador- Antônio Galindeu- Antônio Burca de Porco- Argoli-
nha de Candido Pequeno- Ouró Campeão Bahino- Lucio Pequeno-
Paquete do Cabula (MESTRE NORONHA, 1993, p.17).²³

Estes mestres citados acima eram os que formavam a Roda do Gingibirra, na qual foi entregue a Pastinha pelo Guarda Civil Amorzinho²⁴ como dito anteriormente.

Mestre Bola Sete (2001, p.25-27) também traz em seu livro referências de vários capoeiristas que se destacaram nas rodas de capoeira em épocas anteriores como:

Tio Benedito, Cap. Bentinho, Domingos de Magalhães, Canário Pardo, Escalvino, Cândido Pequeno, Rio da Dona, Bento Certoiro, Tio Alípio, Bigode de Seda, Mansu Valente, Pedro Porreta, Barbosa, Bemó do Correio, Manoel Vinte e Hum, João Cachorro Leão, Zacarias Grande, Inimigo sem Tripa, Doze Homens, Barroquinha, Bugalho, Amorzinho, Júlio Cabeça de Leitoa, Manoel Calça Larga, Vitorino Braço Torto, Hilário Chapeleiro, Tibirici da Folha Grosa, Chico Capurminho, Ricardo das Docas, Chico da Barra, Manuel Cabaça, Siri de Mangue, Raimundo Cachoeira, Patu das Pedreiras, Cassiano Balão, Alfredo Raposa, Zé Veneno, Galinho, Najé, Zebedeu, Bastião, Birro Doido, Pacote, Focinho de Porco, Geraldo Pé de Abelha, Samuel Preto, Africano, Percólio Engraxate, Eduardo Carrocinha, Zacarias Pequeno, Pedro Mineiro, Sete Mortes, Henrique Bahia, Cobrinha, Chico Cazumbá, Eulâmpio Passos, Américo Ciências, Curió, Geraldo Chapeleiro, Chico Três Pedações, Cirilo Grande, Antonio Galileu, Samuel da Calçada, Zé Quebra Ferro, Zé Pé Bom, Agé Pintor, Chico Me Dá, João Coqueiro, Zeca Cidade de Palha, Bichiguinha, Zé do Saco, Casaca, Agostinho Pantalona, Teodorio, Fausto Pequeno, Zehyr, Alfeu Balbúrdia, Pedro Agonia, Samuel Branco, Tonho Gordo, Manoel Tié, Felipe Negrão, Paulo Satanás, Duquinha, Clarinho, Aberrê, Querido de Deus, Espinho, Nozinho, Piroca Peixoto, Mirandá, Goite, Traripe, Tibúrcio, Mungungê, Manoel Roseno, Daniel Noronha, Traíra, Sete Molas, Noventa e Cinco, Cutica, Popó Sto. Amaro, Mão de Onça, Galo do Bozo, Quenedí, Daniel Reis, Bilusca Pescador, Velocidade, Nego Velho, Exu, Caboclo, Romão Nego, Juvenal, Pacífico, Vitor H.U, Espinho Remoso, Antônio Maré, Santugri, Livino, Eutíquio, Sinhô Moleque, Cento e Cinco, Nilton M. Paz, Alemão, Onça Preta, Olho de Pombo, Jovem (do Dique Pequeno), Vadú e outros.

Nem todos os nomes citados acima são de mestres de capoeira, entre eles encontram-se nomes de pessoas comuns, de capoeiras que se destacavam, além dos valentões ou desordeiros, como Mestre Noronha descreve em seu Livro- Os Manuscritos de Mestre Noronha. O caráter marcial e marginal do valentão era muito

²⁴ [...] O Aberrê me convidou para eu assistir ele jogar num dia de domingo, quando eu cheguei lá procurou o dono da capoeira, que era o Amorzinho, era o guarda civil, procurou o Amorzinho, o Amorzinho no apertar da minha mão foi e me entregou a capoeira pra eu tomar conta. (MESTRE PASTINHA, DEPOIMENTO NO FILME PASTINHA UMA VIDA PELA CAPOEIRA, Rio de Janeiro, 1998).

associado ao capuêra na época, as rodas de capoeira aconteciam em festas tradicionais da Bahia, segundo Mestre Noronha (1993) eram as essas: a Festa da Padroeira da Conceição da Praia, Festa de Nossa Senhora Santa Barbara, Festa da Santa Luzia Padroeira do Pilar, Festa do Nosso Senhor do Bonfim e outras na qual se reuniam vários mestres e também “capoeiristas com suas gingas de corpo e valentia com suas boca de calças larga chapéu caribenho de 3” (NORONHA, 1993, p.19).

Alguns mestres das gerações seguintes discípulos de Mestre Pastinha, de Mestre Waldemar, de Mestre Bimba também salvaguardaram os ensinamentos que receberam de seus mestres, são eles:

João Grande, João Pequeno, Curió, Boca Rica, Zacarias Boa Morte, Artur Emídio, Avani (do Pero Vaz), Bom Cabelo, Lisboa (de Pastinha), Atanilo (de Bimba), Augusto de São Pedro, Gigante, Arnol Conceição, Ferreirinha (de Santo Amaro), Decânio, Bobó, Pessoa Bababá, Albertinho da Hora, Waldomiro Malvadeza, Gaguinho, Didi Cabeludo, Raimundo Natividade, Paulo dos Anjos, Armando Bigodinho, Pombo de Ouro, Pau de Rato, Américo Brandão, Luiz Pé de Bala, Antônio Diabo, Diogo (da Fazenda Grande), Jair Moura, Sete Molas, Brás Amansa Brabo, Carlos Sena, Acordeon, Camisa Roxa, Filhote de Onça, Vermelho Vinte e Sete, Itapoan, Ezequiel Martins, Bom Cabrito, Nêgo David, Pelé da Bomba, Alindo Veneno, Santo Amaro, Raimundo Pequeno, Gildo Alfinete, Jota Angoleiro, Maurício Vermelho, Galo, Carioca, Ângelo Romano, Roberto Satanás, Antônio Tribuzana, Branquinho, Catugí, Getúlio Cabeção, Marrom (de Cobrinha Verde), Pezinho, Vivi (de Santo Amaro), Boca Rica, Mau, Vítor Careca, Alfredo (de Canjiquinha), Paulo Gomes, Suassuna, Cavaleiro Negro, Arara, Preguiça, Bola Vermelha, Mala, Zé do Lenço, Nô, Serginho (do Pero Vaz), João Dureza, Lua (de Canjiquinha), Sacy, Fernando (do Pero Vaz), Geni Capoeira, Espanhol, Môa do Katendê, Papo Amarelo, Adílson Senzala, Jaime Cuió, Xaréu, Deodato Barbeiro, Burro Inchado, Badoró (filhos de Gandhy), Pedro Moraes, Acarajé, Um por Um, Almir Coice de Mula, Flexa, Caçote, Queixada, Nene (filho de Bimba), Josué Claro, Josué Escuro, Antônio Laranjada, Peixinho, Néson Purrão, Marinheiro, Boa Gente, Francisco Quarenta e Cinco, Mau Elemento, Dois de Ouro, Chuvisco de Ouro, Piloto, Humberto Perez, Roque (do chame-chame), Eliseu Trovoada, Jonas (da Liberdade), Bando, Sérgio (do Pelourinho), Volta grande, Meio Quilo, De Mola, Lustroso, Limão [...] Camisa, Índio (do Mercado Modelo), Dermeval Pé de Chumbo, Miguel (de Valdemar), Lua (de Bobó), Falcão, Angola, Jogo de Dentro, Cobrinha Mansa, Bamba, Dendê, Caladinho, Marrom (de Brotas), Zé Bala, Gerson Quadrado, Angolinha, Juvenal (de Canjiquinha), Elias (de Curió), Jurandi (Filho de João Grande) (MESTRE BOLA SETE, 2001, p. 36-40).

É preciso lembrar que a perpetuação da arte foi dada pela mão daqueles que se debruçaram a ensinar a capoeira, pois sem eles a capoeira teria desaparecido,

além dos mestres já mencionados outros também foram responsáveis e se destacam em outros fundamentos e merecem ser citados como Ezequiel, um grande compositor, Paulo Limão, Gato, um grande tocador, Cobrinha Verde, Caiçara e Canjiquinha que organizam a capoeira em grupos de espetáculos, Paulo dos Anjos, Traíra, Pelé da Bomba, entre outros.

3.4 Capoeira Moderna

Em 1950 é o período de maior fervor da capoeira, possuía praticantes de diferentes camadas da sociedade e passou a ser utilizada em músicas, teatro, danças, artes plásticas, etc.

Neste período, quando se faz referência à capoeira, esta é imediatamente associada à Bahia, que passa a ser considerada o seu berço. Além disso, neste momento, esta manifestação não é mais vista como marca do atraso e da barbárie, mas sim como símbolo da cultura baiana e brasileira. É a partir dos anos 1950 que o berimbau passa a ser usado como um símbolo de identidade da cultura baiana, em especial o berimbau pintado, obra do Mestre Waldemar (TEIXEIRA, 2007, p.42).

Nesta época destacam-se o Mestre Waldemar da Liberdade ao qual já nos referimos anteriormente e Mestre Traíra. Surgem no final dos anos 40 e por toda a década de 50, realizavam suas rodas domingueiras, no bairro da Liberdade e no Chame-Chame (TEIXEIRA, 2007).

Neste momento as rodas, academias das periferias como a de Waldemar e de Traíra, entre outras, estavam em declínio enquanto a de Mestre Pastinha e Mestre Bimba ainda estavam crescendo na década de 1960. Mas esse desenvolvimento não perdurou por muito tempo, entre 1960 e 1970 alguns acontecimentos influenciaram a capoeira na Bahia. Um deles segundo Teixeira (2007, p.43) foi “o início do processo de esportivização da capoeira, homologado em 1972 pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), que submeteu a prática da capoeira às regras do pugilismo”. Aqui se inicia a tentativa de unificação da capoeira (Angola e Regional), realizações de campeonatos nacionais, veem o capoeira como um atleta esquecendo-se de todos os saberes e ritos tradicionais. Outro marco foi o início da “folclorização da cultura negra na Bahia”, associado ao turismo (TEIXEIRA, 2007, p.43).

A descaracterização da Capoeira Angola começou com a formação de grupos folclóricos, quando o capoeirista deixou os terreiros e passou a exhibir-se em palcos teatrais. Nesses grupos, o único objetivo é agradar aos turistas [...]. Outro fator que contribui para a descaracterização da Angola foi a adesão de praticantes de outras lutas na prática da capoeira e vice-versa, passando, desta forma, a acrescentar novos movimentos, totalmente estranhos à Capoeira Angola, tornando-a uma espécie de vale-tudo (MESTRE BOLA SETE, 2001, p. 186).

Ainda na década de 60 e 70 surgem dois mestres que se enquadram e ajustam a capoeira “às novas exigências do folclore, estilizando as manifestações, transformando o jogo/ritual em show”, Mestre Canjiquinha e Mestre Caiçara, de acordo com Teixeira (2007, p.44). Nessa perspectiva de espetáculo a capoeira dava muito mais rentabilidade do que o ensinar em academias, assim afetou o funcionamento das mesmas e a formação de novos capoeiras.

A capoeira utilizada como espetáculo, em apresentações para turista ver tinha grande influência da Ginástica de Solo e de Acrobacias, nesse momento começa-se a fazer jogos ensaiados, rápidos, com piruetas e com muitas firulas. Se observarmos os mestres antigos jogando vamos ver como eram bons com um jogo simples, sem mega acrobacias, que mais parece circo do que capoeira.²⁵

A Divulgação da Capoeira para os demais estados e para o mundo também se deu por meio de filmes como, por exemplo, o Pagador de Promessas de 1962, escrito por Anselmo Duarte baseado na peça teatral de Dias Gomes, além do filme o Livro de Jorge Amado Capitães da Areia de 1937.

Essa expansão da capoeira fez com que vários mestres fossem para diferentes estados brasileiros para mostrar a capoeira da Bahia. Na década de 1950 o Rio de Janeiro recebeu muitos capoeiras e o principal foi Arthur Emídio, vindo de Itabuna região do cacau na Bahia (TEIXEIRA, 2007).

Segundo Teixeira (2007), a capoeira realizada por Arthur Emídio, não se relacionava com a de Mestre Pastinha nem a de Mestre Bimba, consistindo em movimentações velozes e eficazes marcialmente, além disso, manteve os instrumentos e fazia apresentações folclóricas. Sua academia se localizava na Zona Norte do Rio de Janeiro, Mestre Arthur Emídio foi mestre de Leopoldina, Celso do Engenho da Rainha, Paulo Gomes, Djalma Bandeira e Vilma importantes mestre cariocas.

²⁵ Informações retiradas de explicações de Mestre Luiz nas aulas de Capoeira.

Já na Zona Sul outra organização começava a surgir, por quatro capoeiristas, dois com experiência da capoeira do Mestre Sinhozinho (Gato e Gil Velho) e dois que acabara de voltar da Bahia (Rafael e Paulo Flores), após treinar alguns meses com Mestre Bimba, isso em 1964 e “em 1966, Mestre Bimba esteve no Rio para realizar o show folclórico Vem Camará e visitou os jovens, que haviam se auto intitulado Grupo Senzala” (TEIXEIRA, 2007, p.45).

O Grupo Senzala misturou os ensinamentos de Mestre Bimba com os movimentos e instrumentos da Capoeira Angola e também possuem influências das artes marciais principalmente o Karatê, não se definindo em nenhuma nem Angola nem Regional, é importante esclarecer que visavam a esportivização da capoeira.

Além desses, Carlos Sena, também aluno de Mestre Bimba cria uma nova forma de praticar capoeira a partir dos ensinamentos recebidos. De acordo com Matthias Rohrig Assunção (2005) apud Teixeira et al (2007, p.46),

O que distinguia Sena era sua crítica à estagnação do folclorismo cultural das exibições de capoeira e seu esforço para esportivizar a capoeira. Ele criou um elaborado sistema de regulamentações formais que supostamente regeriam treinos e rodas. Sena, entre outros, proclamou ter inventado o sistema de cordas e sistematicamente utilizava uma saudação para capoeira: “Salve”. As regras inventadas por ele agradaram as forças armadas e simpatizantes do regime militar. Ele também contribuiu para as Regras Técnicas da Capoeira adotadas pela Confederação Brasileira de Boxe, em 1972. Durante os anos 1960, Sena foi frequentemente considerado representante de um novo estilo, diferente da capoeira angola e regional, usualmente chamado de capoeira Estilizada ou Senavox.

A Senavox iniciou bem, mas não perdurou por muito tempo,

Quanto à polêmica em relação à criação do sistema de cordas, o certo é que seu uso foi institucionalizado em 1972, apoiado pelo nacionalismo militar. A Confederação Brasileira de Boxe determinou que a capoeira, assim como acontecia com as artes marciais orientais, deveria graduar seus alunos, mas ao contrário das faixas, utilizaria “cordéis” com as cores da bandeira brasileira: branco, verde, amarelo e azul (TEIXEIRA, 2007, p.46-47).

A partir dos anos de 1970 esse sistema de cordas predominou, disseminando essa nova forma de praticar capoeira pelo Brasil e no mundo. Além do Grupo Senzala outros grupos na mesma perspectiva apareceram no Rio de Janeiro como Abadá Capoeira e Capoeira Brasil. Na capital de São Paulo desde 1960 outros mestres baianos começaram a ensinar capoeira como: Suassuna, Brasília, Joel, Gilvan, Paulo Limão, Silvestre, Ananias e durante os anos 1970, Airton Onça e Acordeon. Em

1974 criaram a Federação Paulista de Capoeira, na qual defendia regulamentações esportivas criadas para a capoeira. Os principais grupos que surgiram em São Paulo foram Cordão de Ouro e Cativoiro (TEIXEIRA, 2007).

A capoeira se espalhou com mais facilidade no Nordeste brasileiro e com essa expansão é levada também para o Sul do Brasil, no Paraná, não se sabe ao certo quem foi o primeiro a chegar. A capoeira no Rio Grande do Sul teve como “um dos pioneiros no final da década de 1970 para 1980 o Mestre Cal (Henry Xavier), depois foi o Mestre Índio (Manoel Olimpio de Souza) que era baiano, após o Mestre Monsueto (Ananílson de Souza)” (DORNELLES e GOELLNER, 2011).²⁶

Em Santa Catarina mais especificadamente em Florianópolis os registros apontam que o primeiro a chegar foi Mestre Pop em 1977. E no final de 2004 chega à cidade a Escola de Capoeira Irmãos da Beira Mar de Angola (ECIBA) a qual será retratada mais adiante.

Essa movimentação dos anos 60, 70 fez surgir um novo “estilo” de capoeira a qual alguns chamam de Capoeira Contemporânea com modificações nos princípios filosóficos, na movimentação, no ritual, na essência do capoeira, transformando a capoeira sem preservar os ensinamentos dos antepassados. Como diria Mestre Patinho-MA podemos “Inserir o Novo no Velho, Sem Molestar Raízes”. Uma pequena frase que simplifica o que não ocorreu.

Nesse movimento de mistura dos fundamentos da Capoeira Angola e da Capoeira Regional surge à capoeira Moderna e com esse modelo surge uma Mercantilização, cujos grandes grupos, corporações e associações visam ganhar dinheiro, começa-se uma disputa de mercado, criam-se rótulos que antigamente eram distintivos simbólicos de mandinga e força, mas hoje são apenas rótulos ou marcas influentes da publicidade e do marketing.

Segundo Mestre Curió “onde corre muito dinheiro não há sinceridade, que é o dinheiro que fala mais alto e a cultura deixa de ser conservada justamente por isso, é o comercio, eles estão comercializando, eles não estão preocupados em dar continuidade naquilo que é nosso, no que os nossos antepassados deixaram (DEPOIMENTO

²⁶ Entrevistas realizadas com Mestre Churrasco em 2011, para a construção do trabalho de conclusão do curso de licenciatura em educação física de Ederson Alberto Teixeira Dornelles, intitulado Monsueto, Alves e Churrasco: a reconstrução da história dos primeiros mestres de capoeira em solo gaúcho.

MESTRE CURIÓ, DOCUMENTÁRIO PASTINHA UMA VIDA PELA CAPOEIRA, 1998).

Acabando na criação de uma atmosfera de guerra com rodas violentas e agressivas e hoje cada vez mais é comum ver na roda agarrões e chaves de braço, o asfixiante para autodefesa de Mestre Bimba virou soco na cara. Castro Junior (2004, p.153) diz “o Mestre João Pequeno comenta que antigamente a capoeira era mais perigosa e menos violenta, hoje, a capoeira é mais violenta e menos perigosa [...] Antigamente o capoeirista guardava o golpe para cobrar depois”.

A capoeira como luta sempre foi uma arte perigosa, as rodas antigas eram nas periferias e a malandragem sempre circulou pelas rodas, mas a violência não era explícita, pelo contrário. O bom malandro era respeitado e os bons capoeiras já não se tocavam em público, apenas se marcavam, mostrando suas destrezas.

Os depoimentos dos antigos mestres evidenciam um código de ética da capoeira, “ética da malandragem”, qual consiste na preservação da ritualidade, dotada de regras próprias e que são transmitidas de geração para geração e a revitalização da mandinga, da malícia como elemento fundamental da capoeira (VIEIRA, 1995 apud CASTRO JUNIOR, 2004, p. 153-154).

Mas enquanto agente tiver esse pensamento de mostrar que é bom só batendo e machucando as pessoas, a capoeira nunca vai chegar no seu lugar determinado que ela tem que estar como era no passado. Tinhas as perversidades? Tinha, mas dentro da malandragem, dentro da técnica, dentro da realidade da coisa, que pra mostrar que é bom, não precisa se bater em ninguém (DEPOIMENTO DE MESTRE CURIÓ, DVD).

4 A CAPOEIRA ANGOLA E A ESCOLA ECIBA - MODIFICAÇÕES E AVANÇOS

4.1 Os Idealizadores, uma pequena História.

- **Mestre Biriba**

Albrantino Marques de Souza conhecido na capoeira por Mestre Biriba nasceu no dia 15 de Setembro no ano de 1961, na cidade de Porto Alegre, e começou a praticar capoeira com Mestre Índio (Manoel Olímpio de Souza) em 1977, com idade entre 16-17 anos, através do incentivo de seu irmão Mestre Kunta Kintê, que já praticava capoeira com Mestre Índio. Após um, dois anos de insistência de seu irmão, Mestre Biriba começou a praticar capoeira, mas o que realmente despertou seu interesse foi que um dia ele estava participando da roda de Mestre Índio, e o viu fazer um movimento que lhe chamou atenção, esse movimento era com a perna bem alta, bem desenhada e a partir desse movimento decidiu entrar para a capoeira, para aprender a fazer o tal movimento e somente esse e não pensava em dar continuidade, apenas o aprendizado desse movimento lhe bastaria.

De acordo com Mestre Biriba foi a melhor coisa que ele fez, pois a capoeira lhe deu alicerce para a construção de sua formação de homem e cidadão, lhe deu linha, orientação, coragem, um novo jeito de vida.

A sua primeira aprendizagem foi com a Capoeira de Rua, que era a que Mestre Índio praticava, segundo ele era uma Capoeira Regional, mas de acordo com Mestre Biriba na realidade era uma mistura de movimentos da Capoeira Regional com movimentos da Capoeira Angola e a malandragem da rua, pois segundo Mestre Biriba a Capoeira Regional tem sua metodologia, tem seu fundamento musical, suas regras, sua essência e segundo Mestre Biriba eles (o grupo de Mestre Índio), não eram doutrinados a esses ensinamentos.

Anterior a capoeira, o esporte preferido de Mestre Biriba era o futebol, jogava todos os dias, sempre estava jogando uma “pelada” com os amigos. A partir do momento que a capoeira em sua vida, abdicou de tudo, até do futebol. A capoeira tornou-se uma prática frenética em sua vida nos seus primeiros vinte e cinco anos de aprendizado. A roda de capoeira, os treinos, o encontro com seus colegas que treinavam junto com ele, o encontro com seu Mestre (Mestre Índio) e outros mestres, se

tornou “um tudo” em sua vida. Segundo as palavras do Mestre Biriba os primeiros vinte e cinco anos de capoeira, foram latentes, uma prática frenética, a capoeira esteve sempre presente e muito forte.

Mestre Biriba perdeu seus pais muito cedo e conta que a capoeira o fortaleceu, o sentimento que tinha de perda de seus pais, a capoeira preencheu através de conteúdos, através dos ensinamentos de capoeira, através do seu relacionamento com outros capoeiras.

No final de 1983 para 1984, Mestre Biriba vai morar em Santa Maria a convite de Mestre Índio, pois Mestre Índio havia levado seu irmão, Mestre Cacau para dar aula lá, Mestre Cacau foi o primeiro a iniciar um trabalho de capoeira em Santa Maria, mas ele ficou apenas três, quatro meses e voltou pra Bahia.

Mestre Biriba estava saindo da adolescência e segundo ele não tinha base para começar um trabalho de capoeira, não se sentia preparado e maduro para tocar um trabalho. Mas de acordo com Mestre Biriba, a sua ida para Santa Maria, foi uma das fases mais marcantes dentro de sua trajetória na capoeira, nem mesmo ele sabia a repercussão que isso teria. Tiveram momentos em que chegou a ter duzentos, duzentos e poucos alunos treinando na academia todos pagavam mensalidade, Mestre Biriba fazia suas rodas tradicionalmente aos sábados no Calçadão da cidade que é um ponto turístico, rodas que eram frequentadas por todas as pessoas, intelectuais da cidade, políticos, médicos, pela sociedade em geral.

Foi uma época que realmente foi a melhor na vida da capoeira, foi a que mais me empolgou em todos os sentidos. Essa vinda pra cá com força, com fé, mas eu não tinha nenhuma perspectiva, não tinha uma certeza de que algo ia dar certo, e aqui eu construí família, eu fui pai, sou pai de dois filhos (p.108).

Após dezesseis anos que estava ao lado de Mestre Índio, Mestre Biriba e seu irmão Mestre Kunta Kintê, ir buscar a Capoeira Angola, pois acreditavam que a Capoeira Angola tinha mais fundamentos, uma coisa de sentimento, de família, uma musicalidade diferenciada a qual chamava a atenção de Mestre Biriba, por ser mais ritmada, suingada, compassada e que era uma coisa que não tinham.

Mestre Biriba buscava aprofundar-se na raiz da capoeira ao conhecer velhos mestres, através de livros, de registros antigos, uma procura com a vontade de se inserir mais na história, de conhecer mais a Capoeira Angola. Quando praticava ca-

poeira com Mestre Índio o que priorizavam era o jogo de velocidade, era uma coisa meio comercial, segundo as palavras do Mestre Biriba. Desta forma para ele faltavam esses conteúdos.

Mas ainda em Santa Maria tinha ligação com Mestre Índio, chegou à cidade, como professor, após foi graduado Contramestre, em seguida veio à primeira Mestria e chegou a ganhar a segunda mestria. Mestre Índio possuía quatro hierarquias para mestrias sendo a Primeira usava-se Cordel de cores Verde e Branco, a Segunda mestria era Amarelo e Branco, a Terceira era Azul e Branco e a Quarta mestria era a corda Branca, essa é a mais avançada das mestrias.

Mestre Biriba realizava eventos em Santa Maria chamado- Batizado o qual o aluno recebe uma graduação, seja professor, trenel, contramestre. Nesses eventos tinha-se a presença de Mestre Índio também, de Mestre Kunta Kintê e outros mestres variados que eram convidados para participarem. Essa parceria durou por mais algum tempo e após Mestre Biriba se separa definitivamente de Mestre Índio, pois seu mestre tinha sua ideologia e filosofia e Mestre Biriba estava buscando a sua.

Então se iniciou dentro do grupo de Mestre Biriba, um movimento de mudanças, pois ele havia deixado de praticar a filosofia, o ritmo e o jeito de Mestre Índio, essa separação ocorreu porque Mestre Biriba, passou a discordar dos ensinamentos de seu mestre, que segundo ele faltava conteúdo, como dito anteriormente, de acordo com as palavras de Mestre Biriba, *faltava à humanização, faltava raiz, era muito superficial, era uma coisa muito comercial e o comércio estraga a raiz, ao meu juízo* (p.108).

A partir dessas mudanças as coisas começaram a tomar certo declínio, pois quando Mestre Biriba colocou seus alunos para pensarem a capoeira, para estudarem, para formalizarem os ensinamentos e criarem uma coisa juntos, perdeu 99,5% de seus alunos. Segundo Mestre Biriba, *o brasileiro tem isso, agente gosta daquela coisa que vem pronta e enlatada, que não precisa parar pra pensar* (p.108).

Mesmo com o declínio daqueles que diziam serem seus companheiros de fé e de estudo da capoeira, Mestre Biriba nunca deixou de ser capoeira, é até hoje e não vai deixar de ser.

No final de 2004 foi morar em Florianópolis juntamente com seu companheiro de estudos Luiz (na época era professor de capoeira), e juntos começaram um trabalho de capoeira em Florianópolis. No final de 2008, Mestre Biriba volta para Santa Maria, mas continua a visitar a escola ECIBA, que foi fundada por seu discípulo Mestre Luiz e por ele.

Mestre Biriba teve a oportunidade de ir para a Europa junto com Mestre Leopoldina, conheceu vários mestres em sua trajetória de capoeira, trocou informações, enriqueceu-se de outras manifestações culturais. Hoje Mestre Biriba possui cinquenta e cinco anos de idade e trinta e nove anos de capoeira. Hoje é reconhecido e respeitado por conta da capoeira, a partir da mesma construiu uma família, amigos e é um dos mestres que detém e que esta salvaguardando os fundamentos dessa arte chamada Capoeira.

- **Mestre Luiz**

Mestre Luiz (Luiz Tadeu Fröhlich Filho), filho de Clarice Dutra Fabrício e Luiz Tadeu Fröhlich, nasceu em 23 de Fevereiro de 1981, na cidade de Santa Maria, e foi morar em São Luiz Gonzaga, região missioneira no Alto Uruguai. Retornou para a cidade de Santa Maria aos 5 anos de idade, com mais ou menos 8 anos de idade ao acompanhar a sua mãe no centro da cidade teve o contato com a Roda de Mestre Biriba no Calçadão que já era tradicional, foi no final dos anos de 1980 que o conheceu. Também teve o contato em sua escola na qual um aluno de Mestre Biriba conhecido por Patife (Nando) dava aulas de capoeira, mas até então não se interessava. Começou a praticar capoeira sistematicamente com 15 pra 16 anos de idade no ano de 1997 até os dias de hoje.

A sua motivação maior para praticar capoeira foi em um momento de grande febre que a capoeira vivia em 1990, de acordo com Mestre Luiz ele se interessou pela capoeira quando mais novo, porque seus companheiros, seus amigos, seu círculo de amizade já estavam na capoeira. Desde muito cedo, ele era um “moleque solto”, estava sempre na rua, segundo as palavras do Mestre Luiz, ficava de certa forma marginalizado. Atrás de sua casa tinha o Parque chamado- Itaembé onde jogava futebol, basquete e outros esportes, sempre numa característica de ser de rua, tinha-se uma cultura “da molecada solta”.

O momento que Mestre Luiz inicia a capoeira segundo ele era um período bem difícil de sua vida, era o caçula, sua mãe que não era organizada em termos econômicos e tinha seu pai ausente. Nesse período ia muito mal à escola, estava muito solto na rua e aí começou a praticar capoeira. Na verdade Mestre Luiz via que essa busca pela capoeira nesse momento de sua vida, era uma busca pelo pertencimento, de fazer parte de um clã.

A figura do mestre é muito importante para o capoeira, essa figura passa a ser daquele que orienta, que dá conselhos e o principal, é que é através do mestre que temos a fonte dos saberes ancestrais da capoeira, pois ele guarda os fundamentos e aos poucos vai passando, compartilhando com seus discípulos. Assim como meu mestre (Mestre Luiz) é uma pessoa muito importante pra mim, Mestre Biriba foi uma figura fundamental para Mestre Luiz, segundo as palavras de Mestre Luiz, o Mestre Biriba foi uma oportunidade de conhecer a figura e a história do negro, via Mestre Biriba como uma figura masculina de autoridade, de respeito, principalmente na época em que não tinha seu pai presente.

O Biriba depois virou sempre uma figura, não só ideológica, mas mítica, o reencontro com o negro. Na minha comunidade agente não tinha muitos negros, os negros em Santa Maria estavam mais localizados nas periferias e uma cidade predominantemente branca, embora hoje em dia tenha um movimento negro bem forte, mas no final dos anos 80, nos anos 90 com certeza ainda muito preconceituosa, uma cidade interiorana, uma cidade que pertence aos coronéis das fazendas, pertence aos lojistas mais antigos, uma cidade de comércio, mas também uma cidade dos estudantes que sempre permitiu que existisse uma galera livre na cidade, uma galera subversiva que se relacionava, mas o negro era uma pessoa ausente, o Biriba era talvez fosse o Mito na cidade um negro importante (p.91).

Para cada pessoa a ação da capoeira é diferente e as pessoas a buscam por diferentes motivos, na entrevista realizada com o Mestre Luiz coloca, como ele era visto antes e depois da capoeira, *vejo que a capoeira naquele momento foi uma escapatória e uma troca de clã, eu deixei de ser daquele clã da rua pra ser de um clã que se apresentava na rua* (p.91). Ele não era filho de fazendeiro nem de lojista, desde os oito anos de idade ficava em casa, fazia sua comida, já se virava sozinho enquanto sua mãe fazia faculdade de artes. De acordo com as palavras do Mestre Luiz,

De repente tu não é mais um João ninguém tu é o Luizinho, que joga na roda do calçadão, que os teus colegas de escola já começam a te enxergam como alguém diferente e as pessoas começam a te respeitar diferente. O meu próprio grupo social da rapaziada da rua passou a me respeitar também mais do que já respeitava, passei a ser respeitado pelo do Mestre Biriba que era um clã respeitado [...] (p.91).

Como nos conta em sua entrevista, Mestre Luiz quando entra para a capoeira, passa a ficar neutro, pois o Clã dos Capoeiras se relacionava com todos da cidade, era como se fosse um clã neutro, porque tinha gente de tudo que era lugar, de diferentes gangues, mas que ali se relacionavam e aprendiam a ser gente.

A trajetória do Mestre Luiz começou com o Grupo Chamado Netos de Oxossi, que segundo ele era um grupo ainda meio que capoeira Oxossi da família do Mestre Índio (Mestre do Biriba), sendo esse um dos maiores grupos de Capoeira do Rio Grande do Sul em todos os tempos. Mestre Índio era a figura central, a capoeira tinha um treinamento bem quadrado com aquecimento, com polichinelos, abdominais, flexões e depois se faziam movimentos de capoeira. Nessa época usavam corda (Cordel), sua formação dentro do grupo foi bem rápida, foi batizado²⁷ pelo Mestre Kunta Kintê (irmão de Mestre Biriba) e no mesmo ano ganhou a corda verde e amarela.

De 1997 a 1999 foi um período intenso onde ele treinava de manhã, de tarde e a noite, nas palavras de Mestre Luiz “foi um intensivo”, um ano após estar treinando começou a dar aula para sua primeira turma com quatro crianças. Nesse meio tempo aconteceram algumas mudanças dentro do grupo e Mestre Biriba foi morar para Porto Alegre e Mestre Luiz juntamente com Mestre Militar um de seus companheiros passa a assumir o trabalho de realizado por Mestre Biriba.

Mestre Luiz relata em sua entrevista, que esse é um segundo momento de aprendizagem. Primeiro ele esteve no Grupo Netos de Oxossi com seu Mestre- Mestre Biriba, onde nesse grupo tinha-se um sentimento de união, tinham essa característica de ser um clã bem unido. E o segundo momento como relata foi a sua parce-

²⁷ Batizado é realizado com os alunos, onde o iniciante joga com um professor, contra mestre ou mestre e a Rasteira era o Batismo. Depois recebia a corda de uma madrinha se fosse homem ou padrinho se fosse uma mulher. Com um ar de iniciação, porque antes disso tu não tinhas corda, depois passava a usar. (Informações dadas pela entrevista, mas a explicação do que realmente era o batizado foi no dia 13/06/2016).

ria com Militar, que lhe trouxe um aprendizado enorme, foi ele quem o ensinou a fabricar berimbaus, sendo ele um incentivador dos seus primeiros berimbaus.

Quando Mestre Biriba foi embora para Porto Alegre, segundo Mestre Luiz acabou o chão deles, pois quem mantinha a capoeira unida em Santa Maria era o Mestre Biriba, no momento em que ele saiu o grupo se desfez, pois *a guerra de vaidades que tinha dentro do grupo virou uma guerra pessoal entre os capoeiras do grupo e cada um foi pro seu lado* (p.93).

Mestre Luiz durante a sua trajetória na capoeira, foi para a Bahia pela primeira vez em 1999 em busca das raízes, para conhecer melhor a capoeira, foi ao seu berço. No mesmo ano teve um problema grave de saúde e foi morar para Porto Alegre para realizar o tratamento com um médico da capital. Continuou morando em Porto Alegre porque passou no Vestibular de Educação Física, no Centro Universitário Metodista- IPA, em Santa Maria havia feito supletivo e terminou o 2º grau.

Em Porto Alegre durante os anos que cursou a graduação de Educação Física de 2000-2004, Mestre Luiz no primeiro mês da sua graduação, se envolveu numa Organização Não Governamental (ONG) chamada Parceiros Voluntários e começou a ensinar capoeira, no Morro Santo Antônio para crianças da Maria Degolada, na comunidade da Maria da Conceição. De acordo com Mestre Luiz, em Porto Alegre, foi um mergulho na comunidade, foi o oposto de Santa Maria, que era uma cidade predominantemente de pessoas com a cor de pele branca, inclusive o grupo do Mestre Biriba. Em Porto Alegre no Morro Santo Antônio, as crianças da Maria Degolada eram 99% de cor negra. *Foi muito legal, foi o Luiz chegar lá no Instituto de Assistência e Proteção a Infância e começar a aprender a ensinar de verdade, provar pra mim mesmo e aprender a ensinar* (p.94).

As aulas duraram os Quatro anos de sua graduação, aconteciam as 3ª, 5ª feiras com uma hora e meia de treino, sábado eram duas horas de treino e aos domingos Mestre Luiz e Mestre Biriba, pegavam as crianças às 09h00min no Morro Santo Antônio e as levavam até o Brique da Redenção, para fazerem a roda. Durante esse tempo de trabalho, Mestre Luiz proporcionou para essas crianças várias experiências dentro da Centro Universitário Metodista- IPA, levando-os para participarem de rodas de capoeira composta por ele (Mestre Luiz) e as crianças que ensinava, levou-as também para participarem das Cadeiras de Práticas de Ensino como: aulas de

atletismo, de futebol, de dança. *Cheguei a ouvir da boca do Mestre Churrasco, o Biriba é testemunha disso, que aquelas crianças eram frutos da Capoeira Angola do Rio Grande do Sul* (p.94).

Seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi sobre o trabalho que realizou no Morro Santo Antônio, com o grupo de crianças que formou, com idade entre seis, sete anos de idade a quatorze, quinze anos de idade, todos eles já tocavam, cantavam e jogavam. No seu TCC, fez uma relação da importância desse tipo de trabalho e da relevância da Capoeira Angola em cima da ideia da Capoeira Regional, não desmerecendo a capoeira regional, mas entendendo que a deturpação dos fundamentos da capoeira regional, podem se tornar perigosos em uma comunidade, como a Maria Degolada. *A capoeira regional tem movimentos desequilibrantes, traumatizantes, asfixiantes, coisas que são típicas da finalização, uma coisa mais agressiva e a Capoeira Angola não, se ela é mal guiada com certeza também ela vai ter problemas, mas aí ela não vai ser angola. Angola não pode ter esse fundo de luta por lutar, numa comunidade, ainda mais uma comunidade violenta como era a Maria Degolada* (p.94).

Sua saída de Porto Alegre foi bem difícil, pois já ele estava apegado às crianças porque ele e as crianças, já tinham construído uma relação de carinho muito forte. Mas ele não queria morar em Porto Alegre, assim no final de 2004, Mestre Luiz após concluir o Curso de Educação Física, foi morar em Florianópolis junto com Mestre Biriba e lá começaram um novo trabalho de capoeira.

Durante essa trajetória na capoeira Mestre Luiz, conheceu alguns mestres como Mestre Patinho do MA, Mestre Nelsinho do MA, Mestre Churrasco do RS, Mestre Curió, Mestra Jararaca, Mestre Lua Rasta, Mestre Pelé da Bomba, Mestre Bamba, Mestre Lua Bobó da Bahia, Mestre Leopoldina, Mestre Bartelemei, viajou pra vários lugares em busca de conhecimento da capoeira.

Foi formado Contra Mestre no ano de 2008, em 2011 foi formado Mestre por Mestre Biriba (seu Mestre), apoiado pelo coletivo de mestres presentes, sendo eles: Mestre Pelé da Bomba, Mestre Nelsinho e Mestre Patinho.

Em Florianópolis, Mestre Luiz realiza um trabalho social na BAFL há 12 anos, trabalhou também no Centro Comunitário do Ribeirão da Ilha, no Clube Social Peli-

cano (dentro da BAFL) e na Escola Tempo de Despertar no Campeche. Possui um trabalho no Rancho da Canoa do Seu Getúlio também no Campeche, dá aulas de Capoeira Angola na Escola da Fazenda como oficina extracurricular, mas foi o responsável por introduzir a Capoeira Angola no currículo da escola, crianças da Educação Infantil ao 9º Ano praticam Capoeira Angola dentro da Educação Física.



4.2 Sobre a Escola ECIBA

Aqui será descrito como surgiu a Escola de Capoeira Irmãos da Beira Mar de Angola (ECIBA) e como se trabalha com a Capoeira Angola nesta Escola. Antes de iniciar falando especificamente sobre a escola é preciso esclarecer o processo de criação como chegou até aqui com essa nomenclatura e com essa proposta.

Mestre Luiz e Mestre Biriba se conheceram em 1997, dali pra frente construiu-se uma relação de mestre e aluno passando para uma parceria de vida. Neste período o grupo era denominado *Netos de Oxossi*, *Filhos de Oxossi é a Associação do meu mestre, do Mestre Índio, Netos de Oxossi que agente botou Netos de Oxossi que era o nome do nosso grupo, meu e do meu irmão no caso* (MESTRE BIRIBA, p.109).

Usavam corda (cordel), não tinha uma forma de montar a bateria, era um *treinamento pesado, se treinava capoeira pra bater, era uma capoeira marcial, e se incentivava nessa época muito pouca a musicalidade, embora a galera fosse boa de som, a galera era boa de ritmo* (MESTRE LUIZ, p.93).

Depois como Mestre Biriba conta em sua história ele se separa do seu mestre para então buscar aquilo que ele acreditava que faltava. No ano de 1999 deixam de ter ligação ao grupo do Mestre Índio e fundam o grupo chamado Associação de Capoeira Raízes do Sul composto pelo Mestre Biriba e pelo Mestre Kunta Kintê. Nesse grupo houve algumas reestruturações e criaram-se alguns desgostos dentro do grupo, pois nem todos concordavam com essa separação, principalmente Mestre Patifinho que manteve a camisa Oxossi e ficou separado. Aqui nos localizamos com o depoimento de Mestre Biriba quando diz anteriormente que quando colocou o grupo para pensar outra forma de praticar capoeira teve uma evasão muito grande de alunos, em consequência disso Mestre Biriba vai para Porto Alegre nesse mesmo ano.

Quando Mestre Biriba vai morar em Porto Alegre o Mestre Luiz, junto com o Mestre Militar (um dos alunos do Mestre Biriba) assumem a Associação de Capoeira Raízes do Sul que era sediado na Academia Forma. Depois de um tempo o grupo se dissolveu mais ainda,

[...] durante todo esse processo, quando agente trocou pro Raízes do Sul, a gente trocou e toda a discussão da corda acabou bagunçando tudo, do tipo Pra que usar corda? Fui pra Bahia a primeira vez em 99 e ali que eu consegui conhecer a Capoeira Angola e a Capoeira Re-

gional de verdade [...] Eu e o Militar agente divergia disso, ele queria Capoeira Regional cegamente sem estudar a fundo o que era uma, o que era a outra e muito menos sem estudar a raiz dele [...] Agente discutiu muito entre nós e acabou gerando uma divergência política sobre isso e eu dizia que agente não era regional, que não tinha cabimento agente ser regional a partir do princípio que era um berimbau e dois pandeiros e agente nunca tinha visto isso na roda do Mestre Biriba (MESTRE LUIZ, p.94).

Aqui culminou na ida de Mestre Luiz para Porto Alegre também por conta de um problema de saúde. Fundou, assim, em Porto Alegre, o Grupo denominado Conjunto de Capoeira Angola do Morro Santo Antônio, que teve duração de quatro anos, o tempo de sua graduação, o qual Mestre Biriba o acompanhava.

No final de 2004, Mestre Luiz e Mestre Biriba fundam ainda em Porto Alegre a Escola de Capoeira Irmão da Beira Mar de Angola (ECIBA) e vão morar em Florianópolis.

Quando eu me formei na faculdade eu me desliguei do Morro Santo Antônio e vim pra Florianópolis e como já tinha anos de trabalho voluntário lá de 2000-2004, cheguei aqui no final de 2004 e aí fui procurar o Coronel Paixão, na Base Aérea de Florianópolis, que na época era o Capitão Paixão [...] Eu pensei, bom se eu estou num trabalho social em Porto Alegre e aquilo fez tão bem pra mim né, vou continuar fazendo um trabalho social o grupo e aí esse grupo chama Escola de Capoeira Irmãos da Beira Mar de Angola (MESTRE LUIZ, p.95).

As aulas de capoeira da escola ECIBA, iniciaram no projeto social da Base Aérea de Florianópolis (BAFL) chamado Caravana do Ar, aconteciam aos domingos de quinze em quinze dias, após algum tempo passou a ter todos os domingos sem intervalo.

Como ambos (Mestre Luiz e Mestre Biriba) tinham esse anseio da busca pela raiz, após muitos estudos e discussões que acabou sendo apenas entre eles, de acordo com Mestre Luiz *isso era instiga minha de querer entender a história e de querer estudar de verdade acabou me levando pra nossa raiz, tentar construir a nossa linhagem acabou me levando pra nossa raiz (p.101).*

Depois de visitar a Bahia pela primeira vez em 1999, foi mais algumas vezes sistematicamente, todas as vezes que eu fui pra Bahia eu sempre acabei visitando o Mestre Curió, eu diria que a minha busca pela capoeira angola e pela da nossa raiz foi despertada pelo Mestre Curió (p.95).

Acabou optando-se pela Capoeira Angola, pelo ensino da mesma porque segundo o Mestre Luiz (p.102):

Via na capoeira angola muito mais a corporeidade do negro, muito mais a corporeidade do índio do que na capoeira contemporânea, na capoeira de rua, a capoeira de rua eu via um comportamento do feitor constante assim, sempre um querendo bater no outro, um querendo subjugar o outro, sempre alguém querendo ofender o outro, o sorriso às vezes sumia na roda e virava uma cara de brabo ou uma cara de ringue mesmo de agora vou me vingar. E Mestre Biriba pelos dois aspectos que falou em sua entrevista o e a Capoeira Angola tem mais essa coisa de irmandade, uma coisa mais familiar e a musicalidade que é uma coisa que o envolve, o faz feliz. Eu optei pela Capoeira Angola por isso, pelo resgate da linhagem, aí os contatos com o Pelé da Bomba foram importantes, o reencontro da ancestralidade, eu acho que eu fui pelo caminho certo (MESTRE LUIZ, p.102).

A criação da ECIBA é decorrente de uma busca pela raiz, pela linhagem, pela ancestralidade, pela capoeira mãe e nela encontram-se os fundamentos da velha capoeiragem, dos velhos mestres, com princípios filosóficos, com uma forma de pensar capoeira, pra inserir e não excluir, entre outros. O pensar a prática da capoeira angola é constante nesse processo de construção desde o nome da escola.

Quando agente foi fundar a ECIBA eu já era muito mais impregnado pelo universo do professor, muito desvalorizado no nosso país [...] Mas eu pensando nisso como agente precisa aprender a valorizar o professor e a palavra professor como uma pessoa importante e aí agente pensou na palavra escola. O nome da escola teve influência veio de Mestre Caiçara que tinha a Academia São Jorge dos Irmãos Unidos de Mestre Caiçara e de Mestre Curió que tem a Escola de Capoeira Irmãos Gêmeos (ECAIG). Agente pensou nisso precisava ser um nome grande pra seguir a tradição das antigas escolas e precisava remeter a palavra escola como um lugar de aprender capoeira e não só um lugar de treinar, e separando essa ideia da academia, da associação do grupo. A denominação Irmãos da Beira Mar de Angola foi dada pela seguinte forma por sermos dois, Biriba que não éramos mais Mestre e aluno, mas éramos parceiros de capoeira, acabou que virou Irmãos da Beira Mar de Angola, porque agente estava vindo pra beira mar, agente tava vindo duas pessoas que sempre gostaram da praia (MESTRE LUIZ, p.95-96).

Ao construir o grupo, Mestre Luiz e Mestre Biriba pensaram nos Fundamentos e não no ensino em si, como por exemplo, um documento como um Projeto Político Pedagógico (PPP) que toda escola tem, mas a escola possui uma Cartilha na qual tem registrado os fundamentos construídos do grupo. Mas pensam na Formatação da bateria, algo que já vinha sendo discutido há muito tempo, depois trabalham com a ideia dos 7 Movimentos de Mestre Pastinha, trabalhando com a ideia da Oitava trabalhar usando a observação, essa forma que era utilizada por Mestre Patinha, Mestre Bimba, Mestre Waldemar e outros antigos mestres. A organização para saber qual o toque do instrumento e como iriam tocar, pra que, quando, tudo isso foi esta-

belecido para que todos pudessem falar a mesma língua. Também se pensou no uniforme

O uniforme que agente adotou foi o Amarelo e Preto, pra gente se separar do Mestre Kunta em 1º lugar que usava branco e aqui em Florianópolis agente chegou já com as camisas do Morro Santo Antonio, sem camisas da ECIBA [...] Quando eu fui me voluntariar no Caravana do Ar, o Caravana tinha o uniforme azul pros estudantes e aqui já tinha o grupo do Tel Rasta do Angoleiro Sim Sinhô, do Mestre Plínio, como já tinha o uniforme azul e branco [...] Eu solicitei na época para o Coronel Paixão pra gente ter uma camiseta nossa e deu certo, foi legal porque foi em homenagem a Pastinha e aí ficou durante muito tempo, nós muito ortodoxo de amarelo e preto, assumimos esse uniforme, foi o básico (MESTRE LUIZ, p. 97).

Assim foi sendo pensada a estruturação da aula a partir da experiência vivida anteriormente,

Uma das coisas que agente falava é que alongamento, exercícios de treinamento e aquelas repetições que nós fazíamos na Oxossi não tinha cabimento isso não era uma aula de capoeira angola, então baseado nas aulas de capoeira angola da Jararaca que eu fiz algumas vezes, baseadas em ideias da Capoeira Angola agente começou a entender que não precisava alongar, agente precisava fazer movimentos suaves, lentos, movimentos bem elásticos, movimentos bem e alongados que já estava garantindo o nosso alongamento e que não fosse um alongamento militarizado (MESTRE LUIZ, p.98).

Depois surge a ideia dos Três Processos de Ensino, criados pelo Mestre Luiz, mas que sempre foi comungada por Mestre Biriba. O Primeiro Processo seria o Musical *Tocar e Cantar então ocupa a galera com a música e com o despertar do corpo, na ginga, nos movimentos mais libertários (p.98).* O Segundo Processo seria Corporal *treinar movimentos, treinar o corpo e o Terceiro seria o Mental, que é o que tu ta fazendo ta estudando, ta pesquisando, ta revendo tudo, ta se posicionando (MESTRE LUIZ, p.98).*

Ao chegarem a Florianópolis um dos primeiros objetivos era a Formação, Construção da Roda, não tinha a intenção de se associar a outros grupos, o segundo objetivo era a Consolidação do Grupo, da Escola *com a ideia de ter discípulos já formados, discípulos que fossem ensinar, mas de forma alguma um projeto mercantilista, de forma alguma um projeto de ter um grupo maior pra ter mais dinheiro (MESTRE LUIZ, p.99).*

O que agente mais queria e que mais tinha em mente na realidade, eram coisas como agente tentar auxiliar que se formassem bons capoeiristas, bons capoeiristas no sentido de conhecimento, bom toca-

dores, bons cantadores, bons pensadores, pessoas capoeiristas que se interessassem em valores desses que agente conversou antes, de conhecimentos com velhos mestres, com obras de capoeira, com leitura (MESTRE BIRIBA, p.111).

Vendo hoje os objetivos foram alcançados, e o projeto com grandes realizações, mas,

A única coisa que me entristece e que entristece todos os mestres eu acredito que é a desistência [...] eu diria que eu tinha um objetivo de ter um grupo consolidado forte, com alunos antigos e eu não acho que eu atingi isso ainda, acho que a luta continua eu reconheço que a única forma do mestre não ficar sozinho e a capoeira dele não morrer é continuar ensinando [...] não posso me desiludir porque aí é a mesma desilusão de todos os mestres antigos, acho que esse objetivo é um objetivo inalcançável você conseguir ter um grupo de alunos antigos mesmo e principalmente não perder talentos é algo inalcançável (MESTRE LUIZ, p. 99-100).

4.2.1 Os Fundamentos

Como foi descrito anteriormente a Capoeira Angola possui características e formas de organizar os seus fundamentos, que dependem do mestre, da sua linhagem e de seu entendimento. Será exposto aqui como se organizam os fundamentos da Capoeira Angola na Escola ECIBA, a partir de muita discussão e reflexões. Além disso, é importante colocar que as formas de fazer estão sempre em movimento, não é uma coisa fechada, mas é preciso ter a base, é preciso organizar o que é fundamental para aprender essa arte, por isso o nome de fundamentos.

Os fundamentos são organizados em sete itens sendo eles: A História do Brasil, a Musicalidade dos Instrumentos, a Fabricação dos Instrumentos, a Poesia Cantada, a Coreografia e os outros dois não são ensinados para quem está iniciando, apenas para os formados.

- **História do Brasil**

Para estudar a capoeira é necessário conhecer a história do Brasil, pois ela aparece em diferentes regiões contestando a ordem imposta, isso está na raiz. A capoeira se apresenta em diversos momentos da história com formas, jeitos e nomes diferentes, mas ela está presente. Se o capoeira não conhece a história do Brasil, logo, da capoeira, faltará uma contextualização da prática, de conhecer as origens, de entender o passado, de saber e entender aquilo que vem prati-

cando e se envolvendo e capoeira é muito mais que uma prática corporal, é a história de um povo.

- **Musicalidade dos Instrumentos**

A bateria é composta por oito instrumentos organizados da seguinte maneira: da esquerda para a direita (olhando de frente, atrás da bateria) Gunga, Médio, Viola, Pandeiro Marcante, Pandeiro Virante, Reco-reco, Agogô e Tambor.²⁸

Começando pelo instrumento Rei da Capoeira - O Berimbau: Na escola de pensamentos da ECIBA, os sete toques básicos são: Angola, São Bento Grande de Angola, São Bento Pequeno de Angola, Samba de Roda, Apanha Laranja no Chão Tico-Tico, Lúna e Samango, esses são os básicos que o angoleiro deve conhecer e dominar²⁹.

De acordo com os fundamentos que são passados pelo Mestre Luiz, na sua concepção o Gunga toca Angola, um toque lento e cadenciado, o Médio toca São Bento Grande de Angola, onde contra põem o Gunga e a Viola toca São Bento Pequeno de Angola, um toque que muitos capoeiras não tocam mais e esta ficando esquecido³⁰. *Mas a questão dos toques é talvez o item de maior diversidade entre as linhagens. Cada linhagem, cada família, grupo, associação tem os seus. Alguns criados outros herdados de seus ancestrais*³¹ (MESTRE LUIZ).

Ainda na formação da ECIBA o restante dos instrumentos chamados de Instrumentos Acompanhantes³² possui um toque específico e uma função, por exemplo, o Pandeiro Marcante é aquele onde irá marcar um, dois, três e o Pandeiro Virante irá

²⁸ Quando meu Mestre estava iniciando na capoeira teve a oportunidade de viajar para a Bahia, onde visitou vários mestres da linhagem de Angola. Até então em seu grupo Oxossi regido pelo Mestre Biriba (aluno de Mestre Índio, que foi aluno do Mestre Pelé da Bomba que foi aluno de Mestre Bugalho, um dos maiores tocadores de berimbau, que foi aluno de Mestre Waldemar da Liberdade), montavam a bateria de qualquer maneira, às vezes até com dois tambores. Então com seus estudos o Mestre Luiz viu que se eles se diziam praticar Capoeira Angola deveriam fazer como seus antepassados faziam. Assim viu que na Escola do Mestre Curió montavam a bateria com 8 instrumentos, "A formação da nossa bateria e os toques da nossa trinca é coisa minha, aprendi com a Jararaca e confirmei com Mestre Pelé quando o conheci em Porto Alegre. Portanto nossa raiz mais antiga toca assim e a família de pastinha também" (Mestre Luiz).

²⁹ Conhecimentos meus adquiridos ao longo da minha aprendizagem na capoeira, pela oralidade e estudos com meu Mestre.

³⁰ "Eu sigo os toques que pela minha pesquisa se reafirmam com os toques que aprendi na minha raiz" (Mestre Luiz).

³¹ Informações retiradas de conversas na Roda de Capoeira.

³² Denominação dada pelo M. Luiz da ECIBA.

preencher os tempos de um, dois, três dado pelo pandeiro marcante. O Reco-reco consiste em arrastar a baqueta (material que é utilizado para tirar o som do instrumento) três vezes independente de ser de cima para baixo ou de baixo para cima. O Agogô também consiste em três batidas, na nossa escola batemos primeiro no sino de baixo (grave), depois em cima (agudo) e depois em baixo (grave), em outras escolas fazem ao contrário, batem em cima, depois em baixo e em cima novamente. Dessa forma de tocar (em cima, em baixo, em cima) é à base do toque do Afoxé. E por último o tambor que faz a batida de um, dois, três, quatro, toque denominado Ijêxá.

- **A Fabricação dos Instrumentos**

É necessário que o capoeira saiba o processo de fabricação de cada instrumento que compõem a bateria da capoeira. É preciso dominar esse fundamento para ser um capoeira que toca, joga, canta e que constrói o seu próprio instrumento. Não menosprezando aqueles que compram, mas se não salvuardarmos esse conhecimento de saber que material, como fazer, onde encontrar, ele vai se perder.

- **Poesia Cantada**

Organizada em Ladainha, Corrido, Cantiga, Chula.

Ladainha é uma História Cantada podendo ser de Aviso, de Desafio, de Improviso, seguida de Louvação (é o momento em que o cantador puxa o lê e alguma coisa que quer louvar, por exemplo, lê Viva meu Deus, e todos repetem lê, Viva meu Deus Camará); após a ladainha vem o Corrido que consiste em uma pergunta e resposta, o cantador pergunta e o coral responde, por exemplo, a música do Marinheiro Só; Depois desses dois durante a cantoria da roda existe a Cantiga e a Chula, a primeira consiste em cantar uma história seguida de corrido e a segunda consiste na improvisação dos versos fazendo com que o cantador use da sua criatividade, podendo cantar algo que está acontecendo no momento do jogo, por exemplo. Ela também pode ser usada para desafiar outro cantador, como um duelo sendo assim os dois ficam versando provocando um ao outro, até que um não consiga responder.

- **Movimentos Culturais:**

Denominados assim por entender, que carregamos de nossos ancestrais gestos corporais de séculos de experiência corporal nesse novo mundo. Mestre Luiz entende que são sete famílias de movimentos (Tesoura, Aú, Meia Lua, Rasteira, Cabeçada, Cutila, Negativa) e dentro de cada família existem mais sete (Tesoura: de frente... Aú: de perna trocada, cambaleão..., Meia Lua: de frente, de dentro, meia lua armada, de compaço..., Rasteira: em pé..., Cabeçada: de frente, de lado..., Cutila, Negativa: de lado, pra traz...).

Também existem as Chamadas, como explicado anteriormente são denominados de Movimentos Ritualizados, Chamada para o Passo a Dois, por Nestor Capoeira. Dentro da ECIBA as chamadas são sete, sendo elas:

Chamada em Cruz

Chamada de Frente

Chamada de Costas

Chamada de Sapinho

Chamada Volta ao Mundo

Chamada Falsa

Chamada Por Baixo

A Roda: é o lugar consagrado onde se encontram, se organizam todos os fundamentos listados acima. Existe uma forma de entrar e sair da roda que depende de cada mestre como mencionado anteriormente. Na ECIBA o ritual de Entrada e Saída se organiza da seguinte maneira: Quem esta no pé do berimbau Gunga é o dono da roda, ele pode escolher quem quiser para jogar (dos que estão sentados na roda), quem foi chamado posiciona-se em frente ao pandeiro marcante. A ladainha é cantada, depois vem à louvação, depois do lê Vamos embora... , o Gunga abaixa, começa o corrido com os jogadores já saindo para o jogo, os capoeiras apertam as mãos, fazem suas reverências e viram de cabeça para baixo, trocando o pé pela mão. O jogo acaba quando o berimbau abaixa novamente, os capoeiras apertam as mãos e dão um abraço o restante da roda bate palma, após cada jogador compra (escolhe) um instrumento de alguém que está sentado na bateria. Essa troca deve ser feita um de cada vez para não parar dois instrumentos de tocar ao mesmo tempo.

4.3 As Mudanças e Transformações Percebidas

A partir das entrevistas vimos que as mudanças que ocorreram em relação aos estudantes da Capoeira Angola na escola ECIBA, são consequências de uma prática pedagógica que se origina na visão e referências sobre a capoeira dos Mestres que a criaram. A forma de pensar capoeira, para que finalidade, as intenções, é diretamente relacionada a quem está “puxando o barco”, ou seja, a quem está dirigindo o processo educacional. Portanto, dependerá daquilo que o mestre acredita e acha ser correto, vincula-se, dessa forma a uma ética, valores e princípios que carrega.

De acordo com Souza (s/d, p.2),

É importante considerar a prática pedagógica como parte de um processo social e de uma prática social maior. Ela envolve a dimensão educativa não apenas na esfera escolar, mas na dinâmica das relações sociais que produzem aprendizagens, que produzem o “educativo”.

A Capoeira Angola é uma pratica na qual traz muitos benéficos aos seus praticantes, benfeitoria tanto física quanto motora e para além do corpo traz benefícios para a formação humana do individuo.

As transformações que ela gera aparecem de diferentes formas como podemos ver na fala dos entrevistados,

Ela contribui até mesmo com a formação humana, porque não somente tu vai exercitar o teu corpo, ao ritmo, a perna, um exercício físico, mas também um exercício mental [...] tu ir pra capoeira, tu fazer parte do movimento, é tu também tu estudar a historia de um povo que sofreu, que esteve na luta pra conseguir respeito e conhecimento, então acho que é um exercício de pensar [...] tem a parte musical, tem a parte histórica (ENTREVISTADO 5, p. 130).

E mais:

Mudei bastante, com a experiência e várias coisas da cultura mesmo, no tocar o instrumento que eu não tinha contato, mudaram bastante, eu aprendi mais com o ritmo, meu pai é músico, mas eu não tinha muito contato principalmente com instrumentos de percussão, foi a partir da capoeira que eu tive [...] Antes de eu fazer eu era bem mais tímida do que eu sou agora e eu nunca iria, por exemplo, cantar pra outras pessoas, me ajudou bastante (ENTREVISTADA 8, p.146).

Aprendi muita coisa, muito além do que só capoeira como jogar, aprendi mais coisas sobre respeito, que agente faz parte da nossa cultura [...] É uma coisa que me faz bem, eu sinto uma energia boa e mesmo quando eu to triste vou pra roda fico bem melhor [...] Os valores que eu aprendi com o Luizinho se meu pai não tivesse me colocado na capoeira ou se eu tivesse desistido antes talvez ia pensar de um jeito diferente, podia ser uma pessoa de um jeito diferente. Se eu não tivesse esses valores que eu aprendi com a capoeira eu podia ser uma menina patricinha, toda nojenta, que não fala com ninguém na escola e não, eu sou muito diferente (ENTREVISTADA 6, p. 136-137).

A Capoeira Angola é uma prática social, na qual proporciona aos seus praticantes uma consciência política, uma consciência da sociedade, uma noção de pertencimento, reconhecimento das raízes, possui uma capacidade muito forte de agrupar pessoas gerando assim um fortalecimento e uma contestação da ordem, fazendo com que seus praticantes pensem sobre a realidade que vivem e sobre ao que nós é imposto.

A capoeira é considerada uma prática social que se institui no conjunto das relações sociais, políticas e ideológicas da formação social [...] a compreensão do ser capoeirista implica, necessariamente, uma perspectiva de totalidade, que consiste em estabelecer relações de trocas em um determinado contexto histórico e social [...] Os capoeiristas vivem em sociedade. Esta, por sua vez, transforma-se de forma dinâmica, contraditória e através do conflito. De acordo com a perspectiva materialista histórico-dialética, o conhecimento entre sujeito e objeto se dá de maneira recíproca e se constitui conforme o processo histórico e social. Neste sentido, o processo de construção do conhecimento é contínuo e infinito. Logo, não se pode considerá-lo de forma linear, unilateral e estático no processo dinâmico do mundo (CASTRO JUNIOR, 2004, p. 146).

A partir do reconhecimento dos saberes, ancestrais e históricos cria-se uma consciência crítica, pela apropriação dos ensinamentos da roda de capoeira que são passados pelos mestres, pelos mais antigos, de geração em geração por meio da oralidade, das histórias contadas e cantadas. “Graças à linguagem, que permite fixar e transmitir de uma geração para a outra as representações, os conhecimentos, o homem tem a possibilidade de refletir o mundo, estruturando a sua consciência” (LEONTIEV, 1978 apud MARTINS, 2004, p. 58).

A estruturação da consciência, por sua vez, é feita pelas ações de outros indivíduos, ocorrendo sempre em condições que são históricas. Dessa forma, para que os indivíduos se objetivem como seres humanos, é preciso que se insiram na história; inserção essa que se dá pela apropriação das objetivações resultantes das atividades das gerações passadas (MARTINS, 2004, p. 58).

Isso tudo se torna visível e presente na fala dos estudantes:

A capoeira me ajudou, a me libertar dessa coisa, eu tenho o meu jeito de fazer, isso é uma coisa que aprendi muito dentro da ECIBA, existem ali os fundamentos, mas existe uma liberdade das pessoas fazerem de acordo com a identidade própria, é uma coisa que é libertadora, que eu sinto que marcou na minha trajetória [...] Eu acho que marcou também foi a união mesmo, de você se sentir parte de um grupo e é um grupo que está ali unido por um objetivo comum, essa coisa da junção, a força que a capoeira tem de juntar as pessoas é uma coisa que marcou [...] A capoeira está sempre em minha memória, quando eu vou trabalhar com outros grupos eu sempre levo esse aprendizado que trago da capoeira. E do respeito que é outra coisa que me marcou, que antes eu não tinha essa noção tão clara, é do respeito à história, ao conhecimento que os mestres carregam com muita força e com muita dificuldade (ENTREVISTADA 4, p.121).

De acordo com Castro Junior (2004, p. 146), “a capoeira acaba por ser uma escola da vida, além de aprender capoeira, aprende-se também a jogar na roda do mundo”. Criando assim o que foi descrito anteriormente, uma alteração na consciência do indivíduo, pela arte da Capoeira, pois se compreende aquilo que está acontecendo no seu entorno, uma percepção dos interesses que dominam a sociedade, conhecendo a raiz para então transformar a realidade.

“O sujeito da práxis não prescinde da sua subjetividade, mas a transcende em direção à sua objetivação, integrando o processo social de transformação da realidade” (MARTINS, 2004, p. 61). Portanto o mestre de capoeira é o sujeito que irá repassar os conhecimentos que lhes foram confiados, com o objetivo de agrupar pessoas num movimento social maior que é a capoeira, para que nesse coletivo a maneira de pensar, de ser e agir possa transformar a realidade.

A roda ela forma um espaço de conhecimento, na roda tu se conhece, tu te descobres e se prepara, prepara pra que? Prepara pro mundo, pra tua própria vivência, pro teu próprio viver e existir e na roda tu vai ter contado com diversas coisas com um amigo, com uma pessoa que tu não conhece, cada um tem uma história diferente, tu não joga só com a pessoa tu joga com o que ela é [...] No jogo tu vai contar com tudo isso, com a história da pessoa que tu esta jogando, com a história da capoeira que está sendo cantada, são muitas coisas num só espaço e no mundo tu tens a mesma coisa só que tu não tens essa delimitação da roda, pra tu aprender, o que quis dizer é que a roda é um pequeno mundo, tu tens tudo no mundo, todo o mundo dentro de uma roda (ENTREVISTADO 5, p. 134-135).

De acordo com Castro Junior (2004, p.149), “a roda de capoeira é uma prática social, histórica, científica e política. Ela funciona como meio de formação de uma

identidade cultural e de representações simbólicas de valores sociais para seus atores”.

Eu acho que contribui em vários sentidos, e quando eu falo de sentidos, eu falo de sentidos mesmo do ouvir, do ver, do falar, do tato do corpo ela contribui pra muita coisa [...] Pra você desenvolver um pensamento crítico também, porque as próprias ladainhas, as histórias que os mestres contam desse movimento de resistência, faz com que agente desenvolva um pensamento crítico em relação à história que é contada nos livros, espera aí não é bem assim, existe muito mais, uma coisa por trás daquilo que está escrito no papel, no livro de história que agente aprende na escola, desenvolve um pensamento crítico (ENTREVISTADA 4, p.123).

Portanto a Capoeira Angola é uma ferramenta Política Pedagógica sim, transformando a roda em um espaço de ensino aprendizagem, um espaço de inclusão de crianças, idosos, pessoas com deficiência, brancos, negros, estrangeiros, um espaço onde as mulheres jogam com os homens de igual pra igual, sem deixar se oprimir, sem deixar que o machismo existente fora da roda a atinja, pois quando descermos no pé do berimbau somos todos capoeiras, não importa se é homem ou mulher, o que nos diferencia é o conhecimento que carregamos.

Toda ação verdadeiramente humana pressupõem a consciência de uma finalidade que precede a transformação concreta da realidade natural ou social e, desse modo, a atividade vital humana é a ação material, consciente e objetiva, ou seja: é práxis (MARTINS, 2004, p. 57).

A capoeira educa para a coletividade, o respeito ao próximo, ensina valores, dessa forma os fundamentos que são trabalhados dentro da capoeira constituem um “riquíssimo processo pedagógico que prioriza uma educação libertadora e conscientizadora” (CASTRO JÚNIOR, 2000, p.160). Ensina que não aprendemos capoeira para bater em nosso semelhante, mas para nos defendermos de um sistema maior que nos prende, nos mostra o caminho para nos desvencilharmos dos grilhões da sociedade, que cada vez é mais excludente. “A luta da capoeira, nos dias de hoje, deve ser contra qualquer tipo de opressão, discriminação e pela construção de uma sociedade mais justa, livre e democrática” (CASTRO JÚNIOR, 2000, p. 165).

A capoeira tem um papel fundamental na transformação disso e agente como capoeira tem que ser militante das transformações sociais, tem que ser militante constante, porque já que a roda nos ensina a coletividade e o respeito a diversidade, ela tem que ser um ponto central nessa luta, e a capoeira sempre foi, todo processo histórico da capoeira o capoeira sempre teve em algum momento contestando

a ordem, ela como arte de luta e dança ela nasce contestando a ordem, ela nasce dando um golpe de estado que era o quilombo, ela nasce subversiva e não comunista (ENTREVISTADO 1, p.104-105).

Porém para que as transformações aconteçam é preciso que os indivíduos se apropriem dos fundamentos e os internalizem, para que possam modificar a realidade de forma concreta e não de faz de conta.

Ao longo do desenvolvimento das funções superiores - ou seja, ao longo da internalização do processo de conhecimento - os aspectos particulares da existência social humana refletem-se na cognição humana: um indivíduo tem a capacidade de expressar e compartilhar com os outros membros de seu grupo social o entendimento que ele tem da experiência comum ao grupo (VYGOTSKY, 1991, p. 87).

A criança reconstrói internamente uma atividade externa, como resultado de processos interativos que se dão ao longo do tempo [...] E quando passa a usar um conceito que aprendeu no social, só vai ampliar a sua compreensão quando o internalizar e puder pensar sobre ele (BÖING, 2013).

O social seria a capoeira, os conceitos seriam os fundamentos e os ensinamentos passados pelos mestres, por exemplo, os segredos da roda, o entendimento de ver a capoeira como resistente a opressão desde sua origem, entre outras coisas, só serão compreendidos de uma forma mais ampla, quando internalizados.

Nessa relação conclui-se que os indivíduos possuem a compreensão da prática da capoeira, significa dizer que internalizaram os ensinamentos e compreendem a Capoeira Angola para além de uma atividade física, mas sim como uma prática social, pois a partir dela possuem uma reflexão crítica da realidade e do contexto no qual estão inseridos.

4.4 A Cultura Brasileira e a Resistência ao Capitalismo

A Capoeira Angola faz parte da cultura brasileira, ou seja, da formação do Povo Brasileiro, assim denominado por Darcy Ribeiro, e apareceu com formas e com denominações diferentes em muitas regiões do Brasil, antes de se denominar Capoeira, eram outras formas de Jogo de Corpo, como exposto anteriormente, mas com o mesmo princípio, de resistência. Deste modo os movimentos culturais não deixam de ser uma forma de resistir ainda hoje, a cultura popular brasileira tem em suas raízes esse movimento de oposição.

A cultura popular tem sempre a sua base, segundo ensina Stuart Hall (2003), em experiências, prazeres, memórias e tradições do que chamamos de povo. E está vinculada a elementos que constituem o contexto e as “experiências cotidianas de pessoas comuns. Ela se liga ao que Bakhtin chama de vulgar- o grotesco, por exemplo-; eis porque geralmente é contraposta à alta cultura ou à cultura de elite”. Ainda segundo Hall (2003), o termo popular se configura em um território composto de elementos antagônicos e instáveis, elaborados em movimentos que se relacionam de forma tensa com o contexto social. Este termo tem como principal foco de atenção a relação entre a cultura e as questões de hegemonia (HALL, 2003 apud MWEWA, 2009, p. 22).

A capoeira angola, enquanto cultura popular tem sua primitividade ou originalidade que é própria da sua natureza; no entanto, ela tem suas *inter-referencialidades*, pois se constitui como prática social que organicamente é preservada e modificada a partir do cotidiano, do tempo e do trabalho (CASTRO JÚNIOR, 2004, p. 155).

A Cultura e a Capoeira são coisas indissociáveis, pois quando se tem o contato com a capoeira também terá o contato com a história do Brasil, com a história de um povo, com outras manifestações que estão atreladas a ela e toda a sua produção de cultura.

É total conecto não consigo ver uma dissociação, apesar de perceber que o movimento da capoeira ao longo do tempo foi perdendo força e eu acho que tem aspectos aí, que faz com que isso aconteça, ao mesmo tempo depende das pessoas manterem a capoeira viva, manter a capoeira conectada, sendo uma das representações da cultura brasileira, faz parte das pessoas perceberem a importância do papel delas nesse processo [...] A partir do momento que eu conheço a história eu me sinto responsável por manter ela viva, então não é só praticar pra ter consciência corporal ou pra fazer parte de um grupo é também uma responsabilidade, então isso faz com que eu cada vez mais crie esse vínculo afetivo, me sinto responsável por manter essa chama acesa. Isso não tem que ficar só a cargo dos mestres (ENTREVISTADA 4, p.124).

A partir do contato com a Capoeira Angola seus praticantes passam a ver a Cultura Brasileira de forma mais elaborada, com um olhar de preservação, de valorização e respeito.

A capoeira abre mais portas pra tu ver os outros tipos que também fazem parte da cultura, da musica, da forma de expressão de arte, de pintura, de movimentos artísticos, então o fato de tu estares em contato com uma te abre portas pra tu também ver e conhecer outras (ENTREVISTADO 5, p.132).

Aqui se reafirma a ideia de que não aprendemos capoeira apenas para movimentar o corpo, mas para movimentar a mente, ela nos educa. A partir do momento em que começamos a conhecer, a reconhecer, a estudar a nossa história, partindo do acúmulo de conhecimentos, de uma construção histórica e social de nossos antecessores, passamos a nos apropriar disto e nos constituir também como seres históricos dotados de conhecimentos. De acordo com Martins (2004, p. 55), “a educação é um processo que não pode ser eliminado do desenvolvimento humano é uma das condições pelas quais o ser humano adquire seus atributos fundamentais ao longo do processo histórico social”.

O Brasil tem aproximadamente 500 anos e a partir daí vem surgindo o que agente chama de cultura brasileira com a mistura dos índios que já moravam aqui com a cultura africana que chegou e a europeia também através das imigrações, essa mistura de cultura que é a nossa cultura brasileira é justamente a cultura surgida entre essa mistura do negro, índio e o europeu, especificamente nos quilombos onde ela de fato se manifestou com essa miscigenação (ENTREVISTADO 3, p. 116).

Eu aprendi muita coisa porque como eu comecei bem cedo as primeiras coisas que eu aprendi sobre a História dos Negros, dos africanos foi tudo com a capoeira [...] O 1º contato que eu tive com o Boi de Mamão que eu tive foi por causa da capoeira [...] A Renda de Bilro [...] Samba de roda, Chorinho (ENTREVISTADA 6, p. 137).

Quando eu era pequenina eu achava que o Samba era o que você via na TV, um monte de mulheres sambando numa passarela, TV Globo assim e quando eu descobri que não é isso, tem todo um ritual e é muito mais legal desse jeito que vi, que descobri, aprendi a tocar, a dançar, cantar (ENTREVISTADA 9, p. 151).

Por tudo isso, vemos que a capoeira considera aquilo que carregamos, o que somos e nos mostra a importância de reconhecer ela e tantas outras manifestações como arte de contestação, como a nossa identidade, afinal somos brasileiros.

Digo-te e afirmo que a cultura brasileira no geral é maravilhosa, devia de ser assunto, tema escola, de universidades, o brasileiro tinha até que ter uma consciência dessa coisa chamada de cultura brasileira, que é um leque tão grande, tão maravilhoso que a grande maioria das pessoas desconhece, e por desconhecer eu acho que não valoriza porque não tem essa coisa na nossa sociedade infelizmente (ENTREVISTADO 2, p.112-113).

O entusiasmo é constante em todos os estudantes. Mas qual a relação da Capoeira Angola com o Capitalismo? De que resistência se está falando? De que

forma de contestação? Como utilizar da Capoeira Angola contra esse sistema? De que forma podemos utilizar dos fundamentos da Capoeira Angola para lutar contra?

Partiremos da explicação de Castro Júnior (2004, p. 147) que descreve com muita clareza, segundo o autor,

A prática da Capoeira adquire dimensões bem mais amplas do que uma simples atividade corporal relacionada a uma determinada etnia, e passa a ter um significado de **prática social**, ampliando o eixo de discussão sobre as questões de **classe social** dentro do sistema capitalista, pois envolve elementos importantes que podem levar a uma reflexão crítica sobre a realidade e o contexto social que envolve o seu praticante (CASTRO JÚNIOR, 2000, p. 165).

Para isso,

É necessário que agente enxergue a nossa cultura, mas não é possível mais ficar passivo, a capoeira me fez enxergar a cultura e enxergar a cultura me fez me posicionar politicamente, acho que não dá pra dissociar mais a capoeira do ser politizado e contestador da ordem, não da ordem partidária da ordem social, dos mais desprovido (ENTREVISTADO 1, p.105).

A capoeira proporciona essa noção de *liberdade*,

A própria questão da resistência, de você se colocar como um ser resistente as regras que estão postas e que muitas vezes agente não participa das decisões, estou querendo dizer que a capoeira é um movimento de resistência (ENTREVISTADA 4, p.122).

De acordo com Martins (2004, p.61), “a conquista da liberdade pressupõe uma luta material guiada pela consciência e realizada no âmbito do trabalho social, e, para Marx, esta luta aponta a necessária superação do capitalismo”.

A capoeira nasceu como um mecanismo de luta por interesses antagônicos da ideologia dominante, nos tempos atuais, ela deve ser fiel a seu propósito originário, em virtude das condições da sociedade capitalista, neste processo de exploração do homem pelo homem; neste mundo globalizado sustentado pelo neoliberalismo que gera uma sociedade excludente e cada vez mais desumana (CASTRO JÚNIOR, 2004, p. 147).

Para que a capoeira de forma geral seja uma ferramenta de resistência ao capitalismo é de extrema importância que esse movimento seja dirigido por uma pessoa, por um/a mestre/a que comungue de pensamentos que sejam contrários ao sistema. Para então ir mudando o modo de pensar dos indivíduos, podemos perce-

ber nas entrevistas realizadas que os indivíduos da ECIBA, reconhecem como esse processo ocorre.

Primeiro ela vai mudando o jeito de pensar, mas acho que isso depende muito de quem te ensina, que se a pessoa que te ensinar não tiver fundamentos bons, não foi ensinada por alguém que tinha esses fundamentos, já vai desvirtuando tudo e deixa de ser Capoeira Angola (ENTREVISTADA 6, p.139).

Em segundo lugar partindo da explicação bem fundamentada de um dos entrevistados que nos fala que,

A primeira coisa é entender que tu és protagonista da sua história [...] vejo que a maior e melhor ferramenta que a gente tem contra o sistema não é a reforma, não é entrar no sistema pra tentar mudar ele de dentro, de jeito nenhum, a melhor ferramenta em primeiro lugar é criar outra forma de viver, porque não vamos conseguir deixar de usar o banco, não vai deixar de usar o crédito, não deixaremos de usar as ferramentas que esse sistema criou da noite pro dia. Mas é necessário que como mestre de capoeira, como professor de capoeira, nos fomentemos ideia de que é possível ter um governo isento do capital, um governo que não seja subordinado ao capital, tem que ser possível [...] Entender que assim como a Capoeira Angola, os Maracatus, os Tambores, as Umbigadas todos esses movimentos culturais eles precisam se agrupar também com os movimentos sociais [...] Acredito muito que nós como mestres precisamos agir contra o sistema se agrupando, porque ainda temos uma democracia, ainda temos um sistema democrático embora falido do jeito que ele está [...] O que temos que fazer, na roda, é ensinar os fundamentos da capoeira, é fazer sentir despertar no seu corpo essa beleza transcendental que eu falei no início, toda essa capacidade sutil de enxergar e de sentir a roda como ensaio da vida (ENTREVISTADO 1, p. 105).

Em síntese é preciso agrupar, pois desta forma teremos mais força para reivindicarmos e defendermos nossos direitos. A capoeira desde sua origem e depois a denominada Angola defendiam os interesses dos mais desprovidos, não excluía ninguém, diferentemente da Capoeira Regional, que para praticá-la tinha-se a exigência de estar estudando ou ter carteira assinada, nenhum negro nessa época em Salvador possui essas condições, condições estas determinadas por Mestre Bimba, não desmerecendo a sua criação. E hoje a Capoeira Contemporânea a qual transformou os fundamentos da capoeira em comercio e na roda está presente a figura do feitor, onde todos os princípios de respeito, coletividade não aparece, explicitando apenas a violência, um querendo ser mais que o outro, entre outras coisas como já mencionadas.

Não pretendo aqui escrever profundamente sobre o Sistema Capitalista e como ele funciona, mas no que é possível descrever que ele se estabelece em uma relação de hierarquias e que a produção de bens e lucros concentra-se nas mãos de poucos. Está relacionado ao dinheiro, hoje nesse modo de produzir a vida você só consome aquilo que pode comprar, ou seja, pagar. Mas, apesar do assalariado não dispor de condições para consumir é instigado o tempo todo para isso. Torna-se obsoleto tudo o que temos e, em pouco tempo já não serve mais, de um minuto para outro. O importante, para o senso comum, é ter o carro do ano, o celular da hora, a roupa da moda, o cabelo, o sapato, a maquiagem, aquilo que está na televisão. Ou seja, uma uniformização de modelos, e também de pensamentos.

Não é exagero afirmar que os meios de comunicação como rádios, jornais, a internet, além da televisão são meios pelos quais as informações são manipuladas, para que cada vez mais os seres humanos se tornem ignorantes e sem conhecimentos verdadeiros, assim se tornam facilmente manipuláveis. A capoeira Angola quando bem fundamentada vai contra os interesses do capital, que é de exclusão, de concentração da riqueza na mão de poucos, vale dizer, na concentração de renda e por isso a geração da grande desigualdade social controlada pela alienação do trabalho social.

A alienação representa um fenômeno que guarda consigo dois aspectos indissociáveis, quais sejam: as condições socioeconômicas que lhes dão origem e os efeitos e processos gerados nos indivíduos por conta do esvaziamento dos valores e possibilidades essencialmente humanos (MARX apud MARTINS, 2004, p. 62).

Os estudantes já enxergam esta realidade:

Eu vejo a capoeira como uma manifestação que surgiu na senzala pro negro se libertar, hoje ela traz um pouco dessa característica de libertação, para gente ter essa ideia de liberdade, pra poder ter igualdade e o capitalismo ele tem as suas vantagens e desvantagens, assim como a maioria das coisas [...] A vantagem é proporcionar um livre [...] A desvantagem é que ele acaba por gerar uma desigualdade, a riqueza acaba se concentrando nas mãos de poucos, isso acaba distorcendo um pouco sistema (ENTREVISTADO 3, p.119).

Acho que ele foi deturpado, a ideia do capitalismo foi sendo deturpada por interesse dos mais poderosos e o que eu acho ruim do capitalismo é a desigualdade que ele gera, por conta dessa deturpação, de valorizar o capital antes de valorizar as pessoas, e eu acho que na capoeira agente vê esse movimento ao contrário de valorizar as pessoas (ENTREVISTADA 4, p.127).

A Capoeira Angola pode ser uma ferramenta que vai contra ao modo de organizar a existência dentro do capitalismo,

Por conta disso, por conta desse movimento onde a base não é dinheiro, o movimento da capoeira a base são as pessoas, sem as pessoas não existe movimento, sem as pessoas não existe a capoeira, a capoeira valoriza a história, valoriza os mestres, valoriza esse processo do ir e do vir, nos tornar protagonista, isso é um aprendizado grande pro capitalismo, de você poder dizer olha as pessoas são muito mais, do que aquilo que elas têm (ENTREVISTADA 4, p.127).

“A educação é uma das condições pelas quais este ser, rico em possibilidades, desenvolve suas capacidades antológicas essenciais, ou seja, a função básica do processo educativo é a humanização no sentido da consolidação dessas propriedades” (MARTINS, 2004, p. 57).

A Capoeira Angola como ensina valores, humaniza, considera o praticante em todas as suas dimensões e não apenas econômicas, como vimos nas respostas obtidas pelos/as entrevistados/as. Na capoeira aprendemos que o importante é ser e não é ter.

Acho que o capitalismo esta nessa questão de consumo e na capoeira tu não tem isso, tem um consumo de saber, mas fora isso, tu não tem um consumo de material, tu não compra uma roda, tu não compra um conhecimento tu adquiri o conhecimento, tu assimila, tu vai atrás (ENTREVISTADO 5, p.135).

A capoeira pode te ensinar que tu não precisas de muita coisa para conseguir viver, que tu não precisas do que todo mundo tem, porque é muito desnecessário, o capitalismo só quer-te fazer comprar, ser alienados e pensar como eles pensam pra eles conseguirem lucrar cada vez mais e tu seres trouxa [...] A capoeira é contra o capitalismo porque ela tem um modo diferente de pensar, por conta dos valores da cultura que ela possui (ENTREVISTADA 6, p.140).

A educação deve contribuir para a transformação dos homens, modificando as formas de relações entre eles, contribuindo para a superação, em sua consciência, dos seus fundamentos ideológicos e, assim, contribuindo para o desenvolvimento de novos fundamentos, de novos conteúdos, de uma nova consciência, de uma nova individualidade, capaz de materializar-se e transforma – revolucionar – o mundo (ROSSLER, 2004, p.88).

Fazendo contra ponto com a Capoeira Angola, ela modifica as nossas relações através dos fundamentos que se encontram no espaço consagrado da roda, fundamentos como o respeito ao outro, ao corpo do outro, o domínio de parar o pé,

criando a partir desses elementos uma consciência de coletividade, de união, ampliando uma relação de coletividade dentro e fora da roda, relações que possam modificar seus pensamentos e ações de forma concreta. A partir dos princípios que a capoeira carrega, forma sujeitos que entendem que é preciso transformar a ordem social a qual estão inseridos, quando essa impedir o seu desenvolvimento. Temos que transformar e não nos adaptar a ordem estabelecida, internalizar os ensinamentos da Capoeira Angola para criar uma consciência revolucionária.

Na ECIBA agente vê muito isso, eu não preciso de dinheiro pra participar, eu preciso de vontade e dedicação, se eu tivesse os dois elementos eu tranquilamente vou ter meu espaço dentro da escola, isso é um exemplo é um modelo que eu acredito muito e não poderia ser diferente na minha visão [...] O próprio grupo acha mecanismos de sobreviver financeiramente, que eu digo de ter recursos para ter uma capital de giro, a Feijoada do Samba é um exemplo bem interessante e que é uma forma de captar recursos, o movimento de criar o CD, ter um produto que é fruto desse trabalho que pode gerar uma “grana” para você reinvestem nos alunos, comprar camiseta, ter dinheiro pra você se for o caso, levar as crianças da Base pra algum lugar, ter uma grana pra poder fazer esse movimento continuar vivo (ENTREVISTADA 4, p.126).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura popular, afro descendente, afro ameríndia, não é moda, é tradição, é tradicional [...] É como você falar de Nelson Ferreira e fazer comparação com Beethoven, Tom Jobim e eles não são moda, é coisa cultural. Como você é um ser cultural, né. Onde é que estão os livros vivos? Sabe me dizer? Que os livros mortos estão na prateleira, os vivos estão falando, os livros vivos somos nós, somos eu e você contando histórias, contando suas filosofias teoricamente ou na prática (DEPOIMENTO MESTRE MEIA NOITE, 2013).

O período de escravidão faz parte da formação do Brasil, nesse momento da história começa a exploração do negro já que o índio não aceita o cativo. O negro sofre muito nas mãos dos brancos, portugueses. É arrancado de sua terra, de suas raízes, de sua tribo, é violentado, maltratado, subjugado e humilhado. Aqueles que sobreviviam à travessia dos mundos chegavam aqui quase mortos, sem força, em uma terra desconhecida, sem saber o caminho de casa e se um dia iriam retornar.

As Américas, do Sul, Latina e Central sofreram um grande genocídio da exploração realizada pelo branco, que possui em sua identidade a malícia, o sangue frio. O negro pelo contrário, mesmo tendo sofrido horrores, mesmo depois de submetido a outros homens por conta da cor de sua pele, mesmo após perder sua família, mesmo após ser tratado em condições desumanas ele ainda possuía Compaixão, possuía bondade. Um bom exemplo são as Mucamas e as Amas de Leite, que nunca se vingaram nos/as filhos/as de sinhá, pelo contrário sempre cuidaram, educaram, davam amor, carinho, atenção, eram cheias de benevolência. Não tinham a capacidade de se aproveitar para esperar um momento para se vingar, não matavam seus senhores quando estavam dormindo ou então não envenenavam a sua comida. A bondade do negro é própria dele, decorrente do seu modo de viver na África em suas tribos, o convívio em grupo.

O negro sempre aceitou em suas práticas como a Capoeira, o Samba e o Candomblé, a presença do branco e do mestiço, essa compaixão que o negro traz no seu sangue a Capoeira Angola preservou e ainda preserva, permitindo que a roda se tornasse um espaço Etnorracial, diferente da Capoeira Contemporânea que é

frequente a maldade do branco, do comportamento do feitor, do senhor de engenho, explicitadas em atitudes de exclusão, de egocentrismo, de luta contra os seus iguais.

Na capoeira Angola existe abertura à diversidade, Mestre Pastinha era mestiço, Amorzinho (Guarda Civil) também e não foram excluídos, a capoeira fez com que fossem vistos e lembrados com respeito até os dias de hoje, os deu uma nova identidade. Noel Rosa tinha tudo para ser jogador de Futebol, Leônidas da Silva tinha tudo para ser Sambista, mas ambos seguiram caminhos que foram contra o determinismo das cores de suas peles.

Na Escola ECIBA, objeto desta análise, percebemos que existem fundamentos de respeito à diversidade, a coletividade, de contestação, de libertação, de ser protagonista de sua história, de pensar a prática, a partir de relações sociais que a capoeira estabelece entre os as pessoas. Uma possibilidade de mudar a realidade concreta, a partir do agrupamento social. Vale dizer, de forma coletiva.

Além disso, pudemos ver com as entrevistas que a prática pedagógica da escola ECIBA é pautada na teoria histórico crítica, que desse modo considera os sujeitos como seres históricos. Aparecem nitidamente os valores necessários para o convívio em grupo, fazem os indivíduos entenderem a sua história, contextualiza-se a prática da capoeira, não como meramente o movimentar o corpo, fazer um exercício físico, mas como uma prática de libertação, uma prática de emancipação.

Nessa escola a prática da Capoeira tem uma filosofia que se fundamenta e baseia-se em compromissos de respeito, de união, de parceria; o processo de ensino-aprendizagem consegue transformar os indivíduos para melhor. Nesse sentido os dados analisados, a partir das categorias definidas *a priori*, demonstram que estes fundamentos se estabelecem nos compromissos sociais colocados em prática, pois geram transformações pessoais. Transformações estas que ultrapassam o individual e absorvem uma nova forma de pensar e agir no coletivo.

A busca feita pelos Mestres, como contam em seus depoimentos, é um exemplo daquilo que acreditam ser o verdadeiro papel da capoeira, que não é o de oprimir e sim o de libertar-se da opressão, hoje não mais pelo senhor de engenho, mas pelo capitalismo. Por isso a importância de salvaguardar os fundamentos que nos são

repassados pelo Mestre, ele é a figura que surge para organizar a capoeira, para repassar os conhecimentos de uma forma que liberte, de uma forma elaborada, sistematizada e crítica.

Essa prática está presente em mais de 180 países encontra-se em zonas de conflito como Iraque, Síria, Afeganistão, nas cadeias do México, possibilita pessoas que possuem conflitos por conta de religião e outras coisas comunguem do mesmo espaço. Haja vista que esses conflitos são deixados do lado de fora da roda e jogam de igual pra igual. Para além dessas contribuições, a Capoeira é a prática que mais dissemina a Língua Portuguesa no mundo, pelas músicas e pelas histórias cantadas.

Vimos deste modo, que a Escola ECIBA promove em seus estudantes uma visão de totalidade e faz com que percebam a sua volta às imposições capitalistas. Ensinam que o mais importante é resistir e procurar mudar a realidade concreta e não somente observar. Na prática ficou claro que os princípios que forjam a Capoeira Angola são antagônicos aos da sociedade capitalista. Portanto, a capoeira Angola desenvolvida nesta escola é mais que um jogo, mais que uma luta, uma brincadeira, promove um processo concreto de uma educação transformadora - de formação humana, ela é uma filosofia de vida, é uma forma de pensar o mundo.

Por fim apresentamos abaixo sínteses conclusivas dos compromissos estabelecidos na prática:

- Pensam na coletividade;
- Aprendem valores para uma vida no coletivo;
- Aprendem a serem protagonista de sua história;
- Respeitam à diversidade e também às diferenças sociais ;
- Acatam e respeitam o conhecimento dos mestres;
- Aprendem a não privilegiar o consumo em sua vida;
- Procuram conhecer as necessidades e diferenciar o que é supérfluo;
- Criam condições de se sentirem pertencentes a um grupo;
- Possibilita a inserção social em espaços detentores de alguns privilégios;
- Privilegia as relações sociais, ou seja, as relações humanas;
- Promove uma formação humana ampliada para além das valências físicas;

- Consegue unir, agregar todos do grupo numa forma diferente das que existem na sociedade capitalista, ou seja, o coletivo existe nesta Escola uma vez em que compartilham dos mesmos objetivos (um por todos e todos por um);
- Capacita com reconhecimento histórico em sua origem como resistência a opressão na escravatura e hoje contra os ditames capitalistas;
- Abre as portas para uma formação ampla no sentido de conhecer a musica, pintura, tocar instrumentos musicais, enfim maior contato com a cultura brasileira antagônica ao que é passado nas mídias;
- O papel sócio histórico dos fundadores implica numa prática da Capoeira Angola em que se resgata e valoriza o conhecimento tradicional, original indo a outra corrente, pois não centraliza as ações no ganho de dinheiro, mas foca no processo educacional de todos os envolvidos.



REFERÊNCIAS

- ABREU, Frederico José de. **O Barracão do Mestre Waldemar**. Salvador: Zarabata-na, 2003. 78 p.
- BIESDORF, Rosane Kloh. O Papel da Educação Formal e Informal: Educação na Escola e na Sociedade. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 1, n. 10, p.1-13, 17 ago. 2011. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <<http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/ritref/article/view/20432>>. Acesso em: 29 nov. 2015.
- BÖING, Elisangela. **Unidade 3. Introdução ao Estudo da Aprendizagem, diferentes visões: 3.2. Contribuições de Vygotsky**. Florianópolis: Slide, 2013. 26 slides, color.
- CAMPOS, Hélio (Mestre Xaréu). **Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: EDUFBA, 2001. 184 p.
- CANAL do Capoeira - Músicas e Cantigas de Capoeira - Mestre Pastinha - Eternamente. [s.i]. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_UY0vyB7HNE>. Acesso em: 11 mar. 2016.
- Capoeira no Rio Grande do Sul e oralidade: A Trajetória de um Mestre**. rio grande do sul, 2013. disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=about&op=editorialTeam>>. Acesso em: 01 ago. 2015.
- CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor de; ABIB, Pedro Rodolpho Jungers; SANTANA SOBRINHO, José. Capoeira e os Diversos Aprendizados no Espaço Escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 14, p.160-171, maio 2000.
- CASTRO JÚNIOR, MS. Luís Vitor. Capoeira Angola: Olhares e Toques Cruzados entre Historicidade e Ancestralidade. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 2, n. 25, p.143-158, jan. 2004.
- CASTRO, Maurício Barros de. **Na roda da capoeira**. Rio de Janeiro: Iphan, 2008. 44 p.
- COUTINHO, Daniel. **O ABC da Capoeira Angola: Os Manuscritos do Mestre Noronha**. Brasília: DEFER ; CIDOCA, 1993. 126 p.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Minas Gerais, v. 0, n. 24, p.40-52, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2015.
- DOMÍNGUEZ, María Eugenia. **Rodas de Capoeira Arte e Patrimônio em Florianópolis**. Florianópolis: Contraponto, 2010. 120 p.
- DUARTE, Newton. Arte e Educação contra o Fetichismo generalizado na Sociabilidade Contemporânea. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p.462-469, dez. 2009. Disponível em: <<https://www.rbcdh.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2009v27n2p461/15289>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

ENTREVISTA em audiovisual com Gilson Santana/Mestre Meia Noite. Recife: Nn, 2013. (52 min.), Documentário, son., color. Disponível em: <<http://associacaoreviva.org.br/siterecordanca/gilson-santanamestre-meia-noite-entrevista/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

Eu Sou Angoleiro. Direção de Coletiva. Produção de Alexia Melo, Daniel Adriano, Fabiana Santos, Graciele Fonseca, Michel Brasil. Realização de Associação Imagem Comunitária. Coordenação de Ivana Bentes- Eco/ufrrj. Belo Horizonte Minas Gerais: Lab Cultura Viva, 2013. (000932 min.), son., color. Série Lab Cultura Viva. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=922q25XOLzY>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

FRÖHLICH FILHO, Luiz Tadeu. **Capoeira Angola como Instrumento de Socialização para Crianças da Periferia de Porto Alegre**. 2004. 58 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro Universitário Metodista-ipa, Porto Alegre, 2004.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p.2-38, mar. 2006. Disponível em: <http://www.casadaciencia.ufrrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/artigos/art14_aeducacaoformal.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2015.

GONÇALVES, Rafael Ramos. Identidade, consumo e sociabilidade: implicações éticas. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p.183-195, abr. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n1/v9n1a15.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

ITAPOAN, Raimundo Cesar Alves de Almeida-. **A Saga do Mestre Bimba**. Salvador: Ginga Associação de Capoeira, 1994. 198 p.

ITAPOAN, Raimundo Cesar Alves de Almeida-. **Bimba Perfil de Mestre**. Salvador: Sem Editora, 1982. 102 p.

MARTINS, Lígia Márcia. Da Formação Humana em Marx à Crítica da Pedagogia das Competências: A Constituição Humana e a Educação escolar. In: (ORG), Newton Duarte. **Crítica ao Fetichismo da Individualidade**. Campinas -SP: Autores Associados, 2004. p. 53-63.

MESTRE Curió Guardião da Tradição. Salvador- Bahia: Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos de Mestre Curió, s/d. (55 min.), DVD, son., color.

MWEWA, Muleka. **Cenários da Indústria Cultural: Corpo Negro, Cultura e Capoeira**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2009. 111 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al (Org.). **Pesquisa Social Teoria, Método e Criatividade**. 14. ed: Vozes, 1992. 80 p.

MIRANDA, Camila Maximiano; CASTILHO, Neuza Aparecida Novais; CARDOSO, Vanessa Cristina Carvalho. MOVIMENTOS SOCIAIS E PARTICIPAÇÃO POPULAR: LUTA PELA CONQUISTA DOS DIREITOS SOCIAIS. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p.176-185, 2009. Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n1/15_Movimentos_sociais.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2015.

NESTOR CAPOEIRA. **A Era das Academias 1930-2010 (Trilogia do Jogador)**. Salvador, 2015. E-Book. ASIN: B00VIVN90I. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Capoeira-Academias-1930-2010-Trilogia-Jogador-ebook/dp/B00VIVN90I/ref=sr_1_2?ie=UTF8&qid=1466874749&sr=8-2&keywords=nestor+capoeira>. Acesso em: 10 mai. 2016.

NESTOR CAPOEIRA. Capoeira: o período da escravidão e marginalidade, 1800-1930 (Trilogia da Jogador Livro 2). **Rio de Janeiro, 2014. E-Book**. ASIN: B00VXC1CZQ. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Capoeira-escravid%C3%A3o-marginalidade-1800-1930-Trilogia-ebook/dp/B00VXC1CZQ/ref=sr_1_3?ie=UTF8&qid=1466875323&sr=8-3&keywords=nestor+capoeira>. Acesso em: 10 mai. 2016.

O Povo Brasileiro. Direção de Grinspum Ferraz. Produção de Fundação Darcy Ribeiro, Tv Cultura e Gnt. [s.i]: [s.i], 1995. (240 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eqIcHGj4f7k>>. Acesso em: 11 maio 2015.

Pastinha Uma Vida pela Capoeira. Direção de Tito Ameijeiras. Realização de Antônio Carlos Muricy. Rio de Janeiro, 1998. (56 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-unP_tdBiKl>. Acesso em: 28 nov. 2015.

PINTO, Alice Regina et al. **Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos**. Viçosa, MG, 2011. 88 p. Disponível em: <<http://www.bbt.ufv.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968. 416 p.

ROSSLER, João Henrique. A Educação como Aliada da Luta Revolucionária pela Superação da Sociedade Alienada. In: (ORG), Newton Duarte. **Crítica ao Fetichismo da Individualidade**. Campinas -SP: Autores Associados, 2004. p. 75-99.

SETE, Mestre Bola. **A Capoeira Angola na Bahia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1997-2001. 197 p.

SHAFFER, Kay. **O Berimbau-de-barriga e seus Toques**. [s.i], 1977. Disponível em: <http://www.geocities.ws/capoeiranomade3/O_berimbau_de_barriga_e_seus_toques-Kay_Shaffer.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2015.

SILVA, Augusto Januário Passos da. **A Capuêra e a Arte da Capueragem: Ensaio Socioetimológico**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2003. 127 p.

SPARAPANI, Priscilia. O direito de resistência, a desobediência civil e os movimentos sociais internacionais. **Cadernos de Direito**, Piracicaba, v. 11, n. -, p.21-39, dez. 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/.../616>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

TEIXEIRA, Carlo Alexandre et al. **Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília. 2007. 105 p. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossiê_capoeira.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2015.

TONET, Ivo. Educação e Formação Humana. **Ideação Revista do Centro de Educação e Letras**, Campinas Foz do Iguaçu, v. 8, n. 9, p.9-21, set. 2006. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/852/721>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Silva. A Dialética Materialista e a Prática Social. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 02, p.121-142, ago. 2006.

VYGOTSKY, L.s. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991. 90 p. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

APÊNDICES

- ENTREVISTADO 1 - 22/04/2016

INFORMAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO MESTRE COM A CATEGORIA TRANSFORMAÇÕES

Eu- Quando começou a aprender capoeira?

ENTREVISTADO 1- *Eu comecei a aprender capoeira em 97, mas o contato com a capoeira primeiro foi com os meus amigos, com meus companheiros de escola, de bairro e eu tive o primeiro contato assim da idéia de praticar foi na verdade em 96 que eu tive a primeira experiência de brincar com o negócio, de tentar gingar e fazer algum movimento tudo isso, mas o primeiro contato mesmo foi quando criança ainda eu fui pra cidade Santa Maria com 5 anos de idade, mais ou menos ao 8 anos de idade eu morava muito próximo ao centro, ainda no bairro centro, mas no limite do bairro-centro, com outro bairro já e eu ia com a minha mãe frequentemente caminhando pra o Calçadão da cidade, por algum motivo de pagar contar, fazer compra ou alguma coisa assim e a Roda do Mestre Biriba á era uma coisa tradicional que ele já fazia naquela época, era sistematicamente, já tinha um grupo. O mestre foi pra Santa Maria eu acho que oitenta e poucos, não tenho certeza, o Biriba vai saber dizer corretamente, na década de 80, e eu sou de 81 então o contato foi na verdade no final dos anos 80 que foi quando eu conheci o Biriba, quando eu parava com a minha mãe nas rodas, a minha mãe me ofertava pra eu ir praticar capoeira, mas eu não me interessava. E na escola, na minha escola onde eu estudei um aluno do Mestre Biriba chamado Nando com o Apelido de Patife, Patife era professor de capoeira e ele dava aula na minha escola, também já sabia que acontecia ali, foi mais ou menos assim que eu comecei, mas no ano de 97 exatamente que eu comecei a praticar ai sistematicamente até hoje.*

Eu- Quais os motivos que te levaram a praticar, foi a tua mãe ou não?

ENTREVISTADO 1- *Não, ela minha mãe é artista plástica, sempre me incentivou pelas artes, eu estudei piano quando criança, piano clássico, depois eu estudei teclado em conservatório, fazia todos esses ensinamentos formais da música, da partitura e tinha toda essa experiência com a música e a minha mãe com as artes plásticas, a minha casa sempre foi um lugar de estímulo a cultura, mas a cultura erudita, a cultura do piano, a cultura da partitura, a cultura de grandes artistas principalmente dos artistas europeus, mas além disso a minha mãe tinha um trabalho fortíssimo relacionado à pintura dos índios, a minha mãe tem uma obra muito interessante sobre os Guaranis e os Gaingues os índios aqui do sul, embora toda a cultura fosse erudita ela retratava essas pessoas, são os originários, de certa forma eles apreciava a cultura popular, que também me incentivava a capoeira, mas a minha motivação pra praticar a capoeira foi na verdade um momento de grande febre, que nos anos 90 rolou com a capoeira, eu enquanto moleque, guri novo eu me interessei pela capoeira porque meus companheiros, meus amigos, o meu círculo de amizade estava já na capoeira, eu era um moleque muito solto desde cedo, então agente ficava muito na rua, ficava de certa forma marginalizados e aprontando fazendo muitas vezes que não se deve, tinha esse grupo mais dos malandros, da cidade, da rapaziada que era malandra, era boa de briga, era boa no jogo, na rua, atrás da minha casa tinha um Parque chamado Itaembé, agente jogava futebol, jogava basquete, jogava vários esportes assim sempre numa característica de ser de rua, tinha uma cultura da molecada solta, da molecada da rua, uma cidade universitária e agente era meio perverso, os mais perversos, eu tive muito companheiro meu que foi preso, muito companheiro que até se envolveram em brigas e acabaram morrendo e eu vendo que naquele período, eu estava num momento muito difícil, porque eu era o caçula de três irmãos, duas meninas mais velhas cada uma correndo Atrás das suas Possibilidades, da sua vida, uma mãe bem desorganizada em termos econômicos, a coisa não era fácil nesse período e um pai ausente, desde cedo, embora tenha contato com ele, mas desde cedo muito ausente pra ajudar, na verdade o que eu vejo no final da história, interpretando assim a minha busca naquele momento, hoje eu falaria melhor, que se eu me perguntasse lá com 15 anos o que eu achava, porque que eu estava indo pra capoeira, eu não saberia nem dizer, talvez eu falasse que era por isso, mas eu vejo assim que era mais uma busca de pertencimento, de fazer parte de um clã que me fizesse bem, todo esse período eu ia muito mal à escola, estava muito solto na rua e ai eu comecei a praticar a capoeira, e ai mesmo que eu não queria saber de escola, porque eu ia de manhã pro treino, ia de tarde, ia de noite e tinha treino muitos alunos do meu mestre, eles davam aula pela cidade, vários não era um, eram vários, tinha treino às vezes a semana inteira em vários turnos no mesmo dia, às vezes dois treinos no mesmo turno, treinavam um pouco aqui ai acabava e dava tempo de sair correndo pra pegar a roda de não sei quem e não sem onde. Ai virou intensamente aquilo, eu sempre fui muito assim também na vida, jogava muito uma coisa, ai jogava só aquela coisa que nem um louco, não gostava de estudar, não estudava de jeito nenhum, mas só tirava 10 naquela que eu jogava, eu sempre fui intenso, tipo eu ia muito mal à escola nessa época em matemática, física e química, eu não aturava isso, não tinha uma boa relação com os professores, mas ia bem demais em história e geografia, bem sem*

estudar, bem porque gostava e assistia a aula, perguntava, entendia, debatia, sempre fui assim, mas acho que foi isso o Biriba depois virou sempre uma figura pra mim muito... Não só ideológica, mas meio mítica o reencontro com o negro, uma coisa assim, que na minha comunidade agente não tinha muitos negros, os negros em Santa Maria estavam mais localizados nas periferias e uma cidade predominantemente branca, embora hoje em dia tenha um movimento negro bem forte, mas no final dos anos 80, nos anos 90 com certeza ainda muito preconceituosa, uma cidade interiorana, uma cidade que pertence aos coronéis das fazendas, pertence aos lojistas mais antigos, uma cidade de comércio, mas também uma cidade dos estudantes que sempre permitiu que existisse uma galera livre na cidade, uma galera subversiva que se relacionava, mas o negro era uma pessoa ausente, era uma figura ausente e o Biriba era talvez fosse o Mito na cidade um negro importante, isso era muito legal. E eu sempre fui... A minha mãe sempre disse assim: se eu tivesse chegado em algum lugar e eu encontrasse o rei e a rainha sentados numa mesa e eu enxergasse o cocheiro cuidando da carroça ou o motorista esperando no lado de fora do carro, eu ia bater papo com o motorista, eu ia lá fora, dizendo que se eu visse alguém na rua de fraque chamando atenção eu ia no senhorzinho que estava ali pedindo sentado na calçada e sempre por querer conhecer as pessoas, e o Biriba foi essa oportunidade de conhecer a história do negro, a história da figura do negro, então eu vejo como uma figura masculina de autoridade, de respeito, assim pra mim naquela época eu era bicho solto, não tinha um pai presente e numa casa que sempre rodeada de menina, porque eu tinha meu padrinho, poeta Antônio Carlos Machado, da cidade também que era uma figura, sempre representou o pai, o homem presente que era muito presente, mas a figura do Biriba foi uma coisa importante. Rapidamente eu fui aceito, o grupo era bem segregador, tinha os alunos e tinha os parceiros, como se fosse assim muitos alunos, mas no final da história acabava o treino poucos parceiros comparado ao grande grupo, ao grande número de capoeira, poucos parceiros sempre iam pra casa de alguém fazer uma comida, tomar alguma birita, se encontrar e eu no primeiro momento que eu entrei no grupo eu já virei desse clã, aí já foi um mergulho, porque era como se eu estivesse trocado de clã, eu era do clã dos marginais da rua, os caras estavam cometendo ainda pequenos delitos, mas que em breve seriam grandes delitos eu poderia estar junto, eu vejo que a capoeira naquele momento foi uma escapatória e uma troca de clã, eu deixei de ser daquele clã da rua pra ser de um clã que se apresentava na rua agora, na 2ª semana eu tava jogando capoeira na roda, no calçadão e aí que é isso, conhecendo novas pessoas, praticando e a maioria dos antigos da época assim me incentivando muito, porque muitos deles também eram desses grupos marginalizados e acabaram ali. Muitos deles, muitos deles acabaram transformando a sua vida também né, porque deixaram de ser o João ninguém da esquina, que eu não era filho de fazendeiro, nem de lojista e a minha mãe era universitária também, fazendo faculdade de Artes, eu ficava sozinho em casa com 8 anos de idade e fazia a minha comida, me virava e aí derrepente tu não é mais um João ninguém tu é o ENTREVISTADO 1, que joga na roda do calçadão, que os teus colegas de escola já começam a te enxergam como alguém diferente também e as pessoas começam a te respeitar diferente, e foi muito bom, o meu próprio grupo social da rapaziada da rua passou a me respeitar também mais do que me respeitava eu era um garoto bem quisto pela rapaziada, mas sempre tive as minhas desavenças, todos nós tínhamos, brigava com um brigava com outro, apanhava daqui, apanhava dali, mas depois de aprender capoeira eu nunca mais briguei dessa vez por desafeto ou por desafio de alguém, passei também a ser respeitado pelo meu clã, que era o meu clã do mestre biriba que era um clã respeitado. Na cidade muitas grande em Santa Maria, uma cidade de muitas brigas de galera, galera de tal bairro contra tal bairro, muita coisa assim e coisas violentas, tinha agressões assim de vários históricos de mortes inclusive de adolescente, e aí derrepente eu fiquei neutro porque o clã dos capoeira se relacionava com todas as rapaziadas da cidade, era como se fosse assim era o clã neutro, que tinha gente de tudo que era lugar, até de tudo que era gangue vamos dizer assim, mas que ali dentro aprendia a ser gente, mestre biriba falava assim: fulano de tal esse aqui ensinei até fritar ovo e amarrar o tênis, aí tu vai dizer o que né? Ensinau a pedir licença, por favor, fritar ovo, amarrar o tênis, quer o que mais?

Eu- Quando tu falas que tu saíste da escola qual foi a relação da capoeira com isso? O Mestre Biriba incentivava a ir pra escola?

ENTREVISTADO 1- Ele não falava nada disso, ele não perguntava, nunca perguntou, o Biriba era um terapeuta ele sempre perguntava e sorria pra ti, a melhor lembrança que eu tenho do meu mestre todos os dias é o sorriso dele. Ele era um incentivador ele sorria pra perguntar como é que tu tava, diferente do meu pai, que todas as vezes que falou comigo perguntava como tava a matemática, eu dizia que estava naquele lugar... E isso era um cara libertário ele não te cobrava, ele te cumprimentava e sorria pra ti, te dava um abraço ficava feliz da vida que tu estavas ali treinando.

Eu- E tu começou a treinar com 12 anos 13?

ENTREVISTADO 1- Não eu comecei a treinar com 15 pra 16.

Eu- No início a tua busca foi por um clã, por um reconhecimento e depois foi mudando como foi isso?

ENTREVISTADO 1- Era um pouco isso, eu estava me relacionando com aquela rapaziada marginal e de repente eu não me relacionava mais com a escola, porque eu também não ia mais pra escola, eu matava mais aula, porque que eu reprovava? Porque eu ia mal à escola? Porque eu não ia mais pra escola, eu matava aula e aí a busca primeira foi por outra galera, alternativa, vou pra outro clã, mas ao mesmo tempo um lugar muito interessante porque eu adolescente agente precisa disso pro corpo precisa de exercício físico e sempre fui um moleque muito ativo, naquele período eu tava só enlouquecendo, só na rua, só vadiando, só na noitada entendeu, com 14, 15 anos de idade, só na noitada e aí você começa a ficar... Tem a saúde né, aí foi que deu isso também, a capoeira tinha movimento, tinha treino, tinha suor, tinha exercício, tinha desafio corporal entre pessoas, disputa de pó eu já estou fazendo esse movimento já, pô o cara tem 3-4 semanas de capoeira e já está fazendo macaquinho aí rolava o incentivo dos mais antigos, pô esse moleque cara, meio que me abraçando, aquilo na adolescência tu está ali explodindo de energia e canalizando toda a tua potência, toda a tua energia pra um universo negativo pra rua, só pra coisa ruim, aí foi meio que isso um canal assim pra eu... Eu ia lá pra treinar, era pra treinar, era pra correr eu fazia tudo que tinha pra fazer, era pra fazer 1000 exercícios, fazia 1500. Aí era um treino, eu tava em 2-3, eu tava em todos, dá pra ir? Como é que? Era pra aprender a tocar berimbau, então tá, então vem cá, cadê? Quem é que sabe? Qual é o toque? Como é que faz? Perguntava toda hora, um pouco daquilo que eu falei também eu sou muito assim sou muito intenso. Foi isso que tu perguntaste né? Eu procurei um clã e depois...

Eu- É num primeiro momento foi essa busca, mas depois que tu já estavas envolvido no clã, surgiu outras buscas, quais foram?

ENTREVISTADO 1- Eu acho que a primeira coisa era isso, tu conheceres as pessoas, to me relacionando aqui, eu não almejava... Agente usava corda era Netos de Oxossi o grupo, ainda meio que capoeira Oxossi da família do mestre índio, dos maiores grupo do Rio Grande do Sul em todos os tempos, com certeza. O Mestre Índio ainda era a figura central nessa época e ali logo que eu entrei o sistema era bem treinamento quadrado, aquecia, fazia movimentos de treinos como exercício de polichinelos, como abdominais, flexões, fazia esse treino localizado e depois fazia os movimentos individuais na frente do espelho, e aí depois treinava separado, um grupo treinava coisa mais difícil outro grupo treinava não sei que. Aí treinava indo em circuito na sala repetindo movimento, depois treinava em duplas o circuito, daqui a pouco juntava dupla pra treinar só aquele ou esse movimento, juntava dupla pra treinar o jogo, então isso aí foi um envolvimento massa, como eu falei era uma coisa que estava fazendo muito bem pro meu corpo, porque eu voltei a ser ativo fisicamente, eu estava me sentindo bem, e a busca eu acho que como todo camarada, que legal tinha a galera e os meus amigos já eram corda verde, verde e amarela que são as primeiras cordas e aí os amarelos já eram figuras importantes assim no grupo, nessa época ninguém usava verde e azul que é a corda do monitor, mas alguns amarelos já davam aula e aí tinha os instrutores amarelo e azul e os professores azul e o único mestre que tinha era o Biriba, e os únicos contramestre que ele tinha formado que era a cordas com todas as cores, era o Cesinha e o Pagode, mas eles não eram dali, cada um morava na sua cidade Pagode em Cruz Alta e Cesinha em São Gabriel, cada um deles morava na sua cidade fazendo trabalho, eu não conheci esses caras no meu dia a dia, treinando junto com eles, então almejava isso também, tu olhavas e pô que legal, tu aqui na roda com a galera, conhecendo a galera, depois do treino vou tomar uma gelada com a galera, porque já entrei pra esse do grupo não era só o aluno que ali treinava e ia embora pra casa, tchau mestre até amanhã, então o interesse era de fazer parte do clã, esse era um grande interesse assim meu, querer ter um grupo diferente, outros lugares pra ir, me livrar daquela esquina ou de estar ali de fazer as incursões que a rapaziada fazia, to fora vou me afastar disso, mas ao mesmo tempo era isso eu não queria me afastar sem... Renegando eles, foi também uma forma de dizer, pô to indo pra capu galera, aí eles me respeitavam também, pô ta indo pra capu do Biriba, o ENTREVISTADO 1 ta indo pra lá, junto com o Patifinho, junto com o Sapo, junto com a rapaziada que também é forte, eles respeitavam também e aí almejava aquelas cordas também, eu pensava isso pô que legal já pensou... Nunca nem pensava pela cabeça a corda de mestre, isso não passava pela cabeça, tu olhava assim os cordas azul Chanel, Patifinho, Sapo era umas entidade pra nos assim, era os mais velhos, os caras que eram bons de capoeira, mas aí depois tu via o Boi tu via os outros assim tu já jogava de igual pra igual com eles, rola essa disputa, nesse sistema de corda, tu querer isso, então de certa forma eu quis também.

Eu- Como foi o seu processo de aprendizado até chegar a Mestre?

ENTREVISTADO 1- Mestre é uma longa história, mas pensando até começar a dar aula, por exemplo, fui muito rápido porque logo que eu entrei, deu tempo ali, já teve um batizado que chama, fui

batizado pelo Mestre Cunha o irmão do Biriba, meu padrinho e aí logo em seguida também já teve naquele mesmo ano teve o verde e o amarelo, eu já peguei o verde amarelo, que já fazia tudo que era movimento, tocava berimbau, tocava era metido.

Eu- Quantos anos depois de tu estares na capoeira?

ENTREVISTADO 1- Um ano, um ano antes de dois anos de capoeira eu já tava dando aula, antes de dois anos, o Biriba me apresentou a primeira turma que ele não queria pegar na verdade, uma turma só de 4 alunos e acabou me entregando aquela turma, era isso o processo era muito quadrado, era muito treinamento, não tinha... Hoje vendo a C.A.³³ também muitos grupos de C.A ainda tem essa política de treinar, treinar, treinar que nem um louco, só o corpo e trabalhar a música só num pedacinho da aula, eu acho que meu processo de aprendizagem nesse conjunto aonde se treinava capoeira fisicamente muito pesado, treinamento pesado, se treinava capoeira pra bater, era uma capoeira marcial, e se incentivava nessa época muito pouca a musicalidade, embora a galera fosse boa de som, a galera era boa de ritmo, Patifinho que hoje é mestre, Patifinho é um dos caras que vi tocar atabaque assim na minha vida, olha não conheço nenhum baiano, cantando como ele cantava, com um vozeirão assim, tocando Olodum, um monte de virada nas duas tumbadoras, então a galera era muito boa de ritmo, e eu como já tinha estudado piano, já tinha essa experiência com música, aprender a tocar o berimbau, pandeiro eu já tocava desde os 4 anos de idade, eu já tive o contato, por causa de um cunhado meu, eu tive contato com o pandeiro, eu já tocava samba 5-6 anos tocava samba, então a batidinha do samba no pandeiro, quando eu cheguei na capoeira era assim, pô assim o cara já veio pronto com a batida do pandeiro, levando o samba de roda acelerada, que legal, que bom, a galera que dá aula né, porque chegou alguém pra somar, não vou ter que ensinar o cara a bater 1, 2, 3,4. Ai eu vejo isso assim, foi muito frenético esse primeiro momento, foi um intensivo, que durou até 99, quando o grupo se dissolveu. Ai por motivos que o Mestre biriba pode contar melhor, agente deixou de fazer parte do grupo do mestre índio e fundou m grupo chamado Associação de Capoeira Raízes do Sul, Raízes do Sul era composto pelo Biriba e pelo Cunha o irmão dele, e nós passamos a fazer parte desse grupo, todo reestruturado e muitos desgostos dentro do grupo, alguns não gostaram de deixar de fazer parte do Mestre Índio, mas principalmente um ficou separado que foi o Mestre Patifinho, que na época era professor Patifinho, ele ficou separado e manteve a camisa Oxossi, começou a coagir os alunos dizendo que ia dar aula não sei onde ainda pela Oxossi, culminou no biriba dando um murro nele, e aí acabou que gerou uma divisão no grupo, no mesmo no Biriba vazou pra Porto Alegre, por causa de uma mulher, um rapo de saia e na saída dele pra Porto Alegre, acabou o nosso chão, porque quem mantia a capoeira unida em Santa Maria era o Biriba, no momento que o Biriba saiu a guerra de vaidades que tinha dentro do grupo, virou uma guerra pessoal entre eles, cada um foi pro seu lado, eu nessa época, eu e o Mestre Militar fomos os responsáveis por tocar o Raízes do Sul em Santa Maria, nós ficamos com a sede do Raízes que era a antiga Academia Forma, agente ficou de dono da sede do Raízes, assumimos uma dívida, pagamos juntos a dívida, tocamos as aulas lá dentro, eu tinha o meu horário, o Militar tinha o dele, agente seguiu trabalhando, levamos alguma multas da Secretária de Indústria e Comércio, tivemos vários problemas pra legalizar o espaço, nos envolvemos com um político, o pai de um amigo nosso pra conseguir resolver a questão burocrática de fundar um espaço ali pra capoeira, não conseguimos apoio de verdade, só fomos enrolados, até que o grupo se desenvolveu. Nessa época que se dissolveu mais ainda eu fiquei doente.

Eu- Isso em 99 ainda?

ENTREVISTADO 1- É eu tive um problema de saúde, ai eu acabei indo pra Porto Alegre pra ir ao médico, pra ir ao médico da Capital e a minha irmã já morava lá, eu tive a resposta da minha irmã, acabei indo pra Porto Alegre, no que deu foi que acabei tendo que ficar em Porto Alegre porque minha irmã e minha namorada fizeram a inscrição do vestibular pra mim e aí numa dessa que eu tava indo pro médico, por motivo de saúde pra Porto Alegre eu acabei sabendo que elas tinham me inscrito pro vestibular de Educação Física sem eu saber, ai como assim né? Eu me esqueci de falar que nesse meio tempo que eu tava praticando capoeira em Santa Maria eu fiz o supletivo e acabei terminei fazendo o 2º grau ainda em tempo com 18 anos, e aí rolou isso de poder ir pra Porto Alegre e derrepente fazer o vestibular, ai eu passei ai foi que a minha vida tomou outro rumo, acho que é um segundo momento de aprendizagem, primeiro teve a Oxossi com o Biriba com aquele sentimento de união que eles passaram porque agente era um clã unido, muito bonito de ver e de lembrar, depois teve esse momento de assumir o grupo junto com o Militar, foi um aprendizado importante pra mim também, a parceria do Militar muito importante foi quem me ensinou a fabricar o berimbau e foi um incentivador dos primeiros berimbaus, eu fiz olhando, olhava como era um berimbau, via qual eram os detalhes e tentava reproduzir, hoje eu sei algumas coisas importantes pra fabricação do meu ins-

³³ Abreviação de Capoeira Angola

trumento que não foi ele que me ensinou coisas que eu fui aprendendo por aí, mas quem me ensinou primeiro a ir lá ao mato a catar madeira, e incentivava era o Militar. Acho que é importante destacar isso, depois esse momento em Porto Alegre, eu morava perto da Academia onde o Biriba dava aula, então frequentava lá e eu passei... No primeiro momento que eu fui pra Porto Alegre foi em 2000 de vez né, que eu fui estudar primeiro mês que eu comecei a fazer faculdade de Ed. Física eu entrei numa ONG que chama Parceiros Voluntários e comecei a ensinar capoeira em Porto Alegre, já ensinava lá em Santa Maria naquele grupinho, em Santa Maria eu tive as primeiras turmas ainda com Biriba no comando só de criança, depois quando o Biriba foi embora eu acabei abrindo uma turma na academia e outra na ABB, posteriormente quando a academia faliu agente foi pra ABB, treinei um tempo no Parque também, quando não tinha ABB, dei aula no Parque Taembé não tinha espaço agente foi pra rua, fazia a roda, fazia treino, foi legal.

Ai Porto Alegre Morro Santo Antônio foi lá que eu comecei meu histórico de formar meu primeiro grupo mesmo, grupo mais sólido que o grupo que eu formei na Forma e na ABB era um primeiro grupo meu, mas não durou, não teve, não prolongou aí o que rolou foi o seguinte Porto Alegre foi um mergulho na comunidade, porque eu saio de uma cidade predominantemente branca inclusive a capoeira do Mestre Biriba, era 99% branco, eram poucos negros como o Biriba poucos, dá pra botar na ponta da mão, acho que 10 no máximo, de um grupo de mais de 100. Em Porto Alegre ai foi o oposto Morro Santo Antonio, as crianças todas da Maria Degolada, da Maria da Conceição da comunidade do lado onde 99% eram negros, foi muito legal, foi o Luiz chegar lá no Instituto de Assistência e Proteção a Infância e começar a aprender a ensinar de verdade, provar pra mim mesmo e aprender a ensinar. Durante todo esse processo, quando agente trocou pro Raízes do Sul, agente trocou e toda a discussão da corda acabou bagunçando tudo, do tipo Pra que usar corda? Agente ficou um tempo usando e em Porto Alegre ainda usava, daqui a pouco parou de usar um, parou de usar outro, daqui a pouco eu fui pra Bahia a primeira vez em 99 e ali que eu consegui conhecer a Capoeira Angola e a Capoeira Regional de verdade, porque uma das coisas que me fez também ir embora pra Porto Alegre e acabou que culminou e eu fiquei doente meio que a vida avisando é pra tu ir mesmo, foi que eu e o Militar agente divergíamos disso, ele queria Capoeira Regional cegamente sem estudar a fundo o que era uma, o que era a outra e muito menos sem estudar a raiz dele, tanto é que hoje em dia ele não ensina capoeira regional, ele ensina capoeira, se ele tivesse tão certo naquela época hoje em dia ele tava convicto, ainda estava fazendo isso, na época foi isso, agente discutiu muito entre nós e acabou gerando uma divergência política sobre isso e eu dizia que agente não era regional, que não tinha cabimento agente ser regional a partir do principio que era um berimbau e dois pandeiros e agente nunca tinha visto isso na roda do Mestre Biriba, embora o Mestre Índio seja um cara que... Muitas vezes 2wsaiu da boca dele a palavra AngloRegional, que era a loucura do Índio, da capoeira do Mercado Modelo, que era capoeira na porrada, tinha a malícia do angoleiro, o ritual do angoleiro, mas o cacete pegava, assim como Bimba incentivava ir pro ringue, então o cacete pegava no mercado, a capoeira do Mestre Índio do Mercado Modelo.

Esse tempo do Morro Santo Antonio foram 4 anos de universidade foram 4 anos de capoeiragem, ali eu formei uma rapaziada muito boa, criança nova, os menores com 6-7, os mais velhos com 14-15 anos, todo mundo tocando, cantando, um grupo muito legal tenho bons registros de fotos deles e foi incrível assim, agente teve um trabalho magnífico lá, cheguei a ouvir da boca do Mestre Churrasco, o Biriba é testemunha disso, que aquelas crianças eram frutos da Capoeira Angola do Rio Grande do Sul, o trabalho foi muito bacana, mas eu não queria morar em Porto Alegre, não queria viver lá, foi uma luta muito difícil de eu desapegar deles, foi muito complexo, porque agente tinha uma relação de carinho muito forte, agente treinava as 3ª, 5ª E sábados, 3ª e 5ª uma hora e meia de treino, sábado 2 horas de treino e Domingo agente pegava eles às 09h00min da manhã no Morro Santo Antonio, eu e o Biriba, e ia embora até o Brique da Redenção que é uma caminhada considerável com as crianças, chegava lá, fazia a nossa roda no Brique, foram anos fazendo isso, durante esses anos eu levei as crianças pra universidade pra fazer roda, pra participar de práticas de ensino, consegui beneficiar elas com aulas de dança, com aulas de futebol, com aulas de atletismo e além deles irem junto comigo pra universidade fazer roda, participando de festival de dança com a criança e fiz na verdade deles o meu trabalho de conclusão, contar a história do Morro Santo Antonio daquele grupo que eu formei, foi meu trabalho de conclusão fazendo uma relação da importância desse tipo de trabalho e da relevância da capoeira angola em cima da idéia da capoeira regional, não desmerecendo a capoeira regional, mas e entendendo que a deturpação dos fundamentos da capoeira regional, podem se tornar perigosos nunca comunidade veja a capoeira regional tem movimentos desequilibrantes, traumatizantes, asfixiantes coisas que são típicas da finalização, uma coisa mais agressiva e a capoeira angola não se ela é mal guiada com Certeza Também ela vai ter problemas, mas ai ela não vai ser angola, Angola não pode ter esse fundo de luta por luta, numa comunidade, ainda mais uma comunidade violenta como era a Maria Degolada, foi muito interessante esse aprendizado, Porto Alegre foi o

exercício de fazer a minha história, porque o Biriba estava sempre comigo nas Rodas do Brique, mas o espetáculo quem ensaiava quem organizava era eu, porque a criançada do Morro Santo Antonio treinava comigo e o Biriba dava aula em Via Mão os projetos sociais de lá, essa época era interessante. Ai depois foi sistemático eu fui mais algumas vezes pra Bahia a maior parte das vezes que eu fui pra Bahia, todas as vezes que eu fui pra Bahia eu sempre acabei visitando o Mestre Curió, eu diria que a minha busca pela capoeira angola e pela da nossa raiz foi despertada pelo Mestre Curió, em Porto Alegre a capoeira também era bem intensa teve os fóruns de capoeira, teve os eventos que nós fizemos o contato com o Mestre Leopoldina, com o Mestre Pelé da Bomba, o contato com outros mestres da cidade dessa época como o Mestre Churrasco muito importante, pela arte do berimbau, pela representação lúdica do capoeirista do homem criativo, do homem que se vira nas dificuldades, muitas vezes eu ficava sozinho com o Churrasco na Banca dele, esperando ele fechar pra depois irmos tomar uma cachaça no Bar do João depois e escutar as histórias dele, o Mestre Bartelemi também nessa época o Michel o irmão do mestre Churrasco, Mestre Volnei e a rapaziada do Raízes que estão aí hoje também, o Mandela, o Joel, Joel chegou a fazer parte de uma roda nossa aqui no Canto do Rio, um negão alto bem grande, o Arídio. E foi uma escola Porto Alegre, o Fórum Social Mundial, foi semana de capoeira Porto Alegre, fórum gaúcho de capoeira, vários eventos que agente tinha a chance de fazer parte e tive cadeira de capoeira na universidade também com o Mestre Carson da Muzenza, foi um embate sempre porque ele era um cara com discurso totalmente separado do meu, eu era um cara buscando a capoeira angola e ele é um cara que busca e é Mestre conceituado numa capoeira comercial, agressiva, violenta, Muzenza famosa pelos seus campeonatos e pelos típicos ringues que eles fazem a roda virar né, pancadas violentas e homens cada vez maiores e com estereótipos de lutadores de MMA ou de outra coisa que não é capoeira. Ele era oposto do que eu era eu ao invés de ficar puxando ferro pra ficar forte, eu queria ficar elástico pra treinar capoeira angola e pra poder jogar na roda, queria pegar malícia, minha de entrar e sair de uma rasteira, ele não queria ficar com o peito forte estufado. Fui obrigado a fazer a capoeira, mas eu fui uma pedra no sapato dele, vivia incomodando ele, com todo respeito, nunca desrespeitei ele como professor, mas acho que a forma como ele levava a capoeira pra mim que vinha de uma família de aprendizagem tradicional na capoeira, aquilo era uma ofensa né, um cara que faz uma prova de capoeira com 10 perguntas, 10 questões como prova final da disciplina de capoeira pra futuros professores de educação física, que teoricamente por causa da cadeira dele vão poder dar aula de capoeira, e ele faz perguntas como Quem foi Pastinha? Quem foi Bimba? Quem inventou o Batizado, enfim, perguntas supérfluas, perguntas que qualquer criança responderia quem foi Pastinha. Agora um professor de educação física que vai ensinar capoeira, teria que no mínimo ser contestado a pensar na ciência do movimento, todo universo que a educação física trata do corpo como uma via de aprendizagem, o corpo como fenômeno da sua cultura, daquilo que viveu daquilo que experimentou e a capoeira como uma arte de contestação, uma arte rebelde, uma arte de militância de mudança na sociedade, e ser tratada assim, sem nenhuma pergunta crítica na avaliação final pra professores de educação física sobre capoeira e uma pergunta sobre o que o capoeirista deve saber da sua história, pô o que é isso.

Quando eu me formei na faculdade eu me desliguei do Morro Santo Antônio e vim pra Florianópolis e como já tinha anos de trabalho voluntário lá de 2000-2004, cheguei aqui no final de 2004 e aí fui procurar o Coronel Paixão, na Base Aérea de Florianópolis, que na época era o Capitão Paixão, então o Paixão tinha um projeto social chamado Mariane Toedo não sei que lá, que nunca foi conhecido por esse nome, sempre foi conhecido por Caravana do Ar e o Coronel Paixão tocava um trabalho social eu pensei bom se eu estou num trabalho social em Porto Alegre e aquilo fez tão bem pra mim né, vou continuar fazendo um trabalho social pra que o grupo e ai esse grupo chama Escola de Capoeira Irmãos da Beira Mar de Angola, foi fundado em 2004 ainda em Porto Alegre eu e o Biriba moramos, dividimos um apartamento, moramos junto de 2002-2004, na verdade do início de 2003 ao final de 2004, e no final de 2004 agente pensou que não dava mais pra ficar com o nome Raízes do Sul, ai primeiro agente parou de usar as camisas do Raízes do Sul e criou uma camisa escrita Conjunto de Capoeira Angola do Morro Santo Antonio, que era o meu conjunto de crianças lá e aí motivado pelo Mestre do Noronha que tinha o Conjunto de C.A Conceição da Praia, agente usou esse nome conjunto. Mas ao avaliar isso quando agente foi fundar a ECIBA eu já era muito mais empreguinado pelo universo do professor, muito desvalorizado no nosso país, então eu pensava desde o início que agente tinha a velha frase que Mestre era mestre, aluno era aluno, e professor era merda, desculpa a palavra, professora. Mas era uma cultura que já vinha da capoeira do Mestre Índio, como que se professor fosse a coisa mais abundante no universo da capoeira, qualquer um era professor, como se fosse isso, e que Mestre era difícil ser e que aluno era aluno, sem aluno não pagava a conta do mestre e pra ser mestre tinha que ser professor, então é muito complicado. Mas eu pensando nisso como agente precisa aprender a valorizar o professor e a palavra professor como uma pessoa importante e aí agente pensou na palavra escola, porque em 1º lugar o mestre caíçara foi uma influência também

foi uma influência do mestre índio e o mestre caçara tinha academia São Jorge dos irmão unidos do mestre caçara, e eu já tinha tido alguns contados com o mestre curió da Bahia que tem a escola de capoeira irmãos gêmeos do mestre curió, aí agente pensou a pensar nisso precisava ser um nome grande pra seguir a tradição das antigas escolas e precisava remeter a palavra escola como um lugar de aprender capoeira e não só um lugar de treinar, e separando essa ideia da academia, da associação do grupo e aí os irmãos por sermos dois, biriba que não éramos mais mestre e aluno, mas éramos parceiros de capoeira, acabou que virou irmãos da beira mar de angola, porque agente estava vindo pra beira mar, agente tava vindo duas pessoas que sempre gostaram da praia, do mar eu sempre gostei o biriba, mas que agente nunca teve a chance de viver na praia. O Mestre Cunha o irmão do Biriba já estava morando em Torres no litoral gaúcho, o grupo já tinha se dividido de novo, complicado esses anos. Acabou que eu convenci o Biriba a vim pra Floripa junto comigo e aí agente fundou esse nome lá em Porto Alegre ainda, chegando aqui já que fundou o grupo, precisa ter um grupo, precisa ter uma galera, foi ali na Base que eu comecei um trabalho, de lá pra cá destaco que viajei pra alguns lugares do Brasil atrás de capoeira sempre, o melhor encontro foi com o Mestre Patinho do MA em 2009, quando eu resolvi deixar de ir pra Bahia porque a impressão que eu tinha da Bahia é que cada vez mais a capoeira era desunida, o único cara que ainda fazia roda de rua e que era um cara que recebia qualquer um, era o Mestre Lua Rasta, o resto todas as escolas ordotóxicas, fechadas, ninguém absolutamente recebendo o outro uma aparente disputa de mercado maluca, mas resolvi, não vou ir pra Bahia pra ver o Curio, vou pro MA pra conhecer a Capoeira do MA, eu fui e foi a melhor coisa que eu fiz hoje Patinho é padrinho do meu filho, é um mestre que eu diria assim, eu não tenho dois mestres, o meu Mestre é o Mestre Biriba, quem me ensinou a jogar capoeira, quem me ensinou a amar a capoeira foi o Mestre Biriba, mas eu diria que o Patinho é um grande mestre e um companheiro de capoeira influente na minha vida, não acho que ele tenha sido meu 2º mestre, não interpreto dessa forma, mas reconheço que aprendi muita coisa com ele, com certeza muita coisa que hoje eu reinterpreto e consigo pensar no processo que eu acredito da capoeira é graças também ao Patinho e essa visão mais Libertaria que o Patinho ensinou, com certeza acho que a grande contribuição é de forma que ele leva a capoeira do MA, não pense que é um mar de rosa porque não é uma capoeira também tem tanto problema, tanta violência, tanta loucura, sacanagem, charlatão tudo como em qualquer lugar, mas ele conseguiu sintetizar na galera dele uma união e um respeito entre os mestre e cada um dos mestres que são alunos dele tem seu grupo, tem o seu trabalho e eles todos se respeitam, embora como eu falasse, sempre tem algum problema, isso não tem como, a roda puxa isso também.

Aprender foi isso, foi um pouco isso e como eu sempre falo ensinar capoeira te obriga a aprender, então quanto mais eu dou aula mais eu vejo coisa pra aprender, coisa pra lapidar, que aí não vendo a capoeira como uma coisa que tenha fim, se agente parar pra pensar sempre tem uma ladainha nova esperando pra ser escrita, sempre tem um berimbau novo pra ser pintado ou um timbre novo de berimbau, Mestre Churrasco é um grande exemplo disso, eu sempre gostei da loucura inusitada dele, de fabricar berimbaus exóticos, mas eu acabei indo pra outro lado, acabei indo pro som do instrumento, eu sou um fabricante de berimbau hoje que procura excelência no som, na afinação, na sonoridade, na duração do som, na intensidade do som, é um pouco disso, um pouco a minha escola também de herança do Mestre Waldemar e dos estudos em cima dos instrumentos, eu ando sempre fabricando os meus e nunca comprando, acho que isso é um aprendizado também.

Eu- Quais foram as fases mais marcantes dessa trajetória?

ENTREVISTADO 1- É um pouco isso, destaquei as coisas mais marcantes, o contato com a capoeira do MA é uma coisa muito especial pra mim, mas eu diria isso, o contato com o mestre Churrasco é uma coisa muito especial, o contato que eu tive com o mestre Leopoldina eu destacaria também, no ano de 2006 o mestre Leopoldina, essa casa aqui, minha casa estava em obra, tava fazendo uma ampliação, mas tava morando aqui dentro ainda, no meio da obra e nessa época agente conseguiu trazer o mestre Leopoldina que Deus o tenha em bom lugar, agente conseguiu trazer ele pra participar pra fazer o nosso encontro anual. Marcante realmente contato como Mestre Churrasco, sempre incrível em Porto Alegre, o contato com o Mestre Leopoldina, em Porto Alegre algumas vezes depois aqui em casa, no Santinho o contato com o mestre Leopoldina. Eu destacaria o mestre Pato como eu já, falei o contato da capoeira do MA foi importante, o contato com o Mestre Curio, com o Mestre Bamba, quando eu consigo entender melhor o que é a Regional o que é a Angola e também destaco o encontro, o nosso Primeiro encontro de capoeira que agente fez aqui, que foi em 2005, eu consegui um patrocínio pra trazer o Mestre Churrasco e 12 crianças do Morro Santo Antonio, que não conheciam o mar, agente fez o 1º encontro da ECIBA, com o tema Viva Zumbi, porque caiu bem no dia 20 de novembro, a televisão nos filmou aquele dia ao vivo agente fazendo a roda, nós fizemos uma atividade na Base, fizemos atividade lá na Lapinha, na Igreja do Ribeirão, fizemos uma oficina lá no

Centro Comunitário do Ribeirão, fizemos um grande almoço na Sociedade amigos do Campeche, na SAC, fizemos a nossa 1ª roda pra aparecer o grupo, foi bacana por isso, foi marcante porque foi o 1º evento do grupo com o Mestre Churrasquinho presente, com as crianças que eram meus alunos que eu ainda tinha afeto, tenho até hoje, mas hoje são tudo homem, são tudo mulher, não sei cadê. Agente fez parte da vida deles.

Eu- Quais foram as contribuições e quais foram as mudanças?

ENTREVISTADO 1- Eu acho que já falei né, pertencimento é uma coisa muito importante eu não sei o que é a minha vida sem ser o Luiz da capoeira, o ENTREVISTADO 1, foi isso foi uma coisa importante na minha vida, transformações eu acho isso o Zé ninguém deixa de ser Zé ninguém, hoje eu penso assim, se eu fosse só professor de educação física e não tivesse a capoeira como argumento, não só como uma atividade pra poder passar ou pra enriquecer a minha aula, de forma alguma, outra coisa, se eu não tivesse o traquejo, a malícia, a malandragem que a capoeira me deu pra lidar com as pessoas, eu não seria a metade do professor que eu sou, tenho certeza, se eu não carregasse os meus instrumentos musicais comigo, se eu não usasse tanto a música como eu uso, se eu não tivesse o berimbau comigo, o cavaquinho também que depois entrou na minha vida, se eu não tivesse esse traquejo todo, eu não seria metade do professor que sou. Eu acho que com essas mudanças, mudanças são da água pro vinho, é da noite pro dia aquele fenômeno cultural que a capoeira é me dá ferramentas pra eu Andar no Mundo, pra eu andar no mundo sem problemas, pra eu andar como eu andei em Marraquechi, andar como eu andei na Holanda ou no Leste Europeu. Você que você cria um olhar assim de observação, a capoeira que te ajuda a viver, ajuda saber por onde andar, ponderar as coisas e assim por diante.

BLOCO COMO SURTIU A ESCOLA E QUEM ELABOROU

Eu- Como que vocês elaboraram a proposta pedagógica? Isso foi em Porto Alegre ou foi aqui?

ENTREVISTADO 1- 2004 Agente fundou o grupo e pensou na estrutura fundamentos só, dos não pensou ao ensino, pensou na formação que já vinha sido pensada, a formação da bateria foi. A bateria que agente começou a fazer depois dos meus contatos com o Curió e chancelou aquela bateria depois do contato com o Pelé da Bomba e tinha algumas coisas semelhantes com o Mestre Índio, o Mestre Índio tinha umas coisas semelhantes, mas assim acima de tudo na vela Bahia cada um formava a bateria do jeito que queria e principalmente muitas vezes eu acredito que não tinha essa ordem toda pré estabelecida, agente vê roda do mestre Pastinha com muitas coisas diferentes com dois berimbaus, por exemplo, agente vê roda do Mestre Waldemar com 2 berimbaus também as vezes com 4, então a grande verdade que os tocadores se agrupavam no mesmo canto e tocavam e fazer isso foi simplesmente seguir dois mestres que agente tem como ícones, porque o Índio montava a bateria dele do jeito que os velhos baianos montava, de qualquer jeito. E agente cresceu com a formação certa, eu me lembro da formação e a formação que agente fazia, era uma formação que o berimbau fica onde fica hoje com o Mestre Biriba, só que o atabaque ficava no meio, os 3 berimbaus, o atabaque e os acompanhantes, tinha umas diferenças? Tinha, mas são distorções que vão acontecer, se uma troca uma coisa, se rolou não tem como saber como era a geração passada, então formar a bateria do jeito que agente forma, foi mais ou menos isso, agente construiu esses fundamentos e depois trabalhou com a idéia dos 7 movimentos de Pastinha, trabalhou com a idéia da Oitava que não era só do Pastinha, mas era do Bimba, do Waldemar dos outros mestres de trabalhar com a observação, com a experiência brincando que o brincante aprende, essas estruturas assim qual o toque que vai tocar, qual é a batida, como é que é isso aí, tudo estabelecido pra gente falar a mesma língua. O uniforme que agente adotou foi o Amarelo e Preto, pra gente se separar do Mestre Cunha em 1º lugar que usava branco e aqui em Florianópolis agente chegou já com as camisas do Morro Santo Antonio, sem camisas da ECIBA, mas agente já começou a pensar o que ia fazer, como ia fazer e quando eu fui me voluntariar no Caravana do Ar, o Caravana tinha o uniforme azul pros estudantes, e aqui já tinha o grupo do Tel Rasta do Angoleiro Sim Sinhô, do Mestre Plínio, como já tinha o uniforme azul e branco aqui, eu falei pô se agente usar um uniforme azul pra nossa capoeira lá, nós vamos ficar associado a outro grupo né. Ai eu solicitei na época pro Coronel Paixão pra gente ter uma camiseta nossa né e deu certo agente teve a nossa camiseta, e foi legal porque acabou que foi em homenagem a Pastinha e aí ficamos durante muito tempo, nós muito ortodoxo assim amarelo e preto, assumimos isso esse uniforme, foi o básico. Mas pedagogicamente teve muita discussão, um aluno do Biriba o Arídio que era muito professor, muito mais velho de capoeira do que eu e derrepente se depara com nós aqui e aí se aproxima do grupo no primeiro encontro de 2005 ele participou, no 2º encontro ele desapareceu, não veio e nunca mais deu notícia e derrepente em 2007 no 3º ele resolve aparecer do nada, o Biriba até hostilizou ele e agente acabou perdendo o contato com Arídio, mas

uma das procuras que o Arídio teve com a gente, agente discutiu e acho que até foi por isso que ele abandonou em 2006, porque eu já era professor de educação física, eu já tinha uma noção pedagógica, já tinha meu estudo, a minha experiência de dar aula de capoeira angola em Porto Alegre e derrepente me deparo com o Arídio querendo assumir a capoeira angola e vindo falar que isso ou que aquilo, querendo discutir, e eu sinceramente quando eu ganhei meu espaço eu não recuo, eu já tinha esse espaço de discussão com o Biriba de muitos anos, de ter morado junto, de ter vindo junto pra cá, agente já tinha uma parceria muito forte, agente discutia claramente e uma das coisas que agente falava é que alongamento, exercícios de treinamento e aquelas repetições que nós fazíamos na Oxossi não tinha cabimento isso não era uma aula de capoeira angola, então baseado nas aulas de capoeira angola da Jararaca que eu fiz algumas vezes, baseadas em idéias da capoeira angola agente começou a entender que não precisava alongar agente precisava fazer movimentos suaves, lentos, movimentos bem elásticos, movimentos bem e alongados que já estava garantindo o nosso alongamento e que não fosse um alongamento militarizado, um alongamento que não fosse de modelo nazista ou estadunidense, então não vamos fazer o nosso jeito capoeira é afro indígena, vamos fazer do nosso jeito, fazer com o nosso movimento e aí foi que começou a surgir essa idéia de como que tinha que ser a aula e tudo mais, como que tinha que fazer, eu baseio muito as minhas aulas muito na minha Experiência né com a capoeira angola, as aulas que o Leopoldina deu em Porto Alegre, as aulas que eu fiz com a Jararaca, outras oficinas que agente fez por aí, oficina com mestre Augusto, foi mais ou menos isso o contato com o mestre Churrasquinho ver como ele jogava. Agente começou a querer fazer uma aula mais voltada pra angola, acabou ninguém vai dar pernada no nosso grupo entendeu, ninguém vai ficar treinando compaço ou chutando saco, treinando compaço veloz a 500 por hora pra criança daqui a pouco um dá na cabeça do outro, estudando pra aprender a dar rasteira, mas pedagogicamente ficou até hoje nada escrito, só a cartilha que depois eu fiz sozinho pra registrar os fundamentos do grupo, e nesse inicio também já surgiu a idéia dos três processos, que aí é idéia minha né, não é do Biriba, mas que de certa forma ele comunga porque agente também desenvolveu isso junto, ele sempre tava do meu lado fazendo, que era a idéia de tocar e cantar em 1º lugar e oferecer os instrumentos pra criançada e ao mesmo tempo pra conseguir gerenciar um grupo grande que muitas vezes no Caravana era um grupo grande, depois no Forças no Esporte maior ainda, então precisava de argumento pra ocupar um grupo grande grupo de crianças, aí a idéia de fazer isso, num 1º processo musical, então ocupa a galera com a musica e com o despertar do corpo, na ginga, nos movimentos mais libertários, depois que a galera começa aprender entra um treinamento forte, era o que acontecia no Pelicano, um treinamento muito forte, mas com uma galera que tocava muito bem, quando ia pro instrumento qualquer um que trocasse de instrumento na bateria sabia tocar, aí um período muito forte, intenso de um processo corporal treinar, treinar, treinar movimentos, jogar, jogar, jogar... E o último processo que eu reconheço que é o processo mental, que é o que tu ta fazendo ta estudando, ta pesquisando, ta revendo tudo, ta se posicionando. E eu acho hoje um pouco mais amadurecido, acha que existe um... Não é um 4º processo, mas é a base, como se fosse a 3ª dimensão do negócio, porque se for pensar em três processos ele pode ser representado no plano, o triângulo já te dá três possibilidades no plano, mas vendo a capoeira como uma coisa tridimensional, transcendental derrepente esse 4º ponto seja só o topo da pirâmide, o triângulo não mais como um plano, um geométrico plano, mas agora uma pirâmide como geométrico sólido, onde tu vai ter três lados de uma pirâmide, não uma pirâmide quadrilátera, mas uma pirâmide piramidal, um prisma e lá no topo assim o processo espiritual que seria essa nossa capacidade na roda, não no espiritual do sentido religioso na palavra, mas espiritual no sentido da busca interna de perceber as tuas sensações, a tua capacidade de gerar felicidade em ti, nos outros. Hoje eu enxergo isso como parte do processo espiritual da roda, que ela faz isso, ela transforma essa coisa da lógica do avesso, agente ta mal, agente entra toca e canta e transcende aquela coisa ruim que estava sentindo e aquilo vira uma coisa boa, ou então às vezes você chegar numa roda que o clima tá pesado, tá tenso, ai você joga capoeira se arrisca a sua vida lá dentro, que se você levar um chute daquele você pode morrer e derrepente você está brincando com os teus medos, está brincando com o perigo e ai você sai e ao invés de transpor aquele obstáculo, você simplesmente sinta a sensação que e cedeu que talvez fosse um medo verdadeiro virar num sentimento de revolução dentro de ti, que tu vivas, entrei, sai, to aqui são e salvo, eu e meus santos, eu e os meus orixás, e eu e minhas entidades, eu e tudo aquilo que me protege e muita gente poderia chamar eu e minha sorte talvez se quisesse ser um pouco cético, que ela também não se explica cientificamente. Pensando nisso eu acho que a capoeira ela tem esse outro processo, que ele é sutil, ta no campo da percepção mais sutil, essa capacidade de decidi, de transformas talvez as coisa e consegui porque lá dentro agente consegue mover energias pras coisas acontecerem, eu vejo muito isso.

Eu- Quais os objetivos eram proposto para serem alcançados?

ENTREVISTADO 1- Primeiro de todos era A formação da roda, construção da roda, eu não tinha a intenção de chegar a Florianópolis e me associar em outros grupos, nós fomos convidados para participar fé uma confraria de capoeira, pelo mestre Kadu, do grupo Gunga Nagô que estava nessa confraria com alguns grupos da cidade, eu não sei exatamente quais, mas muitos grupos da cidade e ele sugeriram que agente fosse fazer uma capacitação com ele, eu sinceramente dei risada porque um capoeira que não te conhece te convidar pra ir fazer uma capacitação com o clã dele é uma coisa meio bairrista, meio vai lá estudar comigo né, agente em 1º lugar quando chegou aqui agente não era de muitos amigos não, agente queria fazer o nosso trabalho, construir a nossa roda, inicialmente eu e o Biriba começamos a catar madeira pra berimbau no mato, fabricar berimbau, fabricamos cerca de 200 berimbaus e começamos ir pro centro e aí muitos capoeira se relacionaram com agente, a galera do Pinóquio, a galera do Tigre, muita gente passava por lá e via os nossos berimbaus e começavam a conversar com agente, o Palmares, o Jerry passou uma vez lá, nossas biribas e aí nesse 1º momento o objetivo era a formação da roda, eu falava muito isso Biriba daqui 5 anos em 2010 nós vamos ter uma roda de capoeira, depois eu dizia também claramente que o 2º objetivo era consolidação do grupo, da escola, com a idéia de ter discípulos já formados, discípulos que fossem ensinar, mas de forma alguma um projeto mercantilista, de forma alguma um projeto de ter um grupo maior pra ter mais dinheiro, até porque na Base o nosso trabalho sempre foi voluntário eu vejo que a partir do momento que eu entro na EFAZ, em 2009 é o mesmo ano que eu conheço o Mestre Pato, é o mesmo ano que eu começo a ter mudanças importantes no grupo, o Biriba já tinha ido embora daqui em 2008, em 2008 eu era Contra-Mestre, eu já me sentia sozinho, agora eu tenho que fazer meu trabalho sozinho de verdade porque agora não tenho mais o Biriba do meu Lado, Até 2008 eu tinha o Biriba do meu lado, mesmo que o trabalho fosse meu, que os alunos fossem meu desde Porto Alegre o Biriba tava do meu lado, A partir desse momento em 2008 eu fico sozinho, vem o Mestre Bartelemi participar daquele encontro de 2008, mas eu to sozinho, 2008 foi um marco histórico importante também, 1º evento sozinho, depois disso é muito massa porque, eu acho isso os encontros passam a ser meus o Biriba vem aí em 2009 participar, 2008 foi o único encontro que ele não participou e aí já vem Patinho, vem Churrasco, começa a ter um grupo mais interessante, mais sólido aí diria que em 2009 eu começo a me sentir mais capoeira porque até então eu estava na busca de dar aula de Personal, de dar aula disso, de dar aula daquilo, de dar aula de ginástica natural, de dar aula em academia, de dar aula em escola como professor de educação física, passei por escola pública, passei por vários clubes dando aula de capoeira e nunca consegui ter retorno financeiro com a capoeira, a partir de 2009 que eu começo a ter a capoeira como um dinheirinho a mais dentro da escola, mas não só como a valorização financeira, pela valorização das famílias de ter um grupo de novo treinando semanalmente, eu parei de dar aula na Base aérea, eu acredito que foi em 2007 ou em 2008 que eu parei de dar aula no Pelicano, eu acho que é, acho que em 2008 ainda dei aula.

Eu- Foi em 2009, 2012 era o Natã no Pelicano, acho que tu não ias...

ENTREVISTADO 1- Ata então foi isso, não tenho isso na memória do Pelicano meio que desliguei continuava indo no Pelicano e na fazenda ao mesmo tempo, na verdade o que rolou foi que as minhas aulas sistemáticas semanais passaram a ser na fazenda só, enfim em 2011 eu fui formado Mestre, foi um momento histórico legal, Mestre Pelé da Bomba tava aí, Mestre Nelsinho que é um querido amigo do Maranhão também dava aí, Patinho, Biriba foi um encontro incrível em 2011 também marcante, e eu acho que cada vez mais agora eu me sentindo mais mestre e menos professor, eu vou me afastando dessa história assim da escola, do professor de educação física, de enxergar aquilo como é a vida mesmo, é interessante foi crescendo.

Eu- Repeti a pergunta.

ENTREVISTADO 1- Mais ou menos isso, se eu for ver hoje, eu acho que os objetivos estão totalmente alcançados, a única coisa que me entristece e que entristece todos os mestres eu acredito que é a Desistência, você ensinar durante muitos anos e você pensar, você contar que vai chegar a tua roda do final de semana, vai chegar a tua roda de domingo, vai chegar teu treino do final de semana e a rapaziada vai aparecer, vai dar um jeito de aparecer, mas agente sabe que não é assim, a vida é cheia de loucuras, muitas pessoas não vem por problema, outras não vêm porque não querem, outras desistem, mas não tem coragem de dizer, então tudo isso eu acho que é um objetivo assim... Eu diria que eu tinha um objetivo de ter um grupo consolidado forte, com alunos antigos e eu não acho que eu atingi isso ainda, acho que a luta continua eu reconheço que a única forma do mestre não ficar sozinho e a capoeira dele não morrer é continuar ensinando, então hoje eu vejo uma geração na EFAZ de crianças 9-10 anos muito mais angoleiras, muito mais angoleiros do que a galera que eu tinha lá trás, porque são crianças que estão bebendo do fundamento muito mais lapidado, tão bebendo de uma sonoridade que já consiste de um processo longo e também principalmente porque elas já têm contato com outros exemplos, como tu, como o Vinícius, como o próprio Natã que esta afastado,

como Yarinha que está afastada, que pra eles são os capoeiras mais velhos que aparecem e quem vem de vez enquanto vem jogar, acho que essa geração tá passando por uma febre, agente está com 50 pessoas na aula de 4ª feira, só que com certeza dessas 50, 30 tá passando por uma febre tão indo porque o amigo tá indo, tá legal ficar mais tarde na escola, ou é porque os pais adoram que eles fiquem ali, ao invés de ir buscar às 18h10minh, vão buscas só às 20h00min, fugir do horário do rush, poder fazer suas compras seu Happy Hour, então existem vários motivos do porque a casa tá cheia, mas principalmente eu observo uma nova geração ali muito boa, eu acredito que continuando, trabalhando e se de cada geração conseguir me sobrar uns dois, 4-5 gerações de ensino tu consigas ter 10 na tua roda contigo cantando, tocando e aí eu não posso me desiludir porque aí é a mesma desilusão de todos os mestres antigos, acho que esse objetivo é um objetivo inalcançável você conseguir ter um grupo de alunos antigos mesmo e principalmente não perder talentos é algo inalcançável.

Eu- Qual a finalidade de ensinar a C.A?

ENTREVISTADO 1- A finalidade, pra mim sempre foi sempre que uma promessa ensinar, por exemplo, eu não conseguiria parar de ensinar de graça, parar de ter um trabalho social porque quando eu era moleque eu passei por uma dificuldade financeira, e a 1ª coisa honestamente que eu fiz foi ir até o Biriba dizer que eu não podia mais pagar e que eu tava treinando os últimos dias e ia acabar, ia vencer a minha mensalidade, e eu não ia fazer isso com ele, não ia dar a volta em ninguém, eu não tinha condições de pagar e naquele dia ele me disse que não que eu tinha que tá lá, que era pra eu chegar mais cedo, pra eu ajudar a limpar e montar os instrumentos, deixar a academia em dia e tudo mais que precisasse, como se fosse o ajudante dele e eu prontamente, serio mesmo? Pô muito obrigado mestre foi dali, eu vejo isso assim a finalidade é pensar no mundo, é pensar nas diferenças das pessoas, porque quando tu chegas na roda, quando tu desces no pé do berimbau, não interessa se tu és baiano, se tu és negro, se tu és rico, se tu és pobre, se tu és do sul, se tu és loirinha, desce no pé do berimbau se tu tiveres desprovido desses estereótipos de rótulos, porque hoje também tem isso na C.A, as linhagens o cara desce no pé do berimbau contigo com uma camisa do João Pequeno no peito ele parece que ele desce ali cheio de razão, mas eu vejo que um aluno embriagado do Mestre Churrasquinho do Sul do Brasil quando descer no pé do berimbau pra jogar com um aluno do João Pequeno, o aluno do João Pequeno que se segure no lugar dele, porque se não vai tomar um coro dentro do jogo, acho que essa coisa da roda assim dela ao mesmo tempo em que ela é um universo de humildade, de respeito pra com o Mestre, pra aquele que formou a bateria, que levou a roda pra lá, a grande finalidade da roda é essa relação humana de poder exercitar a igualdade, que eu sou igual a ti, não interessa se tu tens o carro do ano, se eu to a pé, ali todo mundo é igual aí bonito quando tu és humilde suficiente pra permitir que aquele de forma alguma vai conseguir te superar que tu não massacre ele, isso é um exercício que está ali constante, a roda é o exercício do livre arbítrio, de tu poderes ofender o outro mas não ofender de tu teres esse poder assim de exercitar o teu livre arbítrio com regra, sem ferir ninguém, acho que isso é mágico, é isso a grande finalidade é essa pra aprender a exercitar o bem, cultura de paz.

Eu- A ideia de criação tem relação com a experiência vivida quando aluno?

ENTREVISTADO 1- A ideia de criação do grupo tem mais uma coisa importante que eu não falei é os meus amigos, tudo que eu tenho na vida foi a capoeira que me deu os meus amigos, minha família tudo, as pessoas que se aproximam de mim, se eu for ver o meu círculo de amizade todos aconteceram por causa da capoeira, alguém que foi meu aluno e aí que eu conheci melhor e me relacionei e aí me apresentou um amigo, aí o amigo veio e as vezes me distancio do que foi meu aluno e fico mais amigo daquele que me apresentou, mas enfim foi a capoeira que me trouxe, acho que formar um grupo de capoeira foi uma coisa muito natural, foi indo, foi indo, ser professor de ed. física acabou me puxando também pra área do ensino a Licenciatura que eu fiz, na época da licenciatura plena que trabalha em todas as áreas, mas a escola sempre foi um lugar que eu gostei de trabalhar capoeira, o grande prazer de ensinar é com a capoeira, não é com a aula de música ou com aula de educação física que eu também dou, embora eu goste muito, acho interessante, que eu levante de mais as aulas de educação física pras crianças, não só na questão prática, mas na questão filosófica também de refletir sobre seu corpo, sobre sua vida, sobre sua saúde. A música como possibilidade musical o ser humano, você possibilitar o ser humano de experimentar essa linguagem doida que é a música, mas eu não tinha pretensão de fundar um grupo, como eu te falei eu naturalmente eu almejava a corda, naturalmente foi acontecendo, não foi um planejamento assim, mas acho que o grande exemplo de união que eu tinha quando eu era moleque, daquele meu grupo, acho que uma vontade de ter um círculo de amizades também, então acabei ensinando capoeira e dali do ensino tirando amigos como tu, dali do ensino da capoeira tirando amigos pra vida como a Roberta, tá lá o Guga marido

dela que não é meu aluno, nunca foi, mas é meu amigão, quem me trouxe ele? A capoeira. E tudo né, quer dizer eu estou na escola da EFAZ por causa da capoeira, quando me foi ofertado aquele emprego, porque conheciam o trabalho do cara lá na Base, num projeto social com a capoeira, com a ed. física também, as portas vão se abrindo por causa dela eu acho, com certeza.

Eu- Quando tu jogavas capoeira bem antes era mistura da Angola e da Regional?

ENTREVISTADO 1- Não era assim, embora o Mestre Índio depois de anos, eu não convivi com o Mestre Índio, então não ouvi isso da boca dele, mas eu vi em vídeos, em algumas situações ele falando isso, inclusive falando lá na época de Porto Alegre quando tava formando esses caras o Biriba, o Cunha, o Carcará, o Farol, formando aquela galera, eu o vi falando isso a capoeira é AngloRegional, só que assim agente não falava assim agente falava capoeira e não era nem Angola e nem Regional, mas dizia esse nome, mas usava a bateria de capoeira angola, cantava ladainha, fazia chamada, embora grande maioria das vezes e aí principalmente nas rodas de rua a capoeira era chegar, tocar, entrar a bateria, mandar o corrido e o coro comendo, que na rua o público não queria ver a ladainha, queria ver pernada, queria ver rasteira, queria ver jogo de capoeira.

Eu- Mas quando vocês começaram a discutir sobre se iam formar Regional ou Angola, o que fez ir pra Angola e não pra Regional?

ENTREVISTADO 1- Isso já foi muito depois, quer dizer dois anos e meio depois, se forem pensar assim no final de 96 quando eu tenho contato até início de 99 quando o grupo mudou, era aquela capoeira, "capoeira", alguns falavam em regional porque era rápida é um equívoco, a bateria era de angola e aí o Militar era o metido a estudioso do negócio, ele estudava, lia os livros, nos apresentava os livros, falava da história, contextualizava, mas não era nada científico, era muito do achometro dele, até porque agente sabe como é a capoeira pra pesquisar, agente tem uma porção de livros hoje, 90% desses livros são interpretações de pessoas, individuais, não são trabalhos científicos coletivos, existe isso, existe pouca coisa e limitada, nunca na capoeira não tem como você tu fazer um estudo é e dizer que aquilo é a verdade e pronto se forçou um estudo localizado na Bahia ou no Rio de Janeiro, agente sabe que a capoeira é desnucleada também ela aconteceu, o jogo de corpo no Brasil sem o nome capoeira, ele aconteceu desde que o negro e o índio se relacionam aqui, ele já acontecia, Pastinha dizia que a 1ª dança era a dos caboclos, isso era instiga minha de querer entender a história e de querer estudar de verdade acabou me levando pra nossa raiz, tentar construir a nossa linhagem acabou me levando pra nossa raiz e indo pra nossa raiz, depois visitando a Bahia, que ai vamos ser bem sincero o Militar nunca foi a Bahia, o Patifinho nunca foi a Bahia, o Sapo nunca foi a Bahia, o Chanel nunca foi a Bahia, o Biriba nunca foi a Bahia, certo e é lá que a capoeira nasceu, pelo menos a capoeira do Tio Alípio, a roda, é lá que é o berço dos grandes mestres, a capoeira que esta ai pelo mundo espalhada ela saiu de lá, embora também existisse a manifestação dos Lancieiros, existisse o Cangapé, existisse o Tambor de Crioula dos lugares, a reparação da capoeira é como se fosse pré colonização e colonização, os prés colombianos os Tupis Nunbas já estavam aqui, aí o cara chega aqui e diz que Descobriu, o jogo de corpo no Brasil é anterior a capoeira angola que agente tem ai, a capoeira regional que agente tem ai, a capoeira contemporânea e de rua que agente tem aí, o Jogo de Corpo é uma coisa que desde que o Brasil se iniciou com o índio, com o branco e com o negro se relacionando já começou a acontecer. O negro ensinava o índio e o índio ensinava o negro e o branco mostrava como se dominava esses caras a base do chicote, do facão e da arma de fogo, essa malícia, toda essa maldade conseguir existe.

Agora porque a angola? Porque a nossa raiz era angola, e a capoeira como forma de tradicional de expressão era capoeira angola, ela é... Eu gosto do que o Curió fala se capoeira é uma só, capoeira é angola e se ela não é uma só então vamos dizer que ela é uma só vamos então vamos dizer que é uma só, que angola é angola, regional é regional e as outras que inventem o seu nome, agora não venha dizer que capoeira é uma só, se você quer inventar a sua capoeira, invente, mas não venha dizer que está ensinando angola se não é angola. Então essa era a minha instiga e ao mesmo também mistificar isso, hoje em dia só sendo de uma linhagem que tu vai poder aprender aquele conhecimento, ué eu não posso aprender a Revolução Russa, o Manifesto Comunista, eu não posso estudar uma cultura lá do outro lado do mundo? Claro que eu posso, então está ai a prova, ta cheio de gringo, cheio de japonês, cheio de Frances, cheio de russo jogando capoeira. Angola, jogando capoeira contemporânea, jogando capoeira regional também. Por um lado eu acho isso, tem que buscar a linhagem, tem que procurar o fundamento, a historicidade, a ancestralidade daquele aprendizado do que tu esta tendo pra que seja capoeira mesmo, aquela brincadeira né Na capoeira não tem certo, não tem errado, mas não venha inventar nada também, não tem certo, nem errado eu então eu posso fazer qualquer coisa? Não, não também não venha inventar nada, então quer dizer existe uma essência o jogo tem um fundamento, ele tem os seus estereótipos de movimentos, tem os seus toques,

têm suas cantigas, a capoeira está consolidada, eu concordo que a capoeira é uma só no sentido do jogo, porque no sentido do jogo quando eu descer no pé do berimbau contigo e se tu jogas regional e eu jogo angola, meu irmão, o jogo vai ser um jogo, ele vai ser um jogo só, saco? Ai nesse sentido eu concordo porque a capoeira angola só na roda, lá dentro ela é uma só, porque o que vai acontecer é a velha história da química, eu gosto desse exemplo também, a minha querida Karine Antunes da EFAZ que me ajuda muito na pedagogia né e esse exemplo é maravilhoso, quer dizer quando você te H e tem O₂ separado, você joga essas duas coisas no jogo e você vê o que acontece se jogar o O₂ no fogo ele vai explodir, se jogar H no fogo ele vai explodir também, e justamente se você juntar essas duas moléculas, você não vai ter nenhum e nem outro embora os dois sejam parte daquilo você vai ter H₂O, que você joga no fogo e apaga o fogo, então eu acho que no final da história você é angola ou você é regional e se você juntar as duas definitivamente se você juntar as duas você não tem mais as duas, você tem algo novo, é algo novo que se produz ai, então essa que é a moral da história. Se a galera quer juntar o fundamento da angola e da regional, beleza, mas não pode dizer que ensina nem uma e nem outra e aí se criou esse subterfúgio que capoeira é uma só, tá errado, Capoeiras são muitas e a diversidade está ai pra nos provar, cordas diferentes, atitudes diferentes, éticas diferentes dentro da roda, toques de berimbau diferente, forma de cantar diferente, inclusive dentro da C.A, tu vai ter diferenças muito interessantes entre os grupos e deixa de ser a C.A só porque não é da linhagem daquele ou daquele? Precisa ter uma linhagem, porque se a linhagem for quebrada alguém parou no meio do caminho e inventou alguma coisa, ou pelo menos inventou que sabia aquilo que não sabia ou pelo menos desinventou aquilo que alguém ensinou, porque isso que é a diferença, historicidade eu posso pesquisa, ancestralidade eu não posso pesquisar e obter, ancestralidade eu vou ter que ir lá beber, lá do lugar, eu não posso dizer, por exemplo, que eu sou discípulo do Mestre Curió ou que o Mestre Curió ensinou capoeira pra mim, embora eu tenha feito aulas com a Mestra Jararaca eu fui lá fazer a aula, mais de uma, fiz algumas aulas com a Jararaca e fui lá aprender, mas eu não posso dizer que fui aluno da Mestra Jararaca, mas aquilo também me ajuda a resignificar, fui fazer aula com ela que bacana, faria mais 10 se possível ainda como mestre de capoeira, faria de novo, porque ela é uma mestra mais velha do que eu, ela é uma mestra que tem fundamento e assim por diante, qualquer mestre, faria a aula de outro mestre com certeza, não ficaria sentado só na bateria tocando, fazendo de conta que já sei tudo, sou superior, sou mestre que nem você não tem nada pra aprender com você, eu acho que C.A é isso a nossa linhagem vem de Besouro e aí se você for ver, chega ao mestre Waldemar já nos tempo áureos da capoeira, onde a capoeira já era procurado por brancos intelectuais, pelo governo por tudo aquilo, já era algo interessante, mas lá de Besouro até Waldemar tem um longo caminho, pra coisa chegar pra gente assim tão mole, tão fácil como a arte que posso praticar e não só como uma atividade revolucionária, hoje também é produto na academia, vai lá paga, compra faz a aula e deu, perdi tantas calorias, tem gente que vai procurar ela por tudo. Mas eu acabei optando pela Capoeira Angola porque eu via na Capoeira Angola muito mais a corporeidade do negro, muito mais a corporeidade do índio do que na capoeira contemporânea, na capoeira de rua, a capoeira de rua eu via um comportamento do feitor constante assim, sempre um querendo bater no outro, um querendo subjugar o outro, sempre alguém querendo ofender o outro, o sorriso às vezes sumia na roda e virava uma cara de brabo ou uma cara de ringue mesmo de agora vou me vingar, dava a dando ao mundo, esperando terminar a volta ao mundo pra se vingar do chute que levou e Deus o livre se levasse uma rasteira, Deus o livre se um mais velho levasse a rasteira de um mais novo era uma ofensa, era pra quebrar a perna do outro, eu tava vendo o meu próprio grupo, começou lá com o Índio tocando o instrumento envolta do Bugalho, na Rampa do Mercado, na volta do Pelé, na rampa do mercado e um grupo que veio da capoeira tradicional da Rampa do Mercado, do mercado antigo, do Mercado Modelo, a velha roda do Mercado aonde o Waldemar fazia a roda. Mestre Índio é dali e acabou modificando toda a estrutura dele assim como vários mestres mudaram as suas estruturas naquela década de 90 lá, principalmente já vindo uma coisa da década de 70, da década de 80, 70 e 80, essa coisa do cordel dos grandes grupos, dos clãs piramidais, aonde o mestre tá lá é figura e vai ramificando e os alunos vão virando professores e vão formando novos professores, e vão formando novos alunos e novos alunos e no final do ano todo mundo se encontrar pra ser batizado pelo aquele mestre central que vai ganhar dinheiro, então isso embriagou toda essa galera, por exemplo, se o Mestre Índio quisesse ser o maior herdeiro da Rampa do Mercado do Mestre Waldemar ele era hoje em dia, tava lá sentado numa escola tradicional da capoeira angola do mestre Waldemar e todo mundo pela moda da capoeira angola, que explode nos anos 90 no final dos anos 90 a moda da capoeira angola explode estratosféricamente no ano de 2000 pra cima, na primeira década de 2000 e hoje tu não escuta mais falar em capoeira regional, tu não houve mais falar de capoeira em regional, tu vai ouvir falar quando? Quando alguém especificamente ou os grupos de capoeira regional que são filiados ao Bamba, ao Nenel, ao Itapuan, ao Acordeon esse grupos que são filiados a capoeira regional de bimba, que na verdade são os grupos que ainda se articulam pela capoeira regi-

onal de Bimba, porque os outros Camisa foi descendente do grupo de Bimba, fundou o Abadá cordel, um monte de coisas diferentes que o Bimba fazia e assim por diante, a capoeira Angola que teve o seu bum gigantesco em 70 e 80 e 90 ainda, no final dos anos 90 começa a dar o bum da capoeira Angola de novo, os mestres são resgatados João Grande, João Pequeno os caras começam a aparecer e aí coisa de Pastinha e não sei o quê, revista de capoeira, documento, milhões de CD sendo publicados, livros de capoeira Angola, uma coisa que começa a ferver e eu vejo que hoje é isso, hoje ela está aí, está aí posta, Florianópolis quando agente chegou aqui tinha o grupo do Palmares, o grupo do Pop, o do Aú Capoeira, o grupo lá do Kainan, o Angoleiro Sim Senhor, o Cordão de Ouro já tava aqui, o grupo do Pop, mas aí eu digo isso o Pinóquio do Pop, já tinha o Quilombolas aqui quando agente chegou aqui com certeza, mas agora você vai ver tem João Pequeno, tem Jogo de Dentro, tem Muzenza, tem Abadá, tem Filhos do Tigre, Desterro tem um horror de grupo de capoeira, o grupo do Lagartixa, do Mestre Sapo de Recife, a Elma que chegou depois é um monte de grupo de capoeira Angola hoje que está aparecendo.

Eu optei pela capoeira Angola por isso, pelo resgate da linhagem, aí os contatos com o Pelé da Bomba foram importantes, o reencontro da ancestralidade, eu acho que eu fui pelo caminho certo, eu vejo o Militar hoje vendendo cordel fazendo um grande grupo pela filiação, pelo apadrinhamento, não me interessa isso, não quero filiar nenhum grupo ao meu assim, não acho que isso seja certo, se alguém quiser vir treinar comigo e vier de outro grupo eu vou receber bem, mas ele vai vestir minha camisa se ele quiser não vou obrigar e vai ensinar dentro do meu grupo o dia que tiver condição, o dia que tiver fundamento porque não vou dar título pra ninguém porque chegou sabendo dar mortal ou fazendo pirueta que nem os meninos chegaram, tem muito feijão pra comer, cantar muita ladainha, tocar muito berimbau, saber fazer muita coisa.

PERGUNTA DO BLOCO TRANSFORMAÇÕES

Eu- Qual o tipo de contribuição que você pode apontar por meio dessa prática?

ENTREVISTADO 1- A contribuição que a capoeira Angola dá, individualmente em 1º lugar é essa noção de que tu fazes parte de um conjunto, faz parte de um coletivo, quando tu tá na roda sentado esperando pra jogar, tu tá tocando, tu cantando, tá respondendo o coral, quando tu tá na bateria tu tá fazendo boa música pra quem vai jogar e quando tu vai jogar chegou a tua vez e mesmo assim quando chegou a tua vez, tem que dividir a tua vez com a outra pessoas, que negociando contigo as vezes colocando pedras no teu caminho, obstáculos, tentando fazer com que a tua vida na tua vez seja mais difícil, acho que o grande exercício, a grande Contribuição que a C.A nós dá é essa tolerância e essa compreensão do coletivo, eu sou parte de um todo, eu tenho os meus limites, companheiro tem o seu, mas eu também tenho o direito, devo desafiar os limites dele e ele desafiar os meus, dentro de uma ética ao mesmo tempo eu já falei antes o exercício do livre arbítrio que é lindo né, poder entrar na roda saber que tu pode chutar o outro, tu pode bater, faz parte do jogo a regra do jogo permite, mas e aí? Vale a pena fazer isso? É isso mesmo, tu acordaste num domingo de manhã pra uma roda e tu foste lá pra fazer isso? Pra ferir alguém? Então é um exercício muito existencial e por outro lado as contribuições físicas, que se tu tivesses entrevistando um professor de capoeira ou um mestre de capoeira mais vamos dizer assim pra não ofender ninguém um mestre de capoeira mais professor de educação física você talvez tivesse como primeira resposta os benefícios físicos, a capoeira vai te dar muito equilíbrio, flexibilidade, força, agilidade, potência e resistência anaeróbica, resistência aeróbica, poderia falar sobre isso também, mas eu acho que isso é tão óbvio, tão óbvio quando você vê dois Angoleiros bons de capoeira jogando na roda é tão óbvio a força física e o equilíbrio, controle muscular, é tão óbvio isso. Eu acho que o grande benefício dela, não tá nessa casca essa observação superficial do gesto, tá no que tá dentro, essa capacidade de entender isso, a parada é um ensaio social das dificuldades da vida, é um ensaio social de inverter tudo do avesso, de contestar com o corpo o que tá acontecendo, quando o escravo vira de ponta cabeça jogando capoeira na senzala, ele tá não só trabalhando o seu corpo que já era um corpo trabalhado, cansado do canavial, mas ele tá treinando preparando o seu corpo pra aguentar a guerra que vinha pela frente, a guerra pela liberdade, ele tá preparando o seu corpo pra fugir, pra escapar ou pra lutar ou pra morrer se precisar, eu acho que é isso você entender que o benefício maior ele tá no campo sutil, por isso que a maioria vai desistir, porque as pessoas não sabem o que buscam por isso não encontram seus caminhos e é muitas pessoas nesse mundo acabam indo pra religião, ou acabam indo pra terapia, acabam indo pra os remédios antidepressivos em algum momento da vida porque não tem válvula de escape pra poder desestressar seu cotidiano maldito ou por não saber aonde vão com o cotidiano que criaram pra ela e aí se tu não tens lugar pra ir tu não chega nunca. A minha frase quem não sabe aonde quer ir não vai ter com chegar, mas ao mesmo tempo o mais importante da caminhada é o caminhar, é a parte mais importante, a capoeira ensina isso, eu tô cansado, trabalhei o dia inteiro tenho mil motivos pra não ir, mas eu vou porque lá é o clã onde todos estão passando pela mesma

situação, todos vão cansados depois do trabalho e todos vão se esforçar nos seus limites físicos, cantar, suar, tocar instrumentos pra abrir todos os seus canais de energia, todos os seus canais espirituais, pra limpar todos os seus corpos e pensamentos é pra isso, é pra isso que ela existe, ela não existe pra aprender a bater no outro existe pra aprender a não precisar brigar, se eu criar esse campo, essa atmosfera energética de axé em volta do meu corpo na roda, o assaltante não vai me querer na esquina talvez ele nem me enxergue, talvez essa atmosfera me camufle na hora que eu precisar, é algo transcendental que ela nos trás, mas esta no campo sutil, aonde só estudando muito, vivendo muito que agente vai sentir, muitos vão tentar explicar isso de outras formas, muitos vão associar a capoeira a religião, muitos vão associar a outras situações, mas ela produz estados emocionais interessantes, trabalha com isso, com estados emocionais de medo, angustia, ansiedade, prazer tudo meio que ao mesmo tempo.

BLOCO CULTURA BRASILEIRA

Eu- A C.A apresentou algo que você passa a conhecer a cultura brasileira de forma mais elaborada?

ENTREVISTADO 1- A C.A me fez enxergar as pessoas simples mais porque nenhum mestre de capoeira que eu conheci dos verdadeiros mestres, dos mestres antigos, dos mestres sem muita coisa, muitos mestres apenas mestres, todas essas pessoas foram sempre tão simples, e no meu primeiro momento de aprender eu vim de um grupo tão grande, tão diversificado, tanta gente e a figura mais humilde, mais simples era o próprio Biriba, a figura mais amável era o Biriba, um grupo tão severo, com tantos soldados pra guerra, mas que o general, o chefão era alguém muito querido, muito amado, muito simpático e ao conhecer outros mestres de Curió, o Mestre Mala, Mestre Pelé, Mestre Di mola que já se foi, todos eles sempre tão receptivos, tão simples pessoas, tão simples, eu acho que a capoeira me fez olhar pra essas pessoas simples, a ver o pescadorsinho da beira da praia e achar que ele tem bastante coisa pra me ensinar, ou então existia escrevi um texto sobre isso Não deixar de conhecer as pessoas velhas da tua rua, as pessoas velhas do teu bairro, as pessoas velhas da tua família, me deu essa noção também de valorizar os mais velhos, não só os mais simples, mas o mais velhos também e a combinação dos mais simples e a dos mais velhos foi à grande percepção, depois conhecendo outros mestres de outras culturas o Mestre Amaral do Tambor de Crioula tão simples quanto o Mestre Pato, quantos outros caras. As rendeiras do Ribeirão tão simples e cheias de conhecimento que some desaparecem e como naquele vídeo que tu mesmo me mandaste do Mestre Meia Noite dos Livros Mortos, dos Livros Vivos justamente quem escreve os livros mortos que estão nas prateleira normalmente são as pessoas que não tem quase nenhum livro vivo na vida, tu vai ver se a maioria desses livros técnicos, cheios de informações, de detalhes, de dados, de tudo, mas sem vivência, sem experiência e as pessoas que as vezes tu não dá nada e que tu vai chegar ali vai sentar e vai conversar e vai aprender algumas coisas que são importantíssimas assim, acho que o principal foi isso.

Eu- O que você citaria ou falaria sobre a cultura brasileira?

ENTREVISTADO 1- Ai eu tenho que ir pro Darcy Ribeiro que eu acho que se resume aquilo que ele defendeu que nos somos um povo em formação e que agente tem o que nenhum povo tem talvez, que é essa beleza de serem tantos povos em um, tantas matrizes de povos diferentes, de etnias diferentes construindo uma relação nova e que infelizmente não evolui porque segue sendo governado pelo grande capital, segue sendo governado pela mídia farsante é infelizmente isso um país incrível, uma cultura imaginável, uma cultura inacreditável, um país que poderia estar sendo um produtor, não só de culturas da vida como a nossa música, a nossas artes de rua, os nossos teatros mágicos populares, as nossa manifestações folclóricas, mas um país riquíssimo, fértil um país que podia estar produzindo alimento pro planeta inteiro e esta produzindo apenas soja, milho e eucalipto e boi. Eu acho que a experiência da capoeira me fez também enxergar o quanto nós somos ricos e valorosos o quanto é uma sorte ter nascido aqui e não ter nascido na Palestina, porque vai saber por que eu vim parar aqui, que eu não to lá, porque o de lá é igual a mim, porque que eu não to na África, porque eu não nasci na África, porque aquele menininho pobre nasceu na África numa aldeia sem água e sem comida e eu nasci num país que se tu correr atrás tu consegue tudo, porque tem tudo, mas que cada vez tem menos e quem manda quer tudo e não pode dividir nenhum pouco, um país de grandes fortunas e de grandes milionários e com tudo isso de diferente, então ao mesmo tempo em que a capoeira me fez enxergar a cultura do meu país como a coisa mais linda que pode haver e como a herança mais linda que eu posso ter como brasileiro ao mesmo tempo me faz ficar triste por saber que toda essa nação efervescente culturalmente é a mesma nação dos explorados, é a mesma nação dos desprovidos, dos abandonados, dos Joões ninguém, acho que a capoeira tem um papel fundamental na transformação disso e agente como capoeira tem que ser militante das transformações sociais,

tem que ser militante constante, porque já que a roda nos ensina a coletividade e o respeito à diversidade ela tem que ser um ponto central nessa luta e a capoeira sempre foi, Todo processo histórico da capoeira o capoeira sempre teve em algum momento contestando a ordem, ela como arte de luta e dança ela nasce contestando a ordem, ela nasce dando um golpe de estado que era o Quilombo, então ela nasce subversiva e não comunista como um comunismo primitivo indígena e nem como o comunismo estalinista, mas como um cooperativismo eu acho, com cooperativismos, um sindicalismo, uma capacidade de se unir pelo o bem não se unir por um, não se unir por uma causa específica, se unir por direitos não se unir por posses, desde desse início dela, desde o processo histórico da capoeira eu acho que ela tá sempre por aí, ela está sempre fazendo Esse papel, eu acho que agente tem que fazer esse papel como professor, como mestre de capoeira, de fazer esse papel de enxergar, precisa enxergar a diferença do outro, é preciso enxergar a desigualdade, é preciso parar com o relativismo epistemológico, de achar que se tá bom pra mim tá bom, se o meu umbigo tá satisfeito me basta, isso não pode mais, não dá num país, num país desse tamanho tão abundante, muito menos num planeta desses super lotado de gente e com terra e terra e terra que não acaba mais, latifundiado pela monocultura desgraçada das grandes empresas, das transnacionais escrotas que querem simplesmente explorar a força de trabalho pra enriquecer, pra que isso? Enriquecer pra que? À custa de quem? De quê? É necessário que agente enxergue a nossa cultura, mas não é possível mais agente ficar passivo, a capoeira me fez enxergar a cultura e enxergar a cultura me fez me posicionar politicamente, acho que não dá pra dissociar mais a capoeira do ser politizado e contestador da ordem, não da ordem partidária da ordem social, dos mais desprovidos.

BLOCO CONHECER E DISTINGUIR CARACTERÍSTICAS DA C.A QUE A FAZ SER UMA PRÁTICA DE RESISTÊNCIA AO CAPITALISMO

Eu- Agora mais sobre a capoeira como uma ferramenta contra o sistema capitalista. Tu já reconheces a capoeira como uma ferramenta de resistência no modelo atual da sociedade, no modelo capitalista, mas como que tu como Mestre de capoeira utiliza isso? Como tu utilizas a capoeira contra o capitalismo? E como que tu passas isso?

ENTREVISTADO 1- A 1ª coisa é entender que tu és protagonista da sua história, assim como eu já falei que a roda nos permite ver a coletividade, a diversidade nos permite também exercitar uma ética do livre arbítrio, da nossa necessidade de decidir o que vai fazer, eu vejo que a maior e melhor ferramenta que a gente tem contra o sistema não é a reforma, não é entrar no sistema pra tentar mudar ele de dentro de jeito nenhum, a melhor ferramenta é agente criar na gente em 1ª lugar outra forma de viver, porque agente não vai conseguir deixar de usar o banco, não vai deixar de usar o crédito, não vai conseguir deixar de usar as ferramentas que esse sistema criou da noite pro dia, mas é necessário que agente como mestre de capoeira, como professor de capoeira que agente fomente isso, essa ideia de que é possível com outra possibilidade, é possível ter um governo isento do capital, um governo que não seja subordinado ao capital, tem que ser possível e principalmente assim entender que assim como a C.A desses tipos culturais os maracatus, os tambores, as umbigadas todos esses movimentos culturais eles precisam se agrupar também com os movimentos sociais, então eu acredito muito que agente como mestre precisa agir contra o sistema se agrupando porque agente ainda tem uma democracia, ainda tem um sistema democrático embora falido do jeito que ele tá, ridiculamente falido na nossa cara, eu acho que agente precisa sim na roda de capoeira, na roda de samba, na roda do botequim, na pracinha da esquina se todos nós estivéssemos indignados de verdade contra o sistema agente teria força, o que se tem que fazer na roda é ensinar os fundamentos da capoeira, é fazer sentir despertar no seu corpo essa beleza transcendental que eu falei no início, toda essa capacidade sutil de enxergar e de sentir a roda como ensaio da vida, experimentar esse livre arbítrio e essa ética, exercitar esse livre arbítrio e essa ética pessoal de como tratar o outro, de como contribuir e fazer sua parte pra que O outro possa viver e usufruir da vida, mas com certeza os movimentos sociais, agente precisa se agrupar, agente precisa se agrupar, então acho que o grande ensino desde uma criancinha pequena tá já no que eu falei respeitar a diversidade, exercitar a coletividade, fazer com que tudo isso aconteça fisicamente a nossa 1ª linguagem é o corpo, nossa linguagem universal é a música agente utilizando essas ferramentas lúdicas da brincadeira, dos fundamentos, da cantoria, do tocar, do fabricar instrumentos, do cantar história do nosso passado, das pessoas que lutaram, tudo isso vai fazer com que agente crie ferramentas depois pra inserir essas idéias políticas e volto a dizer não são partidárias agente não pode mais achar que é defender esse ou aquele, nesse país agente precisa sim ter uma reforma política nesse país, agente só vai fazer uma reforma política nesse país o dia que acabar com a corrupção, o dia que acabar com essas pessoas que movem manipulam, usufruem das casas legislativas isso desde nossos vereadores, os nossos deputados estaduais, isso tem que ser uma faxina geral eu acho que a solução tá nos movimentos sociais que estão desa-

grupados, que estão descrentes por causa de uma esquerda que se lambuzou e bagunçou tudo, mas eu acho que não podemos esmorecer e muito menos retroceder, não é possível retroceder, agente já tem um país em mudança, agente já tem um país com pessoas tendo mais acesso a muitas coisas. Agente tem um país desigual como sempre foi cada vez mais desigual, mas agente precisa entender que é necessária igualdade nesse país, vai ser melhor pra todo mundo. Como é que agente vai construir igualdade? É ensinando criança pequena, educando criança pequena a isso, é isso mesmo a criança lá da favela do projeto social vai vim jogar capoeira contigo hoje tu que é criança de escola particular ué tem o carro do ano do papai, duas empresas, você vai conviver com a criança da favela, você vai poder perguntar pra essa criança da favela como é que ela vive como é a vida dela, como que é o prato de comida dela e talvez isso desperte na futura geração quem sabe uma contextualização, ué porque né que uma que a criança tão singela... Talvez mudar a cabeça de um adulto seja mais difícil, mas da criança não você marcar a cabeça dela com essas perguntas, porque que eu posso ter tanto e porque que aquela criança não pode? E aí antigamente talvez as velhas famílias explicassem por meio da religião né, você foi abençoado pelos céus e você tem uma boa família... Aí quer dizer aí cega toda a lógico de como essa sociedade chegou onde tá, então aquele nasceu pobre desgraçado e aí? É o destino dele, como se nós estivéssemos nas castas indianas, à grande ferramenta é sim fazer com que a capoeira seja mais um dos instrumentos que estão aí na cultura, no folclore, mas artes pra contestação pra isso que serve a arte, pra nos mover, pra nos fazer pensar a realidade de outro jeito.

- ENTREVISTADO 2 - 01/06/2016

INFORMAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO MESTRE COM O BLOCO TRANSFORMAÇÕES

Eu - Quando começou a aprender a capoeira?

ENTREVISTADO 2- Eu comecei a praticar capoeira no ano de 1977 em Porto Alegre com o Mestre Índio (Manoel Olímpio de Souza), foi e é o meu único mestre a única pessoa que eu treinei capoeira, apesar de mais tarde vim conhecer outros mestres de capoeira. Foi na cidade de Porto Alegre na qual o meu irmão Mestre Kunta Kintê já praticava capoeira e ele me incentivava, me chamava, tentando me levar pra capoeira teve um período aí de um ano e pouco, quase dois anos, e depois desses dois anos de insistência dele eu fui pra capoeira. Mas engraçado que mesmo ele insistindo pra eu ir praticar capoeira e tal, o que me despertou mesmo foi que eu fui numa roda de capoeira que ele estava participando, do Mestre Índio e dos alunos o pessoal que treinava na época, e eu vi o Mestre Índio fazer um movimento de capoeira, e aquele movimento, aquela perna passou alta, tão bonita aquela coisa assim bem desenhada, e eu pensei assim comigo, eu vou entrar na capoeira e vou aprender a fazer esse movimento e pronto vai ser isso que me basta, eu não vou dar continuidade. Foi a melhor coisa que fiz na minha vida, comecei a praticar e o meu interesse de aprender aquele movimento que eu achei bonito, foi uma coisa que me conduziu pra vida, ajudou na minha formação como um adulto, já tinha uma idade já adolescente, já me formando assim pra homem e foi uma coisa. A capoeira me deu alicerce, me deu linha, me deu orientação, me deu coragem, me deu jeito de vida, capoeira foi uma das coisas me aliciou muito na minha formação, de como homem, de como cidadão. E dessa forma eu já comecei a praticar capoeira.

Eu- E os motivos que levou o senhor a praticar foi o seu irmão e esse movimento que o M. Índio fez na roda? Ou tiveram outros?

ENTREVISTADO 2- Isso aí foi no período inicial, foi o pontapé inicial, foi uma coisa assim, o meu irmão que já estava querendo que eu praticasse capoeira, porque ele já praticava, mas esse movimento assim foi aquela coisa, aquele grande toque que me despertou pra eu ir pra capoeira, é claro que depois ela me trouxe N realizações, frustrações, legais, coisas positivas, coisas negativas, que como a capoeira como qualquer outra modalidade, qualquer outro segmento que tu tenhas na vida, mais ou menos é isso aí.

Eu- O que o senhor buscava com a capoeira? Como que foi essa busca dentro da C.A?

ENTREVISTADO 2-A capoeira angola, a primeira capoeira que eu comecei a praticar era uma Capoeira de Rua, meu Mestre Manoel Olímpio de Souza, o Mestre Índio ele praticava, ele nos transmitia uma suposta capoeira de rua, que ele dizia que era uma capoeira regional, mas agente sabe que a capoeira regional tem a sua metodologia, tem seu fundamento musical, suas regras, suas essências e agente não era doutrinado e nem conduzido a esse ensinamento, na realidade ele era uma Capoeira de Rua uma mistura de movimentos de capoeira regional, movimentos de Capoeira Angola, a capoeira malandragem da rua, então a capoeira angola bem depois já de 16 anos que eu estava ao lado do Mestre Índio nós tivemos a ideia eu e meu irmão, da gente tentar mudar, ir pra capoeira angola, porque acreditávamos que a capoeira angola tinha uma coisa mais de fundamento, de sentimento,

de família, a musicalidade da Capoeira Angola também me levou a despertar esses interesses, foi constado depois e depois o motivo aí que optei por estudar e praticar a Capoeira Angola.

Eu- E como foi essa busca dentro da C.A? O que o senhor buscava?

ENTREVISTADO 2- O que eu buscava seria exatamente um conhecimento da raiz, me aprofundar na raiz da capoeira, através de conhecer os velhos mestre, conhecer algum trabalho através de livros, de registros antigo, que agente não tinha nesses anos que eu fiquei praticando capoeira com meu mestre. A nossa busca, o que agente mais priorizava era o jogo de velocidade, enfim de aquela coisa meio comercial na realidade, e faltavam esses conteúdos e minha busca sempre foi em cima disso ai, sempre tive vontade de conhecer os velhos mestres, de conhecer as histórias, o acontecimento que teve no passado com a capoeira e basicamente a musicalidade que a capoeira angola tem um leque bem diferenciado, não está contestando a cadencia, o jeito e o estilo da musicalidade da Capoeira Regional do Mestre Bimba, mas não era aquilo que me fascinava e não é aquilo que me fascina até hoje. Na musicalidade, por exemplo, eu gosto da coisa mais suingada, mais compassada, mais ritmada e que agente já não tinha, por exemplo, um dos motivos grandes foi esse ai a musicalidade, a vontade de me inserir mais na história, de conhecer mais esse leque da C.A, que hoje eu tenho certeza que ela é, ela tem um leque maior ou pelo menos não aprendi esse outro lado da capoeira regional, não vi isso ai, eu vi realmente depois que eu me dediquei, comecei a me dedicar a C.A.

Eu- E como foi o seu processo de aprendizado?

ENTREVISTADO 2- Tu dizes da C.A, da mudança da capoeira de rua, daquela capoeira regional pra capoeira regional?

Eu- Desde o inicio até a tua formação de mestre. Como foi o teu aprendizado?

ENTREVISTADO 2- No início foi uma coisa muito maravilhosa, foi uma coisa muito... Tudo pra mim era minha vida, eu antes da capoeira o meu esporte preferido era futebol, eu jogava praticamente todos os dias quando não jogava um joguinho oficial eu estava brincando nos campinhos, pelada com o s amigos coisa e tal e a C.A como a capoeira em si quando ela entrou na minha vida eu abdiquei de tudo dessas vontades do futebol, de qualquer coisa que teve na minha vida, então eu fiquei freneticamente com meus primeiros 10 anos de capoeira foram de muita alegria, foi uma coisa assim que eu tinha como um tudo na minha vida, a roda de capoeira, o treino de capoeira, o encontro com os colegas que treinavam comigo, com o meu mestre, com outros mestres, qualquer coisa de capoeira pra mim, eu respirava capoeira nos primeiros dez anos. Depois coisa é normal né agente vai convivendo e vendo muito também, a coisa ficou mais tranquila eu conseguia dominar mesmo, acredito eu que os 25 anos, os primeiros 25 anos de capoeira da minha vida foi freneticamente, assim sempre latente em mim, foi uma coisa muito presente, foi muito forte. E que eu tinha muitas sensações de valores que tinha na capoeira, como eu tive o pai e as mães faleceram cedo, foi uma das coisas que a capoeira me deu, me fortaleceu, o sentimento que eu sentia de perda deles eu ganhava com muita gente que eu conheci na capoeira, com o conteúdo da capoeira e ela me ajudou, me deu coragem. Eu sempre fui de família humilde, pobre, na época principalmente aqui no Rio Grande do Sul era muito racismo, e existe até hoje, então a capoeira me botou em alguns lugares da sociedade que se não fosse a capoeira num lugar racista que nem é aqui, eu já, mas pisarias, eu pisei dentro da assembléia legislativa, de teatro, vários teatros aqui em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, e clubes que na época até mesmo o negro não entrava, só entrava se fosse fazer uma apresentação ou coisa do gênero e a capoeira me deu isso aí. Quer dizer foi uma coisa que me proporcionou e por aprender valores, eu descobri eu me firmar e acreditar, que a capoeira ela tinha, ela tem essa coisa pra gente com ela, de tu se acreditares, de tu buscares valores humanos, de tu buscares respeito, uma serie de coisa que a capoeira te proporciona.

Eu- Com quantos anos o senhor começou a capoeira?

ENTREVISTADO 2- Eu comecei a capoeira com 16 pra 17 anos.

Eu- E quantos anos o senhor tem de capoeira?

ENTREVISTADO 2- Agora eu to com 55, vai fazer 39. Faz bastante tempo.

Eu- Nesses primeiro 25 anos na capoeira foi esse processo de aprendizado né e depois como é que foi?

ENTREVISTADO 2- Depois agente alcança né, aquela criança que nasce os primeiros momentos é a fralda, depois a mãe tira a fralda e ai vem a roupa maior e o camarada vai crescendo e daqui a pouco um adolescente e se forma homem, na capoeira também não é diferente, o período inicial nesses primeiros 10 anos digamos assim eu andava, viajava, mas era uma coisa mais restrita dentro do estado e depois eu comecei a ir pra outros estados, conheci outros mestres e aí eu já fui começar a ser considerado como professor, como o contra mestre e cheguei a mestria, então eu já ia aos eventos,

já ia aos encontros de outros capoeiristas, de outros mestres como mestre, como professor, como contra mestre coisa e tal, então aí já tinha, já era outro caráter, já era outra história da minha vida capoeirística, mas eu nunca deixei de ter com ela essa empolgação e essa certeza que eu sempre tive até hoje, que ela te valoriza que ela te humaniza e te dá coragem, enfim é um leque de coisa que ela te proporciona, que eu sinto até hoje, essa é uma coisa que até quando eu existir ela vai me proporcionar esses momentos.

Eu- Quais as fases mais marcantes dessa trajetória? Da sua trajetória como um todo?

ENTREVISTADO 2- A certamente foi a minha vinda pra Santa Maria, que a vinda pra Santa Maria foi uma coisa que aconteceu em meio momento da minha vida que eu estava saindo ali da adolescência, não tava ainda com base pra eu iniciar um trabalho de capoeira e aí tinha acontecido agente tem esses amores da vida e eu tinha me envolvido com as primeiras relações amorosas da minha vida e surgiu a oportunidade de eu vim pra Santa Mara e eu como uma válvula de escape, eu fiquei muito triste, muito chateado pelo acontecimento e eu vim pra Santa Maria dar aula, mas eu não estava certamente preparado, amadurecido pra eu seguir a frente com um trabalho e não sabia que eu tava iniciando um movimento que teve um repercussão, eu diria internacional, que eu sair daqui de Santa Maria pra representar a capoeira, representar o rio grande do sul na Europa. Então eu nem sabia que poderia se tornar essa gigantesca coisa, esse gigantesco movimento, que eu tive épocas que eu tive 200-200 e poucos alunos treinando na academia e todo mundo treinava mensalidade, agente fazia roda de capoeira no calçadão da cidade que é um ponto turístico tradicional aos sábados, o pessoal se reúne, todo mundo vai pro centro da cidade e agente fazia uma roda, agente levava um batalhão de alunos e aquela roda era muito frequentada por todas as pessoas intelectuais da cidade, por políticos, por médicos em fim, por toda a sociedade num geral. E foi um momento realmente da minha plenitude como capoeirista, embora hoje eu graças a Deus tenha um conceito muito interessante perante os capoeirista, perante a capoeira, perante a sociedade, mas nessa época, foi uma época que realmente foi a melhor na vida da capoeira, foi a que mais me empolgou em todos os sentidos. Essa vinda pra cá com força, com fé, mas eu não tinha nenhuma perspectiva, não tinha uma certeza de que algo ia dar certo, e aqui eu construí família, eu fui pai, sou pai de dois filhos fruto de vinda... Eu vim pra cá como capoeira, eu não vim pra cá pra estudar direito, pra estudar medicina, pra qualquer outra, eu vim pra ser capoeirista entendeu, eu vim pra cá sendo capoeirista e pra levar a capoeira, pra tentar plantar uma semente da capoeira e deu muito certo, agente ficou um bom tempo até a época em que eu decidi seguir o meu caminho e deixar a filosofia, o ritmo, o jeito do meu mestre lá, por discordar daquele aprendizado que como eu disse anteriormente no meu juízo faltava conteúdo, faltava humanização, faltava raiz, era uma coisa muito comercial, era muito na minha, no meu pensamento era muito superficial, era uma coisa muito comercial e o comércio estraga a raiz, ao meu juízo. Então a partir desse momento aí a coisa começou entre aspas tomar um declínio que aí o brasileiro agente tem isso, agente gosta daquela coisa que vem pronta e enlatada, que não precisa parar pra pensar, se trouxe uma formula pronta dá pra mim eu te pego ela, eu te compro, às vezes agente até as vezes rouparam da gente né, porque o enlatado é mais fácil. E aí a partir do momento que eu larguei essas coisas que eu achava que não... Que agente poderia fazer diferente de uma maneira mais contundente, de uma maneira mais interessante, aí eu tive certa queda porque aí, teve um monte de aluno que eu tinha como era um bando de gente aproveitadoras e gostavam do que eu to te dizendo do enlatado do pronto né, quando eu coloquei pra pensar, coloquei pra gente estudar, pra gente formalizar, formar uma coisa junto, aí eu perdi 99,5 %, de todos aquele monte de alunos, daquele pessoal que estava comigo, e aí ficou aquela coisa aquele vazia, mas eu não deixei de ser capoeirista, sou capoeirista até hoje, nunca vou deixar. Mas eu acho que o meu ápice da capoeira foi realmente essa época aí em que eu cheguei aqui com toda garra, não tive outros capoeirista pra fazer uma roda de capoeira eu ia pro calçadão dessa cidade aos sábados as vezes com dois, três no início segurando um pandeiro, batendo um berimbau de qualquer maneira que nem tocar os meninos sabiam e eu ficava fazendo movimento de capoeira pra conseguir alguém que passasse se interessasse e fosse praticar capoeira e a coisa aconteceu de uma maneira esplendorosa, esplendorosa, esplendorosa e hoje na cidade parte da minha grande amizade, do meu conhecimento que eu tenho aqui, em todos os seguimentos da cidade foi em função do meu feito no passado com a capoeira.

Eu- Em que ano o senhor foi pra Santa Maria?

ENTREVISTADO 2- Vim pra Santa Maria em 1983 pra 1984.

Eu- O senhor já era formado Mestre?

ENTREVISTADO 2- Não, eu cheguei aqui como professor de capoeira.

Eu- Aí toda a sua formação aconteceu em Santa Maria?

ENTREVISTADO 2- Isto, depois eu cheguei como professor, depois eu fui graduado a contra mestre, depois veio à primeira mestria e cheguei a ganhar a segunda mestria, que pela hierarquia do Mestre

Índio, as mestrias seriam como se fosse faixa preta seria 1º Dan, 2º Dan, 3º Dan. Então na época Verde e Branco a 1ª mestria, Amarelo e Branco a 2ª mestria, Azul e Branco a 3ª mestria, Corda Branca 4ª e última mestria. Eu cheguei até a 2ª mestria com Mestre Índio, que foi as duas únicas graduações que eu tive na realidade como mestre foi Verde e Branco, Amarelo e Branco concedida pelo Mestre Índio.

Eu- E foi em Porto Alegre que o senhor começasse a aprender a capoeira em 1977?

ENTREVISTADO 2- Foi em Porto Alegre, com o Mestre Índio.

Eu- E quando o senhor foi pra Santa Maria o índio foi junto? Não ficou em Porto Alegre?

ENTREVISTADO 2- Não eu vim sozinho, ele vinha esporadicamente, ele já na realidade trouxe o mestre irmão dele o Mestre Cacau pra cá pra Santa Maria que foi o 1º a iniciar um trabalho aqui, e esse trabalho não deu muito certo ele voltou, só que ele ficou aqui eu não sei se precisar não sei se foram 3 meses, 4 meses eu não sei direito, mas esse tempo que ele ficou aqui não dando certo, teve um meia dúzia de gente que praticou capoeira com ele e que teve o anseio de continuar treinando capoeira, e aí o Mestre Índio chegou em nós na época e perguntou se não teria alguém pra mandar pra Santa Maria, pra ensinar capoeira e fui o que me coloquei e vim, aí vim depois que comecei a fazer o trabalho aí agente fazia os batizados é momento que o aluno vai receber a graduação, as graduações e aí o mestre Índio vinha, Mestre Índio, Mestre Kunta meu irmão, outros mestre s que eram meus colegas, enfim agente fazia um evento e aí sim com a presença do Mestre Índio, isso aconteceu várias vezes durante esses 10-12 anos em conjunto com ele, que depois mesmo eu tando aqui eu separei, eu segui o meu caminho e aí o Mestre Índio deixou de vim aí eu fiz mais 1-2 eventos aqui e aí ele já não veio mais porque nós estávamos não brigados, mas ele estava na ideologia dele, na filosofia dele e eu buscando a minha.

Eu- Isso foi em 1999, quando vocês eram Netos ou Filhos de Oxossi?

ENTREVISTADO 2- Netos de Oxossi

Eu- E aí teve a separação?

ENTREVISTADO 2- É que esse nome na realidade, Filhos de Oxossi é a associação do meu Mestre, do Mestre Índio, Netos de Oxossi que agente botou Netos de Oxossi que era o nome do nosso grupo, meu e do meu irmão no caso.

Eu- Aí depois dessa separação foi o que voltou pra Porto Alegre?

ENTREVISTADO 2- É, mas depois dessa separação eu ainda fiquei um tempo em Santa Maria, mas aí, como teve essa saída de muitos alunos que não concordaram com aquela ideia da gente, com essa minha ideia da gente buscar valores, conhecimento, raízes, essa coisa do que eu já tinha te dito anteriormente. Aí sim que eu fui pra Porto Alegre, que foi a época em que meu aluno Luizinho já estava lá e ele estava iniciando um trabalho em Porto Alegre e aí eu fui e nós nos juntamos lá e ficamos e fizemos um trabalho também bastante interessante no Morro de Santa Tereza em Porto Alegre, que depois daí nos partimos pra ir pra Florianópolis na realidade né, onde arquitetamos a Escola Beira Mar de Angola, já em Porto Alegre nós estávamos arquitetando. Só que em Porto Alegre o trabalho que nós fazíamos lá ainda era Raízes do Sul, já não era mais... Tá entendendo, já não era mais a Oxossi era Raízes do Sul.

Eu- Quais as contribuições que a capoeira trouxe e quais as mudanças? Já falou algumas que ela fez com que o senhor fosse visto perante a sociedade, fez entrar em vários lugares que se não fosse pela capoeira não tinha entrada, fez ser alguém na vida, ter reconhecimento das pessoas, o que mais?

ENTREVISTADO 2- Olha a contribuição ela vem desde lugares que tu visita, que eu visitei, fui financeiro, contribuição de conhecimentos político, de organização, de conhecer figuras humanas maravilhosas com talentos. Na capoeira eu conheci gente que praticava capoeira e tocava piano, tocava que cantava, que era que representava, são valores que eu te digo assim são indescritíveis, não tem como eu descrever tanta coisa legal. E também pela aquele lado, eu era uma camarada meio nervoso, pelo meu comportamento, a capoeira ela conseguiu a me doutrinar, conseguiu me acalmar, eu era o meu irmão sempre falava que eu era pavio curto, pavio curto aqui pra nós é explode com qualquer coisinha já explode, e a capoeira ela conseguiu me acalmar e me fazer uma cara hoje que nem eu sou hoje, eu viro as costas pro desaforo pra não deixar a coisa se proliferar Hoje né, isso eu tenho certeza que foi uma contribuição que a capoeira me deu sem sombra de dúvida e sou grato pela capoeira por isso.

Eu- O que o senhor concorda e discordava? Nessa aprendizagem?

ENTREVISTADO 2- Você está falando do meu mestres?

Eu- De tudo algumas coisas o senhor falou do Mestre Índio que discordava, mas assim nessa trajetória que o senhor acabou vendo ou ouvindo ou até mesmo dos seus aprendizados, o que concordava ou não?

ENTREVISTADO 2- Uma coisa que mais me machucava, que eu mais me preocupava era essa coisa de o capoeirista pro meu mestre no geral ele tinha que ser valentão, ele tinha que ser. Chutar rápido, massacrar o seu oponente, ele tinha que estar sempre se valorizando, tinha que ser o grandão tinha que ser o bom, quando que valores pra eu ser bom capoeirista, ser bom mestre, ser bom aluno, ser um bom capoeira eu tinha certeza, hoje eu tenho absoluta, mas eu já tinha certeza na época que tinha que ser lapidado valores como musicalidade, como respeito, como entendimento, que agente não vive, o ser humano não vive se tu não respeitar teu semelhante e não massacrar o teu semelhante. Aí o que hoje, por exemplo, ao invés de eu chegar e dizer pra ti que tu não sabes tocar o berimbau ou que teu grupo é um grupo que não tem formação, não tem o fundamento, que não sei ver. Que eu sou o bom, eu busco o outro lado o que tu tem de bom, eu graças a Deus hoje eu tenho essa consciência de buscar identificar o lado bom e eu tinha certeza que meu mestre agente era carente disso aí, que já mais na vida tu podes colocar na frente da capoeira, que eu vou ser bom se eu quebrar a cabeça do fulano, meu movimento mais rápido é o que vale, na realidade ali naquela capoeira é difícil, meu Mestre nunca na vida ele pegou um berimbau pra dizer assim o esse toque aqui é o toque X, pra jogar no assim, esse aqui foi o Mestre X que criou, vai por aqui ou por ali, nunca na vida ou qualquer outro instrumento que envolve a bateria da capoeira. Então muito distante muito vazio isso. Hoje uma criança que a capoeira ela esta dentro de todos os colégios, universidade e tu vai mostrar pra essa criança dentro de um colégio que ele tem que ser rápido, tem que chutar o outro, tem que derrubar o outro, tem que quebrar a costela do outro, que dizer esta levado um problema pra dentro dessa escola ou pra dentro dessa universidade, isso aí essas coisas que eu tentei até com conversar com o mestre várias vezes, só que não eram ouvidas como até hoje, eu acabei de encontra ele aí faz final do ano agora aí e ele me disse que continua a mesma coisa, continua querendo bater-nos outros, continua sabe.

Eu- O Mestre Kunta também aprendeu com o Mestre Índio?

ENTREVISTADO 2- Sim com o Mestre Índio, foi o único mestre dele e é o único mestre dele também, mas o mestre Kunta iniciou praticar capoeira cerca de dois anos, dois anos e alguma coisinha antes do que eu comecei a praticar, aliás, ele é o meu padrinho, foi ele que me levou, meu irmão é o meu padrinho ele que me levou.

BLOCO COMO SURTIU A ESCOLA E QUEM ELABOROU

Eu- Como elaboraram a proposta pedagógica em cima de qual referencial teórico? O que faz e o que fez compor essa proposta? Por exemplo, o nome de escola normalmente as escola tem um projeto PPP, mas isso agente hoje não tem nada escrito ainda. Mas como que vocês elaboraram a proposta de ensino da escola? Como que surgiu a criação? Como que surgiu a ideia da ECIBA?

ENTREVISTADO 2- Bom primeira coisa ela surgiu em cima de uma grande amizade que agente tinha e tenho eu e o Luizinho, acredito de algumas carências de famílias que na época tanto da parte dele como da minha era presente isso em nós. E a escola, porque escola como tu mesma falaste que tem a escola tem uma proposta pedagógica tem uma coisa pronta, e nós exatamente não quisemos fazer essa proposta ter uma proposta, a escola nós batamos em 1º lugar era escola de pensamento, nós íamos reunir o pessoal, nós íamos discutir a forma de tudo que acontecesse nessa escola como é até hoje, então agente não tinha essa coisa do enlatado como eu te falei anteriormente pronto, nós tínhamos alguma espinha dorsal do que agente queria, mas agente tava na busca de ingredientes pra melhorar nosso pensamento. Então o primeiro momento que agente pensou foi isso, agora nós tínhamos uma proposta pedagógica? Tínhamos, mas não era talvez perfeita, ate a mesma coisa que esta acontecendo hoje, mas um princípio básico agente tinha. Quando se tem em mente a certeza que tu não vai fazer uma bateria de capoeira de qualquer jeito, tu não vai botar 5 instrumentos, 5 berimbau, 8 berimbau, 1 pandeiro, as vezes atabaque, as vezes não, canta ladainha o outro não. Agente foi buscar fundamentos nas grandes escolas, nas velhas escolas de capoeira que aí agente já tinha uma proposta pedagógica, onde agente ta dizendo agente não tinha uma coisa pronta, elaborada assim, prontinha e eu volta a dizer do enlatado, mas agente já tinha a nosso proposta. O que agente queria buscar? Gente que agrupasse a nós e que nos ajudasse a construir por isso escola de pensamentos, agente pensou no primeiro momento. Aí depois botamos Irmãos da Beira Mar de Angola, que o dois irmãos, Beira Mar nos íamos pra perto do mar, beira mar de angola. Mas em principio no 1º momento agente pensou escola de pensamento.

Eu- Como se deu esse processo de construção da escola? Quem mais elaborou, só foi o senhor e Luizinho que elaboraram?

ENTREVISTADO 2- olha foi só nós e foi uma coisa assim que agente desde o símbolo as coisas foram acontecendo e o símbolo da escola hoje é em cima de uma caricatura de um individuo que pintava quadros no pampa gaúcho em cima de cavalos, animais coisa e tal e derrepente se deparou com um cara lá meio que agarrando no cavalo fazendo uma parada de mão e nós achamos que esse cara era capoeirista e dali já saiu o logotipo da nossa escola. E aí tu me pergunta como foi essa criação, por exemplo, tu és uma prova né quando agente chegou, que agente colocava aquele monte crianças sentado e agente tentando fazer, ensinar batida de pandeiro, 1, 2,3, tocar berimbau e fazer, então foi uma construção muitíssimo interessante e agente viu transformações ali dentro, transformações e agente viu transformações em cima de pessoas que iniciaram ali, hoje tem gente que iniciaram ali fazendo 10 anos, então foi uma coisa muito interessante, muito gratificante e muito interessante. Que aquela coisa assim que eu digo de família, de pai pra filho, que agente acompanhou dificuldades com crianças e adolescentes, com família, agente tentou e tenta até hoje se aproximar de uma maneira sabendo qual é a tua dificuldade na escola, com família, com aquela coisa toda, então um negócio realmente fundamentado ao meu juízo.

Eu- Quais eram os objetivos propostos para serem alcançados? Que objetivos vocês traçavam? Aqui já porque a construção se deu em porto alegre, chegando aqui quais objetivos que vocês traçavam e que foram sendo alcançados ou que ainda não alcançou?

ENTREVISTADO 2- O objetivo no 1º momento era nos tentar entrar, por exemplo, numa área, num campo a onde tem grupos antigos de capoeira que é o caso de Florianópolis e que agente tentou no 1º momento via até governamental, tentamos acoplar projetos aí nas secretárias, fomos boicotados, nos primeiros momentos agente teve certa indignação, que agente viu projetos ser aceito em algumas secretárias da ilha com valores bem maiores do que o nosso daquele que agente tinha colocado, e os objetivos, o que agente esperava? Agente esperava o que realmente coisas que esta acontecendo agora que é o que agente diz, agente ali começou com várias crianças e essas crianças se tornaram adolescentes e de adolescentes passaram até adultos hoje é e que estão junto com nós, e que agente acompanhou toda uma transformação, então o que agente mais queria e que mais tinha em mente na realidade, eram coisas como agente tentar auxiliar que se formassem bons capoeiristas, bons capoeiristas no sentido de conhecimento, bom tocadores, bons cantadores, bons pensadores, pessoas capoeiristas que se interessassem em valores desses que agente conversou antes, de conhecimentos com velhos mestres, com obras de capoeira, com leitura, enfim. E esses objetivos, agente já tinha certeza já na época que agente ia conseguir, alguns deles agente já esta colhendo frutos, agente é consciente que já é real, então eu te garanto que nos primeiros momentos em que agente sentou pra tentar arquitetar o que seria a ECIBA nós éramos conscientes e um dia ia acontecer e o que agente queria, o que agente mais torcia, são essas coisas de consciência, que não basta o movimento rápido e quando tu fica velho? Se tu não conseguias abrir a boca pra te expressar, se tu não conseguias cantar, se não conseguia tocar, a dominar um instrumentos, os objetivos eram esses aí e que são até hoje.

Eu- Qual a finalidade de ensinar a C.A?

ENTREVISTADO 2- A minha particularmente ela tem dois Aspectos- 1º eu tenho a certeza que a C.A ela é uma capoeira mais familiar, ela é uma capoeira que tu tem essa coisa da irmandade, embora ela sendo uma capoeira venenosa, perigosa que ela bota no chão, ela derruba, ela faz ela acontece, mas ela não tem essa coisa na expressão, ela não tem ali, tu não vê o capoeira de angola jogando. E a outra é a musicalidade que eu me sinto realmente bem mais emocionado, bem mais tranquilo pra jogar, com a bateria formada com a maneira que nos formatamos, de um jogo, com um toque cadenciado, cada berimbau com seu toque, pandeiro, reco-reco, agogô, aquela batida cadenciada. É uma coisa que pra mim me inspira, é melhor, eu jogo capoeira na roda de angola com essa nossa bateria, com essa nossa musicalidade de uma maneira que eu não faço força, é diferente da outra que eu jogava aquela que eu jogava que é na força. Não ali tu brincas ali tu se sente feliz, ali é um momento de estase dentro da roda, por esses 2 motivos basicamente que eu te digo que a C.A é a que mais me fez bem, é a que mais me faz bem.

Eu- A ideia de criação da escola teve a ver com a experiência que o senhor teve antes?

ENTREVISTADO 2- A certo, certo, a vivência ela te traz o positivo ou o negativo, mas ela te traz. Quando tu passas por um período da tua vida por várias situações alguma coisa tu pega, positiva ou negativa, isso é certo e essas coisas como esse meu anseio de buscar esses fundamentos porque tive experiência vivida e naquela capoeira que eu levava.

BLOCO CULTURA BRASILEIRA

Eu- A C.A apresentou algo que você passa a conhecer a cultura brasileira de forma mais elaborada?

ENTREVISTADO 2- A certo porque, em principio a capoeira nos registros que agente tem a C.A é a capoeira mãe, inclusive se não o maior um dos maior defensor digamos da capoeira regional que é o Mestre Bimba, antes de ele ser regional, antes de ele lutar a Luta Regional Baiana ele era um exímio capoeirista de Angola, ele vivia no meio dos angoleiros do Recôncavo Baiano, então é visível depois da minha, não digo troca, da minha mudança eu tive, eu fui mais conhecido em função de que acredito eu, os capoeiristas, os mestres, as pessoas com quem eu me envolvi, já como capoeira angola eu adquiri mais conhecimento com essas pessoas, com eventos de capoeira angola, então não há dúvida que mudou e que mudou pra melhor.

Eu- Mas a partir da capoeira quais outras manifestações que o senhor passa a conhecer ou reconhecer por conta da C.A?

ENTREVISTADO 2- Assim, sim, sim tem várias até inclusive o meu grande amigo, querido aí nosso Mestre Patinho é maranhense né, olha só o que ele trouxe de cultura pra nós aí né, por exemplo, aqui no Rio Grande do Sul agente é um pouco mais distante a cultura tradicional do Rio Grande do Sul ela tem um tabu, tem uma barreira que aonde tiver uma mistura com outra cultura ela é barrada porque tem que ser o tradicionalismo gaúcho. E o Mestre Patinho trouxe um reconhecimento do Maranhão, Tambor de Crioula, aquelas rezas, aqueles cantos dele que ele tem lá, por exemplo, foi uma das coisas que me deixou eu encantado. Já tive o contato, por exemplo, cultura afro brasileira que eu também não tinha um conhecimento, um grande contato e inclusive depois que eu comecei a praticar a capoeira angola, estuda a capoeira angola eu tive o contato com esse povo das Regiões Afro brasileira e é uma coisa que abriu outro leque também interessante, muito interessante e aconteceu depois da minha era capoeira angola.

Eu- E qual o seu envolvimento com o samba? Foi antes ou depois?

ENTREVISTADO 2- Olha querida o samba é como é que eu vou te dizer, o samba é uma coisa que como diz o ditado na veia, porque eu tenho o habito de gostar de cantar, embora eu cantando eu mais xingo do que canto, mas eu era um menino ainda de 7-8 anos e o meu pai ele tocava nos bailes pra fora, Bailes de Ramadas como se diz aqui no Rio Grande do Sul que é uma gaita, um pandeiro e um violão e era ele, o irmão dele e o cunhado (o irmão da minha mãe) e o meu pai eu tinha 7-8 anos ele ia tocar nos bailes e ele me levava porque eu gostava de cantar, na época tinha a música Menino da Porteira, não sei se você conhece O Menino da Porteira e na época era um sucesso e eu aprendi eu cantava e ele me levava e eu era tipo assim um show na música que ele ia fazer na noite e desde pequeninho eu gostei de cantar. Quando eu entrei na capoeira me disseram pra mim que era interessante a minha voz, meu mestres, meus colegas, Mestre Carcará, Mestre Grilo que já eram mais antigos na capoeira, eles começaram a me dar valor e dizer, e eu sou um cara que sou meio movido de entusiasmo, de elogio eu gosto, não nego que gosto, e aí eu comecei a cantar, comecei a aprender muito samba de raiz Grupos como Originais do Samba, Fundo de Quintal, Bezerra da Silva, Leci Brandão, Ivone Lara, Agepê e eu gostava de cantar, aí agente tinha um pessoal no bairro onde eu morava em Porto Alegre agente se juntava as vezes domingo a tarde e agente fazia uma batucada na esquina e eu era o vocalista, eu era o que sempre estava cantando. Aí comecei a despertar me dão uma luzinha e aí estou lá, gosto de cantar, gosto muito de samba, mas eu gosto muito de qualquer tipo de música desde que seja uma música fundamentada, eu gosto sempre estou cantando, no trabalho, em casa, não sou aquele cantor de chuveiro não, tô sempre cantando eu gosto de cantar.

Eu- O que você citaria e falaria da cultura brasileira de uma forma geral? Se o senhor fosse apresentar, por exemplo, pra um mestre de fora, estrangeiro a cultura do Brasil, a cultura brasileira, o que o senhor falaria da nossa cultura pra ele?

ENTREVISTADO 2- Olha eu te digo que a cultura brasileira pela miscigenação de nacionalidades que existe no Brasil é uma coisa riquíssima, é maravilhosa, eu até gostaria de ter um domínio realmente da cultura brasileira, que a cultura brasileira ela começa aqui no rio grande do sul é a polca aqui da tradição dos gaúchos e vai ao nordeste de centenas de costumes de manifestações culturais que encham os olhos de quem quer que for. A cultura brasileira é uma das mais ricas do planeta, pena que as vezes nem mesmo a pessoa na sua região da valor e desenvolve. No tempo que eu fiquei ai em Florianópolis eu conversando com as pessoas locais daí falando sobre cultura, inclusive o Mestre Getúlio que foi com quem falei e ele me falava do Boi de Mamão que se não me engano 10 anos de 30 e poucas comunidades que se envolvia, todo sincretismo do boi de mamão, parece que tava em 7-8 só ou na região que ele falou não me lembro direito, isso aí é uma descaracterização, uma desvalorização do Brasileiro com a cultura, mas eu te digo e te afirmo que a cultura brasileira no geral é ma-

ravilhosa, devia de ser assunto, tema escola, de universidades, o brasileiro tinha até que ter uma consciência dessa coisa chamada de cultura brasileira, que é um leque tão grande, tão maravilhoso que a grande maioria das pessoas desconhece, e por desconhecer eu acho que não valoriza porque não tem essa coisa na nossa sociedade infelizmente.

Eu- Qual a importância pra você de conhecer a nossa cultura? Algo alterou em sua vida após essa conhecimento?

ENTREVISTADO 2- A com certeza, com certeza, eu diria que hoje eu até, por exemplo, a minha sobrevivência hoje ela não vem até com a cultura, com a capoeira que é a cultura, hoje eu não sobrevivo infelizmente através da cultura, mas foi na cultura e é na cultura onde eu tive os meus melhores momentos e certamente se hoje eu tivesse inserido com meu ganha pão, com meu sustento em cima da cultura, da capoeira, eu certamente seria bem mais feliz do que sou hoje, certamente.

Eu- Mas assim, é importante que agente conheça a cultura, concorda com isso?

ENTREVISTADO 2- É importantíssimo.

Eu- Vamos supor, se o senhor não tivesse tanto contato com a cultura brasileira o senhor teria uma percepção, mas a partir do contato o senhor tem uma percepção de que é importante isso, então altera conhecer a nossa cultura é importante, é básico, já que agente é brasileiro. Isso?

ENTREVISTADO 2- É eu acho que é fundamental, por isso que eu te disse antes, devia de ser inserido no contexto educacional, que isso não existe nem nas regiões em algumas que outra do Rio a Lapó e Chuí, que existe algumas comunidade que tem desenvolvimento X da cultura daquela região, eu já acho que tem que ser a cultura do Nordeste desenvolvida no Rio Grande do Sul, a cultura do Rio Grande do Sul no Nordeste e vice versa, que agente vê falar de poucas coisas que predominam o Samba, o Frevo, o Maracatu já não é uma coisa tão desenvolvida assim não é em todos os lugares do nosso país que se sabe o que é Maracatu, aqui a nossa cultura é forte, por exemplo, e tem muitos lugares que sabe, nem se quer ouve falar quanto mais tu ter aquela cultura presente no teu dia a dia. Eu acho que é uma coisa tão interessante que deveria ter dentro do contexto educacional desde os primeiros anos até a formação acadêmica.

Eu- Qual o seu contato com cultura brasileira, qual é o vínculo que o senhor tem hoje afetivo, de prazer, de divertimento, de trabalho de profissão?

ENTREVISTADO 2- A capoeira continua sendo o meu maior elo relacionado a cultura, inclusive eu estive agora na semana retrasada aqui na cidade próxima Lajeado, tive uma sensação que me emocionou de uma maneira que eu fiquei, estou até hoje que eu falo me arrepio, o menino lá portador de necessidades especiais numa cadeira de roda eu tirei ele da cadeira, larguei ele no centro da roda e comecei a brincar de capoeira com ele e ele se manifestava com os braços, com a boca, com gesto e andava no chão e quando eu parei de fazer aquela brincadeira com ele ali, eu olhei pra mim mesmo e disse assim: eu não sou ninguém e eu não tenho nada, mestre é esse cara aqui e quem tem problema é ele eu não tenho nada (**Eu acho que o mestre quis falar ao contrário, mas na hora se enganou**), eu me coloquei no momento assim de que. Então a minha maior ligação hoje ainda é a capoeira, mas as vezes de vez em quando como eu gosto de cantar com a ligação do samba, eu embora não faça parte hoje de nenhuma manifestação do lado do samba, de nenhum grupo nada as vezes eu encontro uma rapaziada que realiza esporadicamente vou lá, entro, subo no palco canto, bato pandeiro, mas é uma coisa que ela é latente, mas ela não uma presença, não tem uma ligação por vários fatores da vida particulares, mas importante é que ela não sai de mim, ela nunca vai sair, é uma coisa que me enche de alegria, eu graças a deus sem falsa modéstia eu entro no meio da roda de samba, eu pego o instrumento e saio batendo, saio cantando, então a minha ligação ela é nunca vai deixar de existir, ela vai ser sempre, sempre presente comigo.

Eu- Hoje ela também aparece como trabalho, mas também a maior parte esta nesse vínculo afetivo?

ENTREVISTADO 2- É o prazer, é o Rob como agente diz, na realidade ela esta acontecendo comigo hoje em dia e até mesmo a capoeira, as rodas de capoeira a qual eu criei no centro da minha cidade que é todos os sábados a roda de capoeira, eu não vou todos os sábados lá por uma serie de fatores, nem a própria capoeira eu tenho esse vínculo direto. Agora eu tava realizando um trabalho aqui, problema de local tô reiniciando em outro local o trabalho aqui com a capoeira de novo, porque vi a necessidade, tem a necessidade de estar inserido dentro da roda, no contexto educacional, no contexto de aprendizado enfim, e agente vai ficando velho também e precisa de movimentação corporal e aí até to voltando, reiniciando o trabalho aqui com a criançada, estou feliz com isso. Na realidade eu nunca me afastei, nunca tive longe, eu nunca... Eu tô sempre presente embora que muitas vezes de coração e de pensamento.

BLOCO CONHECER E DISTINGUIR CARACTERÍSTICAS DA C.A QUE A FAZ SER UMA PRÁTICA DE RESISTÊNCIA AO CAPITALISMO

Eu- O que o senhor sabe sobre a C.A e qual a origem dela?

ENTREVISTADO 2- A C.A como minha base capoeirística ela não foi vinda da capoeira oriunda da capoeira angola, meu Mestre Índio embora seu Mestre Pelé da Bomba que é uma angoleiro do Recôncavo Baiano e que pelo que eu sei o meu mestre pela maior parte do tempo dele de aprendizado ele ficou com o mestre Pelé da Bomba, o Mestre Índio ele não passava aquele fundamento da capoeira angola, então dessa forma eu tenho certa fragmentação no meu aprendizado da C.A. É como aquela coisa você planta uma árvore e aí a árvore cai pro lado, quando ela tá fininha, se você não pegar uma madeirinha não botar do lado dela no caule pra ela subir reta, ela vai ficar torta, aí ela cresce, passa uns anos o caule fica grosso e torto pro lado, aí você vai querer deixar ela ereta de novo, muito grossa é difícil. Então o que aconteceu comigo foi isso, a minha parte do meu B A BA, eu não tive, eu fiquei um bom tempo, eu fiquei 16 anos em cima de uma capoeira que não era fundamentada e de uma hora pra outra eu passei da chuva pra um tempo seco. Tive certa fragmentação no meu aprendizado no fundamento da C.A. O que eu posso dizer é isso aí, estou sempre buscando mais conhecimento, to sempre aprendendo e indo atrás, mas tenho isso comigo que eu tenho a certeza. A segunda pergunta era...

Eu- Qual a sua origem da C.A?

ENTREVISTADO 2- A C.A segundo a maioria dos historiadores, de pessoas que não são historiadores, mas dos mestres velhos é só um nome C.A e a capoeira angola ela foi também criada, nascida aqui no Brasil, na realidade o que eu tenho de conhecimento que a C.A é o nome só angola, poderia ser como a regional, mas elas duas foram criadas nas senzalas do Brasil.

Eu- Você reconhece a C.A como uma ferramenta de resistência ao modelo atual da sociedade e ao modelo capitalista?

ENTREVISTADO 2- É um modelo de resistência porque ela não se inclui no capital, que o capitalismo pra C.A é uma coisa completamente não existe, essa capoeira A Regional ou até a capoeira de Rua ela tem uma facilidade de absorver de ir pro lado do mundo capitalista, a C.A não, a C.A é uma capoeira de resistência aonde a criança da favela, pobre tem acesso, ao feio, ao gordo, aquelas pessoas discriminadas. A C.A ao meu juízo ela não se enquadra nesse capitalismo.

Eu- E o capitalismo quais as suas maiores dificuldades? A dificuldade sua com o capital?

ENTREVISTADO 2- A dificuldade minha com o capital, ela é gritante no dia a dia meu, porque eu sou um desprovido desse tal de capital, tanto ele financeiro como ele intelectual porque eu não tenho uma formação acadêmica e isso aí me corta na carne todo dia, minha filha, por exemplo, que está fazendo um curso hoje preparatório pra uma faculdade de medicina, ela convive em um lugar onde é ela e outra menina que são de família humilde que nem ela e ela todos os dias é piada, é esnobe de roupa, é esnobe de carro, é esnobe entendeu? E o mundo capitalista pra um sujeito que nem eu, que tive bastante discriminação sobre minha cor, sobre a minha escolaridade e hoje em dia continua a mesma coisa manda quem tem quem não tem... É um negócio que eu não consigo entender esse tal de capitalismo, como é que tu tens gente que tem tanto e outros sem nada, como que tem gente que são intelectuais e que podem ter o poder e que fazem que não sei o que, e ao mesmo tempo tu acordas de manhã e tu vê crianças que nem sabe o que é vida morrendo, com seus pais, sua mãe atravessando o mar pra buscar um refúgio em outro lugar numa terra estranha. O capitalismo é uma coisa pra mim que eu não consigo entender o tal de capitalismo na sua origem, não sei quem que é a origem do capitalismo eu só sei que envolve dinheiro né, mas é uma coisa muito mal distribuída, é pra poucos, que agente vê principalmente aqui no nosso Brasil, inclusive delitos que tem gente que tem dinheiro, exemplo para tá lá bêbado, atropela uma pessoa mata é crime inafiançável, pra mim que sou pobre, mas se pega uma cara que bate com uma Ferrari, com o Porsche ele mata, ele paga sai. Então esse capitalismo é uma coisa que me dói muito, é uma das únicas tristeza que eu tenho na minha vida é essa coisa do tal capitalismo.

Eu- Porque e como que a capoeira ela resiste a esse modo de organizar a produção de existência dentro do capitalismo, ela é uma ferramenta contra o capital e como ela age contra o capital?

ENTREVISTADO 2- Eu vou tentar te responder da maneira que já te falei anteriormente né, eu acho que é baseado em cima dessas coisas como os fundamentos, que o fundamento ele tá aí tá inserido no respeito, a união, a parceria, ao aprendizado de que é coisa mais interessante como nos fazíamos

ali sentávamos todo mundo numa roda com pandeiro, com instrumento, todo mundo se ajudando, aquele que aprendia uma batida ia ali e tentava passar pro outro, essa resistência é que leva ela a se manter ainda no capitalismo que agente vive, eu acho que são esses valores é que leva ela, que se não fosse isso... Só assim que agente vai conseguir porque não tem outra maneira, forma de pensar e de agir eu acho que faz ser resistente e faz ainda existir são esses valores aí que ela te proporciona que é um leque gigante.

Eu- E a pessoa que guia o barco também né?

ENTREVISTADO 2- É verdade, é verdade com certeza, com certeza.

Eu- Como foi essa experiência do senhor ter ido pra Europa?

ENTREVISTADO 2- A foi uma das maravilhas da minha vida viu, que num outro momento também que eu te falei tinha vindo pra Santa Maria eu tinha certeza que eu não estava preparado profissionalmente e acho que nem de cabeça pra segurar toda essa coisa assim quando eu fui pra Europa também era um negócio, foi uma coisa muito imprevista, muito de espantosa pra mim, eu nunca na vida eu acreditava que eu poderia entrar num avião e atravessar o oceano e ir pra Europa. Quando cheguei lá me deparei com aqueles monumentos com o Coliseu, o Vaticano comecei a andar e aí que caiu a ficha, foi uma realização de mais, eu de família humilde nunca tinha saído do Brasil pra lugar nenhum, passando muita dificuldades, numa dessa quando eu vi tava lá dando aula de capoeira, me apresentando na Tele Monte Carlo, foi uma coisa maravilhosa. Teve um conteúdo muito legal de capoeirista, eu conheci uma gama grande de capoeiristas brasileiros que morava em vários países da Europa e eu conheci Mestre Brasília, Mestre Luizinho, não o Luizinho meu aluno, meu mestre, mas eu conheci vários capoeiristas que moravam na Europa há vários anos, aprendi coisas lá, que eu não tinha conhecido aqui dentro do Brasil, eu aprendi com capoeiras de lá. Essa minha ida pra Europa foi uma coisa que rendeu profissionalmente como conhecimento e aquela coisa também que tem do glamour de você chegar, tu ir pra um país diferente, 1º mundo, pra quem é menino pobre que nem eu e foi muito, muito interessante na minha vida e tem reflexo até hoje.

Eu- Quanto tempo o senhor ficou lá?

ENTREVISTADO 2- Eu fiquei um ano e meio, eu fui em 1991.

Eu- E foi sozinho ou foi com mais alguém?

ENTREVISTADO 2- Eu tive a felicidade de ir com o Falecido Mestre Leopoldina Demerval Lopes de Lacerda e ficamos juntos lá 3 meses e pouco ele ficou, depois ele voltou e eu fiquei que foi meu guia, foi meu anjo da guarda que eu tive lá, que como eu te falei nunca tinha saído do Brasil, nunca tinha ido lá e ele conhecia todos os capoeiristas, na época a capoeira lá, era uma capoeira bastante perigosa, muito violenta e tinha aquelas rodas de pancadarias coisa e tal, então ele chegava todo mundo respeitava ele, eu chegando sempre com ele, ele me levou pra grandes eventos, me apresentou pra muitos capoeiristas lá fora, foi na realidade meu guardião, o grande mestre Leopoldina que Deus o tenha em bom lugar, mas foi maravilhoso.

- ENTREVISTADO 3 - 27/04/2016

BLOCO TRANSFORMAÇÕES

Eu- Qual a sua experiência com a C.A?

ENTREVISTADO 3- A minha experiência começou há 10 anos em 2006, começou na verdade através do meu irmão o Lucas, ele fez acho que uma duas aulas antes que eu, eu sempre me chamou atenção a capoeira, nas ruas, tinha um primo meu também que fazia capoeira era uma capoeira contemporânea, pelo que eu me lembre, não tinha características nem da regional nem a angola, eu achava aquilo bonito, na época eu não conhecia nada de capoeira, nos movimentos em si. Eu sempre tinha vontade de fazer capoeira e quando eu descobri que o Lucas estava fazendo capoeira já, ele tinha feito uma ou duas aula com o Mestre Luiz, na época ele era professor, o prof. Luizinho, aí me chamou atenção e tive a curiosidade de ir pra ver como era, a primeira coisa que percebi e que era diferente daquela capoeira que eu tinha visto antes. Até conversei com o Mestre Biriba está semana que estive na casa dele, eu comentei isso com ele que o Luizinho, o Mestre Luiz tem uma lábria muito boa, a parte da conversa dele, já nas primeiras aulas ele fez perceber que tinha que existiam outros tipos de capoeira, mas aquela não era só um esporte, não era como na minha cabeça, porque eu via aquilo simplesmente como um esporte, um exercício, eu vi que era muito mais, tinha toda uma parte de filosofia por trás e a partir daí eu tive uma curiosidade imensa de desbravar isso tudo, a partir daí que começou a minha experiência com a capoeira, à medida que os anos foram passando, agente tem os encontros anuais que agente faz do nosso grupo, eu pude conhecer alguns mestres de fora nosso contato do cotidiano e assim foi evoluindo a minha experiência.

Eu- Quais os motivos te levaram a praticar?

ENTREVISTADO 3- Um deles foi através do Lucas e outro também eu já conhecia o Natã, o professor Natã e na época quando eu entrei ele já fazia, eu já conhecia ele do colégio, opa tem mais um amigo aqui, que já esta fazendo, aquilo me motivou a fazer.

Eu- O que marcou em sua trajetória com a participação na C.A?

ENTREVISTADO 3- Minha vida mudou bastante e a capoeira na minha definição perfeita assim que o Mestre Luiz e também o Mestre Biriba já vem falando é "a capoeira ela ensina a andar no mundo" eles dizem isso, pra mim essa definição é perfeita, ela me ensinou a andar no mundo saber por onde eu posso, onde eu não posso, ela me tranquiliza muito, me traz uma energia muito boa.

Eu- E o que de mais marcante teve durante toda essa trajetória na capoeira nesses 10 anos?

ENTREVISTADO 3- Eu acho que os encontros são sempre marcante que é aonde agente pode, senti a verdadeira capoeira, é onde agente consegue compartilhar informações com várias pessoas diferentes, com mestres que tem a sua maneira diferente de ensinar capoeira, que não é única, cada um tem uma maneira de passar o conhecimento, seja na parte da musica, do movimento, é bem legal essa troca de informações dentro da capoeira.

Eu- E as tuas formações como aluno formado e professor? A tua formação dentro da escola como aluno formado primeiro e depois como professor?

ENTREVISTADO 3- A formação é aquela coisa que é o mestre quem defini pra mim a capoeira ela me faz bem e pretendo continuar sempre treinando, mas eu nunca tive essa mentalidade a eu preciso, preciso ser um mestre, eu quero muito... Eu vou levando a capoeira e pra mim... É claro que eu sempre busco conhecer mais, aprender mais, mas não tenho essa visão eu quero muito, eu preciso ser um mestre, porque se não eu vou estar incompleto, eu fui formado professor apesar de não dar aula diretamente, eu não tenho o meu grupo, não tenho e também no momento eu não penso em fazer isso, apenas como professor que auxilio nas aulas e isso ai pra mim já é muito legal poder trocar informações com os alunos e poder passar, nesse momento, eu não tenho interesse em criar o meu grupo por enquanto, talvez isso mude com o tempo.

Eu- O que você buscou com essa prática?

ENTREVISTADO 3- Inicialmente foi isso eu busquei a parte do exercício físico que me chamava bastante atenção, e depois isso foi mudando e pra mim hoje é uma busca completa, seja como o exercício físico ou até mesmo espiritual, bem completa com a música, com tudo uma coisa que me faz sentir bem, eu a pratico simplesmente, e me sinto muito bem fazendo isso.

Eu- O que mudou em sua vida após o contato com a capoeira?

ENTREVISTADO 3- Ai já está bem dentro das outras perguntas, isso mesmo que eu falei até agora, ela me trouxe, não tem nem palavra, não é tranquilidade assim, mas ela me ajudou a andar no mundo, é a definição.

Eu- Teve as transformações gerais e a mais particular é que tu começou a aprender a andar no mundo? Quais as transformações gerais e tem alguma transformação particular que você chamaria atenção, alguma coisa pessoal tua?

ENTREVISTADO 3- Acho que mais a parte de ser uma pessoa mais tranquila.

Eu- Porque antes tu não eras?

ENTREVISTADO 3- Até era, mas acho que às vezes agente acaba por pouca coisa se irritando ou coisa desse tipo e a capoeira traz certa, certa alegria pra gente e me deixa mais tranquilo em tudo que faço, até mesmo num estudo, por exemplo, ela me faz saber que não adianta eu ficar apavorado pra fazer que eu não vou adiante, ela me traz calma e tudo que eu vou fazendo.

BLOCO CULTURA BRASILEIRA

Eu- A C.A apresentou algo que você passa a conhecer a cultura brasileira de forma mais elaborada?

ENTREVISTADO 3- Sim muita coisa, a capoeira um dos pilares principais da capoeira é a histórica do Brasil, a história não só da capoeira, mas a capoeira inserida no Brasil, pra conhecer a história da capoeira tem que saber a história do Brasil, que faz parte da cultura brasileira.

Eu- Repeti a pergunta.

ENTREVISTADO 3- A cultura brasileira, o Brasil aproximadamente tem 500 anos e a partir dai vem surgindo o que agente chama de cultura brasileira com a mistura dos índios que já moravam aqui com a cultura africana que chegou e a europeia também através das imigrações, essa mistura de cultura que é a nossa cultura brasileira é justamente a cultura surgida entre essa mistura do negro, índio e o europeu, especificamente nos quilombos onde ela de fato se manifestou com essa miscige-

nação e daí então dentro da capoeira estudando, querendo sempre conhecer a história de mestres passados e mestres antigos, como que era feito, como que ela surgiu, quem era Zumbi dos Palmares, o que ele fez, isso tudo faz parte da cultura brasileira e tem haver com a capoeira, o conhecimento que eu sempre busquei dentro da capoeira em respeito à história, ela tem tudo ver com a cultura brasileira.

Eu- E a partir da capoeira tu consegues reconhecer outras manifestações culturais?

ENTREVISTADO 3- Sim, a capoeira ela traz como eu falei antes essa mistura entre a cultura indígena, negra então ela traz manifestações da dança africana, da música indígena, mesmo que

Continuação... Eu te perguntei se a partir da capoeira tu consegues reconhecer outras manifestações culturais?

ENTREVISTADO 3- Ah, sim, então falando dessa mistura agente tem da cultura negra tem bastante parte da dança, da própria religião do Candomblé, traz um pouco dos batuques, do índio a mesma coisa a partir dos instrumentos indígenas, da musicalidade, então mistura bem essas outras manifestações culturais e agente consegue através da capoeira ter um pouco de conhecimento, claro que não tudo, abre vários leques assim.

Eu- E qual manifestação tu se envolveu a partir da capoeira?

ENTREVISTADO 3- Olha a capoeira ela esta bem atrelada às manifestações culturais e no meu caso, por exemplo, através do meu mestre ele sempre buscou atrelar a manifestação cultural da cidade, dentro da nossa cidade de Florianópolis ele buscou interagir a capoeira com as danças típicas do Boi de Mamão, do Folclore, e a minha participação maior foi nesse sentido em participar junto com o grupo das manifestações culturais da nossa cidade.

Eu- E o teu envolvimento com o choro e o teu aprendizado do violão, foi a partir da capoeira isso ou tu já pensava em fazer? Ou tu já fazias aula de violão antes da capoeira ou foi depois?

ENTREVISTADO 3- Eu já fazia aula de violão, não especificamente choro, eu já havia aprendido um pouco do violão e depois eu não sei exatamente, não lembro exatamente quando, mas acho que teve sim influência da capoeira através do Mestre Luiz, que na época ele disse que queria tentar juntar a capoeira com o samba, se eu não me engano era isso, ela estava procurando algum professor pra dar aula de música, não especificamente de choro, um professor pra dar aula de musica, claro de musica brasileira de preferência que envolvesse com a capoeira, ai eu comentei que tinha um amigo o Murilo que tocava cavaquinho e tocava chorinho né, ai ela falou perfeito, era isso que eu precisava, ai apresentei os dois o Murilo pro Luizinho, se deram muito bem logo no começo, e a partir desse momento. Eu já conhecia o Murilo, já tinha o visto tocar cavaquinho e aquilo me chamou a atenção, mas eu acho que ainda não tinha começado a fazer aula, tinha o visto ele tocar com o pai dele, o seu Nilto e eu achei aquilo muito bonito e pensei bom eu acho que poderia tentar trocar uma idéia com eles, e a capoeira só reforçou, eu vi que os dois tem pra mim... Eu não sabia que tinha tanta coisa a ver, fui descobrindo aos poucos, com a capoeira, com o samba de roda, eu vi que tinha haver a capoeira com o samba e a partir dali eu comecei a fazer aula, foi essa mistura através do meu amigo Murilo e com a Capoeira e que poderia aprender com o choro e o samba.

Eu- O que você citaria e falaria sobre a cultura brasileira?

ENTREVISTADO 3- Em geral né? Eu diria que é uma das culturas mais ricas, acho que do mundo justamente porque teve essa variedade, essa mistura de raças do índio com os negros, com europeus e com todas as partes do mundo, eu mesmo tenha da minha família tenho descendência italiana, portuguesa e indígena. Essa mistura acaba trazendo culturas de todos os lugares e o Brasil por ser um país muito extenso que vai de longitude, do sul ao norte, passa por várias regiões de climas e tudo mais, acaba tendo culturas diferentes em todos os sentidos, um lugar é mais frio existe um tipo de cultura, um lugar é mais quente existe outro tipo de cultura, até mesmo essas danças manifestações acabam envolvendo tudo isso, o Brasil por ser um país muito grande territorialmente e com essa mistura de raças, acho que originou essa cultura riquíssima que agente tem e que deve proteger ao máximo.

Eu- Qual a importância pra você de conhecer a nossa cultura? Algo alterou em sua vida com esse conhecimento?

ENTREVISTADO 3- Acho que a cultura ela é a nossa identidade, acho importante conhecer pra isso não morrer, se agente não conhecer não tem como passar ela adiante, o importante de conhecer é justamente isso, se é uma cultura boa, por exemplo, cultura é um conhecimento, às vezes pode ser uma cultura ruim, de negativa, por exemplo, no meu ponto de vista uma cultura de outros países em que a pessoa se mata, coisa desse tipo, é um tipo de cultura, mas em minha opinião uma cultura negativa, não é uma coisa boa, mas acho que as culturas boas que agente tem muito aqui, deve ser preservada e deve ser passada adiante.

Eu- E depois desse conhecimento que tu tiveste da cultura mudou a tua vida?

ENTREVISTADO 3- Sim, ela faz agente enxergar como era no passado, como está sendo no momento e faz agente perceber a importância de manter ela pro futuro, ela mudou a minha vida nesse sentido de eu tentar conhecer ela ao máximo pra eu pode passar adiante seja pros filhos, amigos e pras próximas gerações.

Eu- Qual o seu contato com a cultura brasileira, qual seu vínculo afetivo, prazeroso, divertimento, trabalho-profissão?

ENTREVISTADO 3- O meu contato maior com a cultura brasileira está com a C.A e com a música, eu participo de um grupo de choro e de um grupo de samba e mais o grupo da capoeira, são três grupos culturais que fazem muito e que eu busco sempre manter esses laços seja com a amizade até mesmo unir essas pessoas, unir o grupo da capoeira com o samba, com o choro, ultimamente agente tem conseguido fazer os nossos encontros e tudo mais, o meu vínculo maior com a cultura é essa, esses dois elementos a música e a capoeira.

Eu- Mas e a tua relação com a música, por exemplo, é mais no sentido do trabalho?

ENTREVISTADO 3- Não, todas as minhas relações com a cultura brasileira é puramente por prazer e me faz bem, mas eu não vejo ela como algo pra trabalho, até nunca me chamou atenção até porque eu tenho muitos amigos músicos e eu não me vejo no lugar deles, pra mim a música infelizmente ela é muita ingrata aqui no Brasil, eu vejo que troca o dia pela noite por pouca coisa e não vale apenas, e também não sei mesmo se valesse a pena, não sei se eu gostaria, eu gosto de tocar por prazer, pra quem quer ouvir e não aqui é sempre barulho e tudo mais, e a capoeira não sei. Nunca tive a experiência de ter um grupo meu, pode ser que com a capoeira seria diferente, que dando aula de capoeira tu esta praticando capoeira, já é um pouco diferente do lance com a música.

Eu- Mas tu não das aula, tu das aula de violão ou não?

ENTREVISTADO 3- Não, eu no momento não estou dando nenhuma aula, de vez em quando eu dou uma aula de violão, mas. Inicialmente no projeto social, pra fazer um bem pra sociedade, acho que é importante isso, as aulas de violão e as aulas que eu dei, aula de música recebia, era mais por ajuda financeira, mas eu gosto mesmo de tocar é por prazer.

Eu- Qual a via que podemos associar entre a cultura brasileira e a C.A?

ENTREVISTADO 3- C.A ela é uma cultura brasileira ela faz parte porque é da cultura brasileira, tudo que tem haver com a capoeira faz parte da cultura brasileira, isso está bem unido.

BLOCO CONHECER E DISTINGUIR CARACTERÍSTICAS DA C.A QUE A FAZ SER UMA PRÁTICA DE RESISTÊNCIA AO CAPITALISMO**Eu- O que você conhece sobre a C.A? Qual a sua origem?**

ENTREVISTADO 3- A origem dela pelo que o que eu já estudei pelo que já me foi passado, ela surgiu justamente dessa miscigenação, entre o negro, o índio e o europeu, ela surgiu aproximadamente quase 500 anos, 400 e alguma coisa, unindo o negro, quando o negro estava na senzala, durante o período de escravidão, ela tinha a cultura África do candomblé da dança, ele precisava de alguma maneira treinar pra lutar contra os feitores e contra a escravidão, e ele disfarçava o treinamento dele com a dança, a partir daí começou a surgir a capoeira do negro para os quilombos, e se juntavam os quilombos acaba tendo esse encontro do negro e do índio, que também os índios já estavam na mata, escondidos, os poucos que sobraram e até mesmo alguns brancos foragidos, também acabaram caindo nos quilombos, foi efetivamente no quilombo que houve essa união, do negro, do índio e do branco, a partir dali que a capoeira se fundamentou com a dança e com a luta do negro, com a parte musical dos instrumentos do índio e com a maldade do branco, essa união foi que fundamentou, e a partir daí se deu origem a capoeira, capoeira só capoeira, depois que ela foi chamada de C.A quando surgiu a capoeira regional especificamente, quando o Mestre Bimba criou a Luta Regional Baiana, eles tiveram que diferenciar a capoeira regional da capoeira que era chamada até então, passaram a chamar de C.A, mas antigamente era só capoeira. Acho que é isso que defini.

Eu- Quais são as características gerais da C.A?

ENTREVISTADO 3- A C.A eu acho que tem bem essa parte de fundamento, ela traz muito, não é só simplesmente movimentos, não é só parte cultural ela tem um universo mais complexo que envolve a musicalidade, a coreografia, o conhecer a história, conhecer sobre as letras das músicas, sobre a fabricação dos instrumentos e principalmente a filosofia por trás dela, não busca a violência, buscar manter a paz entre as pessoas, ela busca essa união, essa coletividade, essa amizade, e vejo que C.A tem esse ponto bem característico que as pessoas são muito unidas, elas tem uma amizade e buscam aquilo como uma forma prazerosa e de viver a vida.

Eu- Quais fundamentos lhe foram passados?

ENTREVISTADO 3- Tudo que eu sei é o que foi me passado, agente vai aprendendo então a maior parte foi com o Mestre Luiz que desde o começo fiz aulas com ele, no começo, durante os 4 primeiros anos o Mestre Biriba estava presente também, claro que na época no começo agente não tem tanto interesse, o meu interesse hoje na capoeira é muito maior do que no começo, eu não tinha o hábito de conversar, de perguntar de ir atrás. E mais essa experiência inicial foi muito boa, depois sente falta de uma coisa quando agente perde ela, geralmente é assim, depois que ele foi embora eu falei, pó eu tinha um mestre tão bom, tão legal, eu poderia ter aproveitado muito mais, mas mesmo assim agente consegue aproveitar a presença dele sempre que ele vem, e agora também eu já fui duas vezes lá na casa dele, visitar e tudo. É bem interessante, a capoeira que foi me passada, basicamente por esses dois mestres Mestre Luiz e Mestre Biriba, também nos encontros que agente faz anual através dos outros mestres, agente acaba também pegando um pouco de conhecimento, e também pelos meios de comunicação de hoje né, como internet, livros agente consegue dar uma aprimorada, consegue dar uma lapidada nos conhecimentos aí da capoeira, na música, da história.

Eu- Você reconhece a C.A como uma ferramenta de resistência ao modelo atual da sociedade, ao modelo capitalista?

ENTREVISTADO 3- Esses pontos são bem críticos, eu vejo a capoeira como isso, como uma manifestação que ela surgiu na senzala pro negro se libertar, hoje ela traz um pouco dessa característica de libertação, da gente ter essa idéia de liberdade, da gente poder ter igualdade e o capitalismo ele tem as suas vantagens e desvantagens, assim como a maioria das coisas. As vantagens é proporcionar um livre mercado pras pessoas, elas têm essa liberdade de poder ter as suas escolhas, de querer vender o que quiser. A desvantagem ele acaba uma desigualdade, a riqueza acaba se concentrando nas mãos de poucos, e isso acaba distorcendo um pouco sistema, só que é muito difícil no mundo onde agente tem recursos limitados, com um crescimento populacional ilimitado isso acaba de maneira ou outra atingindo esse desequilíbrio, o meu ponto de vista dificilmente agente vai encontrar um sistema que vá ficar estável, seja ele capitalista, socialista, acho que isso tem pouca influência, a capoeira em si eu vejo nesse sentido de ajudar as pessoas a serem mais humanas, de uma pessoa poder ajudar a outra, se eu tenho uma condição seja ela financeira, até mesmo assim espiritual mais elevada, eu posso ajudar alguém que esta com problema psicológico, financeiro, eu vejo a capoeira nesse sentido, mas não acho que ela se envolva diretamente no sistema político, acho que a sociedade hoje em dia ela esta corrompida por completo e através dessa humanização, a capoeira proporciona agente pode transformar as pessoas pro mundo melhor, que não só a capoeira, mas existem filosofias que agente pode. Música também traz muito isso, acho que o sistema em si seja ela capitalista, socialista ou anarquista isso aí pra mim não tem tanto impacto se as pessoas não se ajudarem, se as pessoas estiverem em sintonia uma com as outras o sistema vai se reequilibrar naturalmente.

Eu- Mas tu achas que ela resiste ao modo do capitalismo?

ENTREVISTADO 3- Resistir em que sentido?

Eu- De não fazer o jogo do capital, por exemplo, não é o caso, mas tem grupos de capoeira que vendem cordel, vendem camisetas e fazem da capoeira um produto.

ENTREVISTADO 3- No começo eu pensava isso, a venda de cordel justamente o cara ganha dinheiro, aí um dia conversando com o Mestre Luiz ele falou que por um lado isso é assim, eles vendem pra ganhar dinheiro, mas por outro a capoeira não tem, por exemplo, um 13º, um salário. Então isso acaba sendo um ponto de vista interessante, ela acaba sem um 13º para o Mestre e para o professor, que não te direito no mundo de hoje, que a profissão regulamentada tem direito ao 13º, essa troca de cordéis acaba sendo um 13º para o mestre, eu não vejo isso com tanto problema, de vender camisetas e cordéis, dentro da capoeira deles, a nossa capoeira não tem cordel, acaba não caindo nesse ponto, mas as capoeiras que tem que fazem isso, claro eu acho que não pode explorar que aí, a pessoa que oferecer mais. Eu tenho aqui 500 reais e quero o cordel amanhã. Acho que isso acontece bastante, pessoas que se graduam mestres e professores acabam que não tem conhecimento, esse é um ponto principal, não pode se vender, chegar a esse ponto, agora a venda de cordel de maneira justa, quando a pessoa merece, vale nesse sentido de ser uma ajuda financeira para o mestre ou professor.

Eu- E o capitalismo quais as suas maiores dificuldades?

ENTREVISTADO 3- Bom o capitalismo, a dificuldade principal dele, eu não diria dificuldade eu diria o Ponto Crítico, que é esse ponto que ele causa a desigualdade, como até falei anteriormente, tem os lados positivos e negativos, no meu ponto de vista por um lado ruim do capitalismo agente acaba tendo que viver grande parte da nossa vida em busca de se manter, então agente precisa de dinheiro pra comer, praticamente pra tudo que agente faz, só que ao mesmo tempo se agente for pensar,

antigamente que não existia o dinheiro havia o escambo, a troca, eu produzia trigo, o fulano produzia arroz e agente trocava, pra mim é quase que a mesma coisa, só que agora o que é feito, eu tenho trigo- vendo, troco por dinheiro e depois com o dinheiro eu compro o arroz, não deixa de ser uma coisa parecida, só que com o livre mercado que existe acaba caindo essa desigualdade, onde eu tenho muito interesse, as pessoas ficaram alucinadas com esse interesse de ter dinheiro, dinheiro pra ter muito luxo e ao mesmo tempo em que as pessoas têm muito luxo, têm outras que estão sem água, sem luz. Isso acaba caindo mais na consciência da pessoa, conheço pessoas ricas que tem uma consciência muito pura que ajudam, que participam de projetos sociais, enfim, fazem valer o dinheiro que tem de um modo justo e bom, enquanto tem pessoas muito ricas que eu conheço também e simplesmente ignoram esse lado pobre poderia simplesmente desaparecer, o que é uma pena que agente ainda vê pessoas com uma mentalidade assim. O principal fato está na pessoa, se as pessoas tiverem essa consciência de humanização o capitalismo não seria um ponto tão negativo como é hoje por causa disso.

Eu- Porque e como a capoeira pode ser uma resistência ao modo de organizar a produção da existência no capitalismo? Como que tu resistes dentro do capitalismo fazendo o que ele te impõe ou resistindo a ele, como que a capoeira vai contra?

ENTREVISTADO 3- Eu acho que como o sistema que agente vive hoje ele acaba implicando na gente, é um ponto crítico né é difícil de explicar assim de argumentar, deixa pensar como eu posso falar isso... Pra mim não tem uma ligação tão direta, agente para, agente tem a nossa vida, agente precisa trabalhar e tudo mais, mas a capoeira pra mim ela traz. Como eu havia comentado antes ela traz pra mim uma vida tranquila que eu posso ter a minha casa, ter a minhas coisas, compartilhar momentos bons com os meus amigos, independente de que eu vou preciso trabalhar claro que eu preciso no mundo ideal eu poderia viver de capoeira a vida inteira sem precisar ter outro trabalho, ter outra coisa, mas claro que não há recompensa sem esforço, o trabalho simplesmente mudou de foco, antes se antigamente eu trabalhava o dia inteiro na roça pra produzir a minha comida, hoje eu trabalho num outro emprego pra juntar dinheiro e comprar a mesma comida, pra mim só mudou o endereço do trabalho, o problema é quando trabalho ele é corrompido, por exemplo, um exemplo que eu gosto bastante é a indústria farmacêutica, que basicamente eles muitas vezes eles tem a cura pra uma doença, só que eles não têm o interesse de curar a pessoa porque ela não vai mais precisar do remédio, então eles vão dar o remédio que vai ajudar, mas que não vai curar pra pessoas ficar dependente daquilo e sempre comprar pra eles sempre estarem ganhando o dinheiro, sempre tendo o lucro, isso é um ponto ruim, que a capoeira nesse sentido ela vai contra, ela não poupa, se pode ajudar a pessoa a se curar, ajuda a se curar de uma vez. Dentro de um grupo como o nosso assim agente procura sempre se ajudar um ao outro no máximo, pra gente não cair nessa bola de neve, nessa lama que o mundo inteiro está sujeito que é essa loucura desenfreada por ter dinheiro simplesmente por ter, sem nenhum motivo a mais. Só pra poder, a palavra que está em moda hoje a Ostentação, pra poder ostentar uma coisa que vai ficar nesse mundo, sei lá existe um mundo ou não ai vai da crença de cada pessoa depois de morrer, mas de qualquer maneira eu tenho certeza o que é daqui vai ficar aqui, não vai pro outro lado, acho que é isso.

Eu- Como poderíamos defini - lá como uma prática de resistência ao capitalismo? Como tu definirias?

ENTREVISTADO 3- Acho que está dentro da outra pergunta mais ou menos, ela acaba, resiste nesse ponto em que ela torna a pessoas mais humanas e não permite, pelo menos se ela for bem fundamentada ela traz sempre a idéia de a pessoa não se corromper, de não sacanear a outra, não prejudicar, tentar sempre achar a melhor solução, acho que nesse ponto onde temos um sistema bastante corrupto não só no Brasil, no mundo inteiro, agente vê lugares de extrema pobreza, lugares com extremo luxo, então agente vê esses diferentes pontos no mundo onde em pleno séc. 21, onde se dizem que acabou os preconceitos e agente encontra ainda coisas absurdas, acho que é nesse sentido das pessoas, a capoeira acaba trazendo uma consciência pras pessoas de modo a não... A tentar evitar a cair nesse limbo, nesse buraco.

- ENTREVISTADA 4 - 24/04/2016.

BLOCO TRANSFORMAÇÕES

Eu- Qual a sua experiência com a C.A?

ENTREVISTADA 4- A minha experiência com a C.A de forma mais concreta começou dentro da ECIBA, as minhas filhas estudam na EFAZ e foi a parti de lá que elas tiveram o contato com a C.A da ECIBA, elas começaram a fazer aula com o Mestre Luiz e eu sempre tive interesse com a capoeira e ai elas ficaram dois anos fazendo, não sei se foram dois anos, mas elas ficaram um tempo fazendo, a

Martina né a mais velha, fazendo capoeira lá, até que eu me interessei e comecei a me envolver também e comecei a fazer C.A lá. Porque a experiência que eu tive antes da ECIBA, eu diria que não dá pra dizer que foi C.A, porque na verdade não tinham... Hoje eu posso dizer que hoje eu já conheço mais, não tinham os fundamentos, não tinham os princípios que depois eu vim saber que existiam, foi uma experiência menos coordenada do que foi dentro da ECIBA, a partir da EFAZ e da ECIBA que eu conheci a C.A.

Eu- E que ano foi tu lembra?

ENTREVISTADA 4- Agente veio pra cá em 2010, eu acho que eu comecei em 2012.

Eu- Quais os motivos que levaram a praticar?

ENTREVISTADA 4- Os motivos que me levaram a praticar foi uma coisa muito louca, porque na verdade fui fazer o meu Mapa Astral, olha só que louco, na época em morava em Alta Floresta no Mato Grosso e fui fazer meu mapa astral e apareceu no meu mapa astral à capoeira, o cara que estava me atendendo, falou... "eu acho que seria legal se você fizesse alguma atividade, alguma coisa que tivesse música, que tivesse ritmo, que tivesse movimento A capoeira e quando ele falou a capoeira, brilhou no meu olho, aí eu falei "claro a capoeira uma coisa que eu nem sabia que eu curtia", mas na verdade veio assim com uma força muito grande e quando ele falou eu me toquei que realmente podia ser um caminho pro meu desenvolvimento e aí eu fui atrás, e na época eu morava no Mato Grosso, fui atrás de um professor que dava aula na época, e aí eu tive a minha 1ª experiência que foi muito superficial, quando agente se mudou pra Florianópolis que eu conheci a ECIBA, que aí que eu me envolvi com mais força, mas foi uma coisa que estava escrita nas estrelas, isso que me motivou uma mensagem que veio do meu mapa astral. Até então eu não tinha me ligado, sempre curti, sempre que tinha uma roda de capoeira rolando em qualquer lugar que eu estivesse na praça, na praia e tinha uma roda de capoeira, era uma coisa que me atraía, não sei se era o barulho, se era o som, a coisa da roda, mas sempre foi uma coisa que me atraiu, mas eu só tive a iniciativa de procurar quando veio a mensagem pelo meu mapa astral.

Eu- O que marcou em sua trajetória com a sua participação na C.A?

ENTREVISTADA 4- Na verdade eu acho que foram muitas coisas, quando eu comecei na capoeira, eu era... Eu acho que é normal pra maioria das pessoas, agente começa mais encabulado, o corpo está meio travado, é uma coisa muito louca porque você começa assim a coisa da Ginga que é a base de tudo, quando você começa a gingar você vê como está travado e como você tem aquela coisa da vergonha, será que eu estou fazendo certo, será que eu estou fazendo errado, e isso a capoeira me ajudou, de me libertar dessa coisa de a.. Eu tenho o meu jeito de fazer, isso é uma coisa que aprendi muito dentro da ECIBA, existem ali os fundamentos, mas existe uma liberdade das pessoas fazerem de acordo com a identidade própria, então eu acho que isso é uma coisa que é libertador, que eu sinto que marcou na minha trajetória, saber que as pessoas têm a liberdade pra fazer do seu jeito e eu acho que marcou também a coisa da união mesmo, de você se sentir parte de um grupo e é um grupo que está ali unido por um objetivo comum, essa coisa da junção, a força que a capoeira tem de juntar as pessoas é uma coisa que marcou. Eu na verdade uso em outras frentes da minha vida profissionais, de trabalho, eu trabalho com grupos né então eu sempre faço uma... A capoeira está sempre em minha memória, quando eu vou trabalhar com outros grupos eu sempre levo esse aprendizado que trago da capoeira. E do respeito que é outra coisa que me marcou, que antes eu não tinha essa noção tão clara, é do respeito à história, ao conhecimento que os mestres carregam com muita força e com muita dificuldade.

Eu- E a tua formação como aluna formada? Como é que foi?

ENTREVISTADA 4- Foi um marco, na verdade eu não sabia que eu sabia, a formação foi meio que um reconhecimento dos mais antigos, do meu próprio conhecimento, que é uma coisa que eu não sabia que eu tinha, quando veio a formação foi até meio surpreendente, mas ao mesmo tempo eu reconheço, que apesar de eu não ter tanto tempo de grupo como outras pessoas mais novas tem, mas eu sinto que eu incorporei, eu internalizei muita coisa, então eu acho que por isso que a formação veio, pra mim foi um reconhecimento do conhecimento que eu não sabia que eu tinha.

Eu- O que você buscou com essa prática? Com a C.A?

ENTREVISTADA 4- No início eu busquei algo que eu não sabia muito bem o que era que já me atraía de longa dada, mas eu não tinha clareza, só quando eu entrei mesmo que eu percebi e uma das coisas que eu acho que atrai muito é esse mistura da musicalidade e a corporalidade, porque você não fica parado, você tem a música que tem uma história que te remete a questões que são antigas de nossos ancestrais, pra mim isso tem um significado muito forte, eu saber que essa pratica ela está na minha raiz, na raiz de brasileiro, tem o sangue negro, tem o sangue do índio, tem o sangue portu-

guês, que tem o sangue de muitas outras raças. A capoeira ela vem muito de encontro a isso, a uma reverência a essa ancestralidade, isso é uma coisa que eu acho muito forte, além da musicalidade, da corporalidade, desse movimento que faz parte, da sagacidade é uma coisa que me chama muito atenção na capoeira, coisa da sagacidade que não está escrito nos livros o mestre por mais que ele te passe isso é de cada um, essa coisa da individualidade, a sagacidade é uma coisa que pra mim é muito marcante.

Eu- No início tu buscou o que estava no teu mapa astral, e quando tu estavas nessa trajetória da capoeira, teve uma mudança da busca?

ENTREVISTADA 4- Eu acho que não teve uma mudança da busca, mas teve um despertar pra outras coisas que até então não estavam claras pra mim, quando eu entrei, entrei na busca de mexer o corpo com movimento, uma coisa que fosse... Que não fosse de ir pra academia de ir fazendo movimento, de ficar levantando peso, então a capoeira veio mundo com esse olhar de mexer o corpo, mas não simplesmente de mexer o corpo, mas tinha música né, e com o passar do tempo eu percebi que a coisa era muito mais profunda do que ela é, não é só mexer o corpo e tocar um instrumento, tem todo uma história por trás, acho que a trajetória mudou um pouco nesse sentido de reverência e de respeito aquilo que esta sendo feito, aquilo que esta sendo praticado, o respeito a essa ancestralidade, acho que são coisas que mais marcou e que se eu fosse pensar na trajetória diria isso é algo que mudou na minha trajetória, esse olhar de que não é só mexer o corpo e tocar um instrumento, mas tem todo um respeito a uma ancestralidade e uma história de luta que pra mim é muito significativa, quando eu paro pra pensar na trajetória o despertar pra esse olhar pra isso fez com que eu me dedicasse mais, do que eu me dedicaria se isso não tivesse aparecido.

Eu- O que mudou de verdade na tua vida após o contato com a capoeira?

ENTREVISTADA 4- Mudou o meu jeito de como eu trabalho com pessoas, basicamente trabalho pra grupos, mudou o jeito como eu entro nos lugares e quando eu falo de lugares eu falo de ambiente, falo de grupo, de espaços coletivos, mudou muito isso, é pisa no chão de vagar, é o mesmo princípio de quando eu entro na roda de alguém que não é do meu grupo, por exemplo, de outra roda, eu não vou chegar chegando, esse cuidado de chegar, observar, isso é uma coisa que mudou bastante, eu percebo foi significativo, eu aprendi muito isso com a capoeira, de observar, então agente percebe o ambiente, não só a partir daquilo que agente esta vendo, mas a partir daquilo que agente esta ouvindo, daquilo que está no sutil, isso eu percebi dentro da capoeira e isso eu tenho feito nos outros lugares que eu chego, eu respeito com aquilo que já esta acontecendo ali, entra de vagar, observa primeiro, veja como as coisas estão acontecendo e ai depois você vai entrando trazendo a tua contribuição. É uma coisa que sinto que foi marcante e toda vez que eu vou trabalhar fora que eu vou pra algum lugar eu me lembro disso e isso veio desse ensinamento a partir da capoeira angola.

Eu- E tu terias mais alguma coisa além desse? Que tu levava?

ENTREVISTADA 4- Eu acho que na prática no meu dia a dia, a prática do corpo, o sentir que, sentir mais o meu corpo, dos movimentos que a capoeira propicia pra gente faz com que agente tenha mais consciência do próprio corpo, uma consciência corporal, que eu tenho hoje e que não tinha antes, e quando construí essa casa eu via muito do movimento da capoeira nos momentos em que eu precisava ou me abaixar pra passar em baixo de alguma coisa, essa coisa do tipo tu amplia a tua consciência corporal a partir da capoeira.

Eu- Que tipo de contribuição que você apontaria por meio dessa prática?

ENTREVISTADA 4- É uma síntese de tudo que eu já falei até agora, se eu fosse indicar a C.A pra outras pessoas, eu diria que é isso traz consciência corporal, traz segurança pras pessoas se colocarem nesse sentido que eu falei antes, de você respeitar a sua própria individualidade, o seu jeito de fazer independente de ter a regra, tem a liberdade, a própria questão da resistência, de você se colocar como um ser resistente as regras que estão postas e que muitas vezes agente não participa das decisões, eu estou querendo dizer que a capoeira é um movimento de resistência e que ela contribui muito pra isso, pras pessoas se sentirem protagonistas dessa resistência, eu acho que é uma coisa que a capoeira traz muito forte e de forma mais pratica a questão da resistência física mesmo, de você desenvolver seu corpo, com toda a potencialidade que ele tem e a capoeira ela te abre um leque de possibilidades gigantesca, você percebe que tem músculos que você nem sabia que existiam antes fazendo os movimentos da capoeira. Que não são movimentos é repetitivos sistemáticos, é livre e isso te abre um leque de possibilidades gigantesca de tu poder perceber teu corpo e toda a parte musical também desperta muito o individuo, as pessoas aprenderem a tocar um instrumento, ouvirem... Eu acho que contribui em vários sentidos, e quando eu falo de sentidos, eu falo de sentidos mesmo do ouvir, do ver, do falar, do tato do corpo ela contribui pra muita coisa, que tanta coisa pensando agora eu falo assim, meu Deus do céu... Contribui pra você desenvolver um pensamento crítico

co também, porque as próprias ladainhas, as histórias que os mestres contam desse movimento de resistência, faz com que agente desenvolva um pensamento crítico em relação à história que é contada nos livros, espera aí não é bem assim, existe muito mais, uma coisa por trás daquilo que está escrito no papel, no livro de história que agente aprende na escola, desenvolve um pensamento crítico.

Eu- As transformações gerais, mas uma que foi bem particular que tu chamarias atenção?

ENTREVISTADA 4- Eu acho que pra mim o que mais marcou de transformações, todas são importantes, todas eu reconheço, mas eu diria que foram duas essa do Pensamento crítico sobre a história, foi um transformação importante, hoje eu vejo a história de uma forma bem diferente da que eu via antes e essa coisa do pisa no chão devagar de você chegar aos lugares observando, de chegar respeitando, o respeito é uma coisa que eu acho uma coisa muito forte, o respeito pela história, o respeito pelos mestres, o respeito pelos próprios companheiros, o respeito pela roda, o respeito pelo fundamento, acho que a base está no respeito e a capoeira trás isso muito forte, isso tem feito muita diferença na minha vida hoje fora da capoeira, nos outros lugares onde eu atuo, eu sinto essa coisa do... Quando eu falo dessa coisa do pisa no chão de vagar eu falo do respeito mesmo, de você chegar, antes de chegar chegando respeita aqui que está posto, mesmo que você não concorde, mas é importante respeitar, O respeito e a Observação foram duas coisas pra mim significativas.

BLOCO CULTURA BRASILEIRA

Eu- A C.A apresentou algo que você passa a conhecer a cultura brasileira de forma mais elaborada?

ENTREVISTADA 4- Sim, a história dos negros na chegada deles no Brasil, eu não sabia, por exemplo, que a C.A a origem dela era brasileira, eu achava que ela vinha da África e depois que eu descobri que na verdade ela é de origem africana e indígena, que essa mistura eu achei a coisa mais maravilhosa quando eu soube disso. Que a capoeira nasceu no Brasil ela faz parte da cultura brasileira e que ela tem essa mistura do indígena com o africano. Toda essa história do povo africano, dos ícones da história, dos resistentes africanos no Brasil, dos escravos, eu já sabia daquilo que estava escrito nos livros de história, eu nunca tinha tido a oportunidade de me aprofundar e agora além de conhecer com mais profundidade a história desse povo que chegou e que criou a capoeira, que a partir da realidade que eles estavam inseridos, além de conhecer toda essa história eu comecei a praticar, então isso fez muito mais sentido pra mim, foi isso assim, essa descoberta de que a capoeira é algo que é da cultura brasileira, pra mim foi algo que realmente eu não fazia idéia.

Eu- E a cultura brasileira de forma geral, além da capoeira tu consegue reconhecer as outras manifestações que fazem parte da cultura brasileira? Porque cultura brasileira não é só a capoeira é uma gama de manifestações.

ENTREVISTADA 4- Eu acho que eu consigo reconhecer até pela minha própria trajetória de vida, eu já morei em vários lugares diferentes, eu tenho a possibilidade diversas vezes de viajar pra lugares também diferentes, isso fez com que eu conhecesse muito mais a cultura brasileira, eu reconheço muito esses movimentos que são regionais, por exemplo, o Maracatu no Nordeste lá em Recife, eu tive oportunidade de ter contato direto nas viagens que eu fiz pra lá, de ver os grupos, esse movimento do Nordeste pra mim é muito forte, o Coco também é outro movimento que eu acho muito legal, no Rio Grande do Sul agente tem os galderios, agente tem todo um movimento lá dos gaúchos que eu acho muito legal, tirando todos os estereótipos, mas eu acho muito bacana o movimento do povo gaúcho, que na verdade leva a sua realidade pra outras regiões do Brasil, se eu, por exemplo, pra Mato Grosso eu vou encontrar os gaúchos com centro de tradições gauchas que eles carregam em todos os lugares, aqui mesmo em Santa Catarina, morando em Florianópolis, eu tive a oportunidade de conhecer a Renda de Bilro que eu não conhecia e faz parte da cultura que veio de fora, até tu pode falar melhor do que eu, o Boi de Mamão que é na verdade algo que é do Brasil e acontece de formas diferentes em vários lugares, aqui é o Boi de Mamão, lá é o Bumba Meu Boi no Amazonas, mas tem o mesmo significado, então sim eu reconheço muitas outras frentes de cultura brasileira que eu acho que são super ricas, o Brasil é muito diverso nesse sentido, pra todo lugar que você vai você vai encontrar manifestações culturais específicas e regionais e é muito rico, difícil é conhecer tudo, mas esses ícones que são mais marcantes eu reconheço e acho super valorável.

Eu- O que você citaria e falaria sobre a cultura brasileira?

ENTREVISTADA 4- O que eu acho mais marcante que eu citaria da cultura brasileira é a diversidade, essa é a coisa mais espetacular que existe, o fato do Brasil ser um país tão grande territorialmente falando possibilita que você tenha manifestações de todo o tipo, e não só pelo tamanho do território, mas também por ser uma conjunção de diversos povos que vieram pra cá, isso faz com que essa

diversidade vire um caldeirão que é uma coisa muito maravilhosa, acho que a cultura brasileira ela é um reflexo dessa diversidade e ela é diversa por conta disso. E a própria liberdade que as pessoas têm de se expressar, acho que o Brasil tem essa característica um espaço de certa forma de liberdade, que as pessoas têm liberdade de se expressar, então acho que a cultura é um ponto forte no Brasil por conta disso, as pessoas tem liberdade de se expressar também.

Eu- Qual a importância pra você de conhecer a nossa cultura? Alguma coisa alterou em sua vida com esse conhecimento?

ENTREVISTADA 4- Nossa, é fundamental conhecer a cultura, é fundamental, eu diria que isso deveria ser uma disciplina da escola, algo que falasse especificamente sobre a cultura brasileira, porque acaba que na escola você enxerga, na escola tradicional que eu falo você tem lá as matérias que falam sobre coisas bem específicas, mas você não tem uma disciplina que fale sobre a cultura brasileira, até na história você faz um pouco disso, na geografia, mas não tem uma disciplina que as pessoas pudessem ter a oportunidade de conhecer todas as diversidades que existe. Eu acho de extrema importância a pessoa culta é a pessoa que conhece a sua história, conhece a história do seu povo, conhece a história do seu país, conhece a história da sua cultura, acho que isso é uma coisa que faz com que as pessoas abram a cabeça em relação às diferenças, a cultura de propicia isso, que as pessoas consigam perceber outro de forma diferente, consigam respeitar melhor as diferenças, acho que a cultura tem esse papel de possibilitar que as pessoas respeitem as diferenças eu acho isso fundamental no mundo diverso que agente vive.

Eu- Qual o seu contato com a cultura brasileira e o vínculo (afetivo- prazer- divertimento- trabalho- profissão)?

ENTREVISTADA 4- Meu contato com a cultura brasileira hoje é muito voltado pra C.A mesmo, eu acho que é a fonte que eu tenho bebido que é a mais concreta eu diria assim, mas eu também ainda hoje mesmo tendo saído do Rio Grande do Sul ha anos, ainda mantenho algumas coisas da tradição da gaúcha, por exemplo, que é tomar o chimarrão, são coisas que parecem pequenas, mas que fazem parte da cultura, tomar chimarrão, praticar a capoeira, fazer o churrasco, são coisas que fazem da minha vida na prática e que eu acho que é o beber da fonte, e a capoeira vem muito nesse sentido, acho que eu já desenvolvi um vínculo afetivo pela capoeira, por conhecer a história e sentir que eu também, a partir do momento que eu conheço a história eu me sinto responsável por manter ela viva, então não é só praticar pra ter consciência corporal ou pra fazer parte de um grupo é também uma responsabilidade, então isso faz com que eu cada vez mais crie esse vínculo afetivo, me sinto responsável por manter essa chama acesa. Isso não tem que ficar só a cargo dos mestres, mas que eu sinto que eu tenho bebido mais na fonte é da capoeira e da minha tradição gaúcha que é algo que faz parte do meu sangue, esta na minha história, acho que é por isso. A capoeira além de ter um vínculo afetivo tem todo um lado lúdico que acho que é muito importante, a ludicidade é uma coisa que faz parte da capoeira, por isso que as pessoas às vezes, principalmente quem está de fora, não consegue dizer muito bem o que é a capoeira, é uma luta, é uma dança, é uma brincadeira, é o que? Justamente por causa disso porque ela congrega tudo isso, acho que a ludicidade ela traz essa pitada, esse tempero na capoeira que faz com que as pessoas às vezes não sabem se as pessoas estão brincando ou estão lutando.

Eu- Qual a via que podemos associar entre a cultura brasileira e a C.A? Que ponte de ligação tem entre a cultura brasileira e a C.A?

ENTREVISTADA 4- Eu acho difícil dissociar na verdade, acho que mais difícil agente dissociar, porque acho que uma coisa está muito conectada com a outra, eu não consigo identificar um ponto de ligação, porque as duas coisas estão sobrepostas, uma nasceu da outra, é difícil tu dissociar algo que nasceu da cultura brasileira. É total conecto não consigo ver uma dissociação, apesar de perceber que o movimento da capoeira ao longo do tempo foi perdendo força e eu acho que tem aspectos aí, que faz com que isso aconteça, ao mesmo tempo depende das pessoas manterem a capoeira viva, manter a capoeira conectada, sendo uma das representações da cultura brasileira, faz parte das pessoas perceberem a importância do papel delas nesse processo.

Eu- Quais nexos, as ligações...? Como você poderia fazer isso qual o nexo da capoeira com a cultura brasileira?

ENTREVISTADA 4- É eu não consigo dissociar, pra mim é difícil dissociar, se eu identificasse como sendo coisas diferente aí eu poderia achar a ponte, mas como eu vejo como uma coisa só nasceu ali, não consigo fazer essa leitura.

BLOCO CONHECER E DISTINGUIR CARACTERÍSTICAS DA C.A QUE A FAZ SER UMA PRÁTICA DE RESISTÊNCIA AO CAPITALISMO

Eu- O que você conhece da C.A? Qual a sua origem?

ENTREVISTADA 4- A esse é legal... Eu acho que eu conheço muita coisa sobre a C.A basicamente aquilo que o mestre até hoje eu tive contato, principalmente o Mestre Luiz me passaram, mas eu também faço as minhas pesquisas no paralelo, acho que isso é uma coisa importante pra quem é praticante da capoeira poder fazer as suas buscas em outras fontes também, mas o que eu conheço da C.A que eu acho que é bem importante é o fato de ela ser algo que é fruto da cultura brasileira, essa origem Afroindígena, que é um movimento que nasceu de um processo de resistência dos negros em relação ao modo operante que existia na época da escravatura e também de alguma forma é um movimento que fez com que os escravos percebessem a sua força, acho que pode até ser uma interpretação minha com base nesse conhecimento que eu tenho, eu vejo que ela foi um movimento de resistência é até hoje um movimento de resistência, mas que na época da escravatura era uma coisa que era muito forte, que fortalecia o movimento dos escravos. A eu acho que eu sei de tanta coisa, mas agora pra falar esta me dando um branco, repete a pergunta, por favor.

Eu- Repeti a pergunta.

ENTREVISTADA 4- A minha dúvida é porque Angola... Que agora eu estou tentando resgatar no meu HD aqui e não estou lembrando que por acaso, será que era por causa dos escravos vindos de Angola, aí eu já não sei por que da Angola, mas a capoeira em si eu sei que é de origem africana e indígena e que fazia parte desse movimento de resistência porque os escravos eles não tinham o instrumental, as armas que os senhores de engenho tinham, então eles tinham o corpo deles e o corpo deles já era um super instrumento.

Eu- Quais são as suas características gerais?

ENTREVISTADA 4- Ai agente já vai pra um pouco de fundamento, então as características gerais da capoeira que eu vivencio hoje, acho que a base que eu tenho mais propriedade pra falar e a coisa da C.A ela é muito mais... Ela na verdade ela tem três alturas, como os mestres costumam dizer, eu ia dizer que na verdade que ela é muito mais no chão, que é uma capoeira que você joga muito mais no chão, mas na verdade ela tem três alturas, isso é uma coisa que era algo eu não sabia antes de ter contato com a capoeira, quando tu olhas a capoeira de fora pra quem não tem conhecimento, tem lá uma roda de capoeira acontecendo, se eu chego pra olhar ou eu vou ver mais aquela capoeira que é mais no chão porque os caras estão lá jogando assim ou aquela capoeira que é mais "os ventilador" as pernas rolando de um lado por outro, é basicamente assim que as pessoas diferenciam uma da outra, aquela lá é regional e essa aqui é angola, angola ela é muito mais manhosa, muito mais manhosa do que a outra capoeira a regional ou a contemporânea, não sei como pode falar. Então acontece em três alturas, e ela tem o triângulo como a base, a base não é os dois pés simplesmente, o triângulo que se forma a partir de um terceiro ponto que está dentro do nosso corpo e que ele varia, esse terceiro corpo varia, pode ser a cabeça, o sacro, pode ser outras partes do teu corpo, na C.A não se joga de bermuda, tem todo um olhar pra vestimenta que acho que é importante então você tá com uma roupa que seja uma roupa bacana pra jogar, de sapato não se joga sem sapato, existe a liturgia da roda de você formar a roda fechadinha e aí a bateria varia de mestre pra mestre, na nossa escola é formada começando abrindo com o Gunga e fechando com o Atabaque, você tem três berrimbaus, Gunga, Médio e a Viola, o Pandeiro Marcante, o Pandeiro Virante, o Agogô, o Reco-reco e o Atabaque, a formação da nossa bateria é dessa formas, mas isso pode variar de acordo com a escola de cada mestre, eu acho que é uma coisa na unidade da C.A como um todo é o fato de... Da vestimenta que pra mim é uma coisa marcante, basicamente isso.

Eu- Como você explica o que é a C.A?

ENTREVISTADA 4- É meu Deus só pergunta fácil... Eu diria que a capoeira pra mim ela é uma luta, mas ela é uma luta entre amigos eu diria assim é uma coisa que agente faz hoje não com esse objetivo de ser uma luta, mas de ser um... A C.A hoje eu acho que ela é como se fosse um espaço de fortalecimento dessa história, da história de resistência, ela é uma luta, mas ela é na verdade um encontro, um encontro de pessoas que estão ali lutando pra manter aquela cultura viva, pra mim é quando eu falo de C.A eu falo de resistência, eu falo de cultura brasileira, eu falo de ancestralidade, eu falo de muita gente que já passou por essa história e que esta ali na roda quando agente forma a roda, essa energia de anos de resistência está ali presente, a C.A pra mim ela é esse movimento de resistência, de manter a cultura viva e de união das pessoas, acho que ela tem esse papel muito forte, acho que a partir do momento que você entra na capoeira é um caminho sem volta, dificilmente você consegue desvincular, você pode fazer um esforço muito grande tem gente que consegue, mas

acho que se você tem consciência da importância do teu papel nesse movimento, você não consegue, é um caminho sem volta.

Eu- Quais fundamentos lhe foram passados? Da C.A, quando tu falas que, quando tu foste formada foi um reconhecimento, esse reconhecimento vem de que tu conheces, e que tu dominas o que te foi passado, os fundamentos, quais seriam esse fundamentos que te foram passados?

ENTREVISTADA 4- Os toques do berimbau, tocar todos os instrumentos acho que isso é importante, tu saber como formar uma roda e a liturgia da roda, os movimentos corporais, as sete famílias de movimentos da capoeira, é importante dominar e saber, dominar de alguma forma, saber aplicar e na hora que você estiver jogando, a própria liturgia da roda, como você forma uma roda, a vestimenta, as ladainhas você saber compor de alguma forma alguma ladainha, você a liturgia de você começar o canto, você abrir o jogo, esse ritual, essa liturgia da roda é a base pra você, que eu acho que é fundamental, por isso que se chama fundamento o que é fundamental, o que é fundamental você saber toda essa composição, que na verdade você aprende de forma fragmentada, começa aqui, começa ali e ai quando forma a roda você vê tudo junto, vê como se fosse uma sinfonia, e ai você só se toca, você sabe o fundamental que é o fundamento a partir do momento que você, que teu mestre te passa a bola e te fala "é contigo" ai você vai experimentar o toque do berimbau, o tocar o berimbau e tocar as mesmo tempo, o coordenar o movimento da roda.

Eu- Você reconhece a C.A como uma ferramenta de resistência ao modelo atual da sociedade, ao modelo capitalista?

ENTREVISTADA 4- Sim, eu reconheço, porque principalmente o que agente vive na ECIBA é um exemplo pra mim porque tu não precisas de dinheiro pra participar e eu acho que o capitalismo ele é muito centrado na questão do dinheiro, de tu teres o recurso financeiro ou não, mas agente tem diversas outras habilidades e qualidades que podem estar a serviços, se agente tiver a oportunidade de fazer, então eu acho que na escola na ECIBA agente vê muito isso, eu não preciso de dinheiro pra participar, eu preciso de vontade e dedicação, se eu tivesse os dois elementos eu tranquilamente vou ter meu espaço dentro da escola, isso é um exemplo é um modelo que eu acredito muito e não poderia ser diferente na minha visão, porque se você olhar para a história da capoeira, agente vê que se tu começa a cobrar pras pessoas participarem é meio que cuspir da capoeira, agente de alguma forma faz exatamente aquilo que agente acredita que faz parte da história, de resistência, tu não precisa ter dinheiro pra participar, tu precisa ter vontade e se dedicar... O próprio grupo eu acho bacana acha mecanismos de sobreviver financeiramente que eu digo né, de ter recursos pra ter uma capital de giro, a Feijoada do Samba é um exemplo bem interessante e que é uma forma de captar recursos, o movimento de criar o CD, ter um produto que é fruto desse trabalho que pode gerar uma grana pra você reinvestem nos alunos, comprar camiseta, ter dinheiro pra você se for o caso, de levar as crianças da Base pra algum lugar, ter uma grana pra poder fazer esse movimento continuar vivo, eu acho muito legal e uma coisa que chama atenção também é o fato da gente estar com um espaço nosso no Rancho da Canoa, que é também um movimento de resistência da cultura Catarina, dos pescadores artesanais, a capoeira agente estando lá fazendo movimento, fortalecendo o movimento do Rancho da Canoa é algo que eu chamaria atenção, eu acho que está muito longe desse sistema capitalista, o grande poder que agente tem é das pessoas se unindo e fortalecendo os movimentos de base, eu acho que a capoeira faz muito bem isso.

Eu- Quando tu falas da gravação do CD isso foi um marco pro grupo e também para aqueles que participam, como é que foi essa participação? Tu se imaginarias que um dia tu gravarias um cd? Tu compuseste uma música tua que está lá no CD, como foi isso?

ENTREVISTADA 4- Foi uma coisa muito louca, porque na verdade eu realmente não imaginaria fazer isso, quando veio a história de fazer o CD e ai o Mestre Luiz falou pra gente "componham uma ladainha que vocês vão ter uma faixa que vai ser de vocês", isso trouxe uma responsabilidade muito grande e foi muito louco, porque a minha ladainha saiu com tanta naturalidade, que é bem isso, quando você está conectado com o movimento, quando você está conectado com o propósito a coisa nasce de forma muito mais natural e eu acho lindo quando eu ouço o CD, eu vejo as minhas filhas participando, eu vejo que essa semente germinou e foi muito bacana, porque a possibilidade de você estar com outros mestres, Mestre Patinho, Mestre Biriba, Mestre Luiz e toda aquela galera reunida no Rancho da Canoa têm um significado que é muito diferente, um significado que é muito importante, tanto pelo fato de estar aquele grupo lá resistente, formado, bacana, todo mundo é super dedicado e o fato de agente estar dentro do Rancho da Canoa, eu acho que foi um marco bem significativo. Pra mim pelo fato de ter tido a oportunidade de mostrar que eu sou capaz de fazer uma ladainha, e de puxar, e

de gravar, e também pelo fato de agente estar lá no Rancho da Canoa, fortalecendo aquele movimento dos pescadores artesanais.

Eu- E o capitalismo quais as suas maiores dificuldades?

ENTREVISTADA 4- O capitalismo as maiores dificuldades é não ter dinheiro, ai é muito difícil o capitalismo, eu acho que também não dá pra dizer que é o bem e o mal, que é 8-80, tem o lado bom e o lado ruim, mas acho que ele foi deturpado, a ideia do capitalismo foi sendo deturpada por interesse dos mais poderosos e o que eu acho ruim do capitalismo é a desigualdade que ele gera, por conta dessa deturpação, de valorizar o capital antes de valorizar as pessoas, e eu acho que na capoeira agente vê esse movimento ao contrário de valorizar as pessoas e o fruto dessa valorização pode ser o dinheiro, mas não necessariamente, ele não é o ponto principal, o ruim do capitalismo é isso, o dinheiro se tornou mais importante que as pessoas e isso pra mim é o pior que poderia acontecer.

Eu- Porque a C.A pode ser uma resistência ao modo de organizar a produção de existência no capitalismo?

ENTREVISTADA 4- Eu acho por conta disso, por ser um movimento que não... Que a base não é dinheiro, o movimento da capoeira a base são as pessoas, sem as pessoas não existe movimento, sem as pessoas não existe a capoeira, isso a capoeira valoriza a história, valoriza os mestre, valoriza esse processo do ir e do vir, nos tornar protagonista, isso é um aprendizado grande pro capitalismo, de você poder dizer olha as pessoas são muito mais, do que aquilo que elas têm, elas são muito mais importante do que aquilo... Eu acho que na capoeira agente consegue demonstrar isso, as pessoas têm a oportunidade de demonstrar que elas são muito mais do que aquilo que elas têm. Dentro da roda não importa se eu tenho muita grana ou se eu sou um pé rapado, quando desce no pé do berimbau somos todos iguais, o que vai diferenciar não é o que eu tenho, não é o carrão que esta estacionada na minha garagem, não é o casão que eu tenho, quando eu desço no berimbau o que vai diferenciar é aquilo que eu aprendi, que está dentro de mim, não aquilo que eu tenho, é aquilo que eu sou e não aquilo que eu tenho, na capoeira agente consegue ver isso bem representado quando as pessoas estão na roda e estão descendo no pé do berimbau pra jogar. No capitalismo as pessoas são muito qualificadas por aquilo que elas têm e na capoeira agente vê que o que importa é o que elas são, e o aprendizado acumulado que elas têm, não importa o que eu tenho. No pé do berimbau como todos iguais, isso é uma coisa legal.

Eu- E a tua visão antes da capoeira e depois da capoeira mudou? Ou ti já tinhas essa percepção do capitalismo?

ENTREVISTADA 4- Eu já tinha essa percepção até por conta da minha história profissional, a minha história de estudante, já tinha um pensamento, um olhar mais crítico em relação ao capitalismo, eu acho que a capoeira veio a reforçar esse olhar crítico que eu já tinha e veio também não só reforçar, mas me mostrar de forma prática que existem formas diferentes de viver, que não necessariamente é essa linha que está posta, que o sistema faz agente se inserir, se adequar.

Eu- Como poderíamos defini - lá como uma prática de resistência ao capitalismo? Como que tu defines a capoeira?

ENTREVISTADA 4- A capoeira é muito poderosa, o poder que a capoeira tem é muito forte e não é por acaso que ela está resistente até hoje, uma palavra que pudesse definir acho que RESILIÊNCIA pode ser uma palavra interessante, porque assim não foi só flores na história da capoeira, muito pelo contrário, eu acho que a capoeira tem uma capacidade de resiliência que é essa coisa de você se recuperar, de você ter uma capacidade de sofre o baque e tem uma força interna que te faz recuperar e te faz voltar e funcionar de novo, resiliência é uma palavra que qualificaria bem a capoeira em relação ao capitalismo.

Eu- E a capoeira resiste especificamente a que do sistema?

ENTREVISTADA 4- Ela resiste a essa superficialidade que agente vive hoje em dia, acho que a própria tecnologia faz com que as pessoas se afastem dos movimentos, se afastem da vida em conjunto, é muito mais fácil você está no seu celular, apertando, teclando que você está falando com o mundo inteiro do que sair do conforto do celular e ir pra uma roda de capoeira, por exemplo, ou ir pra uma praça trocar uma idéia com as pessoas, agente vive um momento da humanidade hoje que é um momento de individualização e que isso faz parte da história da humanidade, acho que é natural, se agente não chegasse nesse ponto, nos não daríamos valor ao processo que é de união, de cooperação, eu vejo como uma coisa que não é de toda ruim, ela simplesmente faz parte da história, agente está hoje em um momento que as pessoas são muito individualizadas, é eu, é tudo pra mim, é tudo... É o meu celular, é o meu mundinho. Ao mesmo tempo eu acho que a capoeira continua nesse processo de resistência e hoje ela vem pra nos mostrar que se agente não se juntar, se agente não se unir, vai todo mundo junto pro buraco, cada um no seu mundinho, o mundo pede cooperação, o mun-

do pede união, ao poucos as pessoas estão se ligando disso, da importância da gente se juntar, qual era a pergunta mesmo?

Eu- Repeti a pergunta.

ENTREVISTADA 4- Ela resiste a esse movimento de individualização que a humanidade vem vivendo, ela resiste a isso com certeza, porque ela é uma prática coletiva, a capoeira não acontece com uma pessoa, por ela ser uma prática coletiva e lá resiste a esse processo de individualização da humanidade, isso é fato, eu acho que ela contribui muito nesse sentido porque agente percebe um sopro do futuro, que é um sopro de um convite pras pessoas se juntarem de novo, então não é por acaso que agente vê movimentos de cooperação, não é por acaso. O próprio Facebook, essas coisas das redes sociais elas podem ser vistas pelo lado ruim como pelo lado bom, o que vai diferenciar o lado ruim e o lado bom é a forma de como eu uso, então se eu uso aquilo e me afasto de todo o resto, aquilo se torna ruim, mas não dá pra dizer todos esse movimentos de rede, pode ser digital ou não são frutos desse processo que é um sopro do futuro de convite das pessoas se juntarem de novo, só se juntando, só se agrupando é que agente vai dar conta dos desafios do futuro, a capoeira ela é isso, ela é na verdade um reflexo dessa resistência e ela vêm pra mostrar que tipo esse é o caminho, agente precisa se agrupar, porque unto agente se fortalece junto agente é mais.

Eu- Uma ultima pergunta, que eu foquei bem no Lucas porque ele focou nesse ponto, durante toda essa tua trajetória alguma vez uma vontade de desistir ou de largar a capoeira?

ENTREVISTADA 4- Sim, veio.

Eu- E que motivo levou tu a fazer isso?

ENTREVISTADA 4- Algumas vezes eu senti vontade de largar, algumas vezes eu percebi que na verdade era por conta da minha rotina mesmo, de às vezes não dá conta de participar, principalmente das praticas que acontecem regularmente, as aulas de quartas e de sextas, às vezes não dou conta de ir porque as vezes eu tenho outras coisas, o meu trabalho muitas vezes me impossibilita de participar com a frequência que eu gostaria, as vezes quando tu ficas muito tempo afastado é meio que se eu sentisse um receio de retomar não sei, é uma coisa muito louca. Mas eu acho que basicamente as vezes que eu senti vontade de parar foram porque eu não estava dando conta de fazer as duas coisas com qualidade, às vezes tu acaba se envolvimento com as outras coisas aqui em casa principalmente, eu tenho filho, família, trabalho fora, viagens... E isso acaba fazendo com que eu me envolva com outras coisas e me afaste um pouco da capoeira. Eu falei que sim, mas na verdade eu não sei. Não é vontade que eu tenho de me afastar na verdade, tu já perguntaste se eu já senti vontade, vontade eu nunca senti, eu já me vi nessa situação de não dar conta de estar com a frequência que eu acho que seria a melhor, até por conta de você, quanto mais frequente você está, quanto mais movimento você estiver fazendo, mais você se aprimora naquilo, acaba que esse outro lado profissional e familiar me afasta um pouco, mas eu acho que mesmo assim eu tenho dado conta de estar. Não foi vontade de se afastar, foi como eu faço pra estar nos dois lugares ao mesmo tempo? Mais por isso, mas vontade eu nunca senti não.

- ENTREVISTADO 5 - 20/04/2016

BLOCO TRANSFORMAÇÕES

Eu- Qual a foi a sua experiência com a C.A?

ENTREVISTADO 5- Tudo começou em 2006, acho que foi em março por ai, que eu decidi, eu decidi que eu queria entrar na capoeira porque eu fiquei sabendo através de um amigo meu, que ele fazia na época com o mestre Luiz, ele sempre falava da capoeira coisa e tal, e aquilo foi despertando em mim uma vontade em querer participar, um interessante, ai eu falei com meus pais, daí entrei na capoeira em 2006. Dai eu fiz algumas aulas, gostei, ai decidi fazer daquilo uma rotina, participar mesmo do grupo. Após algumas semanas, assim, o meu irmão acabou o Vini, acabou entrando também, que ele viu que eu estava ainda e estava gostando, dai ele á vou ir também. Acabou que através de uma pessoa que na época era meu amigo e que hoje eu não sei mais onde está na vida, eu acabei entrando e estou a 10 anos no grupo e foi assim, foi uma experiência realmente muito marcante, tem sido muito boa e muito marcante, e eu acho muito engraçado esse fato de algo aparentemente tão pequeno e relevante, a vou ver como é que é que porque o meu amiguinho esta aqui do lado e faz, e eu fui e trouxe o meu irmão, e o meu irmão acabou trazendo não outras pessoas que forma diretamente para a capoeira, mas que influenciaram um grupo como um todo da musica, do choro, coisa e tal e eu acho que é basicamente isso.

Eu- E tu tinhas quantos anos 6?

ENTREVISTADO 5- Não, não, eu tinha sete.

Eu- Ta os motivos que te levaram a praticar foi através de um colega teu? Isso, desde época da creche. E ai desse período de 2006-2010 que foi uma trajetória, o que marcou nessa trajetória a tua participação na capoeira?

ENTREVISTADO 5- O que marcou o, é como eu falei no início, foi uma coisa bem, bem assim como é que é a palavra, bem inocente, digamos assim né. Eu entrei sem ter noção de mundo, sem ter noção da vida, apenas como a vou jogar bola, vou fazer basquete ou qualquer coisa assim, sabe? E ao longo do tempo tanto na capoeira como na vida eu fui vendo que aquilo era mais do que qualquer simples coisa, sabe? Tem uma filosofia envolvida, todo um passado envolvido, todo um histórico cultural, e isso que me marcou e me fez com que eu ficasse no grupo por todo o tempo que eu estou e eu acho que é isso.

Eu- Repeti a pergunta.

ENTREVISTADO 5- Eu acho que a participação é isso, é você levar pra sua vida aquilo que você aprende como você tu falou da experiência uma coisa que não é passageira, que tu adquiri e que tu levavas pra toda a vida, então acho que é essa conexão entre o grupo, a CA que tu esta ali da ECIBA, e tu trazer as informações adquiridas de lá pra tua vida, como até o Mestre Pastinha falava, capoeira é saber andar no mundo, então aquilo que você aprende tu transforma pra tua realidade, pro teu convívio social.

Eu- Assim a participação dos mestres na capoeira, a tua própria formação como aluno formado isso marcou?

ENTREVISTADO 5- A com certeza uma experiência totalmente diferente, que requer tempo, dedicação, então é uma espécie de reconhecimento talvez ou não ou até de própria dedicação e com certeza marca porque é uma coisa que não é de uma hora pra hora, sabe? Requer todo um processo de formação como o próprio nome já diz e de preparo e com certeza isso marcou porque é uma coisa diferente, sabe? Que não foi meramente a tipo eu não compreendi isso, sabe?

Eu- O que tu buscas ou tu buscastes até agora com a C.A nessa prática? Porque às vezes tem pessoas que vão por ir,

ENTREVISTADO 5- Não, Eu ia.

Eu- é ia quando tu eras pequeno, quando não tinha noção disso, mas o que tu busca hoje ou o que tu vem buscando até agora com a C.A assim?

ENTREVISTADO 5- Então, eu cheguei a desistir acho que duas vezes, a primeira foi porque eu tava aparentemente cansado na época, não cansado de corpo, mas cansado daquilo, eu não tinha noção exata do que era o todo do grupo, então eu me afastei e decidi que não queria mais ir, não lembro quanto tempo fiquei afastado, mas foi uma semana ou duas, e nessa semana ou duas eu vi que eu tava em casa e eu vi que estava faltando alguma coisa, e ai foi passando uma semana, foi passando duas e deu que aquela vontade estava voltando, sabe? Eu não estava cansado daquilo como eu imaginava, eu vi que aquilo estava fazendo falta, foi a partir desse momento que eu vi que tinha alguma coisa diferente, fazer por fazer, segunda e quarta 18h30minh vou pra lá e volta as 20h00min, tinha uma coisa mais profunda nisso, e ai eu voltei fiquei mais um tempo. Ai a segunda desistência, acho que não chegou a ocorrer, eu ia tentar me afastar de novo, falei com o Mestre Luiz, conversei com ele por um bom tempo, dai ele foi me dizendo o que... Ele me contou um pouco sobre a própria experiência dele, e eu vi de novo que aquilo eu ia sentir falta se eu sáisse de novo, e ia acontecer tudo a mesma coisa, então eu decidi ficar, continuar e é isso que me move até hoje, é o fato de além da história do grupo como um todo, os laços de amizade que eu tenho no grupo, o convívio com as pessoas e a histórico cultural daquilo tudo, o processo da capoeira ao longo dos anos, toda a filosofia, acho que é isso que me move a estar até hoje ali ou o fato de eu gostar e sentir falta.

Eu- Mas tu consegues descrever assim o que de fato levou a ter essa desistência duas vezes, era muito repetido aquilo já não te encantava mais?

ENTREVISTADO 5- É eu acho que não tinha essa noção de cada dia é um novo dia é um novo aprendizado, eu achava tipo, esse movimento eu já sei, eu estou repetindo ele, não tem porque eu fazer isso sabe. É diferente do olhar que eu tenho hoje, de que a cada movimento que eu faço um pouquinho mais pra cima um pouquinho mais pra baixo é um novo jeito, tem uma nova entrada, uma nova saída, um novo jeito de tu passares a perna, um novo jeito de tu esquivares, eu não tinha essa percepção na época, então eu achava que era um mero passar de perna, um mero esquivar, então acho que foi isso que na época me fez desistir, o fato de não ter essa percepção de algo bem maior.

Eu- e quando tu fala assim é o grupo como um todo, o que tu quer dizer o grupo como um todo?

ENTREVISTADO 5- Como um todo é são todas as pessoas que participam dele e tudo que ele tem não tudo que ele tem pra oferecer, mas tudo que ele traz ao longo do tempo, toda a história dele, então o grupo não se resume as pessoas que participam dele, ele tem todo um histórico que traz

desde o Mestre Luiz da vivencia, da experiência dele de mundo e daí tu já traz o Biriba, já traz o Índio e o que esta por trás disso sabe?

Eu- O que mudou de verdade em sua vida após o contato com a C.A? Assim tu, isso dá pra perceber que mudou, mas o que mudou, por exemplo, tu tinhas uma percepção de. Porque o que acontece muito hoje é consumir o que esta no mercado, então a capoeira acaba sendo um produto né, têm lugares que as pessoas consomem ela, então tu poderias também fazer isso também, quando tu eras pequeno talvez, a eu estou cansado disso. Vou buscar outra coisa, mas ai tu viu que não é bem assim, então alguma coisa mudou nessa tua percepção de mundo, então o que mudou mesmo assim a tua vida, o que tu trás da capoeira que mudou a tua vida de verdade, não precisa ser tudo, mas em alguns aspectos só?

ENTREVISTADO 5- O que tu falaste agora, eu me lembrei do querer o algo novo, isso faz já uma ligação do que tu falaste do sistema capitalista atual de tu sempre quere buscar algo novo, tipo isso já esta velho, isso já ultrapassou, de querer algo diferente, mas é diferente no sentido de você, ver isso aqui é diferente e na hora tu já perceber, e na capoeira não, são diferenças que como eu falei que um pouquinho mais pra cima um pouquinho mais pra baixo, tu já tem uma diferença enorme e quando tu és pequeno muitas vezes tu não percebes isso.

E o que eu trouxe é basicamente tu estar andando na rua e tu perceber a esse caminho é mais curto, se eu for por aqui eu posso evitar o que esta lá, tipo você andando tu olha, tu vê que não tem uma coisa legal, do outro lado da esquina, digamos assim, tu já vai para o outro lado, tu já... Tu muitas vezes evita aquilo que... Muitas vezes tu já podes perceber na capoeira a intenção da maldade ou da sagacidade do outro da malandragem, e isso na vida no dia a dia tu pode levar, ou até mesmo os reflexos da capoeira de tu estares sempre esquivando, abaixa, levanta, pro um lado, pro outro, pra frente, pra trás, isso na vida as vezes isso também acontece, tu estas andando tu tropeçou tu já cai pra um lado, num ai tu já sai, ou as vezes tu esta no colégio vem alguém e esbarra em ti, ao invés de perder o teu equilíbrio como muitas vezes, muitas pessoas acontecem, tu já redirecionas o teu ponto de gravidade pra um lado pro outro, como tu esta fazendo na ginga a todo o momento, ate a questão dos triângulos, então eu acho que tudo isso influência, mas tu não tens a consciência do que esta fazendo no momento desse esbarrão, de tu trocares inverter o triângulo, inverter a ginga, tu não esta com essa consciência do momento do esbarrão digamos assim, mas indiretamente tu esta fazendo, pode não esta com a consciência mas tu tem aquilo como uma experiência adquirida e tu realiza aquilo, sem ter a noção, então eu acho que são as pequenas mudanças, pequenos hábitos que tu trazes pro teu convívio social através da capoeira.

Eu- E, por exemplo, se tu não tivesses a capoeira o teu relacionamento na escola ou na família, tu acha que mudaria assim o teu jeito de ser, de falar, porque de certa forma ela vai dando autonomia, voz, que nem como agente faz em relação ao canto né, se tu tocas, se tu jogas se tu cantas, tu vai conseguir se explicar melhor, se tu não tivesses essa experiência toda, como que é essa tua relação tua na escola de saber se expressar perante os outros, perante a tua turma, como que é isso? Tu achas que a capoeira influenciou?

ENTREVISTADO 5- A com certeza porque desde pequeno tu exercitas, no caso de mim, que a minha experiência foi desde pequeno, desde pequeno exercitei o ritmo, então desde o saber tocar da coordenação, nos braços e no canto, então tu aprende todo um, tu adquiri todo um ritmo, todo um conhecimento musical que também se aplica ao controle da voz, até como expressão, tu cantar mais alto, tu saber cantar usar o diafragma pra poder elevar a voz e cantar mais alto, isso te ajuda a te expressar, na escola quando te apresentação de trabalho eu já utilizo isso como recurso, sabe? Que na capoeira quando eu vou cantar uma ladainha, uma cantiga, um corrido ou coisa assim também utilizo na apresentação de trabalho, apesar de não ser o canto funciona a técnica da mesma forma, então acho que isso já muda bastante.

Eu- Qual o tipo de contribuição que você pode apontar por meio desta prática? O que ela contribui que tu podes falar, não precisa ser tão especifico né, mas pode ser, que contribuição traz? Se tu fosses, por exemplo, indicar alguém pra ir pra capoeira, tu falaria o vai fazer capoeira por isso... Contribui nisso...?

ENTREVISTADO 5- Ela contribui até mesmo com a formação humana, porque não somente tu vai exercitar o teu corpo, ao ritmo, a perna, um exercício físico, mas também um exercício mental, de ha cada musica tu ter uma história diferente, um pensamento diferente da época, então tu ir pra capoeira, tu fazer parte do movimento, é tu também tu estudar a historia de um povo que sofreu, que esteve na luta pra conseguir respeito e conhecimento, então acho que é um exercício de pensar também, sabe? Não só um exercício físico, motor, mas bem amplo, tem a parte física, tem a parte musical, tem a parte histórica, é um negocio bem amplo que dá pra tu levar pra tua vida de diferentes formas.

Eu- E o que tu definirias como formação humana?

ENTREVISTADO 5- É a formação do próprio indivíduo, do jeito de pensar, do jeito dele de agir, o jeito dele de caminha, de se expressar, de se comunicar com os outros, basicamente isso.

Eu- Qual as transformações gerais que tu tiveste a partir desses 10 anos com esse teu contato, e teve alguma transformação particular em ti, que chamaria a atenção, alguma coisa pessoal tua, tiveram varias transformações, mas uma mais particular tua?

ENTREVISTADO 5- Eu acho que foi a da desistência, de que muitas vezes agente, desiste das coisas pelo simples fato do tédio e tu não ter nada de novo, então acho que isso foi um marco pra mim no sentido de tu analisares bem o que tu esta fazendo, não só na capoeira, mas em outras áreas, diferentes formas e tu ter uma... Tentar buscar uma noção mais aprofundada daquilo que tu esta fazendo, aquilo que tu esta realizando, pra descobrir se tem ao entorno disso, algo maior, na mesma forma que na capoeira eu descobri, pode ter em outros locais, sabe? Então eu acho que isso foi o que posso levar mais pra vida pessoal e o que mais me marcou.

Eu- É então assim, nessa desistência tu conseguiu analisar todo esse contexto, tu conseguiu ver o porquê que tu não querias desistir, e durante toda essa trajetória que agente teve do grupo muitas pessoas desistiram, o que tu acha o que levou elas a desistir assim, essa capacidade de não saber perceber, porque quando agente pratica, muitas vezes agente faz sem pensar a prática né, então tu acaba que faz por fazer, então chegou um momento que tu estavas fazendo por fazer, ai veio a desistência, mas ai tu parou e pensou e ai tu conversou com o Luizinho que também é uma coisa importante, o que tu acha que faltou para as outras pessoas talvez e que tu terias?

ENTREVISTADO 5- Eu acho que muitas vezes tu só perceberes não é tu saber, a eu percebo que tem algo a mais, mas eu não sei que tem algo ou o que é esse algo a mais, exatamente, o fato das outras desistência, não sei muito, não posso explicar por eles, não sei o que eles pensaram,mas provavelmente foi algo parecido comigo talvez, no fato de ter enjoado, no fato de querer buscar outras coisas, não sei, alguns desistiram um pouco mais tarde do que os outros, então provavelmente eles já tinham enxergado a capoeira com outros olhos , mas mesmo assim largaram por motivos maiores ou menores, não sei. Depende de cada um assim

Eu- E, por exemplo, essa desistência que tu tiveste duas vezes teve influencia da tua família de tu não desistir, como foi assim, teve participação deles ou foi uma coisa só tua?

ENTREVISTADO 5- A primeira desistência eu cheguei eu cheguei e falei pra minha mãe, eu quero sair, daí ela perguntou por que, ai eu expliquei tudo pra ela, não é bem o que eu quero, estou enjoado, e ela tentou falou comigo, pra saber se era aquilo que eu queria, ela ia me apoiar naquilo que eu quisesse, em minha opinião, mas ela queria saber o porquê daquilo, não iria aceitar qualquer coisa. A não quero e pronto... E daí eu expliquei e ai ela falou então tá, se é isso que tu queres. Aí depois eu voltei ai ela olhou pra mim com uma cara de EU JÁ SABIA, ai eu voltei pra capoeira, na segunda desistência foi a mesma coisa eu falei pra ela, e ela falou vai falar com o Luizinho, com aquela de "de novo essa história", falei com o Luizinho a mesma coisa continuei, foi basicamente isso, sempre as duas desistências partiu de mim, não por influencias externas.

Eu- E o tempo de uma desistência pra outra foi grande, esse intervalo de tempo ou não?

ENTREVISTADO 5- Foi de dois anos talvez.

Eu- E assim de tudo isso que tu me falaste e com tua experiência com a capoeira, como tu definiria em uma palavra o que foi tua experiência com a C.A? Ou o que seria a C.A e tudo isso que tu experienciou?

ENTREVISTADO 5- Acho que todo o contato que eu tive foi uma experiência de alguma forma, teve a experiência física e motora dos movimentos, de tu saber tratar o teu corpo, de tu saber os teus limites de força e de equilíbrio, não só na capoeira mas no dia a dia, de tu estares praticando um esporte, tu saber o quanto tu pode dar de si ainda, qual teu limite, a tua noção de espaço do que o teu corpo ocupa, o equilíbrio de tu estares andando, estar caminhando e tu saber onde tu esta pisando, o que esta levando no teu corpo de um lado pro outro do equilíbrio,na parte musical, no ritmo, na musica, de saber reconhecer, não reconhecer ritmos mais, tu ter uma noção do que esta acontecendo em diferentes músicas, não somente na capoeira, mas no MPB, no Samba, Rock, Pop tu entender sem entender diretamente daquilo, mas tu entender o processo, como funciona, até mesmo quando agente gravou o CD isso foi muito bacana pra mim porque foi uma experiência totalmente diferente, nunca tinha gravado um CD, nunca pensei que eu fosse gravar um CD e sem esse conhecimento musical eu não teria como, então acho que isso também foi uma experiência que eu trago e da parte da história dos negros, desde a África ao Brasil, o processo de escravidão, senhores de engenho e todo esse conhecimento da história do Brasil acho que também ajudou bastante.

Eu- Todas as experiências que tu tiveste foram positivas ou teve alguma negativa?

ENTREVISTADO 5- Acho que não, tiveram que eu me machuquei claro, mas não conto isso como uma experiência negativa, foi uma infelicidade, nunca teve nada serio, as vezes só um roxo, teve uma vez que machuquei o punho, mas nada como algo negativo, que eu guarde, acho que não.

BLOCO CULTURA BRASILEIRA**Eu- A capoeira angola apresentou algo que você passa a conhecer a cultura brasileira de forma mais elaborada?**

ENTREVISTADO 5- Eu acho que sim porque, a capoeira angola tem o seu inicio com os negros trazidos da África que vieram pro Brasil pra escravidão e ela se formou nesse contexto de humilhação dos escravos, de sofrência e que eles tiveram muitas vezes se defender de alguma forma, foi essa a solução que eles buscaram, então ela com certeza ela fez parte de toda a historia do Brasil, no momento dos escravos até da fuga dos escravos pros quilombos e é isso, acho que ela esteve presente em todo esse momento histórico e até hoje agente tem ela na atualidade, muita coisa se perdeu do que ela significa.

Eu- Repetir a pergunta.

ENTREVISTADO 5- É foi isso que eu falei eu acho

Eu- Mas assim o que seria cultura brasileira? Porque a capoeira ela faz parte da cultura, mas a cultura é mais abrangente assim? O que a capoeira contribuiu pra você ver a cultura brasileira de outra forma?

ENTREVISTADO 5- Acho que pelo fato da capoeira fazer parte dessa cultura, abre mais portas pra tu ver os outros tipos que também fazem parte da cultura, da musica, da forma de expressão de arte, de pintura, de movimentos artísticos, então o fato de tu estares em contato com uma te abre portas pra tu também ver e conhecer outras, acho que isso influencia.

Eu- O que vocêalaria ou citaria sobre a cultura brasileira? O que, por exemplo, agente quando tem contato com M. Patinho, M. Churrasco, M. Bartelemei, com Biriba, cada um é de uma região, então cada um traz consigo os seus traços culturais e agente mesmo, a partir da capoeira angola conseguimos esse contato, patinho vai ter o contato com o coco, cacuriá, tambor de crioula, então a partir disso o que tualaria?

ENTREVISTADO 5- Acho que como eu falei abre portas pra ter acesso com outras culturas e como o Brasil ele é um país muito grande, com uma diversidade cultural enorme, então quando tu falaste ali do Patinho, agente ter um ícone praticamente do Maranhão, que tem uma experiência cultural enorme e tu veres que tudo aquilo que ele tem é do Maranhão, tu tens outros muitos estados do Brasil, a Riqueza cultural é muito grande, é muito diferente, uma coisa que tu vê no Rio Grande do Sul é totalmente diferente do que tu vai ver no Maranhão, como do Biriba pro Patinho. Então acho que esses diferentes pontos de vistas, de culturas é bem interessante tu ter acesso sabe? Conhecer mais o local que tu vive.

Eu- Qual a importância, pra você conhecer a tua cultura mesmo assim?

ENTREVISTADO 5- É basicamente tu saber onde tu vives, a eu moro no Brasil, mas eu não sei nada dele, muitas vezes agente sabe de muita coisa de fora, Estados Unidos, Canadá, Austrália e do teu próprio pais tu não sabe muita coisa, a cultura daqui passa muito batido pelas pessoas porque elas não dão bola, por mais que tu não gostes ou não faça parte de algum movimento que seja da cultura, tu faz. Porque querendo ou não tu nasceste aqui, tu és daqui, tu pode não gostar de muitas coisas mas tu tem que saber, porque é aonde tu vive, se tu não sabes é uma pessoa que não liga pra isso, que é meio ignorante que esta ali por estar.

Eu- Qual o seu contato com a cultura brasileira, qual o seu vínculo (afetivo, prazeroso, por diversão)? Pode ser mais especifico agora aqui da ilha, porque a partir da C.A tu começa a reconhecer a cultura do teu lugar, as tuas raízes, então qual foi o seu vínculo com a cultura brasileira? Até mesmo podemos dizer do Vini talvez se ele não esteve envolvido com a capoeira não tivesse se envolvido com o universo do chorinho e do samba, ai agente fala que a capoeira se atrela a cultura local aqui agente foi buscar a renda de bilro, a pesca artesanal, o Vini foi pro choro, e tu esta no meio de tudo isso, entendeu? Como que é? Como é o teu contato com isso ai? Como é o teu contato com a cultura brasileira em geral, porque tivemos contato com o biriba, com o patinho e com outros mestres e com a nossa cultura local? Tu falaste né, não adiantar saber a cultura do Canadá, dos EUA e tu não saber a tua, a do brasil.

ENTREVISTADO 5- Eu acabei não me vinculando a outro tipo de cultura e de manifestação cultural diferente, como da mesma forma tu foi pro bilro, o Luiz também foi pra pesca, o Vini foi pra música, acabei não indo pra outras formas culturais, mas eu sei e reconheço as outras que tem, não é que eu entendo daquilo de uma forma específica, mas entendo como aquilo contribui para as pessoas que praticam aquilo, que fazem aquilo, que vem daquilo. Acho que ter essa noção, tu saber que pode mudar a vida de muita gente, que participa daquilo, acho que isso já é algo que vale a pena.

Eu- Qual a via que podemos associar entre a cultura brasileira e a C.A? Que ponte a C.A estabelece com a cultura brasileira?

ENTREVISTADO 5- Eu acho que é o da capoeira estar inserida na cultura, de talvez tanto num contexto histórico como no próprio fazer parte, eu acho que é isso.

Eu- Por exemplo, tu achas que em outras manifestações culturais, como no futebol, por exemplo, teria essa mesma percepção da cultura brasileira, teria uma ponte?

ENTREVISTADO 5- Eu acho que sim porque de uma forma eles estão ligados porque o futebol esta presente em outras culturas, ta, mas isso não impedi que ele possa estar em outras, acho que toda forma de manifestação cultural deve ser respeitada, ser vista com respeito e se é praticado, se tem alguma coisa relacionado com o modo daquele povo, daquele local de se expressar, de se realizar, de ter alguma coisa pra mostrar através daquilo tem uma conexão.

Eu- Mas, por exemplo, assim, se tu praticasses futebol ou qualquer outro, tu pratica né? E tu não praticasses capoeira, por exemplo, tu achas que tu terias acesso ao que tu tens hoje, o que tem na C.A, que possibilitou que tu conseguisses conhecer esse universo cultural, entendeu?

ENTREVISTADO 5- Acho que não, que se eu tivesse no futebol ou vôlei em outra coisa, eu não posso falar porque não fui, mas acho que provavelmente não teria essa visão da cultura digamos assim, porque pra mim não mostra esse lado do pensar num contexto histórico que vem até hoje, então não desmerecendo os outros esportes, as outras manifestações, mas eu acho que ela capoeira traz essa visão pra outras formas de cultura, justamente por causa de esse pensar e refletir sobre aquilo que tu pratica e a influência daquilo pras pessoas e pra cultura.

Eu- Quais nexos e ligações que a C.A tem? Acho que tu já falaste um pouco. E como tu pode fazer isso, esses nexos sabes? Da capoeira com toda essa gama de saberes culturais, que agente tem contato?

ENTREVISTADO 5- Acho que a capoeira esta inserida nesse conjunto cultural que é bem maior o fato de tu olhares para a CA e tu ver muita coisa que, como tu falou, um vasto conhecimento, tu tem também na cultura, um mestre da cultura local ele tem um conhecimento enorme daquilo ele pratica, daquilo que ele realiza e se tu fores olhar pra o conjunto cultural como um todo, tu vai ver que cada coisa específica tem um leque enorme de saber de conhecimento, um conjunto todo tem um infinidade inimaginável de saberes, de detalhes, de qualquer coisa, acho que essa é a ligação e a ponte desse nexos, é o fato de tu agregares o conhecimento de cada área pra formar um conjunto todo infinito, digamos assim.

BLOCO CONHECER E DESTINGUIR A C.A COMO UMA PRÁTICA DE RESISTÊNCIA AO CAPITALISMO

Eu- O que tu conhece da capoeira angola, porque agente sabe que tem a C.A, Capoeira Regional e Capoeira Contemporânea, e a que agente pratica é a C.A, o que tu conhece dela que diferencia das outras? Tem gente que diz que é tudo igual, mas agente sabe que não, então o que tu conhece dela?

ENTREVISTADO 5- Eu acho que antes de falar disso, os diferentes tipos de capoeira eles devem ser respeitados afinal alguém foi lá e desenvolveu aquilo, há de se respeitar aquilo, e da CA o que entendo o que compreendo é tu ter todas essas etapas de aprendizado do corpo, da música, da história, da aula digamos assim, acho que a capoeira é isso sabe? É um processo também do indivíduo

Eu- Quais são as características gerais da C.A? O que caracteriza a C.A que não caracteriza o restante, o que faz ser diferente?

ENTREVISTADO 5- É o fato de ela ser voltado não somente pra esse atacar e defender que muitas outras têm, mas também tem toda uma filosofia do saber, de entender o porquê que tu esta fazendo aquilo, entender o movimento em diferentes etapas, desde o inicio de como tu começar um movimento, durante, como tu termina ele, como tu finaliza. Eu acho que a diferença está nisso e também o fato de tu teres várias etapas a serem exploradas desde a coreografia que seria do jogo, da musicalidade, a história, a fabricação dos instrumentos, que é de suma importância, pro capoeira saber por que ele

utiliza aquilo, não tem como ele utilizar aquilo, não tem como utilizar uma coisa que ele não tem, precisa conhecer o método do processo, talvez seja isso que diferencie, de se pensar mais na capoeira, nas etapas que ela tem, o desenvolvimento dela, pras pessoas, o que ela pode transformar, o que ela pode mudar e levar pras pessoas, um conhecimento formador.

Eu- Como você explica a C.A? Por exemplo, a c.r é uma prática assim... Que foi criada assim... E o estilo dela é assim. O que tu definirias como a C.A? Como tu explicas, se alguém chegasse pra ti, um colega da escola, a tu pratica capoeira né? E tu falas aham... Ai ele fala, mas o que é a C.A o que tu falarias pra ele?

ENTREVISTADO 5- Eu gosto bastante daquela frase de Pastinha que ele diz que "capoeira é mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu principio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais velho dos mestres", eu acho que essa frase tu tem que falar ela de ponto a ponto, fazendo várias pausas, pra entender mesmo a imensidade do que ele falou, porque isso basicamente resume toda a parte histórica dela e a parte atual dela também, ela teve inicio lá na escravidão, desse como ele fala "mandinga de escravo em ânsia de liberdade", do escravo está lá e ter aquela vontade de fugir, de sair daquela tortura, daquele sofrimento e a capoeira surgiu e se desenvolveu nessa ânsia de liberdade como ele mesmo fala, e como ele diz "seu principio não tem método", tu começa não tem uma regra, tipo a tu chuta com a direita, chuta com a esquerda, vira pra um lado vira pro outro, aquele mecanizado, é como se fosse uma água, tu tens ela se moldando conforme tu vais, tu gingas pro lado, a água vai pro lado, tu ginga pro outro a água vai pro outro, ela se forma naquilo que ela esta, naquilo que esta inserido, e o "seu fim", não tem fim, porque tu sempre podes ir pra um caminho diferente, botar o pé um pouco mais pro lado e vai dar algo totalmente diferente as vezes, se tu botar o pé num lugar tu não cai, se tu botar o pé um centímetro pro lado tu cai, tu esta sempre numa bola de neve, esta sempre crescendo, e tu não tem como achar o fim dela. Quando eu desisti eu achei, a eu já sei tudo, não, tem muita coisa que é meio difícil falar isso porque tu esta sempre praticando uma coisa que sempre vai mudando.

Eu- É uma formação continuada infinitamente, não para.

ENTREVISTADO 5- Aprendi coisas, aprendo coisas até hoje, que são diferentes e que se tivesse parado na época que eu achava que já sabia tudo, tanta coisa já aprendi de diferente, de novo.

Eu- E quais fundamentos lhes foram passados da capoeira? Por exemplo, quando tu falaste com a capoeira, se tem uma situação ali na esquina tu consegues perceber aquilo e tu consegues mudar, se tu não tivesses a capoeira, tu nem estaria ligado no que estaria acontecendo. Quais fundamentos da C.A são bastante que agente vai aprendendo na roda, tem vários, mas alguns tu consegue assimilar e consegue trazer pra tua vida. Que fundamento foi passado e durante esses dez anos tu acabas trazendo pra ti?

ENTREVISTADO 5- Eu acho que a musicalidade é um fundamento bem importante que a pessoa sem música, é uma pessoa incompleta em minha opinião, que a música esteve presente desde sempre basicamente e é uma manifestação que merece destaque pela importância ao longo do tempo, de tu ter um conhecimento musical, eu acho que é uma coisa importante, os fundamentos que seria importante é o fundamento da história de tu entender o teu passado, o teu corpo, de onde você esta inserido, como forma de entender o que acontece pra que aquilo não se repita, acho que a escola tem essa noção primordial assim de tu entender e assimilar o que passou, pra entender o que vai vim. Até a coreografia do jogo de tu passares a perna pra um lado, o evento e o coqueiro fazendo uma analogia que é uma espécie de formação no sentido de tu conheceres o teu corpo, porque no espaço da roda, tem aquele espaço delimitado pela roda, mas no mundo tu não vai ter uma roda delimitando o teu espaço, então se tu aprendes, se tu tens uma roda pequena, tu aprendes muito mais o que tu ocupa naquele espaço, tu tem o conhecimento do que é o teu corpo, o volume do teu corpo, isso é o que te possibilita ter esse próprio conhecimento, esse alto conhecimento de ti e quando tu vais pro mundo tu já sabes mais ou menos o que tu és, tu não sabes o que te espera, muitas coisas podem acontecer, mas tu sabe quem tu é, sabendo isso é algo que tu já podes partir.

Eu- Quando tu falas assim a roda ela demarca o lugar no teu corpo, mas na vida não tem isso, não tem uma roda que demarca, mas têm outras coisas tu entendes que delimita a tua ação no mundo, que seria o sistema e na roda, não que a roda te coíba, te reprima, tu consegues explicar isso?

ENTREVISTADO 5- Talvez tenha ficado meio estranho, mas o que eu quis dizer é que a roda ela forma um espaço de conhecimento, na roda tu se conhece, tu te descobres e prepara, prepara pra que? Prepara pro mundo, pra tua própria vivência, pro teu próprio viver e existir e na roda tu vai ter contado com diversas coisas com uma pessoa que, com um amigo, com uma pessoa que tu não conhece, cada um tem uma história diferente, tu não joga só com a pessoa tu joga com o que ela é que cada um tem uma forma diferente de pensar, de jogar e quando tu esta ali na roda, no jogo tu vai

contar com tudo isso, com a história da pessoa que tu está jogando, com a história da capoeira que está sendo cantada, é muita coisa num só espaço, foi isso que eu tentei falar e no mundo tu tem a mesma coisa só que tu não tem essa delimitação da roda, pra tu aprender, o que quis dizer é que a roda é um pequeno mundo, tu tem tudo no mundo, todo o mundo dentro de uma roda, acho que eu disse que a roda é um local de aprendizado de conhecimento. E no mundo tu vai ter isso, tu vai encontrar um amigo, tu vai encontrar uma pessoa que tu não conhece uma pessoa que não conhece, mas não vai te fazer mal, uma que não conhece, mas que quer te fazer mal acho que a roda te prepara pra isso.

Eu- Você reconhece a C.A como uma ferramenta de resistência ao modelo atual da sociedade, ao modelo capitalista? Como seria isso?

ENTREVISTADO 5- Eu acredito que sim, porque no mundo capitalista tu está sempre buscando algo novo em cada momento, igual quando eu falei quando desistir, eu estava cansado queria algo diferente, algo novo, essa dimensão do capitalismo meio que influência nisso e a capoeira ela se manteve até hoje, a C.A pelo menos dentro dessa ótica do capitalismo e se ela persistiu é porque tem alguma coisa, se ela resistiu a isso é porque tem algo que não faz com que a capoeira se desmanche num sentido de consumo, não dizendo que a capoeira não tem nada de novo, obvio que tem porque cada dia é um novo dia de aprendizado, um novo dia de aprender, mas não é pela questão de consumir, acho que o capitalismo está nessa questão de consumo e na capoeira tu não tem isso, tem um consumo de saber, mas fora isso, tu não tem um consumo de material, tu não compra uma roda, tu não compra um conhecimento tu adquiri o conhecimento, tu assimila, tu vai atrás, mas pelo fato da capoeira estar no sistema do capital muitas vezes influência porque no mundo em que agente vive, agente precisa do dinheiro pra viver e é uma coisa inevitável, muitas vezes a capoeira se submete a isso, pra pessoa poder viver, se ela quiser viver daquilo, ela vai ter que abrir espaço para o capitalismo, não da pra trazer o Patinho do MA pra cá de graça, precisa de ferramentas de capital, de material pra poder trazer ele pra cá, mas isso não é uma forma de você está submetendo 100% aquilo, tu ainda conservas coisas que não são de geral.

Eu- Mas tu conseguirias definir o porquê que a capoeira é uma resistência ao capital?

ENTREVISTADO 5- Sim é pelo fato de tu não ter esse consumo material e tu fabricares o teu próprio material, de fabricar o teu próprio instrumento, de tu usares o teu próprio corpo pra tanto jogar como pra fazer o sim, pra fazer a música, pra cantar, pra contar alguma história, enquanto no sistema capital tu tens o auxílio de materiais pra isso.

Eu- E o capitalismo, quais as suas maiores dificuldades? Por que a C.A pode ser uma resistência ao modo de organizar a produção da existência no capitalismo? Isso é possível?

ENTREVISTADO 5- Eu acho que como a C.A surgiu num contexto social de liberdade e de desejo de identidade pessoal do negro, ela também se volta até hoje a C.A se volta pra questão social de ajudar o próximo, como até mesmo agente tem no projeto ali no domingo da Base, um projeto social de crianças carentes, que não é cobrado nada, justamente é aí que tu tem uma resistência ao capital, é você oferecer conhecimento, oferecer cultura de forma gratuita pra pessoas que não tem acesso a isso de forma assim tão simples.

Eu- E que essas pessoas são conseqüências do capital porque pra alguns terem outros não têm e muitas vezes esse sistema quer que quem não tem continue sem ter, por exemplo, se a C.A é uma ferramenta contra o capital e o porquê que ela é? Ela te faz pensar, te faz ser crítico, então se muitos desses que não tem começarem a entender a realidade que vive e começar a contestar aquilo...

ENTREVISTADO 5- Exatamente, tu formas um pensamento critico porque, se a capoeira como eu falei é filosofia do pensar e do refletir, do pensar e do refletir tu tira o senso critico, se tu tiveres o senso critico, tu percebes como a capoeira faz, tu percebes o que está no teu redor, se o capitalismo está ao eu redor, tu percebe o capitalismo, se tu percebes o capitalismo muitas vezes tu pode entender como é que é e tu acabas discordando ou concordando dependendo da pessoa.

Eu- E também eu acho que tudo isso que agente entende, não sei se tu concorda, mas depende de quem puxa o barco, se o Luizinho fosse um cara que quisesse vender camiseta, vender CD... Talvez agente como discípulo dele não pensasse assim, que é o que acontece com os outros grupos, tudo o que tu está falando assim eu vejo o que tem na nossa escola que é esse o objetivo.

ENTREVISTADO 5- Mesma forma só pra terminar aqui, não posso falar muito, mas de ti, eu acho que tu também não estaria fazendo isso agora se não fosse a capoeira, porque está fazendo algo bem direcionado pra nossa escola, bem direcionado pra capoeira e tu começou nesse mesmo projeto social, eu acho que a capoeira também te abriu portas pra isso, e tua vida foi bem direcionada pra essa

questão, então eu acho que apesar de tu ter sido uma das únicas que aconteceu isso do projeto, não posso falar também pelo Luizinho, mas acho que a intenção dele era poder resgatar essas pessoas, essas crianças e transformar a vida delas pra melhor, pra elas poderem pensar, não dizendo que as outras não pensei, mas poderem questionar mais e é exatamente o que tu está fazendo, se uma já deu isso porque deu resultado é porque tem um resultado tem um porque estar fazendo isso.

Eu- Como poderíamos defini - lá como uma ferramenta de resistência ao capitalismo? Resiste a quê?

ENTREVISTADO 5- Eu acho que é pelo fato dela incentivar ao pensamento das pessoas, como até o Mestre Luiz fala "uma escola de pensamento", com o pensar tu adquiri mais conhecimento, adquiri mais o senso crítico e com esse senso crítico tu começa contar às coisas que tu concorda ou não, se tu fores olhar pro capitalismo com essa lógica vão ter pessoas que vão concordar, mas pode ter pessoas que vão discordar, se alguém discorda de algo é porque ela vai ter um porque, ela vai ter argumentos, ela vai ter consciência porque que ela discorda, talvez seja dessa forma da resistência, não que vá diretamente contra, mas que resiste ao que o capitalismo impõe que são os bens de consumo, o estar sempre renovando aquilo que tu precisa que tu queres e na capoeira tu não tem isso.

- ENTREVISTADA 6 - 01/05/2016

BLOCO TRANSFORMAÇÕES

Eu- Qual foi a sua experiência com a C.A?

ENTREVISTADA 6- Desde que eu entrei?

Eu- É como foi a tua experiência desde o momento que tu entraste foi com 5 anos de idade até 2015?

ENTREVISTADA 6- Eu não lembro muito bem quando eu tinha 5 anos.

Eu- Não, só conta como era.

ENTREVISTADA 6- Eu ia lá pra brincar né, pra jogar mesmo não entendia nada sobre o que era, mas agora já entendo.

Eu- E como foi esse período de 10 anos? No inicio tu não entendia, ia brincar e ai depois com o tempo foi mudando, o que mudou?

ENTREVISTADA 6- Ai depois eu fui fazendo amigos e eu gostava muito e ainda gosto, aprender muita coisa, muito além do que só capoeira como jogar e tal, aprendi mais coisas sobre respeito, sobre que agente faz parte da nossa cultura e eu me sinto muito bem quando eu to na roda, quando to jogando.

Eu- Quem que te levou pra capoeira teu pai?

ENTREVISTADA 6- Sim

Eu- E tu querias ir, por exemplo, pra capoeira?

ENTREVISTADA 6- Não sei não me lembro, mas é porque as minhas duas irmãs já faziam não aqui, mas lá em Natal elas tinham um grupo só que eu era muito pequeninha eu não ia, mas ai quando chegou aqui acho que sei lá o meu pai viu que tinha capoeira e como elas já faziam lá ai foi eu e minha irmã.

Eu- A tua irmã ficou fazendo contigo?

ENTREVISTADA 6- Sim, mas depois ela saiu e eu continuei.

Eu- Quais motivos levaram a praticar? Foi o interesse do teu pai?

ENTREVISTADA 6- É meu pai me levou e eu gostava.

Eu- E depois qual motivo que te fez manter na capoeira?

ENTREVISTADA 6- É uma coisa que me faz bem, eu acho que é isso me faz bem, eu sinto uma energia boa e mesmo quando eu to triste vou pra roda fico bem melhor ou então sei lá eu acho meio que não tenho tantos problemas pra me preocupar e quando eu acho que eu tenho ai depois vou pra roda, a tá tudo certo, da pra arrumar tudo tem sempre um jeito.

Eu- O que marcou em sua trajetória com a sua participação na C.A? O que de mais marcante pode ser um fato ou mais de um fato durante esses 10 anos que tu tá praticando capoeira na ECIBA?

ENTREVISTADA 6- Acho que a amizade, que eu tenho com muitas pessoas, os valores que eu aprendi com o Luizinho se meu pai não tivesse colocado na capoeira ou se eu tivesse desistido antes eu não ia ter tanto entendeu, talvez ia pensar de um jeito diferente, podia ser uma pessoa de um jeito diferente.

Eu- E alguma vez tu pensaste em desistir?

ENTREVISTADA 6- Não

Eu- E os encontros tu participou de várias coisas da formação do Luizinho, do Vini, do Natã, da minha de várias outras pessoas isso marcou pra ti?

ENTREVISTADA 6- Marcou como assim?

Eu- E foi um marco na tua experiência?

ENTREVISTADA 6- Sim é legal, uma experiência a mais e de que um dia eu vou ser formada.

Eu- Que mudou em sua vida de verdade após o contato com a capoeira?

ENTREVISTADA 6- Como eu disse os valores que aprendi de respeito ao próximo, que eu tipo vou ver alguém diferente de ti, aí vai lá conversar com essa pessoa tratar ela igual como tu trata as outras, não vai tratar ninguém diferente, até porque na roda todo mundo é igual fora disso também deve ser. E que não tenho que me importar tanto pro que a sociedade diz, não tenho que seguir os modelos da sociedade. Se eu não tivesse esses valores que eu aprendi com a capoeira eu podia ser uma menina patricinha, toda nojenta, que não fala com ninguém na escola e não eu sou muito diferente.

Eu- Que tipo de contribuição você pode apontar por meio dessa prática? Por exemplo, se tu fosses indicar capoeira pra alguma amiga tua ou algum amigo pra ele praticar capoeira, tu falaria que a capoeira é uma prática que vai contribuir no que na vida dele? Pode ser uma contribuição que teve na tua.

ENTREVISTADA 6- É que depende se a pessoa for vim e for ficar na capoeira ela vai ter tudo que eu tenho, vai aprender, vai mudar o jeito de pensar, vai ter outras amizades, mas se ela for só vim pra treinar ela só vai aprender uma coisa nova.

Eu- Mas que contribuição que a capoeira traz mesmo ela indo pra ficar um tempo ou ficar muito tempo?

ENTREVISTADA 6- Tu aprende a jogar capoeira, a se defender, pensar mais rápido tipo quando tu tá numa situação difícil tu tem que arranjar uma situação pra sair, tipo no jogo.

Eu- Quais as transformações gerais que tu tiveste durante esses 10 anos, quando tu tinhas 5 anos e quando tu tinhas 15, tu era uma pessoa. E durante todo esse tempo que tu ficaste dentro da capoeira, mas tem uma que tu chamarias atenção? Que seja bem particular tua?

ENTREVISTADA 6- Mas eu não me lembro de quando eu tinha 5 anos... Uma transformação que marcou mais... Acho que foi o meu jeito de pensar mesmo, não que me transformou, eu não pensava com 5 anos, mas eu acho que se eu não tivesse com a capoeira esse tempo inteiro eu ia pensar de uma maneira muito diferente.

Eu- Mas isso por influência do teu ciclo familiar?

ENTREVISTADA 6- Não pelo meu círculo familiar mais pelo meu círculo de amizade de amigos da escola entendeu, esse negócio de ser influenciável pelo outros na escola, eu sou uma pessoa que não sou influenciável por ninguém que possa me influenciar pro mal, isso também é por causa da capoeira porque eu penso diferente e eu sei que não preciso aceitar as pessoas, não aceitar pessoas na real né porque eu preciso, eu não preciso aceitar o que as pessoas impõem.

Eu- Como que tu te sentes sendo a mais velha do grupo porque tu tens a idade que a escola tem como que é isso pra ti?

ENTREVISTADA 6- A sei lá eu fico feliz

Eu- Tu, por exemplo, imaginaria que tu fosses a mais velha de algum grupo, de um centro cultural?

ENTREVISTADA 6- Não

Eu- E isso resignifica pra ti alguma coisa?

ENTREVISTADA 6- Significa uma coisa que eu por eu nunca ter desistido é uma coisa que eu dou muita importância, porque eu já abri mão de fazer ginástica por causa, mas eu nunca pensei abrir mão de fazer capoeira, mesmo que eu não possa ir na quarta, sexta, eu nunca pensei.

BLOCO CONHECIMENTO SOBRE A CULTURA BRASILEIRA

EU- A C.A apresentou algo que você passa a conhecer a cultura brasileira de forma mais elaborada?

ENTREVISTADA 6- Se eu aprendi da cultura com a capoeira? Eu aprendi muita coisa porque como eu comecei bem cedo as primeiras coisas que eu aprendi sobre a História dos Negros, dos africanos foi tudo com a capoeira com as palestras que o Luizinho dá.

EU- E além da história dos negros tu consegue a partir da capoeira entrar em contato com outras manifestações culturais?

ENTREVISTADA 6- Sim que o 1º contato que eu tive com o Boi de Mamão que eu tive foi por causa da capoeira.

EU- E alguma outra manifestação que a partir da capoeira tu entraste em contato?

ENTREVISTADA 6- A Renda de Bilro,

EU- Quando tu tens um contato com a capoeira a partir dela tu consegues reconhecer?

ENTREVISTADA 6- A cultura brasileira... Samba de roda, Chorinho da na mesma né.

EU- O que você citaria e falaria sobre a cultura brasileira? De uma forma geral, se tu fosses explicar pra um amigo estrangeiro teu, o que tu farias da cultura brasileira pra ele?

ENTREVISTADA 6- Eu falaria que é uma cultura muito rica, que pra mim começou com os índios, foram os primeiros que habitavam aqui, depois vieram os portugueses que mudaram tudo e aí dizimaram os índios, como eles só queriam o Pau Brasil começaram a trazer negros pra trabalhar pra eles, esses negros não aceitavam, aceitavam porque tinham que aceitar, mas eles queriam outra vida e aí arranjaram na capoeira de fazer aquilo que eles queriam, mesmo que eles não pudessem mesmo escondidos. Com o fim da escravidão em minha opinião não foi muito a Dona Isabel que fez tudo isso, acho que a parte dela foi a menos importante, porque depois que ela assinou o papel ainda continuava a escravidão, foram mesmo os negros que lutaram pra isso e ainda hoje não é totalmente tinta ainda tem preconceito que é uma forma de escravidão também.

EU- qual a importância pra você de conhecer a nossa cultura? E algo alterou em sua vida após esse conhecimento?

ENTREVISTADA 6- Acho que é importante porque é aonde agente vive é importante conhecer como começou e o que agente tem de especial que não é a todo o resto do mundo, porque o resto do mundo vai dizer depois tá tudo globalizado, tá tudo praticamente igual e pelo menos a nossa cultura agente tem que manter, e fazer capoeira é um jeito de tu preservar a cultura que é nossa, uma coisa nossa e agente faz.

EU- E a partir dessa preservação altera então a tua vida?

ENTREVISTADA 6- Altera me sinto mais dentro da minha cultura, não me sinto como se eu tivesse contribuindo pra tudo ser igual, pra não ter diferença entre nenhum lugar

EU- Qual o seu contato com a cultura brasileira qual seu vínculo afetivo, prazeroso, divertimento, trabalho-profissão?

ENTREVISTADA 6- Prazer, divertimento, afeto como assim?

EU- DE GOSTAR, DE ADORAR

ENTREVISTADA 6- Eu gosto, eu acho bonito uma das mais bonitas.

EU- Qual a via que podemos associar entre a cultura brasileira e a C.A? Qual relação as duas tem?

ENTREVISTADA 6- Que a capoeira faz muito parte da cultura porque era a manifestação que os negros, uma coisa que os negros faziam um ritual, pra meio que não, uma coisa que eles não podiam mesmo escondido, que era a vontade deles de praticar, pra se defender, é isso.

BLOCO CONHECER E SABER DISTINGUIR A C.A COMO UMA FERRAMENTA CONTRA O CAPITALISMO

EU- O que você conhece sobre a C.A e qual a sua origem? O que tu conhece sobre a C.A?

ENTREVISTADA 6- Eu sei tocar os instrumentos, berimbau na nossa capoeira que é muito diferente das outras tem berimbau, atabaque, agogô, reco-reco, pandeiro e os rituais que tem na roda, as regras que tem que ter regra, que tem que cantar pra manter a energia, que se tu não cantas tu meio que não tá participando do negocio, não adianta nada tu ficar a roda inteira sem cantar e ai na tua fez todo mundo vai cantar pra ti, tu tem que fazer pros outros o que tu queres que faça pra ti, tem que ajudar é meio que um espírito de grupo, tu tem que saber que tu vai jogar com uma pessoa e tu tens que respeitar ela, não vai chegar... A não ser que a pessoa queira jogar contigo pela maldade, mas sem isso é um brincadeira, tu não precisa chegar e chutar a pessoa, só brincar mesmo, não precisa jogar serio quando não é um jogo serio, tu não vai dar a rasteira e deixar a pessoa caída, mas não é pra machucar e no jogo que tu tem que ter os fundamentos pra poder jogar.

EU- E o que caracteriza um jogo sério?

ENTREVISTADA 6- É que quando tu tá numa roda tipo a nossa roda tu vai jogar com a pessoa, não que tu vai jogar serio, tu vai jogar serio não pra machucar, por exemplo, se eu to jogando com um menino que entrou agora eu vou jogar no nível dele não vou jogar rápido, não vou jogar de um jeito que ele vá se machucar, que ele não vá cair, ele pode cair não tem problema, mas quando tu tá numa roda de outra pessoa e a outra pessoa vem tirar contigo aí tu tem que saber jogar pra se defender, que aí já fica um jogo não na amizade, fica um jogo serio, serio.

EU- Quais são as características gerais da C.A? Por exemplo, o que caracteriza a C.A que difere ela da Capoeira Regional e da Capoeira Contemporânea? Tu falaste do canto, do jogo e dos instrumentos, mas o que caracteriza a C.A pra ser diferente das demais?

ENTREVISTADA 6- A C.A não tem faixa é uma diferença da regional, contemporânea eu não sei muito na verdade e que é um jogo mais próximo da pessoa que na regional é mais distante e mais em pé, na Angola mais dentro, a coisa da roda a montagem dos instrumentos também é diferente, tipo normalmente o jogo da regional é mais rápido, mas o da Angola também vai ser rápido se tu quiseres que ele seja rápido isso não é uma diferença, os movimentos são diferentes e o jogo de jogar deles, o jeito de jogar deles é mais aberto, não defendem tanto eles meio que só querem apresentar e fazer o jogo ficar bonito, mas como o Luizinho diz que se tu souberes mesmo pegar o tempo deles tu derrubas eles rápido porque eles não dão tanto atenção pro triângulo que agente tem e que estuda bastante.

EU- Quais fundamentos lhe foram passados? Que fundamentos da C.A que o mestre Luiz te passou?

ENTREVISTADA 6- Aquele de valores?

EU- Fundamentos mais da roda, mas valores também ...

ENTREVISTADA 6- Que na nossa roda são 3 berimbaus o Gunga, Médio e a Viola, mas que isso é na nossa roda que nem toda capoeira e nem toda capoeira Angola que é assim, e quando agente chegar na roda de alguém que não é nossa, agente tem 1º olhar como é que eles tocam porque até o jeito de eles tocarem o agogô é diferente, o atabaque além do jeito da roda, o jeito de tocar de cada instrumento que ele também ensinou e que também é diferente... Dentro da C.A cada mestre faz do seu jeito e aí tu presta atenção pra tu saber tocar e é importante saber também, os fundamentos da roda que é quando tu tens a roda e vai ter uma pessoa pra jogar que é a que tá no pé do berimbau, aí ela escolhe alguém pra jogar e aí fica no pandeiro aí eles jogam, aí tem o negócio de tocar quando o berimbau abaixa tu para de jogar, cumprimenta, vai pegar um de cada vez e que tu tem que o Atabaque, o Agogô e o reco-reco esperam pra tocar se tiver ladainha no início do jogo, quem tá no pé do berimbau pode chamar qualquer pessoa pra jogar, que tu não pode fazer Chamada pra quem for mais velho do que tu, não mais velho de idade, mais velho tipo tu não faz chamada pra um professor, um professor não faz pro contra mestre, o contra mestre não pro mestre, mas aluno com aluno pode fazer. Agora de valores que tu tem que respeitar, eu já falei os valores não precisa repetir,... Mais fundamentos da roda que tu tem que cantar que eu já falei, que é a energia da roda, não pode cruzar os pés.

EU- Você reconhece a C.A como uma ferramenta de resistência ao modelo atual da sociedade, ao modelo capitalista?

ENTREVISTADA 6- É mais ou menos o que eu já falei? Eu sei que sim.

EU- Repeti a pergunta, ela é uma ferramenta de resistência, mas como que é? Como que ela resiste? Em que sentido? A onde?

ENTREVISTADA 6- Sim, que primeiro ela vai mudando o jeito de pensar, mas acho que isso depende muito de quem te ensina, que se a pessoa que te ensinar não tiver fundamentos bons, não foi ensinada por alguém que tinha esses fundamentos e já vai desvirtuando tudo e deixa de ser C.A, mas acho que a nossa tem um fundamento bem bom o que eu entendo é que o Luizinho quer passar pra gente coisas do capitalismo que não é pra gente apoiar isso, porque cada país tem a sua cultura e se agente não preservar isso vai ficar tudo sem graça, vai ficar tudo igual e que agente precisa ser diferente, se agente fizer a nossa parte.

EU- Ela resiste em mais alguma coisa além do modo de pensar?

ENTREVISTADA 6- Além do modo de pensar como assim?

EU- Que tu falaste que ela resiste mudando o pensamento das pessoas ela resiste em mais o que?

ENTREVISTADA 6- O modo de pensar já é uma coisa bem boa né, ela leva as pessoas pra outro caminho tipo tu com a capoeira tu pode... Se tu tiveres uma vida meio difícil tu podes arranjar na capoeira um jeito de tu ensinares as outras pessoas, de tu viveres disso, mas isso não tem nada a ver com capitalismo ou tem né.

EU- E o capitalismo quais as suas maiores dificuldades? Tua dificuldade de viver nesse sistema capitalista? Quais as dificuldades que tu encontra?

ENTREVISTADA 6- É que mesmo agente tenha esse pensamento diferente, as vezes agente nem consegue, as vezes nem percebe que agente tá meio que cedendo e vai acontecendo por você comprar o celular que tá na moda, mas as vezes não porque ele tá na moda, mas é porque ele é bom,

não deixar de usar uma roupa né, mas comprar uma roupa que tua ache bonita mas que tá todo mundo usando essas coisas são mais difíceis pra mim.

EU- E porque e como a C.A pode ser uma resistência ao modo de organizar a produção da existência no capitalismo? Porque que ela resiste a esse modo de tu. Tem o sistema capitalista, ela resiste para que as pessoas não entre e façam o que o sistema está impondo, como que ela resiste a isso e porque que ela resiste a isso, tu consegue explicar?

ENTREVISTADA 6- Ela resiste porque no fundamento dela quando ela existiu ela era praticada pelos negros e não tinha esse negócio entre eles, porque eles não conheciam nada, só o que passavam pra ele em Portugal, os caras que escravizavam que não foi só em Portugal, que passavam pra eles, que era a única coisa que eles sabiam, mas mesmo assim eles não acreditavam, não cediam eles tinham a cultura deles e... Calma, acho que eu desvirtuei.

EU- Repeti a pergunta.

ENTREVISTADA 6-A capoeira pode te ensinar que tu não precisas de muita coisa pra ti conseguir viver, que tu não precisa dessas coisa que todo mundo tem, porque são muito desnecessárias o capitalismo só quer te fazer comprar as coisas, tipo ser alienados e pensar como eles pensam pra eles conseguirem lucrar cada vez mais e tu ser trouxa. Então tu tens que pensar diferente, tu tens que ter a mente aberta, tu tens que estudar pra ir contra as coisas, que também se tu não souberes nada e só praticar capoeira tu não vai ser contra o capitalismo, tu não vai entender, ata eu sou contra o capitalismo, mas se tu fores alienado ver um monte de televisão tu vai pensar que nem eles pensam, tu vai ter os mesmos argumentos, tu não vai ter os teus argumentos próprios e nem argumentos pra ir contra o argumento deles.

EU- Como poderíamos defini - lá como uma prática de resistência ao capitalismo? Como que tu definirias a capoeira em uma palavra, a capoeira resiste a isso ou ela é uma ferramenta de resistência por isso?

ENTREVISTADA 6- A capoeira resiste... Isso dentro do capitalismo.

EU- repeti a pergunta

ENTREVISTADA 6- Não entendi.

EU- A capoeira resiste o capitalismo, mas como que tu resistes a pratica da capoeira contra o capitalismo?

ENTREVISTADA 6- A capoeira é contra o capitalismo porque ela tem um modo diferente de pensar, por causa dos valores da cultura que ela tem, resiste a que? Resiste a moda, a alienação, resiste ao governo querer enganar agente mesmo que agente não tenha muita força pra muita coisa contra isso, resiste ao sedentarismo e ajudar os jovens e as crianças ficarem só em casa é uma coisa legal de tu praticares, resiste a falta de respeito mas não é nada a ver com o capitalismo.

EU- De certa forma não deixa de ser uma falta d respeito do capitalismo contra os indivíduos da sociedade, né?

ENTREVISTADA 6- Sim, resiste ao machismo, resiste as pessoas acharem que umas são maiores do que as outras a superioridade, porque na capoeira todo mundo é igual, principalmente na nossa na Angola que não tem faixa pra diferenciar as pessoas.

EU- Uma coisa que surgiu nas outras entrevistas foi o fato de pagar pra praticar capoeira e o fato de não pagar pra praticar a capoeira, por exemplo, na EFAZ paga pra praticar na base aérea não, tu acha que comprando na EFAZ e não cobrando na base aérea a ECIBA, a escola ela contribui pro sistema capitalista?

ENTREVISTADA 6- Não, não acho que contribui eu acho que isso não muda nada, o Luizinho dá aula na Base do mesmo jeito que ele dá aula na EFAZ, talvez porque o pessoal da base as vezes não se mostra tão interessado quanto o pessoal da EFAZ, mas que por ser uma coisa paga agente vê que na EFAZ tem muito mais crianças que vão e que vão sempre desde o ano passado e lá na Base cada ano forma turma diferente, ano que vem mais gente e muita gente diferente e no meio do ano já não tem mais ninguém, não é valorizado porque no nosso sistema agente valoriza o que agente paga, e o que agente paga mais caro é melhor é sempre assim, se o meu celular é mais caro do que o teu é porque ele é melhor, então se eu pago pra praticar alguma coisa é melhor do que não pagar, então eu vou dar mais valor é meio que assim pode ser por isso que o pessoal da Base são poucos o que ficam de um ano pro outro e eles vão sei lá as vezes desmotivados, com o braço no bolso.

EU- Mas tua acha que o ensino da capoeira é melhor na Fazenda por ser pago?

ENTREVISTADA 6- Não por ser pago, eu acho que se for melhor eu não sei por que eu não vou muito né, é porque o pessoal é mais interessado, só por isso.

EU- Mas tu achas, por exemplo, que o Luizinho ensina de forma diferente na base e na Fazenda?

ENTREVISTADA 6- Não sei se ele ensina de forma diferente, mas eu acho que não porque é pago ou não.

EU- Tu achas que o fato de pagar não influência no ensinamento da capoeira? Porque por exemplo, quando tu treinavas no pelicano tu pagava, mas no domingo tu não paga.

ENTREVISTADA 6- É pra mim é a mesma coisa o jeito que ele me trata é igual o jeito que ele trata os outros, sei lá eu não lembro se eu tinha interesse ou se eu era pestinha, mas eu acho que não, não por causa disso.

- ENTREVISTADA 7 - 24/04/2016

BLOCO TRANSFORMAÇÕES

Eu- Qual a sua experiência com a C.A?

ENTREVISTADA 7- Antes de a gente chegar aqui em Florianópolis há seis anos, agente morava em Alta Floresta, uma cidadezinha no interior do Mato Grosso, e lá a minha mãe fazia capoeira, não fazia praticava, com um cara e nome dele era Farol e eu entrei ali no meio e comecei a fazer bananeira, só que nunca consegui fazer a bananeira, não sei por quê. Ai agente se mudou pra cá, ai aqui eu entrei na ECIBA, por um motivo que eu achava interessante, pra eu saber o que acontecia dentro da capoeira e acabou que eu estou aqui, praticando capoeira há 6 anos.

Eu- E quantos anos tu tinhas lá em Alta Floresta?

ENTREVISTADA 7- 6-7 anos

Eu- E aqui tu tinhas 7?

ENTREVISTADA 7- Não aqui era 9.

Eu- Quando tu entraste na ECIBA, qual foi a tua experiência dentro desse grupo? Desde os 9 aos 14?

ENTREVISTADA 7- Foi meio esquisito no começo quando eu cheguei lá, todo mundo sabia o nome de todo mundo, eu ficava boiando ali, ai eu tinha vergonha ate de dar oi, eu só pegava e sentava na cadeira e ficava ali. Mas depois de 1 ano mais ou menos as coisas evoluíram, eu comecei a dar oi, já estava mais enturmada, porque afinal era um ano, tinha mudado bastante coisa, dai fui aprendendo e estou já acho que dentro do grupo, não sei...

Eu- Quais motivos te levaram a praticar, foi que tu achavas interessante?

ENTREVISTADA 7- é eu queria saber o que acontecia.

Eu- O que marcou em sua trajetória com a sua participação na C.A?

ENTREVISTADA 7- A coisa que mais marcou foi o primeiro encontro, porque eu estava lá sozinha e eu conheci alguns mestres que eu não fazia idéia que eles existiam, porque era muito novo e as coisas não estavam bem formadas dentro da minha cabeça, que existiam pessoas antes do Prof. Luiz, que ele aprendeu e que não nasceu aprendendo aquilo, e isso foi amadurecendo, ai eu conheci o Patinho, Biriba, Bartelemei, Churrasco, Pelé da Bomba Nelsinho. Ai foi bem legal porque eu lembrava de ter um monte de gente e ter os mestres, as pessoas cantavam e eu ficava com vergonha de tocar, eu não cantava, ai eu escutava as pessoas cantarem e ai eu comecei a cantar, é uma coisa leva a outra, tu vai seguindo o que as pessoas fazem se tu achas legal ai tu faz também e ai vai evoluindo, não é muito legal seguir as coisas que as pessoas fazem se não é legal, mas vai muito de ti pelo menos.

Eu- O que tu buscaste nessa prática da capoeira ou tu vem buscando?

ENTREVISTADA 7- Eu não sei por que na realidade quando eu entrei eu não sabia muito bem o que eu estava querendo, quando eu comecei, acho que é legal, é interessante as pessoas estão tocando, estão jogando, estão fazendo movimentos, essas coisas tem uma coisa por trás, tem alguma coisa que explicam o que está acontecendo, acho ela interessante, mas eu não sei na realidade o que estou buscando, porque são só 6 anos não é muita coisa se tu for pensar em questão de tempo, porque tem gente que esta a 30, 50, 60 anos e o que é 6 anos perto de 60.

Eu- E essa coisa por trás que tu falas do jogo, do canto e do toque, tu sabes o que seria, isso por trás? O que dá sentido a isso?

ENTREVISTADA 7- É uma permanência das pessoas, tentarem modificar alguma coisa que acontecia, por exemplo, na época que os negros ainda eram escravos, eles usavam a capoeira de uma maneira diferente do que agente usa hoje, isso não é uma permanência é uma modificação, e a permanência que eu digo é muitas vezes é falado nas músicas às vezes continua no que eles pensavam,

eu não sei se está respondendo, eu estou só enrolando, mas seria algum protesto porque é um protesto, porque a capoeira tu não precisa pagar pra estar dentro, precisa vim de ti, se tu quiseres ir lá, tu vais lá e tu faz aquilo que tu acha que.

Eu- O que mudou em sua vida de verdade, após o contato da capoeira? Antes da capoeira tu eras uma pessoa e depois esse contato com a capoeira na ECIBA tu foste outra e o que mudou? A partir do teu contato com a capoeira?

ENTREVISTADA 7- Acho que foi uma consciência corporal, pra eu saber dos meus limites e que eu não posso ultrapassar os limites, se não vai acontecer alguma coisa comigo que não vai me deixar bem, e saber que as coisas têm mais profundidade, que não é só aquilo que agente enxerga tem muito mais por trás de tudo aquilo.

Eu- Qual o tipo de contribuição que você pode apontar por meio dessa prática?

ENTREVISTADA 7- Acho que tu vais te conhecer melhor, vai conhecer o que tu estas fazendo, vai conhecer os teus... Tu vai se conhecer... Tu vai fazer amigos e também tu vai praticar um exercício que vai ajudar no teu corpo obviamente e tu vai conhecer um pouquinho de história, porque pra tu participar tem que conhecer o que esta acontecendo antes e o que já aconteceu.

Eu- Quais as transformações de modo geral aconteceu e se tem alguma transformação particular tua que tu chamarias atenção?

ENTREVISTADA 7- Nos 6 anos que estou no grupo eu vi muita gente sair, e muita gente nova entrar também, foram bem interessante porque se tu fores ver ano passado não tinha tanta gente na capoeira era só meia dúzia de pessoas e esse ano tu chegas lá no ginásio e vê tudo lotado porque, quando eu estava no 4º ano era tudo lotado, ai passou pro 5º tava mais ou menos, então foi um negócio que foi evoluindo pra chegar aonde agente esta, que é bastante gente se tu fores pensar.

Eu- E tu achas que a quantidade de pessoas de pessoas praticando influencia na vontade de jogar e praticar?

ENTREVISTADA 7- Pra mim não, porque é uma coisa que vem de dentro de mim, eu quero esta lá, eu quero fazer aquilo e se as outras pessoas não estão fazendo é problema delas, pra mim não tem nenhuma influencia o fato de eles não quererem fazer e eu estar lá fazendo, pra mim não tem diferença nenhuma.

Eu- Quando tu falas da tua consciência corporal que tu consegues perceber aonde que é o teu limite, como lida na roda, tu vais até o teu limite, o teu esforço é até o limite, como é o teu esforço, pra tu conseguir conhecer esse limite que tu fala?

ENTREVISTADA 7- No jogo dentro da roda, porque dentro da roda me dá uma negócio lá e não percebo o meu limite, mas quando agente esta exercitando os movimentos que o professor para e passa os movimentos pra gente, acho que é naquele ponto que eu percebo assim: eu não posso torcer muito a coluna porque se não vai doer, é desse negócio que eu estou falando, saber até a onde você pode ir, não é nem de cansaço, nem de ficar cansada, é o fato de se eu for com a perna mais pra lá eu vou machucar, então não vou com a perna mais pra lá, tento achar um jeito de fazer o movimento sem ir com a perna mais pro lado.

BLOCO CULTURA BRASILEIRA

Eu- A C.A apresentou algo que você passa a conhecer a cultura brasileira de forma mais elaborada?

ENTREVISTADA 7- Acho que sim porque a capoeira, não eu tenho certeza que sim porque a capoeira é um movimento cultural é um movimento de pessoas, e um movimento de pessoas geralmente é classificado como cultura, a capoeira não foi só a capoeira como cultura, que eu observei fiz um tempo de renda de bilro, mas não deu muito certo, porque agente não tava no Flow ainda, a pesca, o boi de mamão, foi um monte de coisa que internalizou que eu não sei o que eu faria sem conhecer isso, eu seria uma pessoa muito alienada.

Eu- E o que essas manifestações entrou em contato o boi de mamão, a pesca a renda e a capoeira conseguiram mudar o teu modo de pensar?

ENTREVISTADA 7- Acho que foi aquilo que disse antes, que tudo isso vai precisar de uma... Eu não sei se alguma coisa dentro de ti, tu vai precisar daquilo, tu não tens como ir pelo o que as pessoas estão fazendo, porque muita gente não faz, não é tanta gente que tem esse conhecimento, então tem que ser alguma coisa de ti, porque as pessoas hoje em dia elas só vão no fluxo, só vão no que as pessoas fazem, elas estão fazendo, mas eu acho que pra esses movimentos culturais tu precisas tomar uma partida, tem que ser teu e... Acho que . (qual é a pergunta mesmo que eu me perdi)

Eu- Repeti a pergunta.

ENTREVISTADA 7- Acho que sim porque como eu falei apresentou vários movimentos culturais que eu não conhecia, talvez eu conhecia o Boi de Mamão, o Boi Bumbá, mas é mais fundo tem algum porque atrás de tudo aquilo e esse porque é que me motiva muitas vezes.

Eu- E esse porque, porque o que do porque, porque tu consegues explicar?

ENTREVISTADA 7- Acho que é um porque histórico de saber por que as pessoas estão fazendo aquilo, eu não conheço muito bem a história do Boi de Mamão, nem da Renda de Bilro, a Pesca talvez um pouquinho, mas a capoeira eu acho que sim, ela eu ainda quero me libertar do porque da capoeira, porque eu acho que já entendi, e pros outros porquês tem muitas outras coisas que são culturais e que tem porquês por trás e eu quero saber por quê.

Eu- E que você citarias e falarias sobre a cultura brasileira?

ENTREVISTADA 7- Pelo menos aqui em Florianópolis eu vejo no nosso grupo de capoeira que é uma coisa que está internalizado em poucas pessoas, que são as pessoas que permaneceram, não estou falando de mim, não to me achando a tal, não estou fazendo isso. E acho que pelo menos aqui em Santa Catarina tem movimentos culturais fortes só que são inspirados em culturais estrangeiros e a capoeira, a renda de bilro, o boi bumbá, a pesca é daqui, daqui do Brasil. Eu acho isso muito legal porque existem vários tipos de cultura e a cultura na qual eu estou inserida é do Brasil, é de onde eu vim, de onde eu sou, vai ser sempre daqui, pode ter uma mistura com as coisas que faziam, fazem na África, mas é daqui, foi criada aqui.

Eu- E esses movimentos estrangeiros, tu saberias me citar um, por exemplo?

ENTREVISTADA 7- As de que fazem em Brusque, é um movimento cultural, mas é inspirado em movimentos culturais da Alemanha.

Eu- Qual a importância pra você de conhecer a nossa cultura? Algo alterou em sua vida a partir desse conhecimento?

ENTREVISTADA 7- Sim, bastante coisa depois que eu conheci a fundo o que acontece e eu acho importante porque é de onde eu vim, eu sou brasileira, então porque eu preciso saber a cultura dos EUA, se eu nem sei direito a cultura do Brasil, agente reclama que os estadunidenses não sabem qual língua agente fala aqui, mas é porque agente sabe tudo sobre eles, eles não sabe quase nada sobre agente, então eu acho importante agente conhecer a nossa cultura antes de tentar conhecer a cultura dos outros, porque agente.

Eu- Por exemplo, tu e as outras meninas vivem outro momento, o que tu citarias da cultura brasileira, por exemplo, a música, quais músicas da cultura brasileira a partir da capoeira ou antes talvez pela história da tua mãe tu tens contato hoje?

ENTREVISTADA 7- Eu tenho bastante contato com música nordestina, não nordestina, mas tem samba, tem choro, tem um monte de coisa que é a partir da capoeira e coisas que a minha mãe já carregava, por exemplo, o maculelê ela carregava, é legal esse estilo de musica é bem legal, tinha também o baião que ela fazia parte de um grupo de baião, eu já escutava e tem o meu pai que escuta muita Rock brasileiro, é uma mistura, mistureba.

Eu- E o que tu escutas?

ENTREVISTADA 7- Eu sou mais puxada pro Rock, eu escuto mais Rock brasileiro que as músicas que vieram da minha mãe.

Eu- Qual o seu contato com a cultura brasileira, qual o seu vínculo (afetivo, prazeroso, divertimento, trabalho-profissão)?

ENTREVISTADA 7- Trabalho não porque não trabalho ainda, acho que é mais afetivo porque se não fosse uma questão de afeto, de eu gostar de fazer aquilo, eu não estaria fazendo, provavelmente eu seria um da massa que saiu porque achou uma coisa mais legal. Não foi isso que aconteceu e.

Eu- Repeti a pergunta.

ENTREVISTADA 7- O meu contato acho que poderia ser semi-direto.

Eu- Porque semi-direto?

ENTREVISTADA 7- Eu não sei por que é só uma das formas que eu conheço, eu conheço a capoeira e têm várias outras coisas que eu acho que eu poderia me introduzi, mas eu ainda não tomei a iniciativa, então eu acho que é semi-direto porque é só um pedaço, não é por completo.

Eu- E que motivo levou a não levar a iniciativa?

ENTREVISTADA 7- A não sei por que, porque não foi uma coisa que partiu de mim ainda, não foi uma coisa que a eu quero fazer e ai eu vou lá fazer, e eu não sei o que vai acontecer depois, pode ser que no futuro eu já esteja fazendo, talvez amanhã e hoje ainda não aconteceu, só a capoeira até agora, eu já tentei Renda de Bilro, não deu muito certo, porque, não sei por que, mas até agora só a capoeira, por isso que eu classifico como semi-direto.

Eu- Qual a via podemos associar entre a cultura brasileira e a C.A?

ENTREVISTADA 7- É um movimento social, que são pessoas e que elas não precisam de uma instituição formada pra acontecer. Os movimentos sociais são classificados como movimento social não importa o que, manifestação, show, qualquer coisa é cultura, tu não precisa ter uma escola pra capoeira acontecer, tu não precisa de uma instituição, tu não precisa ter algo concreto, talvez imaterial, mas não é... É um movimento social.

Eu- E qualquer coisa ser cultura, qualquer coisa? Como qualquer coisa?

ENTREVISTADA 7- Não é qualquer coisa, qualquer coisa é cultura, existe esse negocio na geografia que agente esta estudando que é a cultura e as coisas que são naturais, a partir do momento que eu olho pra alguma coisa, um ser natural, sei lá uma árvore ela vai virar um ser cultural porque eu já sei uma função, se eu olhar pra ela e der uma função ela já vai ser cultural, mesmo que ela ainda esteja ali a árvore fazendo fotossíntese, ela já vai ser cultural. Não é desse tipo de cultura que eu estou falando de ser qualquer coisa, é um movimento que tenha alguma história por trás e que as pessoas acham importante preservar. Que tenha alguma importância a mais pra algumas pessoas, isso já é cultura.

BLOCO CONHECER E DISTINGUIR CARACTERÍSTICAS DA C.A QUE A FAZ SER UMA PRÁTICA DE RESISTÊNCIA AO CAPITALISMO**Eu- O que você conhece sobre a C.A? Qual a sua origem?**

ENTREVISTADA 7- Ela tem origem da revolta dos negros e pardos, no século... Eu não sei que século direito, é porque é muito tempo, pra mim eu sei que a escravidão em 1800...quase isso, mas é 1888, isso. E que isso perdurou por muito tempo porque agente esta aqui, mas é um movimento de revolta dos negros e pardos que nem eu já falei, sobre uma imposição de um ser que se achava superior, sendo que ele era uma pessoa igual a todos os outros, ele não tinha a mínima importância, só porque ele se achava importante. Isso continua sendo um movimento de revolta porque se tu fores ver as músicas canta pra gente são músicas muito fortes que tem alguma coisa por trás, por exemplo, aquela Vem vamos embora... Essa é muito forte, dá vontade de chorar só de escutar ela, mas eu não choro porque não sei por quê. Por ser um movimento de revolta popular.

Eu- Quais são as características gerais da C.A?

ENTREVISTADA 7- Como características gerais?

Eu- Repeti a pergunta, o que caracteriza ela, que difere ela das demais como a Capoeira Regional e Capoeira Contemporânea?

ENTREVISTADA 7- Acho que é o fato de ela ser considerada primeira e pelo modo diferente de acontecer, na Regional são só dois pandeiros ou um pandeiro, um pandeiro, atabaque e um berimbau, são três instrumentos no caso, na C.A já são 7, 8. A sonoridade também são diferentes, pelos movimentos que agente realiza na roda, por exemplo, agente pode fazer um compaço de um jeito que na Regional e na Contemporânea eles vão fazer de outros, acho que é isso que difere ela de todas as outras, não minimizando as outras porque são movimentos culturais e que tem alguma importância pra outra pessoa, então agente não pode minimizar isso, achar que a C.A é melhor de todas sendo que as outras também têm importâncias menores, mas tem, então não dá pra ficar falando que a C.A é melhor que as outras, talvez sejam as eles não precisam saber disso.

Eu- Quais fundamentos lhe foram passados?

ENTREVISTADA 7- Dos movimentos, da função de todos os instrumentos e de como organizar a roda, que existem vários tipos tem de encontro, pra ir pra jogar ai tem a que tu escolhe a volta do mundo e nosso grupo agente usa a da volta do mundo, quem tá lá no pé do Gunga ele vai escolher quem ele quer jogar, mas na do Patinho não, já é de encontro.

Eu- Você reconhece a C.A como uma ferramenta de resistência ao modelo atual da sociedade, ao modelo capitalista? Como seria isso?

ENTREVISTADA 7- Eu vejo por dois lados, o 1º que na Base tu não precisa pagar pra estar lá, mas já na escola tu precisas porque é uma instituição privada, mas eu acho que não deveria pagar, não estou falando que o professor tenha que ficar sem salário, não estou falando isso, estou falando que na EFAZ que apóia esse negócio do Anarquismo, Socialismo um monte de coisa, não deveria pagar, por ser um movimento social que as pessoas tem que estar lá pra ele acontecer, porque não adianta... Por exemplo, pra uma aula de capoeira acontecer não adiante estar lá só o mestre lá tocando o berimbau que não vai acontecer uma aula de capoeira, vai ser uma pessoa tocando berimbau, pra acontecer um movimento social acho que tem que ter pessoas né, eu acho que sim na realidade, isso

é contraditório com o que eu falei no começo, mas vendo por esse lado acho que não deveria ser privado na EFAZ, mas isso é o que eu acho, não é o que muitas pessoas...

Eu- Não deveria ser privada a oficina de capoeira ou a escola?

ENTREVISTADA 7- Eu estou falando que é a oficina de capoeira não deveria ser privada, porque a escola é uma instituição privada, é uma maneira de ganhar dinheiro e se eles querem apoiar o anarquismo, porque é que eles são privados? Não acho que eles tenham como escolher ser privados ou não porque, não sei. Mas acho que o movimento na EFAZ não deveria ser privado, as pessoas não deveriam cobrar tão caro por ele, então na EFAZ ele não é um movimento que vá contra o modelo capitalista, já na Base é, porque a Base de Florianópolis é privada tem que ter algum credencial eu acho pra entrar lá e as pessoas que praticam capoeira não precisam, não precisam ter o crachásinho ali em cima, só quando chega lá que tem que pegar, se não você não entra. Mas as pessoas do movimento cultural não têm que pagar pra estar lá dentro, eu acho que na mesma instituição não... No mesmo movimento existem dois lados.

Eu- E o capitalismo quais são as suas maiores dificuldades? Tua é a do capital? Qual a dificuldade de vocês dois?

ENTREVISTADA 7- Acho que são as dificuldades sociais, da pressão, acho que as pessoas são muito oprimidas, se tu não tens dinheiro tu não és nada, se tu não tens nada no bolso, tu não és uma pessoa, você é um alienígena que não tem nada no bolso, porque o que vale é se tu tens dinheiro ou não.

Eu- Mas tu deixas não se levar, mas tu deixas, por exemplo, se tu não tens dinheiro tu realmente acreditas que tu não és nada?

ENTREVISTADA 7- Não, não acredito que eu não seja nada, porque eu sou um ser humano e todo mundo do sistema capitalista é ser humano, eu não me deixo levar pelo que as pessoas dizem de mim, meio que não ligo pro que as pessoas acham, só se for uma coisa muito importante, tipo importante mesmo que ele tenha me falado e que eu vou considerar aquilo, mas essas coisas bobas de você não é nada porque não tem nada no bolso, eu não ligo. Eu deixo passar.

Eu- Porque que a C.A pode ser uma resistência ao modo de organizar a produção da existência no capitalismo? Tu concordas que a C.A é uma ferramenta do sistema capitalista, mas tu achas que tem dois lados?

ENTREVISTADA 7- Tem, pelo menos o nosso grupo tem dois lados porque tem a Base e tem a EFAZ.

Eu- Ai eu pergunto como que a capoeira ela pode ser uma ferramenta de resistência a esse movimento do capital?

ENTREVISTADA 7- Acho que é justamente por este lado de não precisar pagar, a menos que tu queiras fazer na escola da fazenda, tu vai ter que pagar. Mas tu não precisas pra estar dentro do grupo, por exemplo, tu não paga, e tu já está aqui há tanto tempo 8,9,10... 10 anos e tu não pagou pra estar lá, tu não pagou pra estar dentro do grupo, eu acho que é isso que vai quebrando o modo de capitalismo.

Eu- Mas tu achas que, por exemplo, que eu não paguei que é por isso que estou aqui até hoje?

ENTREVISTADA 7- Não, eu não acho que foi por isso, foi porque tu quis, porque tem muita gente tava o mesmo tempo que tu e hoje não esta mais não é pelo fato de tu não pagar, que tu tens obrigação de estar lá, tu estas lá se tu quer, se tu não quiser tu também não é obrigado, porque ninguém é obrigado a nada.

Eu- Como poderíamos defini-la como uma prática de resistência ao capitalismo?

ENTREVISTADA 7- Um modo de produção é uma coisa que eu aprendi com o Isac, modo de produção hoje em dia, se tu estás a seis anos naquela empresa em qualquer instituição tu vai subindo de nível pelo fato de tu estares a seis anos e por ser meritocracia, na capoeira não, tu só vai receber alguma coisa tipo uma formação e ir subindo de nível se tu quiseres, tu podes muito bem não querer e as pessoas não tem como forçar, tu não tens como te forçar a te formar, isso não pode acontecer e não importa quanto tempo tu esteja lá dentro, tu vai eu estou há seis anos, eu não sou formada, a minha mãe esta a 5 é já é, o tempo que tu esta lá dentro não vai influenciar em nada. É pelo fato de tu não ter que, eu já falei isso 3 vezes diferentes, mas tu não precisas desembolsar nada pra estar dentro do movimento, pra se sentir parte dele.

Eu- Uma coisa que não ficou clara, por exemplo, tu achas que a ECIBA contribui para o sistema capitalista?

ENTREVISTADA 7- Olha, eu acho que não, mas as vezes parece.

Eu- Mas o que parece? O que acontece que parece?

ENTREVISTADA 7- Eu acho que não porque é contra, to confusa, espera... Às vezes pra mim parece um pouco quando agente faz a feijoada e logo depois faz o encontro, mas eu acho que não, é uma maneira de ajudar, tu não esta ajudando o sistema capitalista, tu esta arrecadando dinheiro pra trazer mestres de outros lugares pra cá, acho que não, mas às vezes, na instituição da EFAZ é um jeito de ajudar o modo de produção capitalista.

Eu- Mas porque que tu achas isso?

ENTREVISTADA 7- Pelo simples fato de ser uma instituição privada, de as pessoas terem importâncias maiores dentro da escola, por exemplo, diretor é mais importante que o professor no caso na escola, tem uma importância maior, e na escola agente utiliza do espaço privado e a escola pede dinheiro pra deixar agente usar, não tem um negócio de pode fazer a vontade, não é isso, é o dinheiro, porque tudo que tem a ver com o dinheiro tem a ver com o capitalismo, eu acho que é pelo simples fato de ter que pagar pra usar o ginásio pra poder realizar uma atividade que seria contra o modo de produção capitalista.

- ENTREVISTADA 8 - 26/04/2016

BLOCO TRANSFORMAÇÕES**Eu- Qual a sua experiência com C.A?**

ENTREVISTADA 8- Desde o começo que eu aprendi tudo, eu só tive contato aqui, eu não conhecia antes, toda a minha experiência foi na ECIBA.

ENTREVISTADA 8- Que já tive experiência como assim?

Eu- Por exemplo, tudo que tu viveste até agora na capoeira, são 6 anos, por exemplo, no início era uma pessoa, no meio já era outra e em 2015 tu viveste várias coisas, tu experimentaste várias coisas durante esses 6 anos.

ENTREVISTADA 8- Eu lembro que antes eu não conhecia muito dessa parte da cultura, da capoeira, eu desde o começo eu vi o Pelé da Bomba, que eu participei do encontro, foi uma mudança assim que eu não conhecia pessoas assim, e a partir de quando eu entrei eu mudei bastante assim eu acho com a experiência e várias coisas tipo da cultura mesmo, no tocar o instrumento que eu não tinha contato, mudaram bastante eu aprendi mais com o ritmo, meu pai é musico, mas eu não tinha muito contato principalmente com instrumentos de percussão, foi a partir da capoeira que eu tive e agora eu já consigo me virar. Os negócios dos movimentos também que mudou bastante na minha vida, eu nunca iria fazer isso se eu não tivesse entrado na capoeira, as experiências de fazer os movimentos.

Eu- Quais os motivos que te levaram a praticar a C.A? Por que motivos tu procurou praticar capoeira?

ENTREVISTADA 8- Foi no 4º ano, eu vi e achei legal esse negocio de ser uma coisa brasileira e tal, foi mais por isso em entrar e depois foi mudando o que eu achava sobre a capoeira.

Eu- E antes de tu conheceres a capoeira o que tu achavas, tu tinha uma opinião formada ou foi só depois?

ENTREVISTADA 8- Foi depois porque antes eu não conhecia muito na verdade.

Eu- E tu tinhas 9 anos?

ENTREVISTADA 8- Eu tinha 8.

Eu- E que marcou em sua trajetória na participação na C.A?

ENTREVISTADA 8- Antes de eu fazer eu era bem mais tímida do que eu sou agora e eu nunca iria nunca, por exemplo, cantar pra outras pessoas, me ajudou bastante, eu ainda sou bastante assim, mas bem menos de quando eu era antes. Acho que isso marcou bastante. Mais esse negócio de se expressar que mudou bastante.

Eu- O que mudou em sua vida de verdade após o contato com a capoeira? Foi só a expressão ou teve outra coisa que mudou?

ENTREVISTADA 8- Eu acho que a minha vida mudou na verdade porque eu tenho muito contato, é uma coisa que já faz parte dela, mudou várias coisas.

Eu- Tipo o quê?

ENTREVISTADA 8- Esse negócio de cantar, ter ritmo, saber o contato pelas pessoas, saber da cultura mesmo, da história do Brasil que antes os escravos começaram, os índios, os negros, que mudou bastante também a minha percepção, por causa da capoeira.

Eu- Qual o tipo de contribuição que você pode apontar por meio dessa prática? Quais as contribuições da C.A de modo geral, que contribuição ela trouxe pra ti que ela pode trazer pra outras pessoas também?

ENTREVISTADA 8- Acho que esse da timidez, tu poder ter contato com outras pessoas, por exemplo, a capoeira tem desde criancinha bem pequena até adultos, então tu vai conhecer pessoas de vários jeitos e pensamentos diferentes, vai abrir mais o teu conhecimento, vai saber mais.

Eu- E tu achas que, por exemplo, se fosse só uma turma de adolescentes, não seria tão rico como é?

ENTREVISTADA 8- Acho que não seria porque daí geralmente quando é da mesma faixa etária, tu pensas do mesmo jeito, tu vais igual, então muda bastante.

Eu- Quais as transformações gerais e tem alguma particular que você chamaria atenção?

ENTREVISTADA 8- Não sei, acho que mais também o modo que agente faz a capoeira aqui, todo mundo tocar e cantar, eu acho que isso muda bastante na vida de uma pessoa poder saber disso.

BLOCO CULTURA BRASILEIRA

Eu- A C.A apresentou algo que você passa a conhecer a cultura brasileira de forma mais elaborada?

ENTREVISTADA 8- Sim, antes eu era pequena tinha 8 anos, mas eu não conhecia muito sobre a cultura e quando tu entra na capoeira, tu não vai só saber o ritmo da capoeira, tipo eu aprendi a tocar samba, um monte de coisa por causa da capoeira, foi muito mais... A cultura mesmo brasileira entrou na minha vida a partir do que eu comecei a fazer a capoeira, o berimbau eu não conhecia antes de entrar na capoeira, eu não conhecia esse instrumento, vários o agogô e o reco-reco eu também não conhecia e foi a partir daí que eu comecei a querer saber mais e me interessar também.

Eu- E como tu vê a cultura brasileira de uma forma mais geral? Além da capoeira a cultura não só da Ilha, mas do Brasil como um todo?

ENTREVISTADA 8- O QUE TEM NELA?

Eu- A partir da capoeira tu conseguiste entrar em contato com outras manifestações, quando tu começa a entrar em contato com essas outras manifestações, tu começa a ter um pensamento sobre elas, por exemplo, quando o Patinho vem pra cá, agente aprendeu o cacuriá, aprendeu o tambor de crioula, como que foi isso?

ENTREVISTADA 8- Foi diferente porque eu não tinha esse contato e é muito variada à cultura brasileira, é muito diversificada, porque o Brasil é grande, em cada lugar que tu fores, vão ter diferentes coisas, e até tu pode tocar um mesmo ritmo, fazer ser a mesma coisa, mas vai ter diferenças entre uma e outra, o modo de tu aprender e tu fazer. Às vezes as pessoas, depende muito do povo, o Sul tem muita influência de fora, no Nordeste e Norte tu vai ter muito menos isso, então dá mais valor a cultura lá do que aqui.

Eu- E tu como adolescente tu acha que é influenciada, por isso que vem de fora?

ENTREVISTADA 8- Eu acho que sim porque de qualquer forma agente é bem exposta a isso, então vai influenciar um pouco, bem menos do que eu seria se eu não tivesse esse contato, mas um pouco sim, mas acho que é normal.

Eu- Por exemplo, tu achas que tu és mais ligada a nossa cultura brasileira ou a cultura de fora?

ENTREVISTADA 8- Depende com quem eu estou na verdade, os meus pais gostam muito também da cultura da brasileira, mas mais pro Rock brasileiro, aí quando eu estou na capoeira eu escuto mais o samba.

Eu- E qual é a frequência de tu escutares música brasileira e música estrangeira? Quem fala mais alto?

ENTREVISTADA 8- Eu escuto mais música estrangeira

Eu- O que você citaria e falaria sobre a cultura brasileira?

ENTREVISTADA 8- Isso, eu acho que é bem diversificado, por ser bem grande e tem muito. Esse negócio de os teus amigos gostam e a cultura vai influenciar nisso e tu vai pelo que os outros, principalmente agora aqui na adolescência acontece muito isso, então a se ele gosta eu vou tentar ouvir e gostar também, é uma coisa que muda bastante.

Eu- Qual a importância, pra você conhecer a nossa cultura? Algo alterou em sua vida com esse conhecimento?

ENTREVISTADA 8- Sim, eu acho muito importante porque é o nosso país e agente principalmente aqui, dá mais importância pra fora do que aqui e como eu morava em Cuiabá lá eles dão bastante importância, por exemplo, lá é o sertanejo, lá é muito menos do que aqui de estrangeiros, lá em todo lugar que tu vai toca musica brasileira.

Eu- Repeti a pergunta

ENTREVISTADA 8- Eu acho que altera porque é importante, porque foi um povo, agente nasceu aqui, agente é descendente de pessoas que criaram isso, foram pessoas que de alguma forma são próximas a nós, mesmo agente não achando, não dando muita importância, mas foram eles que fizeram isso e tem muito diversidade que agente não conhece.

Eu- E se você esteve morando em Cuiabá ainda tu acha que tu estarias escutando muito mais música brasileira do que estrangeira?

ENTREVISTADA 8- Eu não sei, talvez sim, mas eu não sei por que eu não gostava muito de sertanejo e ainda não gosto, então eu acho que eu iria estar muito mais influenciada pelos meus pais do que agora.

Eu- O porquê que a escolha da música estrangeira é maior do que a música brasileira? É por causa dessa fase que tu esta agora, por causa dos teus colegas?

ENTREVISTADA 8- Na verdade eu não sei, porque eu gosto bastante da brasileira, mas por causa, tem muitas bandas que eu gosto que são de fora, então eu não sei assim dizer, talvez sim, mas não, porque eu não gosto muito das mesmas músicas assim eu gosto de um gosto bem variado, mas é mais estrangeira apesar de ouvir bastante estrangeira também.

Eu- Qual o seu contato com a cultura brasileira, qual o seu vínculo (afetivo, prazeroso, divertimento, trabalho-profissão)?

ENTREVISTADA 8- Prazeroso eu acho, é diversão também, acho que como aprendizado que eu uso muito, por exemplo, na escola, eu acho importante usar isso também, acho que também é por aprendizado.

Eu- E o que da capoeira tu leva pra escola?

ENTREVISTADA 8- Muita coisa, por exemplo, pra história, pra geografia, que geografia agente conversa como o mundo é atualmente eu acho importante, que a capoeira esta em meios assim que agente não vive presenciando, mas, por exemplo, em lugares mais pobres, em periferias ela também esta muito presente ajudando isso, então eu acho que ela de certa forma ajuda as pessoas como agente esta num mundo muito diferente nas classes, eu acho que ela é importante tu colocar a capoeira porque agente esta aprendendo como é o mundo de verdade, ela ta inserida sim.

Eu- E qual a via que podemos associar entre a cultura brasileira e a C.A?

ENTREVISTADA 8- Eu acho que é bem vinculado esses dois porque a capoeira é cultura e a capoeira leva as pessoas outras atividades culturais, é bem vinculado a cultura brasileira muitas coisas vieram da capoeira também e juntou a capoeira, vem de outras coisa então não é tudo uma mistura, mas esta junto ali as coisa. A capoeira leva tu fazer um tambor de crioula ou outra coisa, é bem vinculado.

BLOCO CONHECER E DESTINGUIR A CA COMO UMA PRÁTICA DE RESISTENCIA AO CAPITALISMO

Eu- O que você conhece sobre a C.A? Qual a sua origem?

ENTREVISTADA 8- A capoeira ela vem da mistura indígena, os negros, os africanos que era uma forma de defesa contra os opressores, eles usavam como a defesa deles que eles não tinham armas, tem a dança porque tinha que ser escondido, se originou ai, ele tinha que ficar mais pro chão e ser silenciosa pra conseguirem fugir, porque era uma época, a época da escravidão que eles eram oprimidos, surgiu ai, o que eu sei é bastante coisa, mas eu não sei muito assim, mas pelo o que eu já aprendi ela teve uma parte que ela foi proibida, teve esse negócio de ser mais escondido, era mais marginalizada, até hoje ainda um pouco que sofre preconceito também a capoeira, tipo quando tu falas a que tu faz capoeira, já vem o "paranauê", já tem muita gente com esse preconceito e eu acho que vem desde ai já, e que teve uma parte que ela foi pras academias que mudou também isso, então hoje tem uma separação da capoeira, que... Não sei não tenho uma opinião formada sobre isso.

Eu- A separação em que sentido? Nos diferentes tipos de capoeira?

ENTREVISTADA 8- É, que teve o mestre Bimba que ele colocou pra academia e só os mais ricos faziam, pra tentar tirar esse negócio da marginalização e ai meio que separou, então hoje é mais dividido esse negócio de capoeira angola, capoeira regional, capoeira contemporânea.

Eu- Quais são as características gerais? Características gerais da C.A, da que tu pratica.

ENTREVISTADA 8- Tipo os movimentos?

Eu- É o que caracteriza a C.A que a difere ela dos demais tipos de capoeira?

ENTREVISTADA 8- Eu acho que o jogo de dentro, o jogo mais do chão, é o que eu acho que mais diferencia, pelos instrumentos também são 8 instrumentos, que nas outras eu acho que não tem, eu não sei, eu ainda não fiz outra capoeira, mas eu acho que é isso o jogo que também tem no chão, no caso agente joga em cima também, mas tem dentro e no chão.

Eu- Como você explica o que é C.A? Se tu fosses falar pra alguém do futebol, a futebol é uma prática assim... Que te ajuda fisicamente, que te ajuda no sistema cardiorrespiratório, isso mais na parte física, mas se tu fosses falar da capoeira, como que tu a caracterizarias? A C.A é uma prática que...

ENTREVISTADA 8- Ela acho que ajuda, pra mim ela ajudou nesse negócio de se expressar então isso foi importante, que ela ajuda tu a ter esse contato, ela ajuda com negócio da flexibilidade, é um exercício que tu está fazendo, então é importante pro corpo, é... O negócio da música que tu vai se inserindo nesse meio que tem a música também.

Eu- Quais fundamentos lhe foram passados? Que fundamentos tu aprendeu na C.A?

ENTREVISTADA 8- Como assim?

Eu- Por exemplo, a Capoeira Regional tem alguns fundamentos dela, que nem o Mestre Bimba ensinava pra brigar, pra ir pro ringue lutar. Qual fundamento tem na C.A? É diferente dos fundamentos que tem na capoeira regional e da Capoeira Contemporânea

ENTREVISTADA 8- Com a C.A, tu consegues desviar de muitas situações que se tu não conseguisse ver o que iria acontecer tu iria se dar mal, tipo entrar numa briga que você não precisaria entrar, desviar de coisas assim, por exemplo, você tem uma pessoas assim que talvez venha e brigue e tente te bater, tu consegue escapar disso sem ter a agressão, então ajuda muitas coisas na cidade tu consegue se desviar de muitas coisas que estão acontecendo.

Eu- Você reconhece a C.A como uma ferramenta de resistência ao modelo atual da sociedade, ao modelo capitalista? Como seria isso?

ENTREVISTADA 8- Sim eu reconheço como uma ferramenta porque o sistema capitalista é esse negócio hoje eu quero fazer futebol e depois quero fazer basquete e a capoeira pra ti estar nela é bastante tempo, pro resto da tua vida e tu não consegue aprender tudo que ela é, seria bem diferente não é um negócio, tu não vai comprar a capoeira tu vai aprender ela e tu está lá porque tu que mesmo, não é fazer porque eu quero só fazer um dia e depois ir pra outra coisa. Isso diferencia, vai contra o capitalismo.

Eu- E o capitalismo quais as suas maiores dificuldades?

ENTREVISTADA 8- Além da desigualdade social que ele causa que é muito grande, também por esse negócio de você nunca estar satisfeito comigo mesmo, você sempre quer ter o melhor que é imposto pela mídia, o que é imposto pela moda e se o outro tem eu quero ter, então tu nunca está satisfeito contigo mesmo. Com as coisas que tu tem, tu não dá muito valor as coisas tu joga fora e sabe que vai ter um novo.

Eu- Porque a C.A pode ser uma resistência ao modo de organizar a produção da existência no capitalismo?

ENTREVISTADA 8- É o que eu disse, pra tu saber das coisas que tu tem que estar interessado, tem que ir atrás, não é só eu não vou ali comprar esse conhecimento, tu tem que aprender o que está ali, tem que observar, aprender mesmo, ir atrás e não tem que ficar esperando e achar que vai ter tudo e quando tu entrar no segundo dia tu já vai saber tudo e aí já vai poder ir embora, ela vai contra porque tu tem que estar ali sempre aprendendo coisas novas.

Eu- Como poderíamos defini - lá como uma prática de resistência ao capitalismo?

ENTREVISTADA 8- Ela também está em lugares, tanto na Base, tu não precisa pagar pra aprender ela, tu pode chegar e aí tu vai aprender sem estar comprando alguma coisa, tu vai estar ali porque tu queres e tu tens essa abertura de poder aprender sem tu estar pagando por isso, ela chega à pessoas que não poderiam ter isso pela desigualdade social, muitas vezes quem mora nas periferias não podem ter coisas que os outros têm, então na capoeira pode.

Eu- E tu achas, por exemplo, que aqui na Fazenda é pago ela ajuda ou não? Na Base não paga, mas aqui paga, como seria isso?

ENTREVISTADA 8- Isso na verdade porque no capitalismo tem que ter dinheiro, como o professor está dando aula, ele tem que sobreviver também, isso é uma coisa que se agente não vivesse num mundo assim não teria isso, mas como agente vive é importante, eu acho que aqui, é uma escola, mas pode a comunidade inteira vim, acho que pode impedir algumas pessoas talvez, mas não é uma coisa que prejudique isso eu acho. Porque é necessário.

Eu- E a capoeira resiste ao quê exatamente, tu consegues falar?

ENTREVISTADA 8- Ela resiste a essa troca, a essa necessidade de estar mudando o tempo inteiro.

- ENTREVISTADA 9 - 27/07/2016

BLOCO TRANSFORMAÇÕES

Eu- Qual a sua experiência com a C.A?

ENTREVISTADA 9- A minha experiência eu jogo desde pequena capoeira, sempre joguei capoeira desde pequeninha, é uma experiência boa, a não sei...

Eu- Por exemplo, quando tu entraste na capoeira tu tinhas 8 ou 9 anos? Como foi a experiência de entrar na capoeira?

ENTREVISTADA 9- 9, a foi legal porque tipo eu tava com os meus amigos foi mais por pressão dos amigos, mas depois eu vi que eu gostava realmente foi muito bom pra mim.

Eu- E quando tu estavas numa idade mais avançada mudou?

ENTREVISTADA 9- Mudou muita gente ficava falando você ainda faz capoeira, aí eu falava que sim, muita gente falava a você não enjoou, não eu achava legal e ia continuar, não sei se até enjoar, vou sempre dar um jeito pra quando enjoar fazer, procurar outras coisas pra sei lá gostar mais ainda.

Eu- E alguma vez tu já enjoaste?

ENTREVISTADA 9- Não, não. Porque sempre que tava quase assim enjoando meio cansada sempre acontecia uma coisa nova, tipo agente... O jogo ficava quando é muito igual, aí então parava um pouco e voltava assim com o jeito totalmente diferente.

Eu- Quais os motivos que te levaram a praticar?

ENTREVISTADA 9- Bom foi a Angelina e a Martina que ficaram ENTREVISTADA 9 faz, vamos jogar, vamos pra capoeira com agente, aí eu fui e gostei, mas por pressão dos amigos.

Eu- E hoje?

ENTREVISTADA 9- Hoje é porque eu gosto mesmo, muitos amigos falavam para de fazer capoeira, você se preocupa muito com a capoeira, você tem que fazer outras coisas também, tem que dar atenção pra outras coisas, você nunca pode na sexta feira sair porque você está na capoeira, parentes também falam isso mas.

Eu- O que marcou em sua trajetória na C.A? De todo esse tempo que tu está no grupo o que aconteceu que foi mais marcante?

ENTREVISTADA 9- Não sei, o contato com outra cultura que provavelmente se eu não tivesse na capoeira nunca iria ouvir falar, iria ter preconceito com certeza por causa da pressão social, acho que esse contato com a capoeira me fez ver que não é os que os outros falam na mídia ou em qualquer outro lugar... Que é uma prática muito boa.

Eu- Esse preconceito que tu falas é em relação a capoeira?

ENTREVISTADA 9- É em relação ao um jovem fazer alguma coisa com a cultura brasileira, a cultura é muito voltada pro exterior, então sempre rola aquela pressão tipo a porque você não vai fazer uma dança de rua ou alguma coisa relacionada aos EUA, por exemplo, fazer Rap, essas coisas só sem ficar fazer nada, ir pra academia, por exemplo, não eu penso em fazer alguma coisa da cultura brasileira e não tenho preconceito, quando vem com esse preconceito tento desconstruir essa ideia das pessoas.

Eu- E a presença dos mestres diferentes que vieram visitar agente isso marcou?

ENTREVISTADA 9- Marcou muito eu conheci o Pelé da Bomba eu achei que nunca ia acontecer e foi muito legal saber que ele joga capoeira há muito tempo, foi muito legal.

Eu- E a gravação do CD como foi?

ENTREVISTADA 9- a foi legal também, por mais que não cantei nem nada só por estar lá ajudando a escola produzir um conteúdo legal sobre o mundo que reforça a cultura, foi muito legal.

Eu- O que você buscou nessa prática?

ENTREVISTADA 9- Busquei, eu não sei.

Eu- Tu entraste na capoeira por influência das tuas amigas, mas depois isso mudou, no início tu buscavas porque elas iam, mas e agora o que tu busca dentro da capoeira?

ENTREVISTADA 9- Não sei aprender um pouco mais sobre a cultura, não sei, eu gosto de ir sei lá porque me sinto muito melhor, as vezes eu estou cansada em casa, eu tô doente, aí a minha mãe fica falando a Lu não vai pra capoeira hoje você tá mal, você tá cansada, você fica aí reclamando deitada no sofá, a não, não eu vou pra capoeira, aí eu sempre volto melhor e mais animada, muito mais animada, falando muito.

Eu- E que mudou em sua vida de verdade após o contato com a capoeira?

ENTREVISTADA 9-A minha relação com as pessoas.

Eu- Como era antes da capoeira, por exemplo?

ENTREVISTADA 9- Era muito mais por aparência, sei lá eu tinha 9 anos, era mais acho que por a você é menininha você vai ser a minha amiga, não sei por aparência, e não agora eu vejo muito mais do que se eu vejo uma pessoa pequena jogando capoeira pra caramba tipo a Flora, a Ana Luz, e aí agente é igual, não tem nenhuma diferença entre nós, agente joga igual e eu acho isso muito legal na capoeira, que sempre vê as outras pessoas por mais que sejam mais velhas ou seja mais novas eu vejo como uma pessoa que tem que ser tratada do mesmo jeito que eu trato uma pequenininha eu vou tratar uma pessoa de 30 anos.

Eu- Qual o tipo de contribuição que você pode apontar por meio dessa prática? Por exemplo, pra ti ela contribuiu no social tu aprendeste a se relacionar com as pessoas, o que mais ela contribui?

ENTREVISTADA 9- Social, contribui não sei.

Eu- Por exemplo, quando tu vai falar do futebol tu vai falar que futebol é uma pratica que contribui pro sistema cardíó respiratório, é um exercício físico...

ENTREVISTADA 9- Muita coisa tipo, no corpo assim? O problema na coluna que eu tenho um pouco que sempre fico melhor assim, na capoeira dói menos, melhora os meus ligamentos, já ouvi falar muito disso o Luiz já falou muito de ligamento, tendão.

Eu- E além do físico?

ENTREVISTADA 9- Além do físico o social assim, da cultura? A é não sei...

Eu- Ela contribui, por exemplo, pra você entrar em contato com as pessoas, pra se relacionar?

ENTREVISTADA 9- Pra se relacionar com as pessoas, pra não ter muito medo de sair assim com amigos, quando eu vejo alguém que passa por mim com o olhar diferente, já aconteceu, mas eu não fiquei com tanto medo, quanto acho que eu teria se eu não tivesse feito capoeira, se eu não soubesse que muitas vezes a pessoa não tá, quer dizer ta mal intencionada, mas não tão perigosa, o Luiz sempre fala pra gente o que agente tem que fazer pra se defender, isso acaba tirando um pouco do medo também, demonstrar que você não está com medo.

Eu- E quais as transformações gerais? E uma particular tua?

ENTREVISTADA 9- A geral é isso o que eu falei e particular foi.

Eu- E o que mudou na tua vida, o que transformou da água pro vinho, por exemplo, a partir do contato da capoeira?

ENTREVISTADA 9- Muito a minha relação com as pessoas, foi muito. Eu sou muito mais falante.

Eu- Mas essa relação que tu fala é fora de casa ou no teu ambiente escolar, em casa?

ENTREVISTADA 9- Dentro e fora de casa, aprendi um pouco a ceder pras pessoas quando você sabe que se você ficar implicando não vai chegar a lugar nenhum, então ceder um pouco pras pessoas quando estão de cabeça quente ou quando eu estou de cabeça quente, ficar um pouco mais quieta.

BLOCO CULTURA BRASILEIRA

Eu- A C.A apresentou algo que você passa a conhecer a cultura brasileira de forma mais elaborada?

ENTREVISTADA 9- Sim o samba meu Deus, quando eu era pequenininha eu achava que o Samba era o que você via na TV, um monte de mulheres sambando numa passarela, TV Globo assim e quando eu descobri que não é isso, tem todo um ritual e é muito mais legal desse jeito que vi, que descobri, aprendi a tocar, a dançar, cantar.

Eu- E o que mais além do samba?

ENTREVISTADA 9- As danças tipo o agora esqueci o nome, que você vai dar umbigada, o tambor de crioula, jongo, o maculelê também que é muito legal de tocar e sei lá eu fiquei muito mais próxima da cultura brasileira do que da cultura estrangeira que tentam forçar agente a engolir.

Eu- Na tua adolescência tu és mais próxima da cultura brasileira ou da estrangeira, agora nesse momento que tu vive?

ENTREVISTADA 9- Não, agora nesse momento eu sou mais a cultura estrangeira, nesse momento.

Eu- E o porquê que tu és? Consegues reconhecer?

ENTREVISTADA 9- Pela música eu acho, escuto muita música de fora, mas escuto também muita música brasileira, mas eu já tive quando eu tava no 5º ano, quando agente fazia percussão com o Luiz, eu tinha muito mais contato com a música brasileira, com a cultura brasileira e era muito legal, eu acho legal também o que eu to vivendo, mas era muito legal, eu chegava em casa e pesquisava um monte de samba pra apresentar e um monte de música brasileira. Era bem mais próxima da cultura brasileira.

Eu- O que citaria e falaria da cultura brasileira? De modo geral o que é a cultura brasileira?

ENTREVISTADA 9- Cultura brasileira, não sei é uma mistura de... A não sei, o que eu falaria...

Eu- Por exemplo, se tu tens um amigo estrangeiro o que tu farias da cultura brasileira pra ele?

ENTREVISTADA 9- Eu falaria que a cultura brasileira é animada e falaria que ele ia se interessar muito fácil, pois tem várias vertentes, desde repente ao samba, acho que é muito diversificada e é muito legal isso, porque não é uma coisa que te impõem você pode escolher o que você quer seguir, o que você quer fazer, com que você quer se envolver.

Eu- Qual a importância pra você de conhecer a nossa cultura? Algo alterou em sua vida a partir desse conhecimento?

ENTREVISTADA 9- A importância pra mim de conhecer a cultura brasileira? Bom eu sou brasileira eu acho que eu tenho que conhecer a minha cultura pra avaliar as outras e me envolver com outras culturas. Sim muito se não provavelmente seria uma guria que não ia saber nada da cultura brasileira e que só queria morar fora e não queria saber do Brasil e que a o Brasil é horrível, ia falar um monte de coisa horrível do Brasil e ia querer ir só pros EUA comprar e fazer um monte de coisa ao invés de conhecer a cultura brasileira.

Eu- Como que é essa relação de conhecer a cultura brasileira por exemplo na tua casa? Essa influência do estrangeiro vem dá onde?

ENTREVISTADA 9- A influência do estrangeiro não sei, começou com o meu tio o Rock, daí comecei a ouvir, comecei a gostar, comecei a procurar mais, começou com ele, que ele é bem fanático por isso e eu também sou muito fanática por isso, começou com ele.

Eu- Qual o seu contato com a cultura brasileira?

ENTREVISTADA 9- Pela capoeira, através do samba, de musicas às vezes sento a assim pego um pandeiro e passo a cantar, às vezes to fazendo um pão cantando uma música, as vezes to no computador e aí eu vejo assim a deu vontade de escutar esse samba sei lá de Frente pro Crime.

Eu- E qual o seu vínculo com a cultura brasileira é afetivo, por diversão, por prazer?

ENTREVISTADA 9- Acho que por prazer eu não sou muito ligada a cultura brasileira pra ter um vínculo afetivo, mas eu gosto muito da cultura brasileira, eu acho que é muito mais por prazer.

Eu- Qual a via que podemos associar entre a cultura brasileira e a C.A?

ENTREVISTADA 9- Como assim?

Eu- O que relaciona as duas, que ponte de ligação elas tem?

ENTREVISTADA 9- A C.A é mistura de muita coisa da cultura brasileira como o Frevo, o samba, o tambor de crioula também, muita coisa, muito legal.

BLOCO CONHECER E DESTINGUIR CARACTERÍSTICAS DA C.A QUE A FAZ SER UMA PRÁTICA DE REISITÊNCIA AO CAPITALISMO

Eu- O que você conhece sobre a C.A? E qual a sua origem?

ENTREVISTADA 9- O que eu sei da C.A é que é uma prática que é de origem Afroindígena, que vem desde os escravos que vieram pra cá forçados, pra se defender que eles eram fracos, eles tinham que se defender de algum jeito, esse jeito foi pela capoeira junto com os índios pra conhecer o lugar que eles estavam, os índios conheciam a mata eles se escondiam na capoeira que era o mato. O que eu conheço da capoeira é isso.

Eu- Quais são as suas características gerais? As características gerais da C.A?

ENTREVISTADA 9- É uma conversa, que envolve, dança que envolve luta, que envolve afeto também.

Eu- As características dela, por exemplo, o que caracteriza a C.A que difere ela da Capoeira Regional, da Capoeira Contemporânea?

ENTREVISTADA 9- O jogo mais, a C.A um jogo mais de dentro, mais fechado, você não tá ali pra bater no outro, você está ali pra ter uma conversa, você ataca e defende, você vai transformando o movimento no outro e assim tendo uma conversa legal, com uma pessoa que você pode conhecer, pode não conhecer.

Eu- Quais fundamentos lhe foram passados?

ENTREVISTADA 9- Como assim?

Eu- Que fundamento que tu aprendeste na C.A?

ENTREVISTADA 9- Tipo aqueles 7 que o Luiz fala... Do ritmo. Que ele falou como era, eu lembro só dos dois que não era pra eu saber a Picardia e a Malícia, mas tem acho que é o ritmo a... Ai me esqueci o nome de todos. Meu Deus esqueci tudo... Porque eu não lembro o nome...

Eu- Você reconhece a C.A como uma ferramenta de resistência ao modelo atual da sociedade? E como que seria isso?

ENTREVISTADA 9- Sim porque a capoeira envolve toda a sociedade não vai excluir ninguém de modo algum, você não precisa ser rico e nem de classe média, você não precisa pagar pra fazer capoeira, a capoeira tá no seu dia a dia, então você pode estar fazendo um pão e jogando capoeira, você pode estar numa roda, você vai passar na rua ver uma roda você pode jogar e você não precisa comprar nem pagar, nem nada.

Eu- E o capitalismo quais as suas maiores dificuldades?

ENTREVISTADA 9- A exclusão de muitas pessoas.

Eu- Qual a tua dificuldade do capitalismo? Tu e o capitalismo?

ENTREVISTADA 9- Acho que muita coisa agente não consegue fazer por causa do dinheiro e muitas coisas agente acaba sendo excluído por causa do dinheiro, o capitalismo é a exclusão de alguém por dinheiro.

Eu- Porque e como a C.A pode ser uma resistência ao modo de organizar essa produção dentro do capitalismo?

ENTREVISTADA 9- Como assim?

Eu- Como que a capoeira... A capoeira é uma resistência ao capitalismo tu já falaste, mas como que ela age contra o capitalismo?

ENTREVISTADA 9- Nas rodas, no meio da rua, por exemplo, você vê um monte de gente que poderia... A não sei como que ela age contra... Através eu acho que você não precisa pagar nem nada.

Eu- Por exemplo, aqui na escola é pago, mas na base aérea não, tu acha que por ser pago aqui ela tá contribuindo pro sistema capitalista?

ENTREVISTADA 9- Não porque você pode chegar você pode escolher se você quer fazer capoeira aqui, mas têm várias outras oportunidades tipo na Base Área, no Rancho, você pode ir pra qualquer lugar encontrar uma roda de capoeira que tá ali e você vai aprender capoeira igual e vai conhecer a cultura igual pagando ou não.

Eu- Como poderíamos defini - lá como uma prática de resistência ao capitalismo? Como que tu defines a capoeira?

ENTREVISTADA 9- *Aí não sei, porque ela envolve a cultura de um jeito que você não precisa pagar, envolve todo mundo sem excluir ninguém, você pode ter um ano, pode ter 90 anos, pode ter 30, você pode não ter um braço, pode não ter uma perna, tu pode jogar do mesmo jeito, você pode ser cego, muitas coisas você pode tocar, você está ali pra aprender, você vai aprender de um jeito ou de outro e isso não vai precisar pagar e ninguém vai te excluir disso porque você não tem dinheiro ou porque você tem dinheiro ninguém vai te excluir, acho que ela é assim, ela é sem preconceitos.*

Eu- E voltando agora praquela que tu não lembravas. Quais foram os fundamentos que te foram passados?

ENTREVISTADA 9- *Ai não tenho como lembrar agora, não sei, destreza.*

Eu- O que compõem a roda, que fundamento compõe a roda?

ENTREVISTADA 9- *Compõe a musicalidade, a dança, um ritual que vai de roda pra roda, mas todos têm um ritual mesmo que seja uma coisa simples até que seja uma coisa mais elaborada, a malandragem e a picardia, você tem que aprender a se defender, você tem que saber que nem todo mundo vai chegar com a intenção só de jogar, você tem que saber que muita gente chega com más intenções, você tem que saber como lidar com isso desarmar a intenção do outro e você também tem que tá lá pra sorrir quando vai apanhar, mesmo se você levou uma rasteira você tem que entender que acontece que é o jogo, segue o jogo assim, que um dia você também vai derrubar alguém, um dia você também vai ser derrubado. Você tem que buscar aprender mais e que como o Luiz fala que quando tá muito igual você tem que lapidar, sempre que você acha que o teu jogo está igual, você vai mudar, nem que seja um movimento, bota o pé um pouco mais pro lado, defende mais o rosto e é isso às vezes acontece quando eu fico um tempo 1 mês sem fazer capoeira assim, ai eu volto, e tipo às vezes eu acho ai meu Deus eu vou estar muito ruim, meu jogo vai ta horrível e as vezes eu vi que mudou muita coisa, a nossa isso aqui eu não sabia e ai faz na roda, meio que funciona, muda muito.*